









**HISTORIA**  
da  
**FRANC-MAÇONARIA**  
ou  
**DOS PEDREIROS LIVRES**

PELO  
AUTHOR DA BIBLIOTH. MAÇ.



**LISBOA:**

NA TYP. DE F. A. DA ROCHA.

*R. da Rosa n.º 24.*

**1843.**



**HISTORIA**  
DA  
**FRANC-MAÇONARIA,**

OU,  
**DOS PEDREIROS LIVRES.**

PELO  
AUTHOR DA BIBLIOTHECA MAÇONICA.



Provenha embora escandalo d'um  
facto:  
Cumpre a quem referir narra-lo  
exacto.

» Si, du récit d'un fait verita-  
» ble, il résulte do scandale,  
» il vaut mieux laisser naître  
» le scandale que de renoncer  
» á la verité. »

*Homelie 7 de St. Grégoire  
le-grand.*

*Holopherkes. trad.*

**LISBOA.**

**1843.**





**A MAHOMMED-ALI**

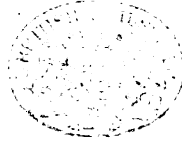
**GOVERNADOR DO EGYPTO.**

---

*HOMENAGEM AO GENIO.*

---

**O AUTHOR.**



## PROEMIO.

**H**AVIAMOS promettido publicar a doutrina *escripta e oral* da Maçonaria em um só volume, porque só tencionávamos refundir a Bibliotheca Maçônica, que publicámos em 1834: mas, entranhados no trabalho observámos que o nosso *Escripto* sahia mui diverso, e que deste devíamos fazer dous volumes: o 1.<sup>o</sup> com o titulo de *Historia da Maçonaria*, que deve generalisar-se pelo mundo profano, e Maçônico, para que se saiba o que somos, e qual he a nossa doutrina; o 2.<sup>o</sup> com o titulo d'*Architectura Mystica*, que, com o primeiro, só pertence aos II.: e principalmente aos *Assignantes*. Não entenda o publico que esta reserva seja acintosa, e que com ella se pretendam occultar crimes, que os inimigos da Maçonaria nos imputam: ingenuamente declaramos que a *Architectura Mystica* não tem mais, doque os *Signaes, Toques, Palavras* e alguns *Ceremoniaes*, que sam privativos dos Maçons, para se tratarem e reconhecerem em toda a parte; e, si qualquer Sociédade, e até as pequenas familias, teem segredos e senhas privadas, porque os não terá a Maçonaria, tendo por inimigos implaçaveis a *Curia Romana*, os *Jesuitas*, e os *Fédistas* ou *Féotas*?

O odio, que estas Seitas teem á benéfica Fraternidade Maçônica, é provado por muitas bullas papaes, e por muitos *escriptos apostolicos*, nos quaes, por meio de falsas imputações, se denunciam os Maçons como authores de

todas as revoluções, que tem havido no Globo, e como inimigos dos governos e das religiões.

Para destruir taes ineptias he mister levantar o véo, com que estas Seitas cobrem as suas tramas e astucias: é forçoso demonstrar sobre que se funda o poder da Curia Romana, e de seus orgulhosos mandatarios: é preciso emfim, remontando á origem dos Levitas, provar que o Governo dos Hebreos foi o do *Sacerdocio*, porque os Reis dos Judeos, conservando apenas um simulacro d'authoridade publica, não foram mais, doque o ludibrio dos Padres, e machinaç, que fizeram mover segundo a sua vontade e interesse,

Fugiremos, quanto podémos, de discutir materias religiosas, não só porque as Religiões, sendo compostas d'ideias methaphysicas, mudaram, mudam, e mudarão todos os seculos; mas tambem porque os *Estatutos* da Maçonaria nos prohibem taes discussões, baseando-se na *Epistola de S. Paulo aos Corinthios Cap. XI v. 16*;

« Se porém alguém quizer ser  
« Contencioso; nós não temos tal  
« Costume, nem a Igreja de Deos. »

Verdadeiros crentes na moral de Jesus, os Maçons sabiamente evitam taes disputas; e declaramos que não é sinão para defender a Fraternidade que nós escrevemos sobre tal materia, e para apresentar em publico as usurpações dos herdeiros presumptivos d'Aarão, e a sua conspiração permanente contra o poder civil da terra.

O nosso Escripto é baseado sobre o *Antigo e Novo Testamento*; porque a moral de Jesus e as virtudes, que elle ordena, sam os fundamentos da Fraternidade Maçônica. A Historia nos serve para provar que os Prelados de Roma foram intolerantes e perseguidores das Socieda-

des Christãs, nos primeiros seculos do Christianismo; e que estas sociedades e suas doutrinas, espalhadas na Europa, foram restauradas pelos Cavalleiros Cruzados, que as aprenderam na Syria, no Egypto, e na Palestina. O nosso fim é sermos uteis, mesmo aos nossos implacaveis inimigos; porque lhes demonstramos o ridiculo de seu orgulho e de sua pretendida infallibilidade: A leitura dos Livros Santos prova que a authoridade papal não é sinão uma chiméra; e que a Curia Romana, pelas ennovações, que introduzio no Christianismo, tem estragado a doutrina primitiva de Jesus, que os Maç.: rigorosamente seguem.

Apresentamos as doutrinas e as ceremonias de muitos Ritos Maç.: para que o publico, por si mesmo, possa analysar, comparar, e conhecer a preferencia, que merecem umas ás outras: E finalmente, pela antiguidade da Maçonaria, e pela evidencia de sua moral, damos uma prova solemne de que a Maçonaria segue ainda hoje os bons principios das Religões, *Egyptica*, *Judaica*, e *Christã*.

O motivo da nossa dedicação a *Mahommed-Ali* é o seguinte:

*Não satisfeito de pedir emprestadas á Europa suas instituições* (diz Malte Brun) *Mahommed-Ali tem creado outras, que a Europa, quando lhe tocar, ainda um dia terá a felicidade de lh'as pedir*: Tal é tambem a nossa opinião: O governador do Egypto é hoje na Africa o, que foi Napoleão na Europa, com a differença de não ter d'este a demasiada ambição. Em poucos annos Mahommed-Ali instituiu Conselho d'Estado; Ministros para a administração dos differente negocios; Assembleas provinciaes; Assembleia geral de 180 deputados territoriaes; muitas escolas d'instrucção publica nas provincias; no Cairo estabeleceo a escola Administrativa; donde ham de sabir

dê futuro os governadores provinciaes; mandou traduzir em turco e arabe os Codigos de *Napoleão* e o do *Commercio*; reformou em parte o Alcorão, substituindo a pena de morte pela calceta e prisão; fez construir novos cannaes no Baixo-Egypto; e finalmente Diligencias, Telegraphos, e Caminhos de ferro, que facilitam o transitio e o Commercio. Este grande homem outros bens teria feito á Humanidade, si os Governos Europeos, invejosos de tamanha gloria; não houvessem embaraçado os effeitos de suas inspirações e de seu genio!!!

Tal é o homem (que não conhecemos, mas respeitamos): tal é o Paiz (que esperamos ainda viajar) a que offerecemos algumas de nossas vigalias.

O Egypto; tendo sido outr'ora o berço da Iniciação, Mãe da Maç.: actual, não só tem direito á nossa mesquinha offerta, mas também á de todos os Maç.: do mundo, maxime si um dia no Cairo s'estabelecer uma Gr.: L.: Universal, d'onde parta a direcção progressiva para todas as partes do Globo: e n'este caso que Gr.: Or.: Maç.: Europeo poderá disputar-lhe os direitos?

# FRANC-MAÇONARIA.

## SECÇÃO PRIMEIRA.

### CAPITULO I.

#### DEFINIÇÃO DA MAÇONARIA.

**O** TRADUCTOR de Luciano ousou affirmar que os Myst.: antigos tinham por fim o crime e o deboche : mas contra esta opinião apresentaremos as authoridades de Socrates, Platão, Cicero, Plutarco, e athe mesmo a do jesuita Lafiteau, que define Iniciação, *uma escola pratica da religião, e da virtude.*

Lemonley chama á Iniciação ou Maç.:, *uma sublime suttilidade*, em que o crime de seus partidarios consiste todo em jantar com formalidades, um pouco fastidiosas : Esta definição ironica inculca, no seu author, não só uma profunda ignorancia dos symbolos, mas tambem uma falta de senso commum, para pretender que a Maç.:, não sendo mais, doque *uma frivolidade*, tenha podido propagar-se, e conservar-se por tantos seculos.

Cadet-Gassicourt considera a Maç.: como *uma liga odiosa e extravagante contra os thronos e altares* : Mas a isto bastará dizerse que a Maç.: é muito anterior ao Christianismo, e que os mais Illustres Reis do Mundo e da Europa tæem sido e san Franc-Maç.: — De mais o author, que assim fallou, reconheceu depois como calumnioso o escripto da sua infancia, e para maior prova, elle tambem se fez collocar entre os pretendidos *infames*, e veio a sêr successivamente Or.: e Ven.: d'uma das L.: de Pariz. Athe aqui refutámos as umnias ou inepcias.

A Maçonaria será por ventura *uma instituição puramente philantropica*? No exame da chronologia das épocas

observa-se uma infinidade d'estabelecimentos de philantropia, fundados ora por governos, ora por familias opulentas, que, apesar de sua reconhecida utilidade, cedo ou tarde pereceram: entretanto que a Maç., sendo tão antiga; e tantas vezes perseguida, foi a unica das instituições, que lhes sobreviveu; consequentemente a Maç. tem em si alguma cousa mais além da Philantropia.

A Maçonaria será *uma religião especial*? Porém ella não tem nem dogma, nem disciplina exclusivamente religiosa: a Iniciação encerra a theogonia, o culto; a moral, a philantropia, as artes e as sciencias do mundo primitivo; não lhe importam as leis de *Brama*; *Moysés*, ou *Mahomet*, com tanto que cada um de seus adeptos junte á sua religião natalicia uma moral universal. Em Maç.: não ha pagãos nem infieis, todos são *Irmãos*, sem prejuisos.

*Guerin-Dumast* define Maçonaria a *união dos povos*. Esta definição, posto que eminentemente philosophica, não encerra sinão um dos resultados positivos da Iniciação: além d'isso a definição não exprime os meios, mas um só de seus fins.

O *Dr. Vassal* define Maçonaria a *Philosophia symbolica*: porque, diz elle, a *Philosophia* positiva tem por missão encarar as abstrações as mais subtis, debaixo de differentes formas; e patentea-las ao vulgo como verdades: pelo contrario a *Philosophia symbolica* tem por objecto encobrir as mesmas verdades u'um véo impenetravel, para não as mostrar sinão aos Adeptos. Mas esta definição, posto que é fundada sobre um conhecimento perfeito dos Symbolos, comtudo tambem não caracteriza a Iniciação inteira: pois que só designa mais os meios, doque os fins.

Nós definimos Iniciação, Maçonaria, ou Franc-Maçonaria *uma escola de Philosophia, onde, por meio de symbolos e hieroglyphos, o homem se torna bom pae, bom amigo, e bom patriota*:

A definição, que apresentamos, ainda que laconica

n'apparencia, todavia é d'uma vasta extensão, pelas provas, que exige a sua demonstração; e os II., que bem conhecem a Maç., entenderão a sua exactidão. (1)

Por *Symbolos* deve entender-se certas figuras ou imagens, que sam allusivas a algum sentido moral: o *triangulo*, *esquadria*, *compasso*, *regua*, *sol*, *lua*, *estrellas*, *estatuas* & c., são symbolos, de que usaram os primeiros Iniciados e os Sabios da Persia, para esconder o sentido real de seus pensamentos: os padres e os primeiros legisladores do Egypto adoptaram tambem esta linguagem emblematica, mas alguns tempos depois tambem lhe ajuntaram os *hieroglyphos*.

*Hieroglyphos* eram certos signaes ou caracteres, com que, sem o soccorro da palavra, os padres do Egypto occultavam ao vulgo os seus pensamentos: Os *páus*, *pedras*, *plantas*, *animaes*, & c., eram outros tantos enigmas, que symbolisavam factos profanos ou sagrados; assim, para representarem a *Natureza* em hieroglypho, os padres do Egypto construiam um homem alado, de rosto côr de fogo, cornos, barba, um bastão na mão direita, e sette circulos na esquerda: A côr e os cornos exprimião o *sol* com seus raios; a barba figurava os *elementos*; o bastão era o symbolo do *poder*, que o sol exerce nos corpos; as côxas representavam a *terra* cheia d'árvores e fructos; as aguas sabiam pelo *umbigo*; o penis era o emblema da *reprodução*: os joelhos indicavam as *montanhas*: as azas o *curso* dos ventos; emfim os 7 circulos eram o symbolo dos 7 *planetqs*. Ora, por este exemplo, que nós poderíamos multiplicar, se vê que os hieroglyphos eram na verdade ingenhosos para representar qualquer cousa em particular; mas para marcar uma época, consignar um facto, ou uma sentença, era preciso unir e acumu-

(1) *Conhecer* a Maçonaria não consiste em receber grãos á pressa, e em Loges irregulares, como succede mais de uma vez, e estes II. sam os, que tambem teem de costume *rediculisar* o, que ignoram, ou não entende!!!!

lar muitos hieroglyphos, que não podiam estar ao alcance de homens communs ; e si a sua historia é toda monumental, só os Iniciados a poderiam estudar e conhecer. Esta grande difficuldade, junta a outros motivos não menos poderosos, foi quem originou a necessidade dos *Pequenos e Grandes Myst.*.

Nos *Pequenos Myst.*., que eram populares, ensinava-se a moral, e todo o segredo consistia em persuadir aos Iniciados, que o Olympo era povoado de mortaes, que mais se tinham distinguido por virtudes patrias : Nos *Grandes Myst.*., que eram privativos aos Iniciados, aprendiam-se as sciencias, e os erros da Metempsyose : d'onde se tira que os primeiros tinham por objecto fazer cidadãos virtuosos ; e os segundos deviam formar sabios, que servissem de farol á civilisação.

A definição, que anteriormente apresentámos, pode mudar-se na seguinte :

*Maçonaria é a escola de Fraternidade.*

E com effeito, os Maçons entre si chamam-se *Irmãos*, e, tanto nas suas reuniões particulares, como em sua pratica social, tratam de exercer o sentido moral da palavra *irmão*.

Da Fraternidade em acção resultam o *Patriotismo* e a *Caridade*.

As pequenas familias ou Sociedades, assim como as grandes ou Estados, carecem da união domestica e civil para obterem a felicidade e a civilisação, contra a qual sempre se oppoem a *ambição*, o *fanatismo*, e as *castas privilegiadas* : em consequencia cumpre aos chefes das pequenas e grandes familias empregar todos os meios para manter a *fraternidade* entre os seus subordinados ; porque é só n'esta união que consiste a felicidade domestica e a do Estado : assim o mostraram Nações civilisadas, e mesmo Portugal, quando por vezes foram ameaçadas de jugo arbitrario ou estrangeiro.

Procurar pão e trabalho aos iudustriosos; mitigar a dor dos afflictos; estender a mão caritativa *mas occulta* aos necessitados; taes são geralmente os actos proprios d'Irmãos e dos bons Maçons: Os melhores Estabelecimentos de caridade, sciencias, e artes, que tanto abundam na Inglaterra, França, e Belgica, sam organisados e sustentados por Maçons, entre os quaes figurava quasi sempre o chefe do Estado, ou o *primus inter pares*.

A Maçonaria, assim como a antiga Iniciação, divide-se em *pequenos e grandes Mystérios*: Ha d'ella differentes *Ritos* com diversas *Ordens*; mas todos assentam sobre a *Maçonaria Symbolica* ou *Universal*, que se divide em 3 Graus; *Aprendiz*; *Companheiro*. e *Mestre*.

« 1.º *O Gr.: d'Aprendiz* é consagrado ao desenvolvimento dos principios fundamentaes da Maçonaria, e « ao ensino de suas leis e usos; encerra-se todo nas seguintes palavras: *Deos, Beneficencia, e Fraternidade.* »

« *O Gr.: de Comp.:* é consagrado á direcção da moralidade, e á felicidade possivel, por meio do trabalho, da « virtude, e das sciencias, que lhe sam recommendadas. »

3.º *O Gr.: de Mest.:* é consagrado ao pundonor inflexivel, que não transige com o dever, e aos grandes homens, « que se sacrificaram pelo bem e segurança publica (1). »

Postos taes principios, que sam orthodoxos entre Maçons, a Maçonaria só deve achar inimigos e detractores entre os ignorantes: esta nossa opinião vai sêr corroborada com os dous Cap. seguintes, em que apresentaremos não só os *Estatutos* Geraes da Ordem Maç.:, mas tambem os *finis*, a que se proposeram todos os *Myst.*: da antiguidade, que tem relação directa com a Maçonaria (2).

(1) Esta doutrina acha-se na *Abeille Maç.:*, N.º 67; e na *Biblioth.: Maç.:* tom. 1.º pag. 111.

(2) Ainda hoje, e no seculo 19!!! nos maravilham as objecções seguintes:

---

## CAPITULO II.

### ESTATUTOS GERAES DA MAÇONARIA.

#### ADVERTENCIA.

A divulgação simples, que a exemplo de respeitáveis Maç.: vamos fazer dos Estatutos Geraes antigos e modernos da Maç.: , forma por si só o seu mais eloquente elogio: « Ha poucas Sociedades, diz o barão Tschoudy, on-  
« de as maximas pareçam mais conformes ás virtudes es-  
« senciaes, que podem ornar a humanidade, e fazer a sua  
« felicidade. »

A Franc-Maç.: , tendo começado com a sociedade hu-  
mana, deveria ter existido antes de dar ou receber leis ;  
mas o progresso do Corpo Maç.: , e a experiencia de tantos  
seculos, fizeram emfim conhecer a necessidade de certas  
normas para a sua conservação. Estas leis geraes costumam dividir-se em tres especies :

- 1.º Estat.: Ger.: da Ord.: Maç.:
- 2.º Const.: Maç.:
- 3.º Estat.: das LL.:

Das ultimas duas especies talvez não trataremos por-  
que costumam sêr diversas em cada Nação ; e cada uma  
d'estas tem o direito de fazer leis a par do progresso de

---

*Se a Maçonaria é util, porque se esconde ella?*

*Se os Maçons são virtuosos, porque o não são todos?*

A taes argumentos, proprios d'innocentes (por não di-  
zer outra cousa) só opporemos ríffões tambem innocentes:  
*Ø segredo é a alma do negocio.*

*Não ha familia sem ladrão. nem formosa sem sinão.*

sua civilização; mas pelo que respeita aos *Estat.: Ger.: da Ord.: Maç.:*, que sam communs e os mesmos em todos os paizes do mundo, cometteriamos uma grave falta, que não está em relação com o fim, que nós propomos n'esta obra si os não expossemos, conforme os tempos da sua organização.

### *Estat.: da Inic.: dos Magos.*

Art. 1.º Não ha mais, doque um *só Deus*, que coordenou dous principios para a conservação e perpetuidade do Universo: a *luz* e as *trevas*, fonte da *vida* e causa da *morte*.

Art. 2.º Todos os homens sem distincção sam filhos e creaturas de Deus; por consequencia todos sam *Irmãos*: d'este principio nasce o amor ao proximo, laço de toda a sociedade civil, e que se explica em não fazendo aos outros o que se não deseja para si proprio.

Art. 3.º Os homens, elevados a condicções e grãos superiores aos outros, nunca devem considerar-se como sahidos do circulo da egualdade natural, estabelecida por Deus mesmo.

Art. 4.º O dogma tem tres grãos ou Ordens: 1.º o de *Crente*: 2.º o d'*Eleito*: 3.º o de *Perfeito*. Estas Ordens sam conferidas pelos Magos superiores e respectivos.

Art. 5.º A iniciação aos mysteriõs será precedida pela Purificação dos quatro elementos: a admissãõ só terá logar depois que os Magos estiverem seguros da moralidade do candidato e de seus progressos nas sciencias.

Art. 6.º Os grãos se distinguem entre si por, um *signal*, um *toque*, e uma *palavra*.

Art. 7.º A instrucção dos néophytos pertence aos Magos das *Ord.: relativas*; esta se exerce sobre a *physica*, a *geometria*, e a *astronomia*, como sciencias as mais uteis á humanidade.

Os Magos superiores são encarregados não só do culto, mas também da policia interior dos Templos e da explicação dos emblemas, que só devem lembrar a *unidade de Deus*, a *luz*, e as *trevas*, ou os seus effeitos, a *geração*, *destruição*, e *regeneração*, debaixo dos emblemas do Sol, das Estrellas, da Lua, e do Fogo. (1)

*Estat.: da Idade Media.*

Art. 1.º Não podendo validamente obrigar-se por cousas, que não conhece, nenhum profano será admittido, sem que antes tenha sido prevenido de que na Ord.: Maç.: nada ha contrario a Deus, religião, principe, estado, ou aos bons costumes; a palavra de *honra* do; introductor lhe será dada por fiador, sem que por isso fique responsavel para o futuro.

Art. 2.º Se algum, depois d'admittido, comette faltas graves, que não tenham paliotivo toleravel, será degradado, e despojado das distincções Maç.:, e será ignominiosamente expulso para sempre da L.: . . .

Art.: 3.º Devendo o espirito d'união e boa intelligencia, sêr constantemente o nosso, se fará sentir ao Cand.: que a discussão ou disputa sobre politica, a murmuração, colloquios, equivocos, etc., são prohibidos em L.:, sob pena d'uma *multa*.

Art. 4.º Sendo todos os homens eguaes por nascimento, não deverá soffrer-se, em L.:, distincção alguma, ou preeminencia, que tenha a menor apparencia de superioridade odiosa, sob pena de *Humiliação*.

Art. 5.º O nome d'I.:, e o idioma habitual do Paiz,

---

(1) A conformidade d'estes dogmas é provada por S. Agostinho, por Baronio, por Fleury, e por R. de Schio, tom. 1.º pag. 307 — 309.

são os únicos recebidos em L.: Sendo bom reprimir tudo, que se aproxima do estylo dos profanos, as asserções com juramento são banidas d'entre nós.

Art. 6.º O juramento do *segredo* é rigoroso a tal ponto, que, em caso de perjúrio, o L. não poderá obter graça alguma, nem confiança. É pela necessidade absoluta do segredo, que as mulheres são excluídas das LL., e não podem, debaixo de qualquer pretexto, ser admitidas n'ellas.

Art. 7.º Sendo a *caridade* o nosso principal dever, toda a L. deverá socorrer um L. em necessidade urgente. Si for um L. da L., não se deverá esperar que elle rogue o soccorro: é preciso preveni-lo. E para que não falem os recursos, em taes circumstancias, as despesas da L. devem ser sempre mediocres.

Art. 8.º Si um L. cair em desgraça imprevista, deve-se, sem humilha-lo, fazer um esforço extraordinario, sangrar a bolsa dos particulares, e esgotar os fundos da L.; porque é melhor reparar a desgraça por uma vez e de repente, do que ajuda-lo parcamente, sobre tudo si é um L.: respeitavel.

Art. 9.º A respeito dos II.: estrangeiros, deve-se-ha ser mais circumspecto, todavia serão soccorridos: mas n'este caso, os fundos da L. não serão destruidos; os II.: mais ricos se cotisarão entre si; e a L. examinará si o I.: supplicante está munido d'um certificado authenticico; que testemunhe a sua morigeração.

Art. 10.º Nenhum I.: poderá mudar, enovar, ou explicar *arbitrariamente* as questões Maç.:, sob pena de não ser promovido aos altos Gr.:., e de ser expulso, no caso de pertinacia.

Art. 11.º No caso d'um I.: ser expulso, o Ven.: da L.:, onde o delicto tiver succedido, dará parte a todas as L.: sobre a superficie da terra, por uma carta circular,

e assignada pelo Secretario, com menção expressa de não receber em seus Myst.: o profanador, que será designado pelo nome, sobrenome, e qualidades.

Art. 12.º As bebidas espirituosas não desculpam os defeitos d'um I.: em L.:, nem a sua indiscrição fóra d'ella; pelo contrario, ellas aggravam a falta, porque um Maç.: deve ser sempre sobrio, e tranquillo. Em geral, como a expulsão d'um membro é cousa odiosa, será melhor examinar escrupulosamente o profano, antes da sua admissão.

Art. 13.º Cada L.: deverá receber gratuitamente, athe ao Gr.: de Mest.:, um medico, e um cirurgião, que por isso serão obrigados a visitar gratuitamente os II.: doentes. Os remedios serão fornecidos pelo cofre da L.:, e pelo soccorro de todos os II.:.

Art. 14.º Haverá sempre em cada Gr.: tres II.: enfermeiros para assistir de noite e dia ao I.: doente; mas elles terão o cuidado de não se intrometterem nos negocios da familia, nem lhe darem algum conselho, que passa ser-lhe prejudicial.

Art. 15.º Si o I.: doente morrer, o Ven.: irá, ou mandará, cumprimentar os parentes, e offerecer-lhes todos os soccorros da L.:. Chegado o funeral os II.:, de luvas brancas e de fumo em charpa, acompanharão o morto; e o Or.: em L.: recitará um discurso em elogio do defunto.

Art. 16.º Pelo casamento d'um I.:, a L.: testemunhará seu jubilo por uma deputação á esposa, offerecendo-lhe um par de luvas e um presente analogo, etc., etc. (1)

(1) *L'Etoile Flamboyante* par Tschoudy; e *Encyclopédie Maç.:* par Ch.: Dupontés tom. 1.º sam os, que melhor se podem lêr sobre a materia.

*Estat. Modernos.*

Art. 1.º A Ord. dos Franc-Maç. tem por objecto o exercicio da benevolencia, o estudo da moral universal, das sciencias e das artes, e a pratica de todas as virtudes.

Art. 2.º Ella é composta de homens livres, que, submissos ás leis, se reúnem em Sociedade constituída segundo os estatutos geraes.

Art. 3.º Ninguem pode vir a ser Maç. e gosar dos direitos d'este titulo si não tem; 1.º vinte oito annos d'idade, e bons costumes; 2.º si não tem uma profissão livre e hontosa; 3.º si não está legalmente domiciliado ha um anno; 4.º si não tem o gráo d'instrucção necessario para cultivar sua razão; 5.º si não é admittido segundo as formas determinadas pelos regulamentos e estatutos geraes.

Art. 4.º Os direitos de Maç. se perdem: 1.º por uma acção indecorosa, provada civil ou Maçonicamente; 2.º pelo exercicio d'um officio servil, ou notoriamente despresivel na ordem social; 3.º pela violação dos juramentos de fidelidade á Ord. Maç. ou aos Estatutos presentes.

Art. 5.º Os Maç. podem seguir, em seus trabalhos, ritos differentes; mas o fim é sempre o mesmo. (1)

---

(1) Abeille Maç., n.º 49 (1830).

## CAPITULO III.

*Ritos Maç.: mais usados.*

## ADVERTENCIA.

A Franc-Maç.:, sendo uma doutrina universal, deveria existir sempre uniforme, e sem ritos; mas não tem succedido assim!...

A Maç.:, posto que uniforme em seus principios, dogmas, e moral, tem todavia muitos ritos differentes. Esta differença é sem duvida pouco importante; mas tem podido produzir alguns *schismas* funestos!! Os ritos mais usados hoje no Globo sam cinco.

---

1.º *Rit.: Symb.:* Este rito é o primitivo na Europa, e existe em toda a parte do Globo. Seus fundadores julgaram não dever dar-lhe sinão tres Gr.:, nos quaes se acha a triplicada força de *bem pensar, bem dizer, e bem fazer*:... Estes tres Gr.: servem de base fundamental a todos os outros Ritos, salvo a transposição insignificante d'alguma palavra; ou algumas variantes nas batterias.

---

2.º *Rit.: Escoc.:* Este rito foi fundado por um Bão Escocoz: no principio era composto de sete Gr.:, que depois foram elevados a vinte e cinco; mas hoje sã temi por cortejo trinta e tres Gr.:!

O *Rit.: Escocoz* divide-se em sette classes: a *primeira* comprehende os tres primeiros gr.:; a *segunda* desde o 4.º athe ao 8.º; a *terceira* desde o 9.º athe ao 11.º; a *quarta* desde o 12.º athe ao 14.º; a *quinta* desde o 16.º athe ao 18.º; a *sexta* desde o 19.º athe ao 27.º; e

à *septima* finalmente compõe-se do 28.º até do 33.º gr.; Mas entre todos apenas ha sete gr., que se conferem; e dos outros só se conservam os nomes.

O 1.º Gr.: é consagrado ao desenvolvimento dos principios fundamentaes da Maç.:, e ao ensino de suas leis e usos; encerra-se todó n'estas tres Pal.: *Deus*, *Beneficencia*, e *Fraternidade*.

O 2.º Gr.: é consagrado á direcção da mocidade á felicidade possível, por meio do trabalho, da virtude, e das sciencias, que lhe sam recommendadas.

O 3.º Gr.: é consagrado ao pundonor inflexivel, que não transige com o dever; e aos grandes homens, que se sacrificaram pelo bem e segurança publica.

O 4.º Gr.: é consagrado á discricção do sabio, e á vigilancia do hom obreiro.

O 5.º Gr.: é consagrado á perfeição do espirito e do coração; a todas as grandes verdades; e a todos os conhecimentos uteis enumerados sobre a *pedra cubica*.

O 6.º Gr.: é ao mesmo tempo consagrado á necessidade de aprender; que produziu descobertas preciosas, e nos perigos d'uma vã curiosidade.

O 7.º Gr.: é consagrado á equidade severa; com que devemos julgar nossas acções.

O 8.º Gr.: é consagrado ao espirito d'ordem, e de analyse.

O 9.º Gr.: é consagrado ao zelo virtuoso, e ao talento esclarecido, que, por bons exemplos e generosos esforços, vingam a verdade e a virtude contra o erro e o vicio.

O 10.º Gr.: é consagrado á extincção de todas as paixões, e de todas as inclinações culpaveis.

O 11.º Gr.: é consagrado a regenerar costumes, sciencias e artes.

O 12.º Gr.: é consagrado á coragem perseverante.

O 13.º Gr.: é consagrado á memoria dos primeiros Instituidores da Ord.:; os Magos, os Pontífices de Misraim e de Jerusalem.

O 14.º Gr.: é especialmente consagrado ao Gr.: Arch.: do Un.: debaixo do symbolo sagrado *Delta*.

O 15.º Gr.: é consagrado aos heróes libertadores da sua Patria.

O 16.º Gr.: é consagrado ao jubilo de seu triumpho.

O 17.º Gr.: é consagrado ao desenvolvimento das vantagens da Maç.:.

O 18.º Gr.: é consagrado aos triumphos da luz sobre as trevas, isto é, ao culto evangelico.

O 19.º Gr.: é consagrado ao pontificado da religião universal, e regenerada.

O 20.º Gr.: é consagrado aos deveres dos Chefes das LL.: Maç.:.

O 21.º Gr.: é consagrado aos perigos d'amblição, e ao arrependimento sincero.

O 22.º Gr.: é consagrado á gloria da antiga Cavalleria, propagadora dos sentimentos nobres e generosos; e ao sacrificio pela Ord.:.

O 23.º Gr.: é consagrado á activa vigilância dos conservadores da Ord.:.

O 24.º Gr.: é consagrado á conservação das doutrinas Maç.:.

O 25.º Gr.: é consagrado á emulação, que produziu planos uteis.

O 26.º Gr.: é consagrado á estima e recompensa, devidas ao genio.

O 27.º Gr.: é consagrado á superioridade e á independencia, que dam os talentos e a virtude.

O 28.º Gr.: é consagrado á verdade nua sobre tudo, que interessa a felicidade dos homens.

O 29.º Gr.: é consagrado á antiga Maç.: da Escocia.

O 30.º Gr.: é consagrado ao fim mesmo da Maç.: em todos os seus grãos.

O 31.º Gr.: é consagrado á alta justiça da Ord.:

O 32.º Gr.: é consagrado ao commando militar da Ord.:

O 33.º Gr.: é consagrado á administração suprema do Rito Escoccez (1).

3.º *Rito Moderno ou Francez*. Alguns membros do Gr.: Or.: de França, fatigados pelas rixas, que produziram os altos Gr.: do *Escoc.*, organizaram o *Rito Moderno Francez*. Este compõe-se de sete Gr.: em duas *Series*, A primeira, designada pelo titulo de *Maç.: Symb.* ou azul, comprehende os tres primeiros Gr.: a segunda, chamada *Maç.: dos altos Gr.*, ou *Maç.: vermelha*, encerra quatro Ordens ou Gr.: *Mysticos* (2).

Os tres primeiros Gr.: do *Rito Moderno* podem comprehender a mesma doutrina, e moral, que os tres primeiros do *Rito Escoccez*.

O 4.º Gr.: do *Rito Moderno* corresponde ao 9.º do *Rito Escoccez*.

O 5.º Gr.: do *Rito Moderno* corresponde ao 14.º do *Rito Escoccez*.

(1) O sentido dado a cada um d'estes Gr.: resulta naturalmente do ceremonial e dos symbolos designados nos cadernos da Instrucção; mas é forçoso convir que entre todos elles não ha senão os primeiros tres, que sam razoaveis, tudo o mais é superfluo.

(2) Como este Rito é hoje o mais usado em Portugal e no Brasil, nós reservamos a sua exposição para volume d'*Architectura Mystica*, que deve seguir-se a este.

O 6.º Gr.: do Rito Moderno corresponde ao 15.º do Rito Escocoz.

E finalmente o 7.º Gr.: do Rito Moderno ou Francez tem a mesma doutrina, e moral, que o 18.º do Rito Escocoz.

Donde se conclue que

O 1.º Gr.: é consagrado á virtude e á beneficencia.

O 2.º Gr.: é cons.: ao trabalho e ás artes mechanicas.

O 3.º Gr.: é cons.: ao pundonor inflexivel, e ás produções do genio.

O 4.º Gr.: é cons.: ao zelo virtuoso, e á punição da perfidia.

O 5.º Gr.: é cons.: á gratidão para com os chefes da Ord.:

O 6.º Gr.: é cons.: ao heroísmo em beneficio da patria.

O 7.º Gr.: é cons.: aos triunfos da luz sobre as trevas, e aos da virtude contra o vicio.

4.º *Rit.: de Misraim ou Egypcio.* Este Rito compõe-se de noventa Gr.:, divididos em quatro series: 1.º *Serie Symb.:*, que comprehende 33 gr.: em seis classes: 2.º *Serie Philosophica*, que abrange 33 gr.: em quatro classes: 3.º *Serie Mystica*; tem 11 gr.: em quatro classes: 4.º finalmente é a *Serie Cabalística*, e comprehende 13 gr.: em tres classes.

Parece que os fundadores d'este Rito, multiplicando assim os Gr.:, quizeram reunir nas primeiras duas Series os conhecimentos Maç.: de todos os outros Ritos, e deixar nas duas ultimas a chave dos *Myst.:* Egypcios, e a explicação dos emblemas Maç.:.

Entretanto, tres negociantes do mesmo nome, *Bédar-*

rides, cujas operações commerciaes não foram mais felices, doque as suas especulações Maç.:, parece terem sido os, que introduziram em França o Rit.: *Misraim*. Tambem se affirma que a Potencia suprema d'este Rit.: viéra de Or.: de Napoles para Pariz em 1814.

Mas é certo que em 1816 os Iniciados de *Misraim* fundaram em Pariz uma L.: mãe (l'Arc-en-ciel); e que em 1827 o Gr.: Or.: de França declarou que o Rito *Egyptio* não era reconhecido nem tolerado: com tudo sabe-se que depois de 1830 algumas LL.: do R.: *Misraim* teem continuado seus trabalhos: a Inglaterra nunca quiz acceita-lo; e nós esperamos que, a seu exemplo, Portugal e o Brazil recusarão sempre tamanha praga.

5.º Rit.: d'Adopção. E' debaixo d'este nome, que as LL.: das Damas são designadas. As Damas tambem formaram sociedades, á maneira das LL.: Maç.:. E qual é a virtude, que lhes deve ser estranha? Na Maç.: tracta-se dos actos de *Benevolencia*; e seu coração sensivel, não podendo resistir por mais tempo, a tão doce inclinação, quiz tambem cultivar os Myst.:. Affirma-se que o marquez de *Saisseval*, ajudado por alguns H.: igualmente illustres, fôra o verdadeiro fundador do Rito d'Adopção em Pariz.

Ha muitos outros Ritos, que julgamos não dever analysar, para não engrossar o volume sem utilidade; sómente diremos que o Rito Escocoz tem sido reformado n'Allemanha, e reduzido a menor numero de Gr.:. O Cav.: de *Saint-Martin* fez dez Gr.: dos trinta e tres do Rito Esc.:; e dividio-o em duas series, debaixo do nome de *primeiro e segundo Templo*.

Tambem não fallaremos d'outras Or.: Maç.:, taes como a dos *Martinistas*; dos *Cabalistas*; dos *Somnambulistas*; dos *Iniciados de Cagliostre*; dos *Jesuitas*; dos

*Cav.: do S. Sepulcro; dos Cav.: de Christo; dos Illuminados d'Allemanha; dos Carbonarios da Italia, etc.;* porque algumas já não existem, e as outras estão fora do systema geral da Franc-Maç.: e só são conhecidas em alguns logares. (1)

#### CAPITULO IV.

##### *Objecto dos diversos Myst.: em geral.*

Todas as instituições receberam, mais ou menos, o espirito geral dos tempos, que atravessaram, e principalmente dos, que as viram nascer: ora, os diversos Myst., tendo existido nos séculos da ignorancia, nos da barbarie, e nos das luzes, deveriam tambem ter fins diferentes, conforme os homens e as carencias de cada payz: mas é certo que, abstracção feita de bagatelas, quasi todos os Myst., sobre que a Franc-Maç.: tem assentado, tiveram por fim, não o interesse exclusivo e especial, mas sim a utilidade geral.

*Ant. Christ. 100:000.* Os Myst. dos Magos tiveram em vista dous fins: o primeiro era a conservação dos conhecimentos uteis e scientificos; é o segundo foi a união da theogonia ás sciencias. Para o bom exito do primeiro, os Magos só tomavam por Adeptos homens profundamente instruidos; e para firmar a crença do segundo usavam de symbolos, que o povo adorava, mas que não entendia.

Este methodo, improprio talvez dos seculos modernos, era razoavel e necessario nos seculos remotos; por-

---

(1) Alguem tenta hoje fazer reviver o *Carbonarismo*, e até algumas recepções já se ham feito; mas duvidamos de que faça fortuna em Portugal.

que, quer o Sol se considere como o retrato do Creator, quer como o Creator mesmo, nem por isso a sua essência deixa de escapar ás investigações humanas; e quando o erro tentasse atacar o seu Culto, lá se achavam as sciencias para dissipar os desvarios.

É forçoso confessar que o duplicado fim dos Magos era sabio e generoso; pois que tendia de lançar as bases da civilisação, e de prevenir os resultados atroces das guerras religiosas.

5:000. — Os *Myst.*: dos *Brachmanes* tiveram por objecto: 1.º, a theogonia do *Vedan*: 2.º a ambição do poder. É verdade que mais tarde os *Brach.*: conheceram tambem a Iniciação dos Magos; mas só parece ter-lhes servido para melhor sustentar o seu egoismo. A India, entorpecida debaixo do dominio sacerdotal, que se oppõe constantemente a toda a sorte de progresso, é prova incontestavel do, que avançamos.

2:900. — Os *Myst.*: dos *padres* do *Egypto*, ou d'*Isis*, mais vastos, doque os antecedentes, tiveram em vista tres objectos differentes: o primeiro era a instrucção publica e privada; o segundo a industria e a prosperidade dos *Egypticos*; e o terceiro foi puramente politico. Os *padres* tiveram a prudencia d'estabelecer dous cultos e duas doutrinas: um era *secreto* e comprehendia a doutrina dos Magos; outro era *popular*, e tinha por base a *Metempsychose*, que promete um porvir mais consolador, doque as chammas eternas, que devem sempre queimar, sem consumir. . . .

Os annaes do *Egypto* provam de sobejo que os *padres* d'*Isis* foram os primeiros homens, que realmente se occuparam na felicidade publica. O fim politico d'estes *Myst.*: consistio na formação d'algumas leis, na verdade poucas, mas proporcionadas aos costumes do *Egypto*: Em uma palavra os *Myst.*: d'*Isis* foram tão sublimes, que o

Egypto foi, e é ainda hoje considerado por muitos sabios como o berço da civilisação primitiva.

1:950. — Os *Myst.* dos *Cabyres* da ilha de Samothracia tiveram por fim a coragem e o patriotismo: Os homens, que se distinguiam por qualquer acção brilhante em beneficio da Patria eram annualmente coroados na celebração publica d'estes *Myst.*

1:330. — Os *Myst.* de *Orpheo* tiveram em vista dous fins louvaveis, e egualmente vantajosos: o primeiro foi a abolição do charlatanismo dos *Myst.* de Ceres; e o segundo foi a instituição d'um collegio scientifico, onde as sciencias eram dadas segundo a capacidade de cada Iniciado. *Orpheo*, estabelecendo a doutrina *dupla*, reformou os *Myst.* Gregos, e tornou-os todos em beneficio da Grecia.

1:018. — Os *Myst.* *Essénios* tiveram por fim: 1.º a abolição da idolatria: 2.º a benevolencia e a philantropia: 3.º o amor á Patria. Os *Inic.* nos *Myst.* de *Salomão* observaram a doutrina dos Magos, e a sua moral foi sempre austera:

Finalmentè os *Essénios* soccorreram todos os homens virtuosos, fosse qual fosse a sua crença; e quando a maior parte dos *Israelitas* era vagabunda, os *Essénios* adoptaram, e defenderam uma Patria.

*Post. Christ.* 33. — Os *Myst.* do *Christianismo* tiveram por fim o estabelecimento d'uma religião nova e sublime, que tinha por base, a *egualdade*, a *liberdade politica* e *religiosa*, e a *abolição completa das castas privilegiadas*. A doutrina de *Christo*, sendo parabolica, era propria para unir os homens entre si; e si não fossem os abusos do *Catholicismo*; ella seria hoje univèrsal, e teria feito talvez a felicidade do genero humano.

800. — Os *Myst.* dos *Irreos*, á excepção dos *Druidas*, tiveram todos por fim não só a *ultranacia* e a *ph*

l'antropia, mas tambem a prosperidade e a independencia da patria. A abolição dos Feudos, as guerras da Palestina, e o estado progressivo de sua civilisação não os desmentem.

1:703. — Os *Myst.* Britannos tiveram e teem tido por objecto: 1.º a gloria nacional; 2.º uma generosa philanthropia; 3.º o amor ás sciencias e ás idéas liberaes. Os melhores e mais antigos edificios da Inglaterra; os numerosos estabelecimentos d'educação publica; e finalmente os beneficios, que a Maç. tem feito nas cinco partes do mundo, foram obra dos *Myst.* Britannos.

*Conclusão.* — D'estas considerações geraes se colhe não só que a maior parte dos *Myst.* foi estabelecida, por motivos loucaveis, mas que cada um d'elles tem tido *seus fins ulteis*, tanto geraes, como locais.

Mas, se isto é verdade, porque razão a Maç., e seus Adeptos teem sido tantas vezes perseguidos? Necessario é respondermos a esta questào: porque homens ha, a quem é preciso mostrar *com o dedo* a verdade.

É indubitavel que a Maç. tem sido em diferentes epochas, e é ainda hoje, perseguida em alguns estados da Europa; mas esta perseguição tem sempre por motivo a fraqueza de alguns principes, que, embalados n'uma religião dominante, se deixam alliciar por uma seita de *egoistas*, que, com o mahto sagrado da religião, perpetram crimes os mais horrosos!! A Russia, Italia, Hespanha, Portugal, são ainda hoje victimas innocentes d'estes infames monstros, que, a froco d'uma sordida ambição, não poupam a honra de seus amigos, nem a vida de seus proprios irmãos!!! Pelo contrario, nos paizes mais civilisados, onde existe realmenté a tolerancia religiosa, e onde não ha nem o dominio papal, nem o fanatismo do clero, a Maç. não só é respeitada, mas até tem sido protegida pelos principes e pelos governos.

Assim, em 1737, Frederico 1.<sup>o</sup> prohibio as reuniões Maç.: em Suecia; mas, no mesmo anno, esse mesmo decreto foi revogado. D'esde então a Maç.: não só tem sido favorecida n'aquelle reino, mas athe seus reis teem sido G.: Mest.:; e Carlos XIII instituiu em favor dos Franc-Maç.: uma Ord.: civil de Cavallaria.

Em 1737 os Estados Geraes suprimiram na Hollanda as assembléas Maç.: declarando *que elles nada tinham descoberto, que fosse contrario á boa ordem*. Depois d'escutada a defeza dos Maç.:, os Estados Geraes não só revogaram a mesma ordenança; mas acordaram protecção á Franc-Maç.:.

Em 1743 aos Magistrados de Berna, fundados meramente em suspeitas, prohibiram o exercicio da Maç.:; mas os Maç.:, fazendo imprimir em Francfort uma memoria, que refutava as imputações allegadas contra a Ord.:; obtiveram dos Magistrados uma tolerancia absoluta.

Em 1764 a imperatriz Maria Thereza proscreevo a Maç.: unicamente porque os Lem.: de Mienna recusavam descobrir ao governo os segredos da Ord.:. Elisabeth, rainha d'Inglaterra, quiz tambem conhecer os mesmos segredos; mas, apesar de não satisfazer a sua curiosidade, ella não inquietou mais os Maç.: e ficou convencida de que o fim de taes reuniões era louvavel.

Em França, os Maç.: teem sido algumas vezes perseguidos, ja por bispos, ja pela policia: mas nunca foram accusados de facciosos nem d'intrigantes.

Os Franc-Maç.: eram suspeitos a Guilherme 1.<sup>o</sup> rei de Prussia; mas Frederico II, e seus successores os protegeram d'um modo especial. Por um decreto de 1800 o Governo Prussiano prohibio sociedades secretas; mas elle não comprehendeu n'este numero as Maç.:.

Em uma palavra muitos outros principes temeram, não as reuniões Maç.:, porque bem conheceram a parca de suas vistas, mas outras sociedades secretas, que po-

deriam tomar as suas formas e espalhar principios mui diferentes:

A Maç.:, ácerca de religião, pode desagradar á Curia Romana, que, por toda a parte e em todas as religiões, considera a *tolerancia como deismo ou indifferentismo*.

A Maç.: pelo que respeita á politica, pode tambem, em momentos criticos, produzir inquietação, por causa do véo mysticó, que a encobre: mas pelos exemplos, que citamos, claramente se mostra, que a Maç.:, bem longe de declarar guerra aos reis e aos governos, não faz mais, do que *ajuda-los* e sustenta-los. E' verdade que o comportamento d'alguns Adeptos da Maç.: tem sido escandaloso; mas a Maç.:, tendo por fim a pratica das virtudes, não tem o direito de correção pelas faltas commettidas fóra do seu seio: Se um membro se torna culpavel por uma falta grave, ella pode exclui-lo, e já o tem feito, mais d'uma vez; mas uma Sociedade, principalmente quando é numerosa, nunca deve ser julgada pelos actos d'alguns membros em particular.

A Maç.: só combate *ambição, fanatismo e a superstição*; porque sam os tres inimigos implacaveis da ordem, e do genero humano.

E' por theoria que os Maç.: combatem: A Maç.:, sendo a escola da Philosophia, lembra aos homens seus direitos e seus deveres; dá aos fortes, quando são justos, o apoio de sua opinião; e inspira aos fracos, quando timidos, á energia d'uma resistencia legal: consequentemente á Maç.:, por meio de suas lições e de seus exemplos, sabe conservar e distribuir os direitos civis e religiosos.

Tal é o seu fim; tal é a sua gloria; e tal é a sua recompensa . . . .

Depois d'havermos dado a *defnição* de Maçonaria, e depois de havermos ditto em geral quaes sejam seus *fins*, cumpre-nos desembrulhar a sua *Origem*, e analysar

a sua *Historia*: tal vai ser o objecto dos capitulos seguintes.

## CAPITULO V.

### *Precminencia dos Egypcios sobre os Hebreos.*

Os philosophos mais acreditados da antiguidade, assim como os de hoje, admittem a creação dos Mundos pelo Grande Architecto da Natureza; mas pegam formalmente que o *Adão* de Moysés fosse o primeiro entre os homens; alem de que este nome foi desconhecido pelos povos da antiguidade, á excepção dos Hebreos: porque elle deveria ter sido creado precisamente quando, existiam nações já policiadas, como a China, e o Egypto. A Biblia nos diz que os Hebreos dividiram a terra entre si para a povoarem; e *Rollin* fixa o anno de 1813, depois da creação do mundo, em o qual *Ménés* ou *Misphraim*, filho de Cham, foi o primeiro homem, que se estabeleceu no Egypto, de quem foram filhos os *Egypcios*, povo inferior aos Israelitas; comtudo esta inferioridade não se acorda com a opinião dos criticos antigos e modernos; e ainda que os Egypcios tenham acreditado que o seu primeiro Rei foi *Ménés* é virosimil que os Padres e os Iniciados o creem um ente allegorico. (1) Os Templos de Saul, de Thebas, e de Memphis, ainda não foram imitados, nem pelos Gregos nem pelos Romanos; e muitos Zodiacos, como o de *Denderat*, provam incontestavelmente a antiguidade dos Egypcios sobre os Israelitas.

A Chronologia Biblica também se acha em contradicção com a Chinezã: Os Chinezes tinham em seus archi-

---

(1) Héredoto; e em um gr. de Esc.; *Méné*, (Lua), se faz menção de sua allegoria.

vos livros, que datavam de 3 milhões de annos. Na China dous astrónomos foram condemnados á morte por não terem vaticinado um eclipse, que devia succeder 2:159 annos antes da era Christã; e a Chronica Chinezta relata um acontecimento astronomico, pelo tempo do Imperador *Schuen-Hio*, e que foi depois confirmado pelo Padre *Mailla*, Jesuita, a saber: que a Lua, Saturno, Jupiter, Marte, e Mercurio se acharam em conjunção em 9 de Fevereiro do anno 2:461 antes da era vulgar, epoca muito anterior ao Diluvio de Noé: deve mais observar-se que em seus archivos acha-se uma serie, não interrompida, de seus Monarchas e de suas observações astronomicas, que todas se acordam com as dos nossos celebres astrónomos; por consequente o Diluvio, descripto pela Biblia, deve ter uma data muito anterior ás epocas, em que o Imperio Chinez era muito povoado, dividido em vastas Provincias, e tinha Sciencias Commercio e moeda. (1) Mas o que principalmente tem fixado a admiração de todos os sabios sam as *Pyramides do Egypto*, que eram Templos elevados em honra do Sol; e com effeito sua forma, sua dimensão, e sua exposição, indicam o genio e o seculo, que presidio á sua construção: Pretendeo-se fazer crer que estes edificios tinham sido construidos para tumulos dos reis, e isto porque no fundo da grande Pyramide se achou uma Cova, que parecia destinada a receber um cadaver; mas os criticos deviam lembrar-se de que n'estes sitios se representavam os *Myst. d'Osiris*, e por consequente a sua morte e resurreição, ou a morte e a resurreição do Sol. *Maneton*, que era Pontifice de Héliopolis, e que viveu 300 annos antes de Christo, affir-

---

(1) Vej. *Censorinus*; *Denon*; *Lct. Amer*: de *Carli*; e *R. de Schio Tom. 1.º*

ma que o Egypto tinha 250 Cannaes, que o atravessavam e o fertilisavam, dos quaes alguns tinham 50 milhas de longitude, e que d'estes ainda alguns havia no seu tempo, apesar das ruinas, que o paiz tinha soffrido, pelas revoluções da natureza, e da politica.

*Platão*, fallando dos monumentos do antigo Egypto, diz formalmente que alguns havia com a data de 10:000 annos; e diz mais que suas leis existiam pelo menos 9:000 annos antes de *Solon*. *Diogenes Laercio* conta 832 eclipses totaes da Lua, observados pelos padres do Egypto; mas, não succedendo um eclipse total sinão depois de 223 annos lunares, isto é, depois de 18 annos solares e 15 dias, segue-se que dá uma epoca de 15:013 annos antes de tal author.

Deixando as remotas eras dos Egypticos e referindo-nos ao, que escreveu *Porphiro*, e *Cheremont*, que vio no seu tempo os padres do Egypto divididos em 3 classes, conheceremos que a 1.<sup>a</sup> se occupava em observar os astros, cujo estudo adaptava á theologia; que a 2.<sup>a</sup> se dedicava aos acontecimentos civis politicos e militares, para formar a sua historia; e emfim que a 3.<sup>a</sup> classe se consagrava ás funcções religiosas: os Padres. Estes eram differentemente vestidos segundo as differentes divindades ou Myst.: que seguiam.

Os Antigos Annaes provam que os Reis Pontifices queriam imprimir nos povos, que estavam debaixo de sua obediencia, a ideia d'um *Ser Supremo, creador, e conservador*, do Universo: elles apresentavam o Sol, como cauza dos bens physicos, e de todas as produções vegetaes e animaes. *Moyzes* considerou este governo como o melhor dos Governos possiveis, e tanto mais, que os antigos Egypticos consideravam seus antigos Reis-Pontifices, por via de suas virtudes, como divindades; seus Livros não tinham outro fim sinão o bem geral e particular: e *Hérodoto* asseve-

ra que estes mesmos. Padres, alem da genealogia dos seus reis, contavam uma egual successão de Pontifices ou Sacrificadores; e emfim os Litteratos de hoje creem na antiguidade do Egypto, pelo que se observa na Obra, publicada pelo *I. Denon*; verdadeiro monumento da gloria Franceza, e na qual se vê que os reis e os padres do Egypto gravaram sobre seus palacios, templos, tumulos, columnas, e obeliscos, todas as imagens dos seus Deoses, de seus homens illustres, da sciencia astronomica, dos preceitos de seu culto, e os da sociedade civil: Todas estas esculpturas, que se julgariam imperfeitas, excitam o mais vivo interesse; por que ellas nos apresentam os mais antigos traços, que a humanidade tem deixado sobre a terra, e que precederam a antiga civilisação da Ázia e da Grecia; d'onde se tiraram todos os materiaes para as leis civis, politicas, e religiosas do Universo.

Na Pyramide descoberta ultimamente pelo mesmo *Denon*, e que tinha sido construida por Psammenite vê-se esculpidos sobre as muralhas os seus despojos, conduzindo captivos os Ethiopes e os Judeos; e por elles se conhece que estes foram considerados no Egypto como verdadeiros escravos, o que está d'acordo com a Biblia: e com effeito o vasto e agreste paiz, que os Judeos habitaram, era imperfeitamente submettido aos Pharaos, e os padres, que elles consideravam como Patriarchas, e que succederam a Moysés, eram os seus verdadeiros chefes; todos elles não faziam mais, doque uma familia, e nunca foram outra cousa sinão pastores.

D'onde se tira que o povo Hebreo não se tornou Nação sinão durante a sua escravidão no Egypto; que a sua civilisação só data da sahida do deserto com Moysés, época, em que o Egypto era já um Imperio rico e poderoso; e finalmente que os reis do Egypto tiveram magnificos palacios, quando os Hebreos não tinham sinão pobres tendas.

## CAPITULO VI.

*Origem da Maçonaria.*

Si um grande numero d'Authores tem escripto sobre a Origem da Maçonaria, muitos tambem teem disparatado em vagas narrações. Mr. de S. *Martin* pretende que a Maç.: fôra creada com o Universo. *Smitz* quer que Adão fosse o depositario da Sciencia Maç.:, e que no acto da sua creação elle tinha recebido de Deos mesmo a sua doutrina, isto é, a *Lei natural*. Uns querem que a Maç.: fosse fundada pelo *Romulo*, em Roma; outros por *Augusto*, que se fez iniciar em Athenas.

Uns querem que ella provenha das ceremonias dos antigos *Mist.:* que, do *Egypto* e da *Phynicia*, passaram directamente á Europa; outros suppõem que ella tomou nascimento nas escolas de *Pythagoras* e *Platão*.

Uns querem que a Maç.: fosse creada por *Salomão*; outros pelo contrario pretendem que ella fosse uma invenção dos *Jesuitas*. Uns allegam que ella é uma instituição religiosa e christã; outros enfim dizem que ella tomou origem nas *Confrarias* de *Strasburg* ou de *Londres*.

Entretanto todas as conjecturas e systemas, que a tal respeito se tem feito, só nos parecem proprios para afastar-nos da verdade, porque aquelles Authores não teem procurado a historia Maç.:, como deviam, nem nos seus grãos, nem nos seus *Myst.:*, nem nos seus diferentes *Ritos*; e é só com taes dados que nós nos poderemos guiar pelas trevas da antiguidade, e pela confusão dos escriptos, que appareceram nos primeiros seculos do *Christianismo* athe hoje.

Todos os historiadores antigos e modernos concordam em que o *Egypto* foi outr'ora o berço das sciencias e das artes, e que os povos contemporancos lá foram sorver seus prin-

tipios religiosos e políticos, como demonstrou o sabio *Dupuis*.

E na verdade, semelhante a uma arvore tão antiga, como o globo, o Egypto levantou sua cabeça magestosa pelo chãos da eternidade, e enriquecêo com seus productos todas as partes da terra; o Egypto, debaixo de diferentes formas e diferentes nomes, mas constante em sua essencia, fez chegar athe nós a sua religião, a sua moral, e as suas sciencias:

Os Magos da Persia, os philosophos grégos, e os Patriarchas, que precederam Moysés, aprenderam dos padres do Egypto seus dogmas, seus Myst.:, e a arte de governar os povos, conforme o seu clima e a sua civilisação: estes Myst.: e estas sciencias eram severamente guardados; é escrupulosamente ensinados, pelos padres, que eram exclusivamente encarregados de sua pratica; e, para impedir que homens sem caracter, e sem sciencia, fossem a ellas admittidos, estabeleceram que os Iniciados seriam primeiro obrigados ás experiencias dos 4 *elementos*; experiencias tão terriveis, que hoje se tornariam incriveis, sinão se achassém transcriptas por antigos aucthores e modernos: estas experiencias tinham por fim confirmarem-se da coragem, da moral, da sciencia do Neophyto, e repellir de si os, que não fossem dignos; a escorria do povo; o que fez dizei a Horacio =

*Odi profanum vulgus et arceo.*

Hoje na Maç.: conservam-se ainda os nomes antigos das viagens, a que o recipiendario era submettido na occasião de sua iniciação aos Myst.:; e conserva-se igualmente a inscripção Egypciana, que hoje ainda se lê sobre o tumulo de *Hiram*: *O, que só fizer estas viagens sem médo será purificado pelo fogo, agua, e ár; e o, que ven-*

cer o terror da morte, tendo a alma preparada para receber a luz, terá direito a sahir do seio da terra, e a ser admittido ás revelações dos grandes Myst.:. (1)

O Iniciado estava nú e tinha um avental: era nú para explicar que elle devia deixar ver sem rodeios, seus pensamentos secretos; e a privação d'ornamentos profanos devia fazer-lhe comprehender que o seu novo estado reclamava d'elle a pratica das virtudes: tambem lhe tiravam o dinheiro e as joias por ser isto o, que as mais das vezes serve d'instrumento para a corrupção humana. O Neophyto, depois de ter vencido os primeiros obstaculos, depois de ter descido ao póço mystico, depois enfim de ter percorrido a abobada sagrada, era ainda senhor de retrogradar; mas não succedia assim depois que elle tinha passado a porta, que era guardada por padres, cobertos d'armas e elmos, que representavam symbolos dos Myst.:. alli celebrados; e si estes elmos eram ou a cabeça d'um gallo, ou d'uma serpente, elles representavam Osiris ou o Sol; si era de boi, os Myst.:. eram relativos ao deos Apis; e enfim se a cabeça era de cão as ceremonias tinham relação com o deos Anubis. (2).

O Neophyto depois de ter passado a dita porta se obrigava a mais não recuar; si a firmeza porem lhe faltava nas experiencias subsequentes, passava o resto da sua

(1) No Gr.:. Cav.:. Kadosk. E' a mesma inscripção, que segundo Setos, achava o Iniciado nos Myst.:. de Isis: e Apulejus diz que a Iniciação é a resurreição a uma nova vida.

(2) D'outra maneira não se poderiam explicar as cabeças, de que estão armados os 4 Evangelistas no fórrido do tecto em uma das galerias de Florença, e que se acham estampadas na *Obra de R. de Schio*: da qual fallaremos depois. (Vej. Est. 4.<sup>a</sup> N. 1, 2, 3, 4.)

vida nos subterrâneos do Templo, onde por seu zelo podia ainda chegar a ser official subalterno.

Ora nas experiencias Maç.: de hoje, que sam uma imitação fiel da Iniciação Egypciaca, ha tambem um instante, em que se offerece ao Neophyto a escolha ou de se retirar, ou d'ir ávante.

Qualquer homem podia apresentar-se para a Iniciação Egypriaca, todavia nem todos n'ella indistinctamente eram admittidos: esta regra foi adoptada pelos Gregos, pelos primeiros Christãos, e hoje pelos Maç.:. *Nero*, na sua viagem á Grecia visitou o Templo d'Eleusis, e quiz participar de seus Myst.:; mas uma vóz lh'o prohibio, e elle se retirou: *Constantino* dezejou o mesmo, mas não o pôde obter. (1)

O Hierophanto dos Myst.: Egypcios representava o *Creador*: trazia em aspa e sobre o peito uma lamina, na qual estavam gravadas as palavras — *Verdade, Prudencia, Sabedoria*: Seu vestido era de purpura bordada: um brilhante diadema lhe ornava a frente: uma alva, apertada por um cinto de diferentes cores, lhe compunha o vestido, de quo se servia em suas ceremonias. Hoje os Maç.:, não tendo o mesmo vestido, adornam-se tambem com decorações diferentes conforme os Gr.:

Quando o Iniciado era admittido aos grandes Myst... tornava-se *Padre*, e toda a illusão desaparecia: Suas instrucções consistiam em lhe fazer conhecer a *fraqueza humana, as operações da terra, o curso dos astros, e a ordem do Universo*, cujos conhecimentos levam o Candidato a reconhecer o Gr.: Arch.: do Univ.: o prestigio

---

(1) Eis a razão, porque o primeiro perseguiu o Oraculo de Delphos, e o segundo os adoradores de Jupiter é de Sérapis.

das cerimoniaes mysticas cessava de todo; e emfim um simples altar em um rico jardim era o novo Templo para o Iniciado: era então que o Neophyto acabava de conhecer que os padres eram obrigados a conduzir-se assim, para exercerem seu imperio sobre o povo ignorante, a quem uma boa politica, segundo elles, prohibia de fazer-lhe conhecer a verdade; e era por esta razão que enganavam o povo com prestigios, e oraculos. Hoje em todos os Ritos da Maç.:, particularmente no Escocismo, conservam-se ainda as provas dos Myst.: Egypticos, o o mesmo ensino, o o mesmo resultado; com a differença de que os antigos padres eram os unicos, que dirigiam as readeas do Governo, e tinham edificios proprios e vastos, onde os profanos não podiam entrar.

Do, que levamos dito, se conclue que a Theogonia e a Theocracia foram quasi sempre a doutrina exclusiva dos povos primitivos; e posto que os Egypticos façam remontar a sua era a 23:530 annos antes da nossa, não foi sinão em 2:965 annos antes de Christo que Menés *Tresmagister* (porque foi ao mesmo tempo legislador, padre, e philosopho) fundou a philosophia Egyptiaca, que foi extremamente obscura: mas depois d'elle aos 2:900 annos antes da era vulgar, os padres do Egypto abraçaram a Iniciação e a philosophia dos Magos e dos Brachmanes, que comprehendia todo o systema do Universo, tendo por base os phenomenos astronomicos.

Os Annaes Geraes do mundo mencionam tres Isis: a 1.<sup>a</sup> *Isis Italiana*, cuja origem remonta a mais de 3 milhões de annos; a 2.<sup>a</sup> *Isis*, irmã e esposa d'Osiris Egyptica, cuja origem remonta a 6:800 annos antes da era vulgar; e a 3.<sup>a</sup> *Isis Egyptica*, que foi uma Deosa, em favor da qual os Myst.: do Egypto foram estabelecidos aos 2:900 annos antes de Christo: a sua philosophia foi primeiramente ensinada e desenvolvida na Cidade de Col-

pte; e os seus padres chamavam-se *Isiacos*, que cantavam hymnos ao nascer do Sol (1).

E' d'estes ultimos, que parece deyer derivar-se a Maç.: de hoje; e, ainda que a crença geral dos Egyptios era a metempsicose, e seu culto o do Sol e da Lua; comtudo a crença religiosa de seus Myst.: era a *unidade* de Deos, e a *immortalidade* da alma, como depois se verá.

E' mister saber-se que, muitos seculos antes dos Egyptios, os *Magos* da Persia, e os *Brachmanes* da India tiveram tambem Iniciação e Myst.:; mas, tendo os primeiros sido exclusivamente philosophicos, e os segundos exclusivamente Theogonicos, e não havendo athe hoje noticia dos seus Rituais, dever-se-ha concluir que não é d'elles, mas sim dos Myst.: Egyptios, que adoptaram promiscuamente a philosophia e a Theogonia, que a Maç.: actual tirou a sua origem; e esta nossa opiniao torna-se tanto mais provavel, que os Padres do Egypto foram os, que nos deixaram um Ritual, o *Crata Repoa*. No entretanto nós trataremos d'uns e d'outros em lugar competente; assim como dos demais que tiverem relações directas com a Maç.:.

## CAPÍTULO VII.

### *Maçonaria entre os Egyptios.*

Não foram só os padres de Isis que communicaram verdades philosophicas e os segredos da natureza; os Judeus seguiram a mesma vereda (2), e *Phocio*, que viveu no 5.º seculo, fallando da Iniciação aos Myst.: Christãos, a considera como o *fim da vida profana*, e da *morte do*

---

(1) Vassal Cours complet de Maçonerie.

(2) Ecclesiastico cap. 4.º

vicio: O Neophyto, segundo elle, chegado aós limites da vida profana, não achava ás portas da Iniciação sinão terror e obstaculos; mas, passados estes, uma *luz celeste* lhe feria os olhos, descobria á roda de si um espectáculo encantador; canticos acompanhados d'harmoniosa musica lhe lisongeavam os ouvidos, visões santas lh'appareciam, e era revestido do character d'*Eleito*; e finalmente elle era coroado e admittido á sciencia das doutrinas sagradas da *Resurreição* (reprodução dos seres coberta com o véo de allegoria). Taes eram, pouco mais ou menos, ás antigas Iniciações dos Padres *Coptos*, como se pode vêr em Diodoro, Plinio, e outros.

Hérodoto, que era Iniciado, fallando dos *Myst.*: Egypcios, guarda-se de dar certas explicações; comtudo elle falla d'um tumulo e d'um homem sacrificado, de quem diz dever calar o nome. Elle descreve que este tumulo estava na certa do Templo onde se achavam figuras symbolicas, e uma lagôa circular; e que era alli que os padres Egypcios, celebrando os *Myst.*: secretos, davam a representação dos soffrimentos d'um Deos, feito homem; como simulacro do Deos *Luz*, morto por *Typhon*, principé das trevas; e conta mais que depois da sua morte o cadaver era posto no esquite, e que sua *resurreição* real succedia immediatamente no meio de relampagos, e de trovões, como por encanto: estes soffrimentos que Hérodoto dá como factos historicos não sam sinão allegorias: os soffrimentos designavam o *curso* do Sol durante o verão; a morte era a *imagem* do Outomno; o tumulo representava o *inverno*; e a resurreição do heroe não era senão a *imagem* da primavera: A afflicção era causada pela morte ou ausencia do Deos *Sol*; como o festejo era occasionado pela sua reaparição.

Estes mesmos *Myst.*: eram tambem communs aos Persas; quando punham *Mythras* no esquite, gritavam sua

morte fez a vossa salvação. Taes eram os Myst.: de *Osiris*, de *Bacho*, e de *Adonis*, os sacrificios, que se praticavam, eram uma representação de sua morte, de sua resurreição e de sua immortalidade. Em todos estes cultos diversos o *Sol* era pois o objecto da allegoria, que depois foi desfigurada pela crença e pela superstição. (1)

Poetas, e philosophos estrangeiros, convencidos da sublimidade dos Myst.: d'*Isis*, correram ao *Egypto* a iniciar-se: O ultimo grego illustre, iniciado no *Egypto*, foi *Pythagoras* de Samos, nascido aos 592. annos antes de Christo, o qual para poder ser admittido, e aprender as sciencias da Iniciação, consentio na circumcisão. (2)

Foi, submettendo-se a todos estes rigores da Iniciação e fazendo-se entrar nos Myst.: *Egypticos*, que *Solon*, *Zoroastro*, *Platão* e mesmo *Moyses*, puderam trazer para a sua patria um culto e leis, que tinham sido feitas em *Memphis* e *Thebas*: Os emblemas *Egypticos* eram relativos á sua astronomia, ás suas leis, e á sua agricultura; por consequencia estes sabios Gregos deviam ter trazido consigo a chave d'esses mesmos conhecimentos (3). Os Myst.: *Egypticos* passaram á *Scythia*: *Xamolais*, grego do nação escravo de *Pythagoras*, e que o acompanhou ao *Egypto*, voltando á sua patria já liberto, fez edificar um Templo subterraneo, onde, segundo o culto *Egyptico*, elle instruiu a sua Nação nos mesmos Myst.: : foi o chefe dos *Plytas*, que o historiador *Jozeph* comparou, por suas virtudes, aos *Essaias*. *Hypocrates*, segundo *Saramus*,

---

(1) Os Myst.: dos Inic.: ao Sacerdocio de Roma assimelha-se em muito aos, que descreve Hérodoto; mas o que os aproxima ainda mais é terem de submetter-se a jejuns e macerações, e a uma vida contemplativa.

(2) Clemente d'Alexandria.

(3) Voltaire art. *Therapeutes*.

tendo livrado Athenas da peste, que a desbaratava durante a guerra de Peloponezo, foi iniciado aos Myst.: d'Eleusis por gratidão e recompensa. *Themistocles* foi iniciado aos Myst.: dos Magos, cuja doutrina era Egyptica: Mas não foram só estes philosophos que procuraram a Iniciação; ao tempo, em que o Egypto ia tornar-se Provincia Romana, *Marco-Antonio* foi iniciado aos Myst.: de Osiris que, como os de Bacho, representavam o Sol: *Cleópatra* vestio-se com o manto de Isis e pronunciou Oraculos em nome da *Nova Deosa ou Deosa Neotera*. *Adriano* tambem fez elevar templos no Egypto em honra d'Antino (1)

Os padres Egypticos ensinavam que um *Deos unico e supremo* tinha concebido o mundo por sua intelligencia, antes de o formar por sua vontade; donde se colhe que a ideia da *unidade* de Deos é devida á philosophia Egyptica, e não á Judaica, como alguns querem; Os padres demonstravam ao Neophyto que o, *que era mortal*, não podia ser Deos (2). Este sentimento foi o mesmo dos philosophos Gregos e Romanos (3). Os Padres do Egypto ensinavam que *Deus unico* tinha coordenado dous principios para reger o mundo, — *destruição* — e — *regeneração* — dos seres, a *Luz* e as *Trevas*, o *bem* e o *mal* physico: elles elevaram um Templo, onde se adorava a divina *Sabedoria*, onde se não podia humanamente decidir qual era sua forma e sua potencia, e onde fizeram collocar a inscripção que petrifica ainda hoje o nosso orgulho: *fui, sou, e serei, e nenhum mortal levantará o véo, que me cobre.* (4)

(1) Plutarco.

(2) Plutarco.

(3) Pythagoras e Cicero.

(4) Esta verdade é mencionada em o gr.: 29 do Esc.º.

Os authores antigos parecem confundir os nomes das divindades Egypcias e Romanas; nós veremos depois que tambem se tem confundido o culto de *Sérapis* com o de *Jesus Christo*, e que as allegorias soffrem as mesmas eventualidades; de modo que se tem dado a *Isis* mil nomes diversos, e que *Apuleo* mui bem descreve fazendo fallar *Isis* da seguinte maneira:

« Eu sou a *Natureza*, a mae de todas as cousas, a senhora dos elementos, o começo dos seculos, a soberana dos Deoses, a primeira da natureza celeste, a facie unica forme dos Deoses, e das Deosas; sou quem governa a multidão luminosa dos Ceos, os ventos salutaes dos mares, o silencio lugubre dos infernos, minha divindade unica, mas de muitas formas, é honrada com diferentes ceremonias e debaixo de diferentes nomes: Os Phrygios me chamam *Pessinonsiana*, mãe dos Deoses; os Athenienses, *Minerva*, — *Cecropiana*; os de Chypre, *Vénus* — *Paphyana*; os de Creta, *Diana* — *Dyctina*; os Sicilianos, que fallam 3 dialectos, *Proserpina Stygiana*; os Eleans, *Deosa Ceres*; outros *Juno*; outros *Bellona*; alguns *Hécate*; e ha outros, que me chamam *Rhamnusia*: os Ethiopes, os Orientaes, os Arianos, e os que sam intruidos na antiga doutrina, isto é, os Egypcios, me honram com as ceremonias, que me sam proprias, e me chamam pelo meu verdadeiro nome a Rainha *Isis*. » Esta inscripção demonstra plenamente que os Romanos, que eram iniciados nas doutrinas Egypcias, consideravam esta Deosa como o emblema da *unidade de Deos* e do *universo*. Os padres do *Egypto* occupavam os *Neophytos* no estudo de diferentes emblemas, e allegorias, que eram o fundamento de seus *Myst.* e que lembravam os effeitos

---

onde se occulta o precioso *Delta*; e *Plutarco* tambem a confirma.

sucessivos da natureza universal, que sam as 3 verdades seguintes :

- « 1.<sup>a</sup> Que tudo é formado pela *geração*.
- « 2.<sup>a</sup> Que a *destruição* segue a *geração* em tudo.
- « 3.<sup>a</sup> Que a *regeneração* restabelece, debaixo de outras formas, os efeitos da *destruição*. »

As doutrinas que deixamos ditas ainda hoje se conservam em nossos Templos; e os Ven., que forem instituidos nas sciencias antigas, saberão adapta-las ás circumstancias. (1)

A doutrina da *geração*, da *destruição*, e da *regeneração* se manifesta claramente no 3.<sup>o</sup> gr.: da Maç.: universal, cujas palavras sag.: *M.: B.:* (producto da putrefacção) dam uma clara ideia da condição necessaria ao desenvolvimento d'outros seres, e aos principios de novas existencias. Similhanes doutrinas se acham em outros muitos gr.: da Maç., nos quaes se representa a criação do mundo, o diluvio, e a redempção do genero humano. (2)

« Os padres do Egypto, diz Vassal, sendo iniciados

(1) O I.: *Delaunay* no seu *Traité de l'Écosisme* dá um extracto sublime do systema da *geração* universal dos seres, segundo a doutrina symbolica dos antigos.

(2) É preciso prevenir os II.: que, quando fallarmos dos *Myst.: Egyptios*, dos de *Moysés*, e de *Jesus Christo*, não damos a tal respeito a nossa opinião pessoal; e ainda menos a da nossa Ordem: todos os II.: sabem que a Maç.: recebe indistinctamente em seu gremio todo o Cidadão que é honesto e que é sujeito ás Leis da sua patria, seja qual fôr a sua religião; a tolerancia universal em materias de religião é uma das bases da doutrina Maç.:.

tos Myst.: dos Brachmanes, trouxeram para o seu paiz a Iniciação primitiva dos Magos. Segundo *Strabão*, os padres do Egypto receberam dos Brachmanes a primeira ideia dos Myst.:; e Pythagoras, que muitos seculos depois foi á India consulta-los; trouxe tambem comsigo luzes semelhantes, que em mui pouco differem da Iniciação de Memphis e de Samothracia.»

A Iniciação dos Egypcios conhecida pelo nome de Myst.: d'*Isis* e *Osiris*, remonta, segundo *Vassal*, a 2:900 annos antes da éra vulgar. Sua doutrina tinha por fim, d'um lado o culto Egypcio ou *Metempsychose*, d'outro os conhecimentos humanos em allegorias.

A Iniciação Egypcia era dividida em *pequenos e grandes Myst.:*. Os primeiros eram religiosos e *publicos*; e os segundos scientificos e *privados*: era no alto Egypto que os Iniciados successores de *Sesostris*, exerciam; si-tião a soberania, ao menos os privilegios suzeranos dos reinos de Memphis, This, etc. etc.: e posto que sua instituição fez a gloria do Egypto, comtudo aucthores injustos disseram d'ellas o seguinte:

« . . . Or notez bien qu'en fait d'allegorie  
« Tout, de la part du prêtre, est censé fourberie.»  
(Chenier)

Mas, sendo superior ás considerações do momento, e sem que nossa opinião, favoravel ou desfavoravel ao culto religioso, sirva de cousa alguma na balança da justiça, nós devemos julgar os padres d'antiguidade, como se elles não tivessem tido successores. . . É verdade que os padres do Egypto, a exemplo de seus maiores, cuidaram não dever esclarecer o povo, reservando as luzes para um pequeno numero de adeptos esculhidos; mas n'isto mesmo os padres julgaram obrar em beneficio geral; pois

pensaram que a Sociedade seria melhor governada, se os conhecimentos scientificos fossem confiados sómente a corações génerosos e sublimes. Consequentemente seu comportamento, mais desinteressado, do que parece, teve por base duas maximas ainda reinantes no tempo de *Voltaire* : ==

*« Tout pour le peuple, rien par le peuple.  
« Il ne faut dire la vérité qu'aux gens de bien. »*

Ora pois, si os padres do Egypto si enganaram na maneira de dirigir os povos, tambem *Socrates* e *Confucio* foram seus companheiros; pois formalmente approvaram o seu duplicado *methodo*: e o seu sabio *Beulanger*, ardente inimigo do fanatismo e da hypocrisia, confessa que os antigos *Myst.* foram inventados mais em favor dos povos, do que dos padres.

É verdade que depois de 3:000 ou 4:000 annos a face do mundo moral está inteiramente mudada: as artes e as sciencias estam hoje ao alcance de todos; mas si nos elevarmos aos seculos remotos, e nos fizermos Cidadãos do mundo primitivo, reconheceremos não só a extensão das vistas dos primeiros legisladores; mas tambem que a instituição dos padres do Egypto, bem longe de um egoismo calculado, tinha por motivo a utilidade geral.

E com effeito os padres do Egypto, retirados no recinto de seus templos, e occupados unicamente no culto e nas sciencias, se mostraram sempre amigos de todos os homens do glóbo, e fizeram uma amigavel troca de conhecimentos com os Magos, com os Brachmanes, e com os philosophos Gregos. Cosmopolitas no tempo da sua gloria, Cidadãos nas desgraças de sua patria, os padres do Egypto tiveram igualmente uma vida nobre.

Foi nos seus Myst.: que os reis legisladores, os sábios, e os grandes do Egypto adquiriram os profundos conhecimentos, por que se tornaram tão recommendaveis á posteridade; e os Egyptios não foram felices sinão em quanto foram governados por Iniciados. « Felices os povos, » diz Guerin-Dumast, onde o herdeiro do throno, exuldo das lisonjas da sua Córte, acha por mestre um Amédes, ou um Fenelon, que o instrua a respeito dos deveres dos reis. . . . »

Taes foram os mais respeitaveis fundadores da Maç.:, acerca dos quaes o famoso Poema Maç.: diz: =

Vou segui-lo.... que aspecto me deslumbra?  
Berço das artes, ó primevo Egypto,  
Não, qual hoje, ignorante, e em captiveiro,  
Porem qual Minos te saudára um dia

.....  
Salve, do Egypto ó padres, cuja força  
Do amor aos homens, da sciencia vinha;  
Por isso mais poder, maior, gozastes,  
Que altivo rei na Thebas de cem portas:  
Nunca em torpe facção vos enredastes,  
E, sem transpor de subditos a meta,  
Rei, que se ergueu pyramide orgulhosa,  
Vos-escuta dos povos os clamores;  
Junto ao lago fatal vós lhe-indicastes  
Da inflexivel Justiça os são dictames

.....  
Para arredar-lhe as temerarias turbas,  
So dando ingresso aos homens não vulgares,  
Que util firmeza vigorar sabeis!

(Holophern:s.: trad.)

## CAPITULO VIII.

*Ritual dos Mystérios Egyptios e Gregos.*

## ADVERTENCIA.

A maior parte dos authores, que viajaram pelos terrenos do Oriente, affirmam que as grandes Pyramides do Egypto davam entrada a longos subterraneos, onde se faziam as Iniciações. Mas para que é expor factos, que se não poderão testemunhar? Não tendo a historia dos povos sido consignada, simão em symbolos e allegorias, sómente as tradições oraes ou escriptas poderão em tal caso servir de bussola ao historiador. Ora o *Crata Repoa*, escripto em allemão em 1770, e traduzido em Francez pelo I.: *Bailleul* em 1821, é, de todas as obras, a que melhor descreve as experiencias da antiga Iniciação. Por consequencia, para que o nosso trabalho seja o mais completo possível, nós exporemos em summa o systema do *Crata Repoa*, que nos parece tanto mais positivo e real, quanto é provavel que, na decadencia do Imperio Romano, os Iniciados expatriados, que implantaram a Iniciação na Scandinavia, poderam levar consigo, e communicar aos novos Adeptos o mesmo Ritual, que servia nos diversos Myst.: antigos.

---

## PRIMEIRO GRAU,

---

### PASTOPHORIS:

A terra, o fogo, a agua, e o ar eram os quatro elementos que constituíam as grandes experiencias physicas de Memphis:

O ultimo Iniciado era quem conduzia o Neophyto athe á entrada dos subterraneos, e lhe dava uma alampada accesa para lhe servir de guia. O Neophyto marchava depois sósinho, atravessando corredores de tal maneira baixos, que era obrigado a engatinhar. Passados estes primeiros obstaculos; o Neoph.: encontrava uma cisterna immensa, a que se achava firme uma escada de ferro polido, por onde devia descer athe 60 pés de fundo; mas, não podendo continuar a marcha por falta de grãos, elle, tornava a subir, e via um buraco pequeno, (não observado na descida) que dava entrada a um caminho espiral, e se terminava em um grande poço.

Chegando ao fundo do poço mystico, o Neoph.: via duas grades uma de ferro ao *Meio dia*, e outra de bronze ao *Norte*, a qual deixava ver um largo corredor, que era allumiado por tochas e lampadas, e adornado nos lados por arcadas successivas. (Tal era a experiencia; que symbolisava o *chaos* da natureza inerte).

Apenas o Neoph.: entrava no corredor, e passava a porta de bronze, esta repentinamente se fechava por si mesma, e produzia um grande ruido, que, junto ao echo das arcadas, se tornava horroroso. O Neoph.:, depois de ter feito 50 passos no corredor, encontrava uma aboba-

da cheia de fogo, que elle devia atravessar; e a qual segundo Terrasson, imitava uma fornalha ardente de 100 pés de largo. (Tal era a experiencia do *fogo*.)

Depois da fornalha seguia-se um cannal de 50 pés de largo, cuja agua, vinda do Nilo, entrava por um lado no subterraneo, e sahia por outro, com estrondo e rapidez assombrosa: era preciso que o Neoph.:, com a lampada na mão, passasse a nado este canal. (Eis a experiencia da *agua*.)

O Neoph.: tendo atravessado o cannal, encontrava uma grande arcada, no interior da qual havia alguns degrãos, que o conduziã a uma ponte levadiça; e d'um mecanismo complicado. Na extremidade d'esta ponte havia uma porta de marfim, que o Neoph.: debakle tentava abrir: mas no momento, em que elle lançava mão de duas argolas, fixas nas umbreiras da porta, certa mola real, que fazia mover muitas rodas, abalava a ponte levadiça, e fazia soprar um vento impetuoso, que lhe apagava a lampada.

O Neoph.:, depois de ter estado dous minutos n'esta cruel posição, que lhe deixava ver um precipicio immenso, tornava a descer para o mesmo logar, por effeito d'um contrapeso, e achava-se collocado defronte da porta de marfim, que se abria rapidamente. (Tal era a experiencia do *ar*.) (1)

(1) Estas quatro Exp.:, que o *Crato Repoa* não descreve, acham-se perfeitamente representadas na estampa de *Morcau*, e nas obras de *Leneir*, *Terrasson*, *Vassal*, e outros: Estas eram tam difficéis que *Triptolomco*, aos 1:469 annos antes de Christo, apresentando se á Iniciação do Egypto, e não tendo podido supporta-las não, foi iniciado, sinão depois de ter vivido durante 7 annos nos subterraneos mysteriosos do Templo; e ainda que *Orphco*

Passadas as quatro provas preparatorias, o *Thesmo-phores* (introductor) vendava o Candidato, e o conduzia pela mão athe á *porta dos homens* que era exteriormente guardada pelo ultimo iniciado (*Pastophoris*).

O introductor batia sobre o hombro do guarda exterior; e este batia á porta do Templo, para annunciar a presença do Cand.:. Este, satisfazendo ás interrogações, que então lhe eram feitas, entrava no Templo pela *porta dos homens*, e lá ouvia lèr toda a sua vida profana, que d'antemão os padres sabiam cuidadosamente espionar.

O *Hiérophante* (presidente) fazia novas perguntas sobre objectos diversos, a que o Cand.:. devia categoricamente responder.

O Cand.:. era depois obrigado a fazer uma viagem no circuito de *Birantha*, (que era o recinto exterior do Templo) durante a qual os padres, fingindo borrascas e trovoadas, procuravam assustar o Cand.:. que, firme, afouto, e resolutto, tornava a entrar no Templo, e promettia de se conformar aos estatutos da Ord.:., que anteriormente lhe tinham sido lidos por *Menies* (leitor das leis).

Depois d'esta adhesão, que era paramente voluntaria, o Cand.:. ajoelhava perante o presidente, o qual, pondo-lhe uma cimitarra ou alfange sobre o pescoço, lhe fazia prestar o juramento de *fidelidade e discrição*, tomando por testemunhas o Sol, a Lua, e os Astros.

O Cand.:. era depois situado entre as duas columnas

tivesse sido iniciado nos mysterios Gregos, quando se apresentou aos de Memphijs, e não os poudo vencer, teria tido a mesma sorte de Triptolomeo, si não os soccorressem os sons harmoniosos de sua encantadora lyra: este episodio não deixa de honrar os mysterios de *Isis*... (Vassal).

(*Betilies*): a venda lh'era tirada: aprendia a Pal.: d'Ord.: que era *Amoun* (sêde discreto): e recebia um barrete pyramidal: um toque manual; e um avental chamado *Xylon*.

Quanto ao mais, o Cand.: era obrigado a estudar a theologia, a physica, a medicina, e a linguagem symbolica. Tambem devia guardar a *porta* dos *homens*.

---

## SEGUNDO GRAU.

---

### NEOCORIS.

Se o *Pastophoris*, durante um anno d'estudos, tinha dado provas d'intelligencia, um jejum severo lh'era recommendado como preparo para receber o Gr.: *Neocoris*.

Acabado o jejum, que durava 12 ou 15 dias, o iniciado era posto n'uma camara escura, chamada *Endinion*; donde bellas mulheres iam reanimar-lhe as forças com iguarias delicadas, e provoca-lo com estímulos d'amor (1):

O iniciado, para provar o imperio, que tinha sobre si, devia triumphar d'esta experiencia difficil. O *Thesmosphores* interrogava o iniciado sobre as sciencias do Gr.: precedente; e, depois de ter respondido a diversos interrogatorios e a proposito, era introduzido na assembléa. O *Stolista* (hysopista) espargia agoa sobre o iniciado para o

---

(1) Estas mulheres, segundo o *Crala Repoa*, eram as esposas dos padres; e na Grecia eram as mesmas Virgens consagradas a Dianá. . . . .

purificar, e este era obrigado a affirmar que seu comportamento tinha sido casto.

Depois d'esta declaração, o Presidente, com uma serpente artificial na mão, corria ao iniciado, que, enleado com ella, era levado a um logar cheio de bichos. (Tanto o iniciado mostrava valor n'esta experiencia, quanto depois era elogiado).

O iniciado era depois collocado entre duas altas columnas, que representavam o Oriente e o Occidente. Entre estas havia um grypho (emblemã do Sol) que impellia uma roda de quatro raios (emblemã das quatro estações).

O Neocoris tomava por insignia um bastão, circumdado por uma serpente, como o caduceo de Mercurio. O Presidente lhe dava a Pal.: d'Ord.: , que era *Eva*, e lhe contava a historia mythologica da ruina do genero humano. Encrusar os braços sobre o peito era o Sin.: de reconhecimento; e o novo emprego do Iniciado era o de lavar as columnas.

Os estudos d'este Gr.: eram a architectura, a arithmetica, a geometria, e a hydrometria; para conhecer as inundações do Nilo. Estas sciencias, diz o *Crata Repoa*, constituíam o grande segredo, que não era communicado ao povo.

---

## TERCEIRO GRAU,

---

### PORTA DA MORTE,

OU

**MELANEPHORIS.**

A iniciação a este gráo dependia dos progressos mais ou menos rapidos do Néph.: nas sciencias, e da continuação de seu bom comportamento. Quando os padres o julgavam digno, o Néph.: era denominado *Melanephoris*, e conduzido a um portico, onde se via escripto *Porta da morte*: Esta dava entrada a um edificio, cheio de mumias e tumbas figuradas, onde o iniciado encontrava os *Paras-kistes* e o *Herói* (os que abrem e embalsámam cadaveres). No centro do local achava-se o tumulo de *Osiris*, que, por causa de seu assassinio supposto recente, mostrava ainda vestigios de sangue. Era n'este logar da morte que se perguntava ao iniciado si tinha ou não tomado parte no assassinio de seu Mestre. Depois da sua resposta negativa, dous *Tapyrcites* (coveiros) o conduziam para uma sala, onde se achavam todos os *Melanephoris* vestidos de preto.

O rei, que, segundo o *Crata Repoa*, assistia a esta scena, se aproximava do Iniciado, e com ar gracioso lhe offercia uma coroa d'ouro, afim de melhor vencer os obstaculos: *Tertuliano* assevera que o Cand.~, instruido d'antemão, rejeitava, e pisava a coroa com os pés. Era n'este instante que o rei exclamava *ultrage! vingança!* e to-

mando o machado dos sacrificios tocava levemente com elle a cabeça do Iniciado.

Os dous Tapixeytes lançavam por terra o Inic.:; e os Parakistes o envolviam em faixas da mumia. Durante esta scena, os assistentes gemiam em redor do Inic.:, que era depois conduzido athe á porta do *Sanctuario* dos *Espiritos*. Apuleo affirma que, quando esta porta se abria, trovões e relampagos cercavam o presumido morto.

*Caronte*, agarrando o Cand.: o descia ao *Sanctuario*, onde se achavam os juizes das sombrias praias: *Plutão*, segundo Diodoro de Sicilia, estava assentado na sua cadeira, tendo a seu lado *Rhadamanto*, *Minos*, *Alector*, *Alaster*, e *Orpheo*. Este tribunal terrivel, depois de haver interrogado o Cand.: sobre as sciencias e a moral, devia condemná-lo a errar nas galerias subterraneas.

Tiravam depois as faixas ao Cand.:, e lhe recommençavam as tres maximas:

- 1.º *Não ser sanguinario; e não deixar de socorrer o seu semelhante, em perigo.*
- 2.º *Outorgar sepultura aos mortos,*
- 3.º *Esperar uma resurreição,*

O sign.: d'este Gr.: era um abraço particular, que exprimia o poder da morte. As Pal.: eram *Monach*, *Caron*, *Mini* (passo os dias da colera). As artes, que se aprendiam n'este Gr.: eram o desenho, a rhetorica, e a escripta chamada *hierogrammatical*, para entender a geographia, a astronomia, e a historia do Egypto,

---

 QUARTO GRAU,
 

---

 BATALHA DAS SOMBRAS
 

---

OU

 CHRISTOPHORIS.
 

---

O tempo empregado nos estudos do Gr.: anterior, e que se chamava *tempo de colera*, durava 18 mezes. Si o Cand.: tinha feito progressos, o Thermosphoris ia ter com elle, entregava-lhe uma cimitarra e um escudo, e marchavam ambos por galerias escuras. Aqui homens armados e horrendamente mascarados atacavam de subito o Cand.:, e exclamavam *Paris!* O Cand.:, a convite do Thermosphoris, se defendia com valor; mas a final succumbia ao numero. As sombras, ou os homens armados, vendavam então o Cand.:, e lhe lançavam uma corda ao pescoço, com que era arrastado ate á sala, onde devia receber o novo grau. Chegadas a este logar as sombras, gritando muito, desapareciam.

O Cand.:, depois de tirada a venda, observava n'esta rica e magestosa sala uma reunião brilhante: taes como o *Rei*, assentado ao lado do *Demiurgos* (Inspector da Ord.): o *Odus* (Orador): o *Stolista* (Hysopista): o *Hierostalista* (Secretario): o *Zacoris* (Thesoureiro): e o *Komastis* (M.: de banquete). Todos eram condecorados com a *Alydea* (decoreação egypcia que symbolisa a *Verdade*).

Depois d'uma allocução do orador, tendente a dar valor ao Cand.:, este bebia um licor amargo, chamado *Cice*;

è ornava-se com o escudo *d' Isis*, com a capa *d' Orei*, e com o capacete *d' Anubis*.

Armado d'êsta sorte, o Cand.: recebia a ordem de cortar a cabeça d'um individuo, que deveria achar-se n'uma caverna, e de a trazer ao rei: Os membros do collegio gritavam todos *Niobe!* (eis a caverna do inimigo). Entrando na caverna, o Cand.: encontrava uma bella mulher, arranjada de modo, que parecia viva; tomava-a pelos cabellos, e lhe cortava a cabeça. Depois de ter sido louvada a sua acção heroica, o Cand.: aprendia que a cabeça cortada era a cabeça de *Gorgo*, esposa de *Typhon*, que havia occasionado o assassinio *d' Osiris*. (1)

O nome do Inic.: era depois escripto no livro, onde se achavam os nomes de todos os juizes do paiz: davam-lhe, com o código uma insignia, representando *Isis* em forma de mocho, da qual elle não podia servir-se sinão no acto da recepção ou na villa de Saïs: explicavam-lhe depois as allegorias do Gr.: e se lhe recommendava por estudo a linguagem *amunica*, e a legislação.

Diodoro de Sicilia affirma que, n'este gr.: o Inic.: aprendia tambem o nome do grande legislador, que era *Joab*. Este servia de Pal.: d'Ord.:. O capitulo dos *Chistophoris* chamava-se *Pixon* (tribunal de justiça.) A Pal.: em uso nas sessões era *Sasychis* (nome d'um antigo Egiptio muito virtuoso).

---

(1) Esta fabula parece ter servido de base ao 4.º e 7.º gr.: do Rito Moderno, e ao 9.º e 15.º do Rito Esc.:.

---

## QUINTO GRAU.

---

### BATÁHATE.

O Chistophoris tinha o direito de pedir este grau sem que o Demiurgos lh'o podesse recusar. O Cand. era introduzido n'uma sala em forma theatral, onde cada um dos membros fazia seu papel, á excepção do Inic., que era o unico espectador. Uma personagem, chamada *Horus*, e seguida por muitos *Balahates* com archotes, marchava na sala e parecia buscar alguma cousa. Chegando a uma caverna onde se achava o assassino *Typhon*, (de braços longos, corpo d'escamas, e de cem cabeças) *Horus* desembainhava o alfange, ou cimitarra; cortava o pescoço ao monstro, e sem se proferir palavra, a cabeça era mostrada a todos os membros. Esta scena mythologica, que, segundo *Vassal*, servio de base ao undecimo Gr. do R. Esc., era terminada por uma explicação allegorica, pela qual o Inic. aprendia que *Typhon* representava o fogo, agente terrivel e ao mesmo tempo necessario; e que *Horus* era o emblema da industria e da razão, com que o genio do homem podia obrar maravilhas.

O estudo n'este Gr., era especialmente, a *Alchymia*, e não a *Chimica*, como diz o *Crata Repoa*; por que a ultima é uma sciencia moderna, entretanto que a *Alchymia* foi cultivada pelos Egypcios, e fundada por *Hermes*. A Pal. d'Ord. era *Alchymia*.

---

## SEXTO GRAU,

---

### ASTRONOMO.

#### DEFRENTE DA PORTA DOS DEUSES.

Quando o Inic. estava sufficientemente instruido na Alchymia, o Thermosphoris o conduzia algemado até á *porta da morte*, depois da qual se encontrava uma caverna cheia d'agoa, onde vogava a barca de *Caronte*. Nos lados da caverna havia muitas tumbas, que se suppunha encerrarem as cinzas dos, que tinham trahido a Sociedade. O Inic. era ameaçado da mesma pena, si um dia commettesse o mesmo delicto.

Sendo depois introduzido na assemblea dos padres, o Cand. prestava um novo juramento, e ouvia a explicação da origem dos Deoses populares. Era n'este logar que os padres faziam saber ao Cand. não só a necessidade de conservar o polytheismo entre o povo, mas tambem, que a doutrina do 1.º Gr. tinha por objecto o *Ente Supremo*, que rege o systema do Universo.

O Cand., depois de ter passado a *Porta dos Deoses*, era introduzido n'um magnifico Templo (Pantheon entre os Gregos e Romanos), onde se achavam representados todos os Deoses ate então adorados.

Era lá que o Demiurgos mostrava, sem reserva, a verdadeira causa do polytheismo; assim como se mostrava tambem ao Cand. uma lista chronologica, que continha os nomes dos membros da Ord., que se achavam espalhados pela superficie do globo.

O Inic.: n'este Gr.: era obrigado a fazer observações astronómicas com os mais membros, e aprendia uma dança particular, que figurava o curso dos astros.

A Pal.: d'Ord.: era *Ibis* (vigilância): e o Gr.: era inteiramente consagrado ao estudo theorico e pratico da Astronomia (1).

---

## SETIMO GRAU.

---

### PROPHETA, OU SAPHENATPANCAH

#### HOMEM QUE CONHECE OS MYST..

Este Gr.: era o ultimo e o mais eminente, onde se dava a explicação completa de todos os Myst.:. O Astro-nomo não podia obter este Gr.: (que o habilitava a todos os empregos publicos e politicos) sem o consentimento do Hierophante, do Demiurgos, e dos outros socios.

O Cand.:, depois d'aprovado e instruido nos verdadeiros fins dos Myst.:, dava motivo a uma processão publica, chamada *Pamylach*, (*circumcisão da lingua*; pois que o Inic.: tinha o direito de fallar e ensinar sobre tudo) na qual todos os objectos sagrados eram expostos ao publico.

Concluida a processão todos os Prophetas, durante a noite, sabiam da Villa, e iam clandestinamente reanir-se n'um vasto e rico edificio, perto de Memphis, que

---

(1) Este Gr.:, segundo Vassal, deu motivo á doutrina dos gr.: 21, 22, 23, e 24 do R. Escoc.:.

chamavam *Maneras*; porque o povo julgava ser ali, onde os Inic.: communicavam com as almas dos mortos.

Este edificio era quadrado, e ornado com muitas columnas, entre as quaes se figuravam tumbas, sphynxes, e outras pinturas, que representavam todos os trances da vida humana.

Apenas o Cand.: entrava no *Maneras* se lhe dava uma bebida feita de vinho e mel, que se chamava *Oimellas*: e se lhe dizia « que o termo de suas experiencias era «chegado, e que a doçura da bebida exprimia a recom- « pensa de seus longos estudos. »

O novo Propheta tomava por decoração constante uma cruz tautica, da qual a significação era só conhecida pelos Inic.: d'este Gr.: cobria-se com um vestido branco, que se chamava *Eiangi*, e alem de ser tonsurado, trazia na cabeça um toucado de forma quadrada,

O Sign.: principal era d'encruzar os braços, e metter as mãos nas longas mangas do vestido.

A Pal.: d'Ord.: era *Adon* (Senhor, Sol).

Estes Inic.: tinham a prerogativa de concorrer á eleição do rei, e de possuir a *viga*, ou chave-real, para poderem lêr todos os documentos mysticos em linguagem *amonnica*.

Tinha cada um dos empregados seus habitos diferentes, e sua reunião era terminada por uma *céu mystica*.

« Este Gr.:, diz o I.: Vassal, tem grande analogia « com a consagração do Sacerdocio, e com a ordenação « do Catholicismo; por isso elle não ora conferido sinão « aos, que se destinavam a ser Padres nos Templos egypcios: *Moyses* parece ser o unico, que, por excepção, « recebeu este Gr.:, e o conferio depois a seu Irmão « *Aarão*, quando hiérophanto do culto hebreo: entretanto, « conclue o mesmo author, nós não pensamos que a maior « parte dos antigos philosophos fosse n'elle iniciada. »



---

## SECÇÃO SEGUNDA.

### CAPITULO I.

#### MAÇONARIA ENTRE OS HEBREOS.

**A** HISTORIA Egypcia nos ensina que Pharaó Orus, vendo que os Judeos se multiplicavam extraordinariamente, o que lhe poderia comprometter a segurança do Reino, para lhes diminuir o numero, os cobrio de trabalhos, e lhes fez construir canaes e Cidades; e emfim a Biblia nos diz tambem, que Orus lhes ordenou que deitassem ao Nilo todos os seus filhos machos: Em consequencia d'esta ordenança Moysés foi lançado n'aquelle rio dentro de um cesto; e, segundo diz a Biblia, elle teria sido victima sinão fóra a compaixão que inspirou a *Thermutis*, filha de Orus, que passeava perto do rio n'essa occasião.

Pela morte de Orus, *Thermutis* lhe succedeu; fez dar a Moysés a educação, que daria a um filho seu; e d'este acontecimento lhe veio o nome de Moysés (salvado das ondas). Fallecida a sua protectora, Moysés foi perseguido, emigrou para a Arabia-Petria, sitio limitrophe do Egypto; e lá se cazou com uma filha de *Madian*, chefe d'uma tribu Arabe; mas Moysés, passados tempos, e por convite de seu irmão *Aarão* e sua irmã *Maria*, que tinham ficado no Egypto, alli voltou para se pôr á frente

dos Judeos, quando expulsos do mesmo paiz, nos principios do seculo 16 antes de Christo.

A opinião de que Moysés foi padre Egypcio, e de que foi chefe dos Judeos, quando expulsados do Egypto, é confirmada por muitos authores como sam *Joseph, Diodoro de Sicilia, Tacito, e Justino.*

Attribuem-se a Moysés diferentes livros da Biblia: o *Genesis*, o *Exodo*, o *Levitico*, os *Numeros*, e o *Deuteronomio*: estas obras teem uma grande similhança com as instrucções dos padres Egypcios; o Sacerdocio brilha em todas as suas paginas; eram padres, que deviam governar a Nação Judaica: entretanto parece dever crêr-se que, alem dos livros Egypcios, Moysés tiuha lido a Historia Phinicia da Creação por *Sanchoniathon*, padre de Beryte, que viveo 937 annos antes de Moysés e Semiramis; porque n'esta obra se lê que houye um povo *Eleito* pelo Eterno; que sua criação começou tambem por um *Adão*; e que seu primeiro filho foi um *Cain*. etc. etc.

Moysés, segundo o uso dos Egypcios, instituiu a *Paschoa* (passagem); e foi depois d'esta cerimonia que elle se pôz á frente dos Israelitas, e com elles sahio do Egypto. (1)

Moysés vio-se obrigado a fazer peniveis marchas aavez d'áridos desertos, para chegar á Judéa, que chamcu a *Terra da Promissão*; (2) n'este intervallo tratou de policiar os Hebreos dando-lhes leis; governou-os como pa-

(1) A *Paschoa*, entre os antigos Egypcios, quer dizer *passagem* do Sol no equinocio da primavera, debaixo do emblema de *Aries* ou *Cordeiro*; mas entre os Christãos é a festa commemorativa da *resurreição* de Christo, denominado o *Cordeiro de Deos*.

(2) Foi pela destruição total dos do paiz, que os Hebreos se assenhorearam da Judéa.

dre, legislador, e rei; e para melhor os dominar lhes persuadio que elle havia sido *escolhido* por Deos para esse fim; *eleito*.

Moysés, segundo as instituições dos padres Egypcios, deu aos Judeos; para fundamento de sua religião, o culto de *um Deos unico*, do grande *Jehovah*, a quem se deviam dedicar todos os votos do povo; admittio tambem para auxiliares o *bom* e o *mau principio*, que os Judeos; depois do captiveiro de Babilonia, mudaram em *Anjos da Luz* e das *Trevas*, que, na Biblia, presidem aos elementos e aos planetas, e que em fim o *Apocaliye*, Cap. 22, arranjou em batalha; o que tudo se deve considerar como uma *allegoria* para nós explicar o contraste do *bem* e do *mal*.

Muitas religiões da antiguidade honravam o *bom* e o *mau principio* por meio de sacrificios: os animaes brancos eram sacrificados pelo bom principio, por Deos, author e conservador da natureza, pelo Gr.: Arch.: do Univ.:; e os animaes negros eram sacrificados pelo máu principio, pelos deoses inferiores, e destruidores. (1) Tambem no Psalmo XC ha Anjos bons, que sam destinados a servir de guarda aos homens: em *Daniel Cap. VII.* o numero d'elles é infinito: no *Apocalypse Cap. XII.* Miguel e seus anjos combatem o Dragão, o Satanáz: e emfim nações e Monarchas teem seus anjos tutelares: e a synagoga tambem teve o seu Archanjo *Gabriel*. Os criticos dizem que é precizo ser visionario para admittir a realidade de tantos anjos e de seus combates; mas deveriam primeiro lembrar-se de que eram discripções allegoricas, tendo por objecto a *astronomia*: os padres do Egypto nunca acreditaram no assassinato d'*Osiris*, nem que uma *Vitella*, ou uma *Cebolla* podesse ser divindade: tambem nunca credi-

---

(1) B. Montfauçon.

taram na realidade de *Typhon*, nem em um Deos, que nasce, morre, e resuscita: em tudo isto não viam sinão • *Sol* e os effeitos da natureza.

Moysés dividio o seu povo em 12 tribus, em commemoração dos 12 Patriarchas, que governaram os Israelitas antes da sua sahida do Egypto: (1) ordenou mais que os padres fossem sustentados á custa do publico, como entre os Egypcios: e emfim que elles fossem vestidos de *linho* mas que o Soberano Pontifice trouxesse ao pescoço, como os padres de *Isis*, a imagem da *Verdade* sobre uma *saphira* (2). Como os padres do Egypto, os Judeos barbeavam a cabeça, e este costume passou athe aos Imperadores Romanos e aos clerigos de Christo; mas a tonsura Egypciaca só representava, como entre os Cenobitas de hoje, o *disco do Sol*.

Os Pontifices de *Isis*, assim como os de Moysés, traziam por cima da *Alva* uma *Capa d'asperges*, á roda da qual estavam pendentes 365 pequenas capainhas d'ouro, que lembravam os dias do anno; e entre os Egypcios eram em numero de 72, que indicavam os 72 assassinos de Osiris (3). Dos Egypcios, este ornamento passou aos Judeos, e d'estes aos Pontifices Chistãos (4). O *Ephod*, *Pei-*

(1) Muitos Ritos e gr.ª mencionam este facto.

(2) Este ornamento era composto de 3 ordens de 3 pedras cada uma, que davam o numero mystico de 9, e que figura em muitos gr.ª do Rito Maç.ª.

(3) Entre os *Carbonarios* este numero allude aos 72 espinhos que compozeram a cotoa do nosso divino Mestre Jesus.

(4) Antigamente estes ornamentos explicavam-se da seguinte maneira: (1) ouro puro figurava a *sabedoria*, a *innocencia*, e a *justiça*; as campainhas advertião os Pontifices de que todos os seus passos eram escrupulosamente *observados* e de que deviam viver em *santidade*:

*toral*, e *Racional*, de que usam os padres Christãos, e usaram os padres Egypcios, tambem os Judeos os tinham assim como teem alguns Ritos Maç.: particularmente a alta Maç.: Egypciaca. No *Peitoral* viam-se os symbolos de *Urim*, e de *Thumin* (verdade e justiça); e no *Racional*, que era composto de 12 pedras finas diferentes, estavam gravados os nomes de Deos (1): este ornamento, referindo-se ao Sol, indicava os 12 mezes e as quatro estações do anno: a astronomia é o verdadeiro sentido occulto dos *Numeros* (2).

Moysés para modelar tudo pela doutrina Egypcia inspirou aos Judeos as *abluições*, as *flagellações*, a *circumcisão*, e a *proibição de certas carnes*, que os padres do Egypcio tinham como *impuras*.

A exemplo dos Egypcios e dos Ethioes, Moysés estabeleceu tambem a *casta privilegiada* dos padres, na tribo de *Levi*, e instituindo experiencias para a sua *adopção*, prescreveu *segredos*, impenetraveis ao povo, o que tambem os Christãos, e os Maç.: conservam em seus *Myst.:*

(1) Os Hebreos tinham muitos Deoses, que todos se referiam ás letras do seu alfabeto, e eram:

<i>Eh'ieh</i> , (Ero)	<i>Meborach</i> (Benedictus)
<i>Bahur</i> , (Electus)	<i>Nora</i> (Formidabilis)
<i>Ghastol</i> (Magnus)	<i>Semech</i> (Fulciens)
<i>Daghul</i> (Insignis)	<i>Ngannu</i> (Potentia)
<i>Hadur</i> (Formosus)	<i>Phodeh</i> (Redemptor)
<i>Zacchai</i> (Purus)	<i>Tzedek</i> (Justitia)
<i>Ahaid</i> (Misericors)	<i>Kodsch</i> (Sanctitas)
<i>Tahor</i> (Mundus)	<i>Rahhum</i> (Clemens)
<i>Jah</i> (Deus)	<i>Schldai</i> (Omnipotens)
<i>Cabbir</i> (Potens)	<i>Thamim</i> (Perfectus).
<i>Limmud</i> (Doctus)	

(2) Este ornamento e este nome se conservam em um gr.: do Rito de St. Martin.

Desde então os *Levitas* ficaram sendo os guardas dos vasos sagrados e dos lugares santos. *Strabon* diz que os padres do Egypto attribuíam o estabelecimento das castas privilegiadas á instituição emanada de Isis, o mesmo diziam os *Brahamines* (1). Eis aqui como a distincção das castas se costuma fazer onde os padres, julgando-se invioláveis, fazem uma casta á parte dos outros cidadãos!!!

Os *Levitas* foram consagrados por *Moysés*, segundo o Rito Egyptico, pela *imposição das mãos*; depois os fazia entrar no *atrio* do Templo; tomava-os pelas mãos, e levantando-os um pouco acima da terra, lhes fazia dar movimentos d'agitação para os *quatro pontos cardoaes*. Observa-se que antes d'esta cerimonia o Candidato devia estar 7 dias sem sahir do Tabernaculo, o que claramente indica que tinham preparações e *experiencias* antes de serem admitidos (2): Donde se tira, que a instituição dos *Levitas* era um *fac-simile* da Casta Sacerdotal dos Egypticos. Na consagração pela imposição das mãos, *Moysés* fez uso d'um *Óleo Santo*, de que usaram os Egypticos, e usam hoje os Christãos: era com este oleo que elle unta os vasos, aptos para o serviço do grande *Jehovah*, e com o qual consagrou seu irmão *Aarão* (3).

No livro dos *Numeros* Cap. 3.º lê-se, que todo o pro-

(1) Estes estabeleceram que o Deos *Brama* tinha creado um filho *Brahama*; que do braço direito d'este havia sahido um guerreiro, era a Casta *nobre*; que do braço esquerdo sahira a *mulher*; que da *Côxa esquerda* nascera um *agricultor*; pae dos agricoltas e commerciantes; que do pé direito nascera um filho, que foi o pae dos, que eram condemnados aos trabalhos e á escravidão: vej. *Pottier, Myth des Ind.*

(2) *Levitico* Cap. 8, e *Exodo* Cap. 40.

(3) Em alguns gr. Maç., na consagração do Pontífice, ainda hoje se usa da mesma unção.

fano, que se aproximar do Tabernaculo, será morto; e no Levítico Cap. 8.º a pena de morte é prescripta contra os padres, que deixarem de vigiar de dia e de noite na guarda do Tabernaculo; prova isto que havia *um segredo estabelecido entre os Myst. dos Judeos*, mesmo na tempo de Moysés, como o era entre os Egypcios (1):

Moysés encarregou os padres da *instrução publica*; e assim devia succeder em um governo theocratico: é o bello tempo que o Sacerdocio espera ainda um dia! Moysés tambem encarregou os padres da *conservação dos Myst.* e suas ceremonias; e assim devia ser, não querendo que se pudesse chegar ao Sacerdocio sem ter adquirido as *sciencias occultas*, isto é, as *doutrinas oraes*, que occultavam aos outros Israelitas afim de conservarem o governo Sacerdotal e theocratico (2).

Os padres e os Levitas não possuíam gados nem terras; mas tinham benefícios immensos, e formavam á custa dos outros a tribu mais rica de Israel: Este privilegio lhes foi contestado pelas outras tribus, que tambem queriam ter seus Sacrificadores e padres; e, depois de muitos combates, Moysés fez tomar 12 *Varas*, sobre cada uma das quaes gravou o nome d'uma tribu indicando assim, que um egual direito chamava todas as tribus ao Sacerdocio. A Vara d'Aarão *floresceu*, e este signal prodigioso lhe valeo o Sacerdocio, assim como á tribu de Levi; e por consequente os filhos d'Aarão ficaram sendo os Sacrificadores (Prin-

(1) Isto se refere em nossos trabalhos, á guarda do I.º Terr.º e ás perguntas, que sam feitas quando se entra em L.º.

(2) Em certas ordens philosophicas e Maç.º tambem hoje se conservam *instrucções oraes*, que se não communicam aos outros II.º; e onde se observa a legenda

*Je garde et moi je cache.*

cipes), e os Levitas os unicos guardas do Tabernaculo (1) ; mas estes diretos divinos e immuniades ecclesiasticas, estabelecidos por Moysés, que os Levitas sustentaram com a espada, e que os padres de Roma adoptaram depois, tiraram a sua origem do Egypto ; porque os padres Egypticos, segundo *Diodoro de Sicilia liv. 2.º*, affirmam que a Deosa Isis lhes havia dado o terço de seu Reino, afim de os convidar a renderem homenagens a Osiris, seu esposo : e com effeito estes padres gosaram muito tempo do direito d'uma tal possessão ; mas, quando o governo passou ás mãos dos reis, elles obtiveram em indamnisação de sua perda, não só os dizimos, mas tambem a exempção de todos os cargos publicos : Os padres Egypticos não pagavam tributo algum, mas só os recebiam. (2)

*Moysés*, em seus *Myst.*, e depois d'elle *Salomão*, adoptaram um grande numero d'emblemas Egypticos, que, depois d'elles, nós conservamos na Maç., e sum :

*Mar de Cobre* : entre os Egypticos : servia á purificação dos Neophytos por meio da agua ; representava o symbolo do anno sustentado por doze *Novilhos* que designavam os 12 mezes ; tres dos quaes olhavam para o Oriente, tres para o Meio-dia, tres para o Occidente, e tres para o Norte, alludindo d'este modo ás quatro estações. Os Egypticos celebravam seus *Myst...* durante 9 dias e na

(1) Vej. Numeros Cap, 7, e 8.— Os padres de Christo muitas vezes se teem servido deste texto para sustentarem a egualdade de diretos aos beneficios ecclesiasticos: a vara é o seu baculo pastoral, a que chamam *Linus*.

(2) O mesmo já succedeu na Europa, onde as rendas ecclesiasticas excederam ás dos reis e dos vassallos: Em Portugal e Hespanha já o Sacerdocio possuio rraiz, do que Isis deu outr'ora aos seus padres!!!

Lua cheia de seu 7.º mez : no segundo dia os Iniciados deviam purificar-se no mar ; mas para os Templos, que estavam d'elle distantes, os padres estabeleceram o grande vaso, *Mar de Cobre* de Moysés, assim como foi o de Salomão, os dos Christãos, e o dos Maç.:. Esta purificação, que tambem tinha logar na Grecia, na mesma estação e dia, se chamou *Alude Mystai* (Banho do Mar) (1): Por meio dos Novilhos tambem Moysés quiz conservar a memoria dos 12 Patriarchas, symbolisando o Deos *Apis*; por que estes Patriarchas não só tinham precedido Moysés no governo dos Israelitas, durante o captiveiro no Egypto, mas tambem para lhes dar a entender que as suas leis eram, pouco mais ou menos, as delles, e apoiadas sobre os direitos sagrados da natureza e do Sacerdocio (Estampa 1.ª N.º 1).

*Candelabro* de 7 braços e de 7 luzes, era o symbolo dos 7 planetas e das 7 sciencias que os padres deviam estudar, como os de Memphis e de Thebas, a saber: a *Grammatica*, a *Logica*, a *Rhetorica*, a *Aritmetica*, a *Geometria*, a *Musica*, e a *Astronomia*: (Est. 1.ª N.º 2).

*Altar dos Paes de Proposição*: designava a *communidade* de bens; que devia necessariamente existir entre todos os padres; assim como a obrigação d'uma mesma, communhão e participação, cuja allegoria se conserva ainda entre os Maç.:. (Est. 1.ª N.º 3).

*Altar dos Perfumes*: indicava aos Levitas, como aos

---

(1) No *Exodo* Cap. XXXVIII. v. 8. Vê-se que as mulheres da tribu de Levi offereceram a Moysés seus espelhos de cobre e prata para que mandasse fundir o *Mar de Cobre*; e, como ellas tambem guardavam a porta do Tabernaculo, alguns authores pensam que tambem eram Iniciadas na primeira Ordem dos Myst.:. e pretendem que d'estes tiram origem os Myst.:. das *Damas* ou de *Adopção* de hoje.

Maç.:, que os votos dos mortaes devem dirigir-se ad Gr.: Arch.: do Univ.:; e que devem sempre ser puros; e superiores ás paixões humanas. (Est. 1.ª N.º 4)

*Naveta*: contendo o insenso, nos lembra; assim como aos Levitas, o fogo das virtudes: que deve abraçar o coração d'um Maç.: zeloso: os Gregos lhe chamavam *Thymiaterion*, e os Romanos *Thuribulum* (Est. 1.ª N.º 5)

*Bilha d'ouro*, ou o vaso do maná, que Moysés tinha fechado no Tabernaculo, designava que os padres, afim de bem exercerem seu ministerio, deviam ser nutridos do maná espiritual, que se encontrava nas sciencias, cujo estudo lhes era formalmente ordenado. (Est. 1.ª N.º 6).

*Mitra*: ornamento dos padres de Isis e Osiris, que tambem foi adoptado pelos padres de *Mytras* na Persia, e pelos de Jupiter em Athenas e Roma. Esta Mitra tinha uma lamina d'ouro, que cobria a frente e representava o *Sol*. (Est. 1.ª N.º 7) (1):

*Cordão arreadado*: é uma cinta Egypcia, que symbolisava a *União*, que devia reinar na Ordem Sacerdotal dos Levitas: este emblema sacerdotal passou dos Judeos aos Christãos, aos Cruzados, aos Templarios, e aos Maç.: de todos os Ritos: (Est. 2.ª N.º 1)

*Livro da Verdadeira Luz*, a Lei e os Prophetas: sobre este livro vê-se apoiado, como sobre o do *Apocalypse*; um Cordeiro, tendo em unta das mãos a bandeira do triumpho, a *Stekenna*, a cruz da immortalidade: os padres Egypcios o consideravam como o symbolo da *resurreição* ou *regenera-*

---

(1) Esta *Mitra*, segundo alguns, servio tambem d'enfeite ás raparigas Romanas, que vendiam seus favores perto do *Templo da Fortuna*: Tambem uma Igreja de Madrid, perto da porta do Sol, apresenta uma analogia curiosa com esta Deosa; porque as Damas vam alli pedir para terem n'esse dia alguma amorosa ventura: a Igreja chama-se tambem *Nuestra senõra della buena Fortuna*.

ção do Sol, por causa da victoria, que elle obtinha sobre o signo de *Aries*: Este livro não podia ser lido entre os Judeos sinão pelos padres, por causa das allegorias e *Msyt.* que continha, cujos conhecimentos se não podiam obter sem as 7 sciencias, designadas no Apocalypse pelos 7 sellos: Estes, em alguns Ritos Maç., se referem aos sete sacramentos de Roma; entretanto os Reis e os Sacrificadores Hebreos não se guiaram sempre pelo Livro da Lei. (1) Est. 2.<sup>a</sup> N.º 2 e 3)

*Columnas*: uma designava a *nuvem* espessa que guiava Moysés durante o dia, e outra o *fogo* que o conduziu durante a noite atravez dos desertos. Os padres Egypticos elevavam nas margens do Nilo *columnas* cobertas de hieroglyphos, consagrados á utilidade publica: o *Sphinx* se achava gravado em quasi todas as *columnas* para advertir que as inundações do Nilo aconteciam no signo de *Leão* e da *Virgem*; e com effeito estes signos reunidos dam a figura do *Sphinx*; nestas mesmas *columnas* tinha-se marcado para instrucção dos lavradores o curso do Sol, as phases da Lua, as revoluções das estações, e os mezes, figurados por differentes producções, ou animaes, conforme nasciam em um tempo mais, do que em outro. Além d'estas *columnas* havia outras dentro dos Templos cheas de symbolos, e por estes os padres estudavam a sua religião, a sua historia, e as observações solares, principalmente as do Egypto. *Columnas* tambem se achavam nas Pyramides, onde representavam Isis e Osiris tendo na mão um d'elles uma *regradeira* ou *esquadria*, e o outro um *azorrague* ou *disciplina*, para lembrar aos Padres que todas as acções humanas sam medidas, recompensadas ou punidas pela divindade: e eis por que depois Salomão introduzio tambem na porta Oriental de seu Templo as duas eolum-

(1) Vej. Liv. 2.<sup>o</sup> dos Reis Cap. 22, e 23.

nas *Jakin* e *Bohaz*, para lembrar aos Levitas que todas as acções humanas são medidas pela *Firmeza* e pela *Força* do grande Jehovah. (Est. 2.<sup>a</sup> N.º 4)

A *Arca e as Taboas da Lei*: Moysés, descendo do Monte-Sinai com as Taboas da Lei, que teem a mesma configuração, que tinham as pedras monumentaes do Egypto, quiz indicar aos Judeos que era o seu primeiro Legislador, dando-lhes dogmas moraes e religiosos á maneira dos, que elle tinha aprendido em Heliopolis; e que, como estes, se deviam conservar em uma *arca* emblematica, que tinha tambem a figura elliptica: (Est. 2.<sup>a</sup> N.º 5 e 6). Era sobre o Monte-Sinai que Moysés fallava com Deos, de quem recebeu as *Leis* e a *Palavra Ineffavel, Jehovah*, que ninguem, sinão elle, podia pronunciar (1):

Os padres Judeos davam tanta consideração á palavra *Jehovah*, que mesmo os Levitas não a podiam escrever: e era com uma grande cerimonia, que, uma vez por anno, o grande Pontifice a pronunciava no meio de muito estrondo, em 10 do mez de Thischri (2). Este dia era

---

(1) Exodo Cap. XIX e XXXIII. A facilidade, com que Moysés fallava a Deos, causou ciume a seus irmãos Aarão e Maria (Numeros Cap. XII) que diziam perante os Hebreos ter gosado do mesmo privilegio. O mesmo fez *Mahomet*, *Numa*, e todos os, que teem querido impor ao povo que são inspirados pela divindade: Em o gr.º 13 do Esc.º o Templo é figurado pelo Monte-Sinai.

(2) A denominação dos mezes hebreos é tambem conservada nas actas Mag.º, d'alguns Ritos.

<i>Thischri</i> ....	Março,	<i>Nisan</i> .....	Setembro.
<i>Marchvan</i> ..	Abril.	<i>Har-ou-Zio</i> .	Outubro.
<i>Kisleu</i> .....	Maió.	<i>Sivan</i> .....	Novembro.
<i>Thebet</i> .....	Junho.	<i>Tamuz</i> .....	Dezembro.
<i>Schevet</i> ....	Julho.	<i>Ab</i> .....	Janeiro.
<i>Adar</i> .....	Agosto.	<i>Elul</i> .....	Fevereiro.

de expiação, em que o grande Padre estava em oração; e um pouco antes de pronunciar o *Jehovah*, os Levitas excitavam o povo a fazer estrondo no Templo, como os Christãos ainda hoje fazem na *Semana da Paixão* pela extincção da ultima luz; e obrava-se assim porque se fazia crer ao povo que morreria todo aquelle, que ouvisse a dita palavra, sem que para isso tivesse direito: e eis porque, em nossos Templos, ella só se *soletra*. Tal é a base do nosso dogma, e de todos os *Myst.*: da antiguidade.

Moysés, depois de ter dado ao povo Judeo dogma, *Myst.*., e leis civis, lhe concedeu tambem uma *sombra* de poder, mesmo para interesse do seu systema theocratico; deu-lhe o direito de eleição dos *Juizes e Anciães*, como tinha já feito no *Egypto*; mas prescreveu-lhe ao mesmo tempo que estes juizes e estes Anciães deviam só ser *elei* os na casta dos Levitas: os *Maç.*: ainda hoje conservam a lembrança d'esta instituição em alguns de seus Ritos; donde vem o nome de *Preboste, Juiz, Mestre d'Israel, Chefe das dose tribus etc. etc.*

*Moysés*, proximo ao fim da sua vida, tinha feito cavar um abismo em logar solitario, aonde elle dizia ir comunicar com a divindade (1); mas os criticos pretendem que, vendo-se *Moysés* proximo da morte, elle se lançara n'aquelle abismo para se fazer acreditar *immortal*, e poder assim eternizar seu nome; e ajuntam que *Helias, Xamolxis, Romulo*, e o Evangelista *João* fizeram o mesmo: Tambem se tem achado analogia entre os Hebreos e os Romanos, e entre *Moysés* e *Numa*. Os fundamentos de Roma e de *Jerusalem* foram regados com sangue humano; os dous povos devorados pelo roubo e pelo assassinio; *Moy-*

---

(1) Deuteronomio Cap. IV,

*sés* e *Numa* tiveram seus olhos fixos no Céu, e de lá fizeram descer leis para civilizar os barbaros. *Numa* elevou altares, instituiu danças e obrou sacrificios e prodigios; e *Moysés* deu uma religião aos Hebreos, regrou as suas festas, e obrou sacrificios e milagres: ambos fizeram descer fogo do Céu: *Numa* teve revelações celestes; e *Moysés* fallou a *Jehovah*. Ambos elevaram a cabeça aos Céus para terem os homens aos pés. Ambos deram uma Lei oral, que não devia ser conhecida do povo: *Numa* desapareceu d'entre os Romanos, e *Moysés* d'entre os Judeos. Com effeito logo que *Moysés* desapareceu, o povo d'Israel o julgou transportado para o méio da gloria celeste. Seja porem como fór, a *Escriptura Santa* lhe faz grandes elogios por ter sido instruido na sabedoria dos Egyptios: *Tacito* o pinta como um homem, que sabia aproveitar-se da occasião para chegar a seus fins, e finalmente em muitos Ritos e gr. Maç.: *Moysés* é mencionado. (1)

Nos seus primeiros Myst. os padres e os Levitas tinham adoptado emblemas trazidos do Egypto, e que guardavam no Tabernaculo e na Arca: a maior parte d'estes emblemas ainda hoje se conserva na Maç.: Mas observe-se que esta tinha dentro as *Tuboas da Lei* e a *Vara de Aarão*, pela qual os Levitas queriam indicar á posteridade, que o poder dos padres devia ir adiante de tudo, e devia sér, pelo menos, tão sagrado, como a Lei de Deos (2). Os padres Israelitas, como os de Roma, fize-

---

(1) Actos dos Apostolos Cap. VII: Hist. de Tacito liv. V; e Diodoro liv. I.

(2) Eis o typo da dominação universal, que os padres procuram estabelecer em todos os tempos e em todos os países, seja pela força, seja pelo artificio: eis a causa da veneração profunda, que elles tratam d'inspirar pela

fam e fazem um corpo separado na Sociedade e no Estado. É um corpo exulado, que para manter seu poder, diz R. de Schio, «nem os reis da terra, nem suas famílias devem ser poupadas; e para isto se acreditará bastará ler a acção de graças, que Moysés deu antes da sua morte aos padres e á sua tribu de Levi: (1)» Esté documento deve pôr alerta, para sua propria segurança, todos os Príncipes do Universo: Esta acção de graças é particularmente dirigida aos Levitas feroces, que, ávidos do poder, deram a morte a seus paes e a seus irmãos; e eis a origem de certas maximas, que se acham no Novo Testamento, e que serviram de base aos juramentos da instituição dos Jesuitas. É por esta razão que *Voltaire* falla do seguinte modo:

«Abri vossos olhos e corações, Magistrados, Homens d'Estado, Príncipes, Monarchas; considerai que na Europa não existe reino algum, onde os reis não tenham sido perseguidos pelos padres. Diz-se-vos que esses tempos sam passados, e que não voltarão mais. Ai de mim! Voltarão amanhã, si hoje banirdes a tolerancia; e vós sereis victimas, como o foram muitos de vossos predecessores!!! (2).

Por ultimo diremos que os Myst.: Hebraicos, deixando de parte as regras supersticiosas e disciplinares do culto de hoje, parecem ter tido a mesma base; que os

Bíblia, posto que uma grande parte d'ella esteja hoje regeitada pelos *Talmudistas*. Não sam os preceitos da Lei; que os padres manifestam; sam os direitos, que Moysés lhes deu gratuitamente sem consultar a vontade nem o interesse do povo! Algumas honrosas excepções conhecemos, e a estas não nos referimos.

(1) Deuteronomio XXXII Cap. 42; e XXXIII.

(2) Vol. 35 pag. 342, edição Bâle:

Myst.: dos Magos; porque não foi sinão aos 4:004 annos antes de Christo que a theogonia Hebraica foi estabelecida.

Os primeiros Hebreos designavam o seu Deos debaixo do nome *Jehovah* ou espirito; por conseguinte *indefinivel*, como é o Sol, e o pensamento; que se concebem mas não se podem definir. *Jehovah*, segundo os Hebreos, creou o *bem* e o *mal*; o homem representava o *bem*, porque era uma emanação da divindade; e as paixões inherentes á especie humana; representavam o *mal*. Esta theogonia pareceo tão superior ás, que haviam precedido, que os padres da India, do Egypto, e da Grecia a adoptaram alternativamente; mas não a desenvolveram sinão aos seus discipulos, e sómente nos altos Gr.:; e não foi sinão em 1:600 antes da nossa era que Moysés, iniciado nos Myst.: Egypcios, expóz no seu *decalogo* os principios religiosos e moraes da mesma doutrina (1).

---

## CAPITULO II.

### *Templo material de Salomão.*

As Leis, dogmas, e Myst.: de Moysés se conservaram athe ao tempo de Samuél, que foi o ultimo Pontifice e Rei. N'esta época, diz a Biblia, um intrigante da

---

(1) A Theogonia hebraica, segundo Vassal, foi precedida pela Theogonia dos Indios, Baniãos, Japonios, Chinezes, Persas, Phenícios, Atlantas, Scandinavos, Celtas, e Esclavonios; mas a maior parte d'estas era tão absurda e extravagante; que a fé mais robusta não podia admitti-las.

tribu de Judá, que se achava descontente pelas fraudes e artificios dos filhos de Samuél, *que eram padres mui corrompidos*, incitou o povo contra o regimen dos Anciães. Os rebellados pediram a Samuél que lhes consagrasse um rei para chefe da Nação Israelita; porque queriam derribar o governo theocratico.

Os Padres e os Levitas, conservando os Myst.: e privilegios, tendo sempre estado á frente do poder, lhes fizeram encarar os males, que se seguiram a esta reforma, que, segundo elles, não era analoga nem aos conhecimentos dos Judeos, nem praticavel pela pequenez e pobreza do paiz; mais lhe diziam que os povos circunvizinhos, sujeitos a governos eguaes aos, que elles reclamavam, eram expostos a toda a especie d'arbitrio, e por isso privados dos direitos e liberdades civis, de que o povo Hebreo athe então gosava; e enfim lhe profetisaram os males, a que a posteridade ficaria sujeita, si viessem a estabelecer o governo *duro* dos reis (1).

Pelo que fica dito se vê qual seria a indignação e o pezar, com que os padres olhavam este movimento popular, que lhe podia vir a quebrar a *Vara d'Aarão*, que tantos respeitos lhes tinha valido; comtudo o povo persistio em seus projectos; mas Samuél, que, como Abraham e Moysés, tinha aprendido nos Myst.: do Egypto, fez cahir sobre elles pragas e raios, para dissuadir a multidão: provavelmente Samuél tinha exactos conhecimentos sobre a *electricidade*, ou já conhecia os maravilhosos efeitos do *Espelho ardente* d'Archimedes: *Buffon* tambem reunio pela reflexão de 168 espelhos os raios solares; inflamou páus a distancia de 200 passos, fundio chumbo a 150; e prata a 50. Os antigos deviam tambem conhecer o *phosphoro*; porque as Vestaes accendiam

---

(1) Liv. I dos Reis *Samuél*.

o fogo sem instrumento algum. Donde se tira que Samuél quiz fazer acreditar com taes prodigios que os Pontifices tinham commercio com o Eterno; e, impondo ao povo, quiz persuadir-lhe que os elementos obedeciam ás suas ordens. Mas o povo Judaico, prévenido pelos chefes da revolta, de que Samuél e os Padres não fallavam sinão pelos seus interesses, nem attendeu aos seus raciocinios, nem se espavorio com seus prodigios. Em consequencia Samuél, na qualidade de Pontifice, foi obrigado a consagrar *Saul* como *Rei*; que depois nem correspondeu ás esperanças, que o povo tinha concebida, nem ás de Samuél mesmo; que o tinha nomeado.

*Saul* persuadiu-se de que a supremacia do Sacerdociio devia estar reunida á coroa, porque elle se via representante dos antigos Patriarchas, que tambem tinham sido Sacrificadores e Governadores; e por isso um anno depois de sua elevação ao throno, e achando-se á frente de sua armada, prestes a dar batalha aos Philisteos, na ausencia de Samuél ousou offerecer a Deos sacrificios e holocaustos pela prosperidade de sua empresa. Samuél chegou logo depois d'esto sacrificio; e, posto que era obra de piedade, todavia reprehendeu *Saul*, e lh'annunciou que por esta ousadia *Deos escolhia outro rei, e d'outra raça*: d'onde nasce o adagio de Roma: *Obedecer aos padres é mais agradável á divindade, doque o culto do mesmo Deos*, —

*Melior est obedientia quam victima* (1).

Foi em vão que *Saul* se humilhou; Deos tinha declarado ao seu Propheta que se havia arrependido de o

---

(1) Liv 1.º de Samuél Cap. XIII.

ter eleito. Si hoje a theocracia chega ao poder supremo, adoptaria sem duvida a mesma linguagem do Pontifice Judeo (1). Seja como for, é certo que Saul, inquietado pelo Sacerdocio, com quem não queria repartir o poder, terminou a sua vida por um suicidio, e a Biblia o considerou como um possosso.

David succedeu a Saul pela *alta potencia* de Samuél; eleito rei pela tribu de Judá, as outras tribus de Israel se revoltaram, mas elle as debellou. Assenhoreou-se depois de Jerusalem, que pertencia aos Jêbusenos; e alli estabeleceu a residencia de seu governo... Apesar de que David abusou do poder; e seu reinado foi salpicado por adulterios e assassínatos, todavia a Biblia o considera como um rei devoto, que fez realçar a religião, e o Sacerdocio; porque, arrependido de seus erros, David compôs os sette *Psalms Penitenciaes*, que podem servir d'exemplo edificante para os reis: preparou os materiaes para que seus successores podessem civilisar os Israelitas e construir o *Templo Santo*; e finalmente, proximo da morte, designou para seu successor a Salomão, filho querido; que elle houvera de Bethisabêe.

Salomão é considerado pela Biblia como o mais sabio, o mais justo, e o mais poderoso dos reis Israelitas; contudo para se conformar ao luxo Asiatico elle teve 700 mulheres, a primeira das quaes era filha d'um Pharaó, rei do Egypto, e mais 300 concubinas, como se vê no livro 3.º dos Reis Cap. 3.º É representado como um philosopho esclarecido, e um principe politico, que soube ajuntar immensas riquezas, e que fundou o Templo de Jerusalem aos 3:000 annos depois da criação do mundo,

---

(1) Vej. 1.º Liv. dos Reis Vºs 15, 22 &c.

segundo a éra Judaica ; e, para se conformar também com os usos do Egypto, ornou o Templo com vasos sagrados, que elle fez construir pelo Architecto *Hiram* filho de *Ur*.

Segundo a Biblia, Salomão foi quem deu o plano do Templo consagrado ao Eterno; e elle mesmo traçou o Altar e Sanctuario, ordenando a *Hiram* que lhe sculpsisse o *Sol*, a *Lua*, e *Astros*. Uma das duas columnas, que fez elevar á porta do Templo, foi consagrada aos *Ventos*, e a outra ao *Fogo*. As antigas Igrejas Christãs n'Allemanha, em Italia, e a de *Notre Dame* em Pariz, tem suas abobadas e porticos ornados de constellações celestes e signaes do Zodiaco, como si fossem consagradas ao *Sol*, e á *Astronomia*, apezar da apparente legenda de *Jesus*.

O templo de Salomão era ornado de romãs e flores de liz; e a união destes dous symbolos significou sempre a *amizade pura* ou a *Sociedade innocente*. O liz, que pertencia a *Venus-Urania*; e o *lotus* de *Isis*, foram transportados para a *Virgem-Mãe* pelos Christãos, para indicar a candura, com que nos devemos apresentar em seus Templos. As romãs; segundo *Ovidio*, serviram d'ornamento nos *Myst.* de *Céres-Elusina*; e hoje também servem nos Templos da *Maç.*

Salomão prodigalisou seus thezouros aos padres; concedeu-lhes a instrucção publica; e enfim deu-lhes a conservação dos *Myst.* de *Moysés*: apezar d'isso promulgou leis favoraveis ao povo, e o fez feliz. Depois da sua morte, e em reconhecimento de seus beneficios, parece que os padres lhe fizeram sua *Apothéose*, e lhe deram a presidencia allegorica de seus *Myst.*, o que também foi adoptado depois por todos os *Ritos Maç.*

Pela occasião da sanctificação do Templo, os *Levitas* fizeram crer ao povo, que o *Espirito Santo*, a que chamavam *Schekinah*, tinha descido do Céo, e se havia fixado sobre o Propiciatorio, (*Arca* do Testamento dos an-

tigos Judeos) entre as azas dos Cherubins, onde lhe fizeram dar Oraculos durante 14 annos: donde se segue que os Judeos, antes do dogma da *Trindade*, veneravam já o *Espirito-Santo*, o qual depois desapareceu, por se terem dado os Levitas e Salomão a outros Cultos e a outros Deoses. Esta fraqueza de Salomão acha-se mencionada nas instrucções d'alguns altos gr.: como é no 25 do Esc.: e 5.º gr.: do Rito Moderno, onde se vê que Salomão perdeu a communição, que tinha com *Urim e Thumin*: N'este gr.: vê-se que o grande Pontifice de Jerusalem esmaga as 3 cabeças da serpente mysteriosa, emblemas da *superstição*, da *avareza*, e do *despotismo*; hydra, que em outro tempo apagou a luz, e espalhou as trevas por toda a terra: em certo Rito esta allegoria indica regeneração da Maç.: (1).

Tambem depois da morte de Salomão os Hebreos se dividiram em dous reinos, de Judá, e de Israel; mas seus reis estiveram bem longe de se assimilhar a David, e a Salomão; por que *Roboam* filho de Salomão, tendo sido solicitado pelo povo para o alliviar do pesado ónus, que seu pae lhe tinha imposto, respondeu: *Si meu pae vos lançou um jugo pesado, eu vos darei outro ainda maior*: e *Isak*, rei do Egypto, 5 annos depois de Salomão, fez a guerra a Roboam, tomou Jerusalem, e levou-lhe todos os thezouros do Templo (2).

Desde então os Sacrificadores, os Levitas, e o povo

(1) Os Criticos pretendem achar na adoração da *serpente*, introduzida por Moysés, a do Sol de *Serapis*, astro luminoso, que dá vida aos Sêres; mas esta allegoria está bem longe de sêr absurda, por sêr a mesma do Apocalypse de S. João — *Ego sum Alpha et Omega*. (Vej. Est. 3.ª N.º 1).

(2) Vej. Chron. II Cap. X.

Judaico foram submettidos a mãos Reis, que não seguiam outras constituições, sinão suas paixões e o absolutismo; e, tirando aos padres seus privilegios e seus dogmas, estabeleceram um governo militar, que estava em opposição com o seu caracter nacional; e emfim, não podendo alimentar seus vicios; viram-se obrigados a invadir os povos visinhos: este procedimento chamou contra os Hebreos os Assyrios e os Babylonios. Os thronos de Judá e de Israel foram derribados, Jerusalem e o Templo Santo destruidos, e o povo foi conduzido escravo para Babilonia. (1)

---

### CAPITULO III.

#### *Templo Mystico de Salomão.*

A Historia escripta e oral; os costumes antigos e modernos, e em fim a Sagrada Escriptura, nos levam a acreditar que os Sacrificadores e os Levitas, no tempo de seu captivo em Babilonia, conservando os antigos Myst.: trazidos do Egypto por Moysés, quizeram transmittir á posteridade as *maximas* de Samuél, seu *pezar*, e a *esperança* d'uma futura restauração. Para este fim elles instituirão novos Myst.: e, convencidos da necessidade de se erguer á frente do seu governo, si tivessem a felicidade de entrar livres em seu paiz, trataram de

---

(1) Segundo alguns, o verdadeiro nome de Babilonia é *Babel*, que tem a mesma etymologia que *Bel-bek*, ou *Bal-bek* que em todos os povos Orientaes quer dizer *Casa* ou *habitação* do *Sol*. *Byblios*, *Heliopolis* e *Cusco* tinha o mesmo sentido.

cultivar as sciencias, que *Moysés* e *Salomão* lhes tinham prescripto. Aos antigos emblemas, vindos do Egypto, ajuntaram novos; e estabeleceram que os *Aprendizes*, ou novos *Iniciados*, deviam *desbastar e delinear as pedras brutas com os martellos*, como se fazia entre os *Egyptios* (1). E como tudo se devia referir á reedificação do Templo, estabeleceram que os *Companheiros*, ordem superior á antecedente, passassem da *esquadria ao prumo*. A astronomia devia tambem representar o todo dos *Myst.*; por isso *Hiram*, que era a figura do Sol e do Architecto, devia, como o Sol, *morrer e resuscitar*, o que se tornou objecto d'outra ordem superior, a que se chamou *Mestres*. Tambem ás antigas experiencias de passar pelos Elementos ajuntaram ceremonias, que lhes lembravam o direito exclusivo de fazer sacrificios.

Estes novos *Myst.*, ceremonias, e emblemas, deviam trazer-lhes á lembrança a epoca mais brilhante da Nação Judaica, aquella, em que *Salomão* tinha elevado o culto do Grande *Jehovah*, e o que *D. F. Bagot* mui bem descreve com a seguinte legenda: «*Salomão* ajuntou os chefes dos trabalhos e lhes propôz edificar, em honra do «*Gr. Arch. do U.* um Templo semelhante em tudo á aquelle, que acabava de ser destruido: todos n'isto concordaram, e os obreiros manuaes, homens instruidos e devotos, tornavam-se *obreiros espirituaes*: e como era preciso marcar a differença, que existe entre a disposi-

---

(1) Alguns pensam que os martellos, de que nos servimos em nossos trabalhos, e a que chamamos *malthetes*, se referem aos martellos, de que usavam os sacrificadores para ferir a victima; outros julgam que elles representam a *chave* cruciforme, que se acha nos symbolos das divindades *Egyptias*; este signal indica a *immortalidade* como depois se verá.

«ção ás virtudes e á posse das mesmas, Salomão caracte-  
 «risou os grãos: O 1.º o de *Aprend.*: encerrava todas  
 «as experiencias corporeas dos *Myst.*: *Egypticos*; o 2.º  
 «o de *Comp.*: comprehendia as instituições dadas pelos  
 «padres, e as conferencias d'estes com o aspirante na ul-  
 «tima parte da Iniciação; o 3.º o de *Mest.*: era o co-  
 «nhecimento total dos *Myst.*: mas convinha á prudência  
 «de Salomão adaptar a seu systema moral o incidente  
 «d'um *Mest.*: *assassinado* pelos vicios &c.»

Estes *Myst.*: novos, estabelecidos pelos Levitas em  
*Babylonia*, deviam entreter entre os *Judeos* o desejo de  
 voltar ao seu paiz, para n'elle reedificarem realmente o  
*Templo Santo*, e recuperarem a authoridade e os bens  
 perdidos pela ambição dos ultimos reis de *Judá* e de *Is-*  
*rael*. Os Levitas, em seus *Myst.*., conservaram a festa de  
 10 de *Tuischri*, ou o *Myst.*: da *palavra perdida*, o que  
 hoje ainda se consagra na *Maç.*:; e si o Rito *Francez*,  
 para dar valor á palavra *inominavel*, a riscon d'entre os  
*Mest.*., por isso lá a conserva na sua *Abobada Sagrada*,  
 onde é substituida pelas palavras *Schem-ham'phoras* (*no-*  
*men explicatum*) para não explicar o nome de *Deos*. De-  
 pois d'esta liturgia os *Israelitas* festejavam a *Paschoa*,  
 que tinham trazido dos *Egypticos*, entre os quaes ella ti-  
 nha lugar no equinocio da primavera: e com effeito os  
 padres de *Memphis* tinham estabelecido esta festa em re-  
 conhecimento das vantagens produzidas pela volta do Sol  
 debaixo do symbolo d'*Osiris*, que *resuscita e triunfa* das  
 trevas e do máu principio; chamavam-lhe o *Myst.*: da  
*resurreição* e da *redempção*: os *Christãos* tambem tem  
 sua *Paschoa*, e a resurreição de *Jesus*; imagem do Sol,  
 como diz R. de *Schio* (1); e é para observar que *Moysés*

(1) Pelo que diz respeito aos *Hebreos* esta festa ser-  
 via para commemorar a sahida do *Egypto* e a destruição  
 de seus filhos mais vellos.

ordenou que se fizesse como cerimonia essencial a esta festa, um banquete, em que só se deveria comer um cordeiro macho de um anno; donde se tira que Moysés quiz lembrar aos padres o *Aries* signo do Zodiaco Egyptio (1).

Estas instituições mysticas, posto que communs a todas as religiões da antiguidade, foram comtudo pelos padres das differentes Nações conservadas severamente *secretas*: entretanto a Biblia nos faz ver que os Judeos celebravam seus *Myst.* debaixo das formas *Maç.*, como se acha no Psalmo CXXVII, v. 1.º:

*Se Jehovah não edifica a casa, em vão trabalham n'ella seus edificadores: e se Jehovah não guarda a Cidade, em vão vigia a sentinella:*

E nas *Prophecias d'Amos*, Cap. VII, v. 8, acha-se uma conversação mui curiosa sobre os *Myst.* entre o Eterno e o Propheta. O *Eterno* se apresenta a *Amos* debaixo da figura d'um *Mest.* *Maç.*, e lhe diz:

*Quid vides? Que vês?*

Responde o Propheta:

*Eu vos vejo com uma trolha ou prumo na mão.*

O Senhor lhe replica:

*Ecce ponam trullam in medio populi mei Israel, non adjiciam super inducere eum.*

Eis que eu porei a trolha no meio do meu povo Israel, em diante nunca mais a passarei.

Este texto merece alta consideração (2).

(1) Exodo Cap. XXII, v. 5.

(2) Note-se que a trolha é um emblema em muitos Ritos *Maç.*; e serve principalmente entre os *Escoceses*, os *Çay. do Oriente*, e nos gr. de *Perfeição*.

Os criticos pretendem que a Biblia é toda allegorica, e que ella fôra feita durante, ou depois do captivoiro dos Israelitas em Babylonia, maxime os livros attribuidos a Moysés; porque estes narram a historia dos Judeos muito posterior a Moysés; e deste parecer são *Fréret, Boulanger, Voltaire, Dupuis, e Leblond*, para quem a Biblia está longe de ter o character de *divindade*. A maior razão, que leva os authores a crêr que a Biblia não foi escripta sinão depois da sahida dos Judeos de Babylonia, é que ella falla de *Bons, e Máus, Anjos, de Cherubins*, e de outras *hierarchias* celestes, que não eram adoptadas nos *Myst.*: Egypcios, e que faziam parte dos emblemas religiosos dos Assyrios; por conseguinte os Anjos não podiam sêr honrados entre os Judeos sinão depois que communicaram com os Chaldeos durante seu captivoiro: esta opinião é corroborada por *De Lacy, Theodoret, Volney, St. Clement, Diodoro de Sicilia* e outros; e, si com effeito Moysés era Iniciado Egypcio, como ninguem duvida, elle devia ter grandes conhecimentos em *Astronomia*, como tinham todos, que alli se foram iniciar; ora é impossivel acordar-se a sciencia que se dá a Moysés com a sua *Genesis*, que desfigura toda a *Astronomia* quando diz por exemplo: *que o Sol e a Lua dominam todas as Estrellas; que o firmamento é solido, e sustenta as aguas; que a Lua é maior que as Estrellas; que as Estrellas são fixas; que o terceiro Ceo, onde reside a divindade, está acima do firmamento*: donde se colhe que não foi na *Astronomia* Egypcia que Moysés foi engendrar estes sonhos ridiculos, com que os padres de Roma quizeram convencer d'erro a *Bruno, Gallileu, e a Copernico*. Os padres e os Levitas, posto que escravos em Babylonia, sempre se lembraram de suas riquezas e de seus direitos: estavam convencidos de que só pelas sciencias, adquiridas no *Egypto*, e que tinham professado depois de Moysés, é

que haviam obtido a veneração das outras tribus de Israel; assim seus votos e desejos os conduziram a estabelecer *Ordens* no Sacerdocio; o quê se deixa vêr pela palavra *Thubulkain*, que se encontra muitas vezes em seus livros sagrados; e em muitos Ritos Maç.:. Esta palavra quer dizer *possessão do mundo*, sim; a que se tem proposto muitas Ordens religiosas na Europa; principalmente a, chamada por Voltairè — *Os guardas do Papa* ou Jesuitas; que, por missões secretas, procuram invadir e usurpar a superfície da terra, o que mui bem demonstrou Smith, analysandó os crimes e os decretos que os reis tem promulgado contra elles:

Os Levitas tambem admittiam Candidatos ao Sacerdocio por meio d'uma preparação usada em todos os Myst.:. o que se explica pela palavra *Jachin*, que tambem se conserva hoje na Maç.:. e que significa *preparação* (1).

Nos Myst.:. Judaicos tambem se devia applicar, como nos Myst.:. antigos, a legenda d'uma morte, e seus sym-bólos: Os Egypcios choraram *Osiris* morto; os Ethiopes *Memnon*; os Persas *Mytras*; os Gregòs *Baccho* e *Atys*; e os Babylonios *Adonis*; todos estes diversos povòs estabelecêram a *paixão*; a *morte*; e a *resurreição* de sua respectiva divindade; que por certo não era sinão o Sol: ora entre os Judeos devia applicar-se, como com effeito se fez; esta legenda a *Hiram*, que construiu o Templo de Salomão, e que goza d'um grande credito na mystagogia Judaica. Causa surpresa achar-se esta mesma fabula heroica ou *Mytho* na paixão e supplicio de Jesus Christo, que é o sacrificio de seu corpo, e a morte que é o nó

---

(1) E' mister observar, d'uma vez por todas, que a linguagem Chaldaica, posto que muito expressiva, é toda via pobre, e que a mesma palavra tem muitas significações segundo o sentido e a phrase, a que se applica,

essencial que une os Christãos, lembrado pela cerimonia da communhão: esta allegoria existe em todos os Myst.: antigos, e figura tambem nos Maç.:, como se vê pela morte mystica de *Hiram*, Gr.: Arch.: assassinado por tres Comp.: que queriam tirar-lhe a *palavra perdida*, venerada pelos Judeos, e que tinha occasionado a festa e a commemoração de 10 Thischri (1).

Tendo-se esta palavra *Jehovah* perdido, os Levitas em seus Myst.: obrigaram os Iniciados a procura-la, e a vingar o supposto assassinato, cujas praticas nós conservamos nos gr.: de *Escocez* e *Eleito*: donde resulta que todas as religiões d'antiguidade tiraram seus principios dos Myst.: Egypcios, onde se acha a commemoração da morte de Osiris e de sua vingança, *Nekam* (ultio) sobre os assassinos: de modo que os Levitas não fizeram mais, doque substituir *Hiram* por Osiris. A commemoração d'estas vinganças não existia entre os Egypcios, nem mesmo entre nós, para fins sanguinarios, como querem alguns detractores: ella só se refere ás simplicies operações da natureza, que offerecem uma continuada guerra entre o *principio gerador* e o *principio destruidor*, doutrinas invariaveis que os padres do Egypto ensinavam sempre aos seus Neophytos, e que nós hoje tambem desenvolvemos nos Myst.: da Maç.:.

Os Levitas serviam-se do ramo sagrado d'*Acácia* para figurar o assassinato de *Hiram*; e nossos instituidores o

---

(1) E' provavel que os Levitas quizessem dar á palavra, perdida por este assassinato, outro sentido, referindo-se á liberdade, aos bens e á authoridade, que perderam pela occasião de seus ultimos reis. Seja porém como fôr, *Hiram* filho d'Ur (fogo) é quem realmente figurou como Mest.: na construcção do Templo de Salomão (Vej. Biblia liv. III dos Reis Cap. 7.<sup>o</sup>).

escolheram também, por ser um ramo commum a todos os Myst.: antigos: este symbolo no começo dos nossos Myst.: é um objecto de tristeza; mas a alegria o segue de perto: a Acacia é considerada como o *Lignum salutis* dos Christãos: é o *Gui* dos Druidas na Scandinavia; e enfim é o emblema, que representa a festa dos Ramos entre os Christãos de Roma, a qual precede cinco dias a commemoração da morte de Jesus sobre o mesmo *Lignum Salutis*; e d'aqui vem dizerem alguns que os Padres sam também Iniciados, que tem signaes e allegorias; mas que não as entendem, nem praticam as virtudes, que seus emblemas representam.

Esta morte, e este ramo, que a manifesta, acha-se também nos Myst.: dos antigos Romanos, como mui bem o descreveo *Virgilio* e o *author* do *Poema da Maç.:*: e com effeito, no 6.º livro da *Eneida* de *Virgilio*, Eneas desce aos Infernos, procura o ramo fatal e mysterioso, que se tem comparado ao *Gui* dos Druidas: lá elle descobre o corpo de Misena, morto por um Deos rival: *Virgilio*, depois de ter descripto o mysterio da putrefacção, *Mak-benah* (ædificant putrido) nos pinta seu héroe, ferindo com a espada os monstros terriveis, que se oppõem á sua passagem, e triunfante enfim de todos os obstaculos, e athe mesmo dos 4 elementos: Estes obstaculos preliminares constituíam, propriamente fallando, a Iniciação; e nossos sabios instituidores, tornando-os difficéis a vencer, não quizeram fazer muito geral o conhecimento de suas verdades, as quaes poderiam sêr nocivas a homens não destinados a conhecer a natureza; e eis porque nos Templos do Egypto a natureza, que só representava a verdade, era coberta com um véo.

Mas, voltando ao *Poema* de *Virgilio*, a Descida de *Eneas aos Infernos*, reúne sobre a Iniciação tudo aquillo que se não acha sinão com muito custo e em muitos au-

thores differentes: n'elle se acham as experiências, as ceremonias, e a doutrina dos Myst.:; por que, attendendo-se aos discursos da *Sybilla*, acharemos a linguagem dos preparadores Egypcios e Judaicos, que eram encarregados d'Instruir o Iniciado; e o discurso de *Anchises* nos mostra o Hierophanto Egypciaco, Judaico, e Grego, que instrua o Iniciado, depois das experiências sobre o *sér supremo*, a *Immortalidade*; e as *penas ou recompensas futuras*:

A allegoria e a legenda de Hiram, assim como seus tres assassinos, variam nos diversos Templos: ella representa Jesus Christo na *Mag.: coroad*a, seguida pelos *Carbonarios* (Bons-Primos): (1)

Tambem, Hiram, nos *Kadosch* de todos os Ritos, (Nóte-se que esta Ordem não é nem dos Egypcios nem dos Judeos) representa a allegoria do martyrio de *Jacques Molay* e da destruição dos Templarios.

A legenda dos tres assassinos de Hiram varia do mesmo modo: em uns foram:

<i>Luther,</i>	<i>Calvino;</i>	<i>Zuingler;</i> ou
<i>Abi-ramah;</i>	<i>Romvil;</i>	<i>Gravelot;</i> ou
<i>Giblon,</i>	<i>Giblas;</i>	<i>Giblos;</i> ou
<i>Jubela,</i>	<i>Jubelum;</i>	<i>Jubelos;</i> (2) ou
<i>Judas;</i>	<i>Caiphas,</i>	e <i>Pilatos.</i>

No *Kadosch* e na Ordem do Templo representam em um ponto os; que fizeram perecer os Templarios:

---

(1) Aqui Jesus Christo, como o Sol, termina sua carreira, apostrophado pelo máu principio ou máu ladrão; e o bom principio segue Christo na sua gloria; e, para tornar a allegoria mais saliente, finge-se seguir a morte do Divino Mestre: pelas trevas e tremores de terra, como se o Sol se tivesse realmente aniquilado.

(2) N'estes é sempre *Philippe-o-Bello* que figura.

*Squin de Florian, Neffodei, e um desconhecido; e em outro Philippe-o-Bello, Bertrand de Gotte, e o Grande Mest.: de Malta,*

Os Ros.: Cruz.: de Kilwinning teem por assassinos :

*Cain, Haken, Heni; e os Adon-Hiramitas, Hobben, Austersfuth, Schterke.*

N'aquellas Nações, onde o poder absoluto, ou illegitimo, tem o logar d'um governo paternal e representativo, muitas vezes (diz R. de Schio) a allegoria de Hiram, e de seus assassinos, se tem prestado á commemoração, talvez irregular, do *assassinato da liberdade Civil* occasionado pela *avareza, superstição, e despôtismo.*

As Ordens d'Eleito, Kadosch, Templarios etc. etc., foram encaradas por alguns gabinetes como perigosas; e, em consequencia de prevenções mal fundadas, accusadas de querer, pela sua allegoria, vingar a destruição dos Cavalleiros Templarios em seus assassinos; mas desenganem-se todos os politicos que a Ord.: Maç.: é muito mais antiga, do que a d'estes Cavalleiros, que não foram admittidos sinão no seculo XIII, e pelos cadernos da instrucção d'unis e outrós se pode colligir que suas allegorias só se referem a factos phisicos e moraes, ligados aos antigos Myst.: e nunca a pontos historicos e politicos: mas, ainda que isto assim fosse, tranquillizen-se todos os visionarios porque, quando mesmo a allegoria de Hiram se referisse á politica, é evidente que seria mais favoravel, do que nociva á authoridade real, despótica e absoluta, pois que ella ordena a vingança do assassinio d'um heroe por tres rebeldes; e no Rito Moderno é ordenada em nome de Salomão, que foi o mais justo dos Reis.

Quanto aos Levitas, alem das allegorias personalizadas, que apresentavam seus Myst.:., tinham outros materiaes, como é a *Pedra Cubica*, em que está gravado o grande nome de *Jehovah*, a qual existe tambem em nossos Templos, e que nos serve, como as antigas pedras monumentaes do Egypto, para lembrar-nos as palavras Sagr.:. de nossos Myst.:. e de nossas Ord.:. (Veja Est. 3.ª, N.º 2.). Alem d'esta os Levitas tinham tambem a *Pedra Angular*, collocada no angulo mystico de Salomão, que devia servir de modelo a todos os operarios, e que, mysticamente em nossos trabalhos, é composta de *Amor fraternal; soccorro, e Verdade*, virtudes necessarias ao Iniciado; que deseja chegar aos gr.:. da *Perfeição*.

Eguaes allegorias pertencem tambem a outras religiões: os Musulmanos teem uma *Pedra Angular* a que chamam *Barkitan*, objecto de sua profunda veneração: em Jerusalem ainda hoje se veneram *Pedras* sobre o Golgotha; em Padua ainda se beija com veneração uma *pedra* negra na capella de *Santa Antonio*, cujo portico tem uma inscripção Maç.:., contendo as doutrinas dos primeiros Christãos, Essénios, e Gnosticos =:

*Quærite et invenietis, petite et accipietis,  
pulsate et aperietur vobis.*

Outra igual se acha em Veneza na Igreja de *S. Marcos*; e na de *S. Pedro* em Roma, e em diferentes Cidades ainda os Christãos beijam columnas e pedras incrustadas nas muralhas de seus Templos; e finalmente os Indios e os Arabes beijam e adoram ainda hoje algumas *Pedras* (veja Calmet, tom. XXIX.)

Os novos Myst.:. dos Levitas se conservaram em *Babylonia* durante os 70 annos, em que os Israelitas alli es-

tiveram captivos, e athe ao tempo, em que *Cyro*, Rei de Babylonia lhes concedeu a liberdade (1)

Cyro, como sabio e politico, protegeu o retrocesso dos Israelitas para a Judea; deu-lhes por chefe *Zorobabel*, (*dispersio confusionis*); e lhes fez dar os vasos sagrados e outros symbolos que tinha o Templo, e que lhe haviam sido tirados pela destruição e tomada de Jerusalem por *Nabuchodonosor* (*planctus judicii*).

Os Judeos, entrando na Judea, disputaram entre si acerca da forma real da reedificação do Templo; mas suas discussões foram terminadas por *Dario*, que a Biblia faz Rei da Persia: Este facto é commemorado no Gr. de Cav. do Orient., no de Princip. de Jerusalem, e outros; e acha-se referido particularmente no 5.º e 6.º Cap. do 1.º liv. de *Esdra*s.

Os Levitas, tendo sido perturbados em seus trabalhos por diferentes inimigos, introduziram o uso das *espadas*, de que nós hoje tambem nos servimos em certas ceremonias, e como se acha no Cap. IV, de *Nehemias*:

¶. 17 — *Os, que edificavam o muro, e os, que traziam as cargas, e os, que carregavam, cada qual com uma das mãos fazia a obra, e na outra tinha as armas.*

¶. 18 — *E os edificadores, cada qual, traziam sua espada cingida a seus lombos e edificavam; e o, que tocava a trombeta, estava junto a mim.*

---

(1) *Cyro* (quasi miser) por conselho de seu pai *Cambyses*, foi iniciado nos Myst. dos philosophos; e por conseguinte devia ter como bom todo o culto, que se dedicasse ao author da Natureza (*Xenophon* e *R. de Schio*).

Estes diferentes ditos devem sêr tomados em sentido allegorico; porque se referem á nova instituição, que os Levitas trouxeram da Babylonia, e que achava então na Judéa fortes adversários: muitas Ordens e Ritos Maç.: mencionam este facto principalmente o Escocez e Francêz, onde todos os Il.: em seus trabalhos, teem na mão direita a *espada* e na esquerda a *trilha*.

Depois da reedificação de Jerusalem e do Templo, os Levitas, pelo que parece, ajuntaram aos Myst.: exercitados na Babylonia, ceremonias novas e commemorações, que lhes lembravam as bondades de Cyro, sua regeneração, e enfim a sua constituição theocratica, que Moysés tinha levado dos Myst.: Egypcios (1).

Pelo, que levamos dito, todos se convencerão, de que as allegorias, que fazem a base da maior parte dos gr.: Maç.:, sam a commemoração da historia Judaica, d'esde o Egypto, Deserto, e Babylonia, athe á restauração politica dos Israelitas: Esta nossa opinião é corroborada por *Baltimore*, e *M. de Plane*: ha entretanto Ritos Maç.: que se creem successores dos Templarios e do Christianismo; mas, se dermos credito á Biblia, os Myst.: Judaicos se conservaram 32 seculos depois da creação do mundo, isto é athe ao começo do Christianismo; porque os primeiros Christãos tiraram dos Levitas a allegoria: esta vê-se continuamente figurar entre os primeiros Christãos; e, applicando-a á sua nova religião, não fizeram.

(1) O fim principal dos Levitas, em caso de recuperarem sua liberdade, era o d'estabelecer sua dominação e formar o Concelho creado por Moysés, composto do Pontifice e de 72 padres, o qual decidia os negocios da Nação em ultima instancia, e como realmente existio athe que foi destruido depois pelos Romanos.

mais, do que substituir a Igreja pelo Templo de Salomão. (1)

Segundo a Biblia, os Judeos estiveram por muito tempo submettidos aos Persas, depois que foram livres de Babilonia; em consequencia as doutrinas theosophicas dos Magos deviam ser-lhes conhecidas e athe seguidas por alguns d'elles: de mais a Biblia nos affirma que, depois do Reinado d'Alexandre-o-Grande, os Israelitas foram alternativamente submettidos a Reis Egypcios e Syrios, que se esforçaram sempre por lhes inculcar suas doutrinas e costumes, consequencia natural das emigrações.

Em diversos paizes os Judeos compravam e vendiam perfumes e objectos de luxo Asiatico, que tiravam da India e da Persia: viajando continuamente espalharam seus Myst.: e seus dogmas; mas em troco trouxeram para a Judéa principios novos e desconhecidos, como eram os das Seitas dos Sadaccos, dos Pharizeos, dos Brachmanes, dos Essénios, dos Therapeutas, dos Carpocracianos, dos Cabalistas, Gnosticos, Ophitos, e mais tarde dos Basilios, dos Manicheos e outros. Estas Seitas eram cheias de principios philosophicos, Gregos, Romanos, Persas, Indios, Egypcios etc. Resultou que o culto do Grande *Jehovah*, seus Myst.: e allegorias estiveram perto de se perderem pela introducção de novos systemas, maxima pelo dos *Trinitarios*, trazido da Persia. N'este paiz os sabios seguiam o dogma do *Deos Unico* com os dous principios *Luz* e *Trevas*, tal como Zoroastro o tinha levado do Egypto; mas que os schismaticos *Trinitarios* destruíram, dando áquelles dous principios o poder de crear. Alem d'este schisma os Judeos trouxeram outro da Grecia, que tinha muita analogia com o dogma *Trinitario*

---

(1) S. *Matheus* Cap. VI. v. 16, 17, e 18: e *Epist.* 1.<sup>a</sup> de S. *Pedro* Cap. II.

Persa, e era a doutrina de Platão. Este havia estabelecido 3 *Hypostases* ou maneyras de sêr da divindade:


A primeira constituia o *Deos supremo* ;  
 a segunda o *Logos* ou o *Verbo* nascido do primeiro Deos ;  
 e a terceira o *Espirito* ou alma do mundo.

Os theologos Judeos tambem quizeram que o systema da Trindade estivesse encerrado na palavra *Jehovah*, objecto de seus Myst. e tambem dos nossos : os commentadores disseram que a letra inicial **J** j exprimia o *Deos Pai* por sêr esta letra a raiz do nome de Deos em todas as Nações antigas ; que os dous **J** **J** *hh* ligados pelo **I** faziam o symbolo das duas naturezas *divina e humana* do *Filho* ou *Verbo* ; e que o **W** w, que os une, fazia o symbolo do *Santo Espirito* ; o *Rothah* (ventus, spiritus), espirito de Deos que desenvolvêrá o cháos.

*François Vatablé*, em seus commentarios sobre a Biblia (Exodo Cap. XXVIII,) pretende que o nome de *Jehovah* contenha o systema da *Trindade* : Eis como elle se explica :

« *Hoc autem nomen* **J J W** *Trinitatis mysterium*  
 continet ut veteres *Judei*; qui *Christum* præcesserunt;  
 dixere in suis traditionibus, nam per **J** intelligitur *Pater* qui est principium; et origo omnium rerum. Per **J** *Filius* per quem omnia quæ facta sunt esse ceperunt. Per **W** quæ est conjunctio copulativa intelligitur *Spiritus Sanctus*, qui est amor et nexus utriusque, qui ab utroque procedit. *Geminatur autem* **J** *propter duplicem naturam quæ est in Christo*. Per primum **J** *natura divina* intelligitur; per **J** *postremum natura humana.* »

Há outra demonstração da Trindade por um Ju-  
deo que se tornou Christão, e vem a sêr (Est. 3.<sup>a</sup>  
fig. 3):

Descrevei quatro circulos A, B, C, D, dos quaes  
C seja concentrico a A, e os circulos B e D tenham por  
centro a circunferencia do circulo C; ponde em cada um  
dos pequenos circulos duas letras da palavra   
*Jehovah*, de maneira que haja uma em cada emisferio;  
e então juntai o *od* ao primeiro = e = e vós tereis um  
dos nomes de Deos, o *Gerador*; juntai depois o primeiro  
= e = ao *vas*, e tereis o segundo nome de Deos, o *Ver-  
bo encarnado*; juntai depois o *Vas* com o ultimo = e =  
tereis o terceiro nome que procede do primeiro e do se-  
gundo; e emfim como o todo está reunido em um gran-  
de circulo, teremos tres n'um.

Os Indios teem um emblema da *Trindade* na pa-  
lavra *Aum* que não devem pronunciar sinão em segre-  
do: das 3 letras que o compõem *A* designa o princi-  
pio de tudo, o *Creador Brahma*; *U* designa o Conser-  
vador *Vichen-ou*; e o *M* designa o destruidor *Chiram*.  
A palavra *Aum* representa a sua divindade e (Vej. *Vól-  
ney*, Ruinas de Palmira, Nota 1.<sup>a</sup>): é o *Alphã* e  
*Omega* dos Christãos e dos Maç., o *Jehovah*, e a  
*Trindade*.

Os Chinezes também teem a sua *Trindade*, que, se-  
gundo *Benjamin Constant*, se encerra na palavra *Tao*, es-  
sencia triple, que cria o Ceo e a terra, dividindo-se em  
3 pessoas, das quaes uma é encarregada da producção,  
outra do arranjo, e emfim a 3.<sup>a</sup> é encarregada de man-  
ter a successão regular.

Os padres do Egypto tinham o *Myst.* da *Trindade*  
na sua *Chapa Isiaca*, que encerrava nm triangulo expli-  
cado por tres symbolos, do *Mundo*, do *Egypto*, e de  
*Mémphis*. Muitos Authores consideram esta chapa como a

explicação da *Trindade Christã*. (1) Os padres Egypcios reconheciam um *Deos Creador* com os dous principios *Bom e Máu*. *Isis*, *Osiris*, e *Orus* representavam o Bom principio, e *Typhon* o Máu. Os Padres adaptaram estes dous principios á moral do homem: *Typhon* era o gerador das paixões; *Osiris* e *Orus* eram o emblema da razão, que o homem tem: é por estas analogias, que os Judeos, depois do captiveiro de Babilônia, e depois d'elles os Christãos, estabeleceram os Anjos e os Demonios, que não são, sinão os bons e máus Anjos dos Babilonios, e o bom e máu principio dos Egypcios e dos Chinezes.

Os *Trinitarios*, augmentando na Judéa, ajuntaram, pelo decurso do tempo a este novo dogma a doutrina santa de Jesus Christo, que era inimiga de questões theologicas. *Jesus* não admittia sinão a unidade de *Deos*, que tinha tirado do Egypto, e que elle considerava como Pai de todos os homens, como o provou *Lactance* e *Plinio*: E *Alexandre Lenoir* diz que *Theophilo*, Bispo d'*Antiochia*, que vivia aos 176 annos da era Christã, fôra o primeiro, que empregára a palavra *Trindade* em seus discursos, o que prova que este dogma não foi introduzido no culto Christão, sinão muito tempo depois de Christo. Os *Trinitarios* esqueceram sem duvida os debates, que o Divino Mest.: sustentou com os Sacrificadores, os Pharisizeos, e os Scribas, que trataram de o surprehender e de o convencer de falso em sua doutrina, que era simples, popular, e santa.

Muitos Authores, como o Abbade *Marotti*, querem que o dogma Maç.: seja a pura doutrina de Jesus, e que nossas allegorias formam as virtudes, que elle pregou;

---

(1) Não apresentamos esta chapa por sêr complicada.

mas como a nossa Ordem tem II.:., que sam nascidos no seio d'outras religiões, e que não conhecem o nosso Divi no Mest.:., sinão pelo nome, (f) teremos de recórrer a alguns fragmentos dos antigos Evangelistas, approvados pela Igreja de Roma, e pelo Concilio de Nicêa, e tanto mais que sam mencionados em muitos Ritos e Ordens Maç.:..



---

(1) Ha Loges Maç.:. na Turquia, e nas Indias Oriental e Occidental.



---

# SECÇÃO TERCEIRA.

## CAPITULO I.

---

*O Apocalypse considerado como base de muitos Ritos Maç:..*

Como nenhum escriptor, contemporaneo de Jesus Christo, nos fornece documentos ácerca de sua pessoa e de seus milágres (o que tem feito incredulos, que supõem ser Jesus uma simples allegoria do Sol, cuja prova tiram do Apocalypse) teremos de nos refferir aos escriptos dos 4 primeiros Apostolos, e dos Santos Padres, que escreveram depois de Christo.

Mas, antes de irnos adeante, exporemos o, que diz o nosso padre João Baptista de Castro, no seu proemio da *Vida de Jesus Christo* « Ninguem ignora que cada Evangelista, postoque allumiado pela mesma noção do Espirito Santo, observou distincto rumo na ordidura da sua Historia, segundo o argumento, que se havia proposto, de caracterisar na Pessoa do Verbo Humano um particular attributo. Assim vemos que *S. Matheus* tomou por assumpto justificar em Jesus a dignidade de Messias pro mettido, e que procedia da geração real de David: *S. Marcos* mostrou que elle era Rei e Senhor pelos effeitos de seu poder: *S. Lucas* lhe descobrio o predicado de Salvador do mundo: e *S. João* declarou a divindade do Verbo Eterno unida á humanidade na mesma Pessoa de

« Jesus Christo (1). D'aqui nasce que, não sem propriedade; « foram significados os 4 Evangelistas nas 4 figuras enigmáticas do carro de Ezequiel: o *Homem* significava S. Matheus, porque este, dando principio ao seu Evangelho pela « *geração humana* de Christo, mostrou-se como homem: o « *Leão* representava S. Marcos, por que este, começando a « descrever a voz, que clamava no deserto, mostrou ter a propriedade de leão, que anda rugindo pelos montes: S. Lucas se assimelha ao *Boi*, porque principiou o Evangelho « pela função Sacerdotal de Zacharias, em que symbolizou o boi, que é apto para o sacrificio: ultimamente « S. João, como subio mais alto, declarando a divindade « de Jesus Christo, se fez semelhante á *Aguia*. » (Est.º 4, N.º 1, 2, 3, 4) Seja como fôr, é certo que o mais antigo Evangelho (*Boa Nota*) é o, que se attribue ao Apostolo S. Matheus, que, segundo as Chronicas catholicas, escreveu 6 annos depois da morte de Jesus. Os padres da Igreja disputaram muito sobre a linguagem, em que tinha sido escripto o seu Evangelho; e athe mesmo sobre quem era o seu Author; mas nós deixaremos tal objecto para que não haja desfavor ou incerteza na sua authoridade. E' certo que este Evangelho parece querer refutar as asserções dos Nazarenos sobre a origem obscura, que elles davam a Jesus; porque cita a sua raça como real, e dá-lhe uma chronologia, que sobe ao primeiro Pai Adão: descreve mais a vida de Jesus despida de toda a ideia da divindade; e, posto que falle de suas virtudes e de seus milagres, não faz todavia menção do mysterio da Trindade.

O segundo Evangelho é escripto por S. Marcos 10 annos depois da morte de Jesus: este Evangelho descre-

---

(1) O Beneficiado da Patriarchal de Lisboa esqueceu-se, a respeito de S. João, do y. 5 do Cap. 1.º do Apocalypse!

ve a vida humana de Jesus pouco mais ou menos como o primeiro, isto é, sem cousa alguma lhe attribuir de divino. S. Marcos não conheceu Jesus Christo, elle mesmo diz que nunca o vira; mas que tudo, que escreve, ouvira a S. Paulo.

O terceiro Evangelho é obra de S. Lucas, que era Medico, discipulo de S. Paulo, e que escreveu em grego: esta historia de Jesus Christo é melhor redigida, do que as duas precedentes; mas declara em seu exordio que elle se decidio a escrevê-la porque os outros a tinham desfigurado; em consequencia S. Lucas não vio o, que escreveu, mas seguiu o enunciado pelos outros Evangelistas, dando a vida de Jesus despida da divindade e do Myst.: Trinitario. Affirma-se que este Evangelho só appareceu 58 annos depois da Paixão de Jesus Christo.

O quarto Evangelho é escripto por S. João, Apostolo querido de Jesus, que figurou tambem sobre o monte Golgotha, e que, segundo S. Jeronymo, foi Bispo de Epheso: parece que S. João foi desterrado para a Ilha de Pathmos, e que foi n'este desterro que elle escreveu o seu Apocalypse, no qual muitos Maç.: acham uma parte de seus Myst.:

E na verdade nos primeiros 5 capitulos do Apocalypse, S. João vê em sua *visão* a Deos, que *foi, é, e será* (Alpha e Omega adoptado pelos Maç.:) assentado sobre um throno, tendo na mão direita um livro escripto e sellado com 7 sellos: João toma para heroe do seu Poema o *Cordeiro*, assenta-o sobre o mesmo throno da divindade cercado por 4 figuras symbolicas, *Leão, Boi, Homem, e Aguiã*, que por parenthesis sam os 4 signos dos Evangelistas, e que entre os Egypcios symbolisavam as 4 estações (1).

O livro, que Deos tem na mão, não pode ser aberto sinão pelo *Cordeiro*; mas observe-se que o exercicio d'es-

(1) Apocalypse Cap. I. v. 8; Cap. IV. v. 7; e Cap. V. v. 1.º 5.º e 6.º; e Vej. a interessante Obra de *Duquis, Des Cultes*, Cap. XII.

te não é sinão secundario, pois que só se mostra como instrumento da vontade divina, e não como a mesma Divindade (Cap. V e VI do Apocalypse). Aqui o Cordeiro; como emblema astronomico, representa o Sol na primavera, que deve abrir o curso das estações (1).

Pelo primeiro Sello, que o Cordeiro abre, o Poeta João faz sahir um Cavallo branco montado por um bello homem, que por gloria de sua victoria recebeu uma coroa, tendo na mão direita um arco; dizer-se-ha que é o mesmo *Apollo* representando a *Primavera* e o bom principio (2).

O Cordeiro abre o segundo sello; e o máu principio lhe succede: é um cavallo vermelho, e a pessoa, que o monta, tem o poder de tirar a paz de cima da terra, e fazer que os homens se matem uns aos outros: é o emblema do *Verão*, que, na Arabia e na Judéa, torna o paiz árido e abrasante (3).

O Cordeiro abre o terceiro Sello, e faz sahir um cavallo negro; e o cavalleiro traz na mão uma balança, que, por seu symbolo, se acha ser a constellação do equinocio do *Outono* (4).

O quarto Sello aberto, sae d'elle um cavallo amarello, montado pela morte, que faz perecer os homens á fome: eis o symbolo do *Inverno* (5).

(1) É o systema dos Magos, adoradores do Sol, que não veem n'este astro sinão o meio, de que o Grande Obreiro, Deos, se serve para manifestar a sua omnipotencia sobre a terra.

(2) Apocalypse Cap. VI. y. 2.

(3) Apocalypse Cap. VI y. 4.

(4) Apocalypse Cap. VI y. 5.

(5) Apocalypse Cap. VI y. 8. Os antigos deram 4 cavallos á *Apollo* para indicar a divisão do dia; e aqui o Poeta designou tambem por 4 cavallos as 4 estações do anno, que representam as mesmas estações *Egyptias*.

Pela abertura do quinto Sello, João descreveu as almas, que apparecem perante Deos, ao pé do throno do Cordeiro; estas almas são as, que tinham soffrido pela palavra de Deos; e, descrevendo a perseguição, que ellas tiveram, faz conhecer por esta ideia que elle tinha sido iniciado na doutrina da *immortalidade* da alma (1).

Um terremoto tem logar pela abertura do sexto Sello; o Sol obscureceu-se e a Lua tornou-se vermelha. João quiz figurar por esta descripção as convulsões, que succedem no equinocio do *Outono*: e, procurando explicar os phenomenos do equinocio da primavera por uma parábola dos grandes, que se occultam nas cavernas, designou o, que acontece pela apparição do astro brilhante, em que todos os outros se eclipsam (2) No Capitulo VII do seu Apocalypse, João symbolisa uma *vingança suspendida*, querendo inculcar que o Sol influe proveitosamente sobre os productos terrestres, quando os trabalhadores, *eleitos*, trabalharem de noite e dia.

Pela abertura do settimo Sello João quiz manifestar d'uma parte a astronómia, que respeita aos 7 planetas, e da outra procurou desenvolver por allegorias a opposição e as perseguições, que experimentariam suas doutrinas e seu dogma, porque estabelecia que todos os Iniciados eram *Reis e Sacrificadores* (3).

Finalmente João acaba o seu Poema pela sua *Jerusalém celeste*, que tem 12 portas, e que representam os 12 mezes do anno qu as 12 constellações de *Zodiaco*; e o que o prova é a mançira, de que ellas estão orientadas, postas 3 a 3, e olhando os 4 pontos cardaes: a muralha da Cidade tem 12 fundamentos, e os Apóstolos

(1) Apocalypse Cap. VI y. 9.

(2) Apocalypse Cap. VI y. 12, 13, 14, 15, e 16.

(3) Apocalypse Cap. VIII athe XIX; e Cap. I y. 6.

do Cordeiro tambem sam 12: Tem 12,000 estadios em altura, largura e comprimento, a Cidade: é a pedra cubica dos Maç.:. N'esta Cidade Deos e o Cordeiro sam o Templo; vê-se alli a *regradeira* Maç.: transformada em *Cana d'ouro*, com que se devem medir as muralhas e portas de Jerusalem; é o *ramo mystico*, que acompanha os Myst.: da antiguidade. E por ultimo um Anjo diz a João *que adore o seu Deos e não a si*, que não é mais doque um embaixador, que o Senhor, o Deos dos Prophetas, enviou para manifestar a seus servos as cousas, que deviam acontecer (1).

Apenas appareceu o Apocalypse de S. João, os Christãos do Oriente o atacaram, não lhe poupaudo nem a parte astronomica, nem a outra, em que o author dava a entender que era Iniciado ao dogma da unidade de Deos e da immortalidade da alma: sustentaram que o Cordeiro sem mancha, que tinha sido sacrificado no começo da creação, não podia ser o Jesus, que tinha sido immolado, segundo os Christãos do Occidente, sub Poncio-Pilatos; e que a divindade, que se lhe attribuiria, destruia o dogma da unidade de Deos.

Desde então o Apocalypse não só foi tido pelos Christãos do Oriente como victoriosamente refutado, mas tambem ficou sendo considerado como um Poema do Sol, aindaque obscuro; pois que lhes parecia impossivel dar-se-lhe uma interpretação razoavel, maxime tendo-lhe o seu author dado o nome de *visão*: Donde se tira que elles não julgavam o Apocalypse como obra de S. João, nem mesmo d'um Christão; pelo contrario pensaram que seria antes um escripto d'um Judeo zelozo, por tratar da perseguição dos Judeos e não dos Christãos.

---

(1) Apocalypse Cap. XXI e XXII.

Depois d'estes debates o Apocalypse esteve muito tempo em esquecimento; mas, como ao começo do Christianismo houve um forte espirito de opposição entre os Christãos do Oriente e os do Occidente sobre alguns pontos theologicos, os ultimos attribuiram o Apocalypse a S. João; e em um Concilio, que tiveram em Toledo, o declararam divino e canonico: « Deve-se á Hespanha (diz « R. de Schio) a restauração d'este Poema sobre o Sol; « que tinha experimentado uma firme opposição dos Christãos do Oriente. » O Concilio de Laodicea, algum tempo depois, regeitou tambem o Apocalypse, como obra d'um espirito extravagante; mas os Christãos do Occidente, em um terceiro Concilio em Carthago, o declararam novamente livro divino e canonico.

Muitos sabios teem querido commentar o Apocalypse, e entre estes se acham *Ticho-Brahe*, *Newton*, *Dupuis*, e *Lenoir*, que desembrulharam o chãos, que athe alli ninguem tinha ousado tocar. Muitos Maç.: julgam tambem achar no Apocalypse a base e a explicação de todos os Myst.:; principalmente os Cabalistas; e para isto se servem do numero mysterioso de 12 e de 7, que n'elle se encontram frequentes vezes, e que se referem ás 12 constellações, aos 12 mezès, aos 7 dias da creação, aos 7 planetas; ás 7 sciencias, aos 7 diaconos eleitos pelos Apostolos; e enfim ás 7 ordens da Igreja, base sobre a qual se estabeleceram as 7 Ordens Maç.:. Comtudo, sem resolver as questões, que dividiram tantos sabios a tal respeito, daremos a nossa humilde opinião, apoiada sobre o, que os Autores teem dito de mais provavel.

É um facto geralmente hoje reconhecido que o *Sabeismo* foi a religião primitiva, e que esta era a religião universal da antiguidade, tendo por culto os phenomenos da natureza e os astros: « *Porphiro* diz, fallando das obras de *Cheremont*, padre e historiador, que tudo aquillo,

« que os padres Egypcios e Persas diziam de seus deões,  
 « devia entender-se como sendo applicado ás phases da  
 « Lua, aos Planetas, aos Signos do Zodiaco, e ao Sol,  
 « principalmente quando se achava nos seus differentes as-  
 « pectos com as constellações; porque o Sol parecia per-  
 « correr, em sua revolução annual, o circulo do Zodiaco,  
 « que se compõe de 360 grãos, dos quaes 30 formam um  
 « de seus signos, e por consêguinte o Zodiaco se divide  
 « em 12 signos, que sam como outras tantas estações;  
 « que o Sol corre em 12 mezes; e este tem feito sua re-  
 « volução annual quando as tem corrido todas.»

Esta divisão foi adoptada pelos antigos, e estas esta-  
 ções foram representadas por 12 figuras differentes, que  
 ainda hoje se conservam, e a que se chama *constellações*  
 do Zodiaco, as quaes se compõem d'uma certa quantida-  
 de de estrellas fixas em uma dada circumferencia; e fi-  
 guram como o Cordeiro; o Touro etc. (Vej. a Obra so-  
 bre a astronomia antiga por *Dupuis* e a de *Lenoir*).

O Sabeismo, ou a religião applicada á Natureza e á  
 Astronomia, necessariamente devia ser universal em tem-  
 pos remotos; porque era identificada com a moral do ho-  
 mem, que ella dirigia do mesmo modo, que os trabalhos  
 da agricultura: em consequencia o homem por toda a  
 parte devia ter abraçado com confiança essa religião, que  
 estava em relação com os seus deveres e com os meios  
 de sua existencia.

O Apocalypse, postoque cheio d'emphase oriental, é  
 todavia considerado por todos os criticos como inferior aos  
 Poemas, que existem sobre o Sol; e dá logar a mil in-  
 terpretações differentes pela sua obscuridade: no entre-  
 tanto elle nos descobre que os Judeos, sectarios de João,  
 tinham uma *Lei Oral* que se communicava aos Iniciados,  
 e que existio entre elles até ao 8.º seculo; o que se pôde  
 verificar nos *Myst. da primitiva Igreja por Vallemont*;

esta lei oral, tambem se manifesta no Cap. X da *Visão de João*: é um anjo, que desce do Ceo, tem um pé sobre a terra e o outro no mar; e tem o Apocalypse na mão: João quer escrever as 7 vozes que ouvio; mas uma voz celeste lhe prescreve:

*Sella as palavras dos 7 trovões, e não as escrevas (1)*

João, tirando o livro da mão do Anjo, o devorou: não mastigar o achou doce como o mel; mas, depois que o comeu lhe causou amargor no ventre (2). Parece que João, fiel ás constituições moysaicas, quiz demonstrar por esta allegoria que os conhecimentos dos segredos religiosos, postoque agradaveis na apparencia, produzem effeitos perniciosos, e que por isso deviam sêr transmittidos oralmente.

O Apocalypse é tambem cheio d'idéas Platonicas, porque n'elle se acham as idéas do *Logos*, o *Deos-Verbo*, da alma do mundo, e de sua destruição, sonhos seguidos pelos Judeos e pelos Christãos d'aquella época: mas note-se que *Logos* é palavra grega, e que não podia ter-se usado sinão pelos Judeos da Alexandria.

Finalmente os primeiros Christãos fizeram de S. João um segundo Moysés ou um Elias; occultaram sua morte; e pretenderam que, pelo Cap. XXII do Apocalypse, elle dovesse viver atê ao fim do mundo. Esta opinião não só tem sido sustentada por *Don Calmet*; mas tambem muitos H. . ., apoiados sobre que as duas festas de S. João feitas pelos Maç.: representam os dous solsticios, concluem que S. João não foi morto.

(1) Apocalypse Cap. X. v. 4.

(2) Apocalypse Cap. X. v. 9, 10, e 11.

---

## CAPITULO II.

### JESUS CHRISTO, E SUA DOCTRINA EM GERAL.

Pelo que respeita ao nascimento de Jesus Christo seremos breves: Todos os Evangelistas concordam em que Jesus nasceu em Bethlem, e que era filho de Maria de Nazareth, que foi cazada com S. José: a credulidade, os sonhos, e os milagres foram as bases de toda a christandade; porque José, segundo S. Matheus parece ter promettido despozar Maria, que esteve quasi a sêr repudiada, sinão fôra uma ordem contraria d'um Anjo, que lhe appareceu em *sonho*. Uma *estrella* conduzio do Oriente os Magos, que foram visitar o Messias recém-nascido: um *sonho* os advertio de que não deviam voltar por Jerusalem: um Anjo tambem advertio José por meio d'outro *sonho*, para que fugisse com sua familia á perseguição de Herodes: e enfim outro Anjo lhe disse em *sonho* que voltasse do Egypto para a Judéa, porque Herodes já era morto, o que tudo se pôde vêr nos 4 Evangelhos.

Voltando Jesus para o Egypto, os Evangelistas não fallam mais n'elle, sinão quando na idade de 12 annos confundio os sabios da Synagoga: mas desde então cobrem sua vida d'um véo mysterioso; e um só d'elles lhe faz exercer o officio de seu Pai athe á idade de 30 annos: então o fazem prêgar no deserto a necessidade de deixar o vicio, de corrigir *nossas faltas* e de seguir sómente a *virtude*, porque *o fim do mundo estava proximo*.

Os Evangelistas attribuem a Jesus uma politica hu-

mana, porque nem se descobrio aos mensageiros de João, nem queria que se divulgassem seus milagres, para não ter de se bater com os Sacrificadores, Pharizeos, e Scribas: os milagres, as curas, e o direito de afugentar os demônios eram, por lei moysaica, privilegio exclusivo dos padres Judeos, que tiravam por isso muitos beneficios da credulidade publica.

O primeiro milagre operado por Jesus foi o de mudar a agua em vinho na voda de Caná; supposto acontecerem muitos outros prodigios, todavia Jesus não os obrou visivelmente, ou não se deu a conhecer por Author d'elles: tal é a opinião do nosso Padre João Baptista na *Vida de Jesus Christo* a pag. 94. Mas é certo que antes de Jesus já Elizeo tinha corrigido o amargor das aguas de Jerichó, e dos manjares de Gilgal (1): outro tanto tinha feito Moysés no deserto de Mar para saciar os Israelitas: Marcos tambem enchia de vinho branco 3 grandes copos de vidro; e durante uma pequena oração, um d'elles tomava a côr de vinho tinto; outro a côr purpurea, e outro a côr azul celeste: O professor *Beyrusse*, durante um banquete na Côrte do duque Branswick; mudou vma cazaca de preta em vermelha etc. etc. (2).

---

(1) Liv. II dos Reis Cap. II y 11—22; e Cap. IV y 39—41.

(2) Todos estes phenomenos deixam de sêr prodigios para os, que sabem *Chymica*; e os, que não a souberem; poderão examina-los no Tom. 1.º Cap. 14 das *Sciencias Occultas* de Euzebio Salverte, impressas em 1829: Jesus fez muitos milagres na sua patria para lhe dar a crença, como se vê em todas as paginas dos Evangelistas: mas não se tornando crível; os Nazarenos, segundo S. Marcos e S. Lucas Cap. IV; estiveram para o deitar abaixo d'um rochedo; e Jesus deixou a cidade incredula, dizendo-lhe: *Nemo propheta in patria*,

Jesus Christo professava as virtudes dos Essênios, e entre outras a *Castidade*; porque n'esta seita o casamento era tido como um estado de imperfeição: muitos de seus discipulos observaram cu .i. effeito a castidade, de que resultou uma multidão de Centbitas e Celibatarios, que com o tempo se tornaram em padres e frades Christãos, a quem depois os Papas prescreveram o Celibato obrigativo, que entre os Essênios e os primeiros Christãos não era mais; do que um negocio de *disciplina*: os Papas, receando que o homem cazado pudesse ser padre, e que os Reis e os Imperadores quizessem, como Saul, ser tambem Sacrificadores; prohibiram o casamento aos padres pelo *Concilio de Trento*, prevendo que não achariam nos príncipes e nos reis subditos doces a seus interesses. Os padres Christãos tinham outr'ora mulheres, a que chamavam irmãs *intrusas*; como se vê na Epistola de S. Paulo aos Corinthios Cap. IX. v. 5; e em França, Alemanha, e Inglaterra os Bispos tiveram mulheres e Concubinas muito depois do Concilio de Nicea, como se pode vêr nas *Considerações dos Primeiros Concilios de Potter*:

Mas a doutrina de Jesus sobre o casamento dos padres é clara e incontestavel: Eis como se explica S. Paulo na sua primeira *Epistola* a Timotheo, Cap. III. v. 1 — 4:

1.º — Isto é uma verdade certa: que se alguém deseja o *Episcopado*, deseja uma obra boa.

2.º — Importa logo que o Bispo seja irreprehensivel, esposo de uma só mulher, sobrio, prudente, amador da hospitalidade, e capaz d'ensinar.

3.º — Não dado ao vinho, não espancador, mas moderado: não litigioso, não cubicoso.

4.º — Que saiba governar bem a sua casa: que tenha seus lillos em sujeição, com toda a honestidade.

Donde se conclue que S. Paulo não diria que os Bispos deveriam ter *uma só mulher* e as mais *qualidades* a cima recommendadas; si os Bispos de seu tempo não tivessem muitas; e os seus costumes não causassem escandalo geral: eis a razão, porque a Igreja Romana nunca poderá aprovar a *Sociedade Biblica* de Inglaterra, que tem posto a *Estriptura Sagrada* nas mãos de todos, fazendo-a traduzir em todos os dialectos conhecidos (1).

A nossa penna foge de traçar os quadros licenciosos, que se acham proferidos na Biblia pelo propheta *Ezechiel* Cap. XXIII; onde elle pinta a dissolução das mulheres; contudo não acreditamos, como a Igreja de Roma, que a prohibição, que ella ordena, *de ler-se a Biblia*; seja em consequencia dos quadros obscenos que tem; pelo contrario pensamos que a religião, que não é mysteriosa, cessa de ser religião; e sendo a de Roma fundada sobre a Biblia; é natural que sua historia seja prohibida. Esta verdade prova-se por muitos exemplos: os padres Egypcios prohibiam que o Povo soubesse ler; tinham 3 alphabetos, com que occultavam os mysterios da religião á curiosidade dos profanos; mostravam ao povo os livros de *Hermes*, mas não lhe communicavam o seu conteudo: os Druidas estabeleceram que era um grande crime escrever sobre materia de religião: os Bramhs deitavam oleo ardente na boca de todo aquelle que lesse os *Vides*: em consequencia tambem a Curia Romana deve servir-se da lingua latina; lingua morta e desconhecida geralmente; para que o povo

---

(1) A *Sociedade Biblica* mandou imprimir a Biblia em 143 linguas; e em 1830 ja tinha espalhado por toda a Europa 7:867:131 exemplares, em que tem gasto 17 milhões de crusados pouco mais ou menos.

ignore o que pede a Deus: mas, apesar dos esforços d'este partido anti-social, a civilisação avançará, e o conhecimento da Biblia se espalhará por toda a parte.

Dissemos que os Papas mais ambiciosos prohibiram o casamento aos padres: todavia a *Historia da Igreja* nos apresenta muitos, que não foram Celibentarios: *Theodora* governou Roma: *João X* foi nomeado Papa por favor de *Theodora*: *João XI* filho do Papa *Sergio* e de *Merovia*, filha de *Theodora*, foi Papa e Vigario de Christo: *João XIII* foi deposto por causa da sua libertinagem: *Bento IX* vendeu o Pontificado por dinheiro a *Gregorio IV*: O Papa *Borgia* teve de *Venezia* 4 filhos e uma filha: e em fim eis como se explica o Cardeal *Baronius* sobre a corrupção de Roma e as eleições dos Papas;

« Que horrivel aspecto não apresentava a Igreja Romana no começo do decimo seculo, quando infames « Cortezãs dispunham a seu sabor das Cadeiras Episcopaes! E' horroroso ouvir-se que ellas punham seus amantes sobre o throno de S. Pedro, como fez D. « Maria Maldachini, collocando o seu Cardeal sobre a « Cadeira Pontifical em 1644, debaixo do titulo de Innocencio X; de modo, que se chamaram muitos Pontifices legitimos, que não eram sinão intrusos, e que deviam tudo a mulheres de má vida; os canones decretaes, antigas tradições, e ritos sagrados, eram totalmente esquecidos: a dissolução a mais terrivel, o poder mundano, e a ambição de dominar, tiha occupado o seu logar. » (1)

Não se julgue sêr superfluo tudo o, que deixamos ditto, porque os sonhos a *estrella* que dirigio os Magos; e o *milagre* de Jesus em Caná, sam factos commemora-

---

(1) Vej: R. de Schio tom. 1.º pag. 191.

dos em muitos Ritos Maç.:; principalmente entre os Carbonarios (1).

Jesus, segundo os Evangelistas, ensinou a *Resurreição* mas esta doutrina não foi seguida pelos Pharizeos nem Saduceos, que a tinham por fabulosa. João Baptista ensinava a *Penitencia*; e para purificar os crentes os fazia mergulhar no Jordão: observe-se porem que Jesus nunca baptizou: S. João Evangelista o diz positivamente no Evangelho Cap. IV. 7. 2.

*Sendo assim que não era Jesus o, que baptisava, mas seus Discipulos.*

Tambem os actos dos Apostolos e os 3 outros Evangelistas guardaram profundo silencio sobre este facto, o que não succederia, si tivessem d'elle conhecimento.

As pias de baptismo, hyssopadas, e as aguas lustraes existem entre nós, assim como existiram entre os Egypcios, Gregos, e Romanos; mas o baptismo tinha entre estes ultimos povos por objecto a *limpeza*, e a *saude*. Moysés e Mahomet fizeram da immersão n'agua um dos artigos essenciaes de sua lei, persuadidos de que as ablu-

(1) Tambem não se julgue que pretendemos indispor arbitrariamente a Curia Romana; pelo contrario a respeitamos, como bom Christão, que somos; mas não podemos deixar de censurar a levesa e indiscricção, com que ella tem alterado a pureza da Religião Christãa, e ainda muito menos a criminosa e ousada ingerencia, que sempre tem querido tomar e ainda hoje toma em negocios politicos das Nações, maxime da Portugueza (veja os Papeis Politicos *Hontem, Hoje, e Amanhã*; e o *Extracto da Sessão da Camara dos Deputados de 3 de Março de 1843*.

ções eram o unico meio de manter a saude em um paiz quente: João, imitando Moyses, baptizava no Jordão, e transmittio esta cerimonia aos Christãos: Homero nos indica que o uso da purificação por meio da agua existia no seu tempo entre os Gregos: Apuleo foi purificado pelas aguas lustraes antes de sêr ipiciado: e Luciano foi mettido no Tibre aptes de descer aos infernos: « Todavia (diz « R. de Schio) os homens celebres da antiguidade zombavam justamente d'aquelles, que pensavam purificar-se « das impurezas de sua alma mergulhando-se n'agua. Nós « nos limitamos (continua o mesino author) a citar *Slazo*, « e *Julião*. A purificação pela agua era commum entre « os pagãos; e eis porque S. Cyrillo não queria que se « fallasse do sacramento do baptismo porque mofavam « d'elle. »

Em nossos quadros e gravuras costuma-se representar Jesus tendo os braços encruzados sobre o peito (como em signal de bom pastor entre os Roz.: Cruz.), e S. João lançando-lhe agua sobre a cabeça; põe-se por cima uma *Pomba* representando o Espirito Santo; e a scena passa-se no meia do rio Jordão: mas declara R. de Schio que este methodo de baptizar não era adoptado por João, que consistia em 3 *immersões inteiras do corpo n'agua*. Quanto ás *pombas* os criticos observam que uma pomba tambem sahio da Arca de Noé e lhe trouxe o ramo consagrado a Minerva: Semiramis (que significa *Pomba*) tambem foi nutrida por pombas, e em gratidão, quando subio ao throno, as mandou collocar nas suas bandeiras; e depois da sua morte os Assyrios a adoravam debaixo do simbolo de uma *Pomba*, como diz Diodoro de Sicilia: era uma pomba, que dava os oraculos celebres de *Dodona*; esta pomba tinha altares, sacrificios, e Pontifices; o simbolo da paz, da amizade, e do puro amor foi venerado e divinizado antes que os primeiros Christãos fizessem d'elle

a terceira pessoa da Trindade (1): E finalmente entre os Ros.: Cruz.:, e outros gr.: Maç.: acha-se tambem o emblema da *Pomba*.

Jesus foi com effeito baptisado por João, como se vê no Cap. III de S. Matheus:

13 = *Então veio Jesus de Galiléa ao Jordão ter com João para ser baptisado por elle.*

14 = *Porém João o impedia, dizendo: eu sou o, que devo ser baptisado por ti, e tu vens a mim?*

15 = *E respondendo Jesus, lhe disse: deixá por ora: por que assim nos convém cumprir toda a justiça. Elle então o deixou.*

Por meio d'esta cerimonia Jesus se livrou da imperinencia dos *Padres* e dos *Pharizeos*; porque um dia, sendo interrogado por elles sobre a *authoridade, que tinha, de pregar e ensinar o povo*, lhes respondeu: *em nome de quem baptisava João sem que ninguém lhe obstasse?* Os *Pharizeos*; posto que desaprovavam a cerimonia de João e não podiam oppor-se-lhe por causa da affeição, que o povo lhe tinha, responderam a Jesus: *Que ignoravam em*

---

(1) Os padres d'Ammon tambem foram advertidos por *Pombas* da chegada de Alexandre: uma pomba em 496 trouxe do paraizo ao Bispo de Reims um Santo oleo, destinado a consagrar Clovis e os Reis de França: uma pomba instruiu Mahomet das vontades divinas: e finalmente pombas fizeram a correspondencia dos Califas de Bagdad com os do Grande-Cairo, postoque a 300 legoas de distancia.

*nome de quem João baptisava*: e desta maneira o nosso Divino Mest.: não ficou mais obrigado a responder ás suas perguntas.

A cerimonia do baptisimo praticava-se tambem, segundo Tertulliano, nos Myst.: de Mythrás; e fazia allusão a uma nova *regeneração*: este culto era quasi geral. Os Apostolos adoptaram, depois de João, esta cerimonia, posto que S. Paulo, que se deve considerar como propagador do Christianismo pela Grecia e Italia, parece não ter seguido rigorosamente esta enovação Judaica; porque não só deixou de baptisar os Corinthios, mas tambem pelo que diz na sua Epistola I. y 14:

*Dou graças a Deos, porque não tenho baptisado algum de vós, sinão a Crispo, e a Caio.*

13 = *Para que nenhum diga que fôsse baptisado em meu nome.*

17 = *Porque não me enviou Christo a baptisar, mas a prégar o Evangelho.*

Na Iniciação dos Myst.: de Memphis e tambem na de Eleusis fazia-se uso da mesma cerimonia do *baptismo*: os Maç.: de hoje ainda a imitam. O *Muito Poderoso* fazendo aproximar o Neophyto, e deitando-lhe agua sobre o lado esquerdo, lhe diz: *Sêde purificado*. E nas instrucções do primeiro gr.:, em muitos Ritos, pergunta-se ao Aprendiz.: *Donde vindes?* A que se responde: *Da Loja de S. João*, querendo dizer que vem de sêr purificado pelo elemento da *agua*. É por esta razão que entre os Maç.: se tem estabelecido a commemoração de S. João Baptista e de S. João Evangelista: Estas duas festas da Christian

dade, que cahem nos Solsticios, sam tambem as mais solemnues da Maç.:; e emfim é em honra d'elles que se tem estabelecido muitos Graus e muitas Ordens Maç.:. athe mesmo a do *Cordão-Branco*, instituida por Carlos XII Rei da Suecia.

Os *Sacerdotes* e os *Principes* perseguiram com effeito Jesus Christo por causa do seu dogma da *Resurreição*, e principalmente por causa da sua *doutrina*, que consistia na *igualdade*, atacava os direitos e o *poder* do Sacerdocio, e prescrevia a *communidade* de bens entre os seus discipulos e correligionarios: a sua religião reduzia-se a *adorar a Deos*, a *amar o proximo*, e a *dar a Cezar o que era de Cezar*. Esta religião era sem duvida a mais pura e a mais digna de Deos, e do homem esclarecido; mas nunca para povo ignorante: e eis a razão, porque os Egypcios e os Chinezes tiveram tambem duas religiões: uma para o povo, cheia de extravagancias; e outra para os esclarecidos, que eram os Iniciados.

Os Samaritanos acreditavam na *resurreição* dos mortos pelo tempo de Jesus; mas antes destes já muitos dos Hebreos tinham por verdadeira a Resurreição operada por Elizeo; como se vê no Livro 2.º dos Reis Cap. IV y 33-36; e a de Jesus vê-se em S. Lucas. Cap. VII y 11-17; e ainda que Elizeo seja considerado pela Biblia como um santo, todavia os criticos não lhe perdoam ter dado as mãos a um *regicida*, como se vê no 2.º Livro dos Reis Cap. VIII y 7-15. Os Reis deviam tirar uma sã lição d'este facto, e recçar que seus beneficios, dados ao Sacerdocio, se tornem contra o seu bemfeitor, assim como o prova a historia de Elizeo.

A doutrina de Christo não admittia a Biblia tal qual a interpretam os Christãos de hoje, e sua interpretação foi a mais forte causa da sua morte: a doutrina, que elle geralmente recommendava a seus discipulos, baseava-se

principalmente no livro da *Lei e dos Prophetas*, segundo o Deuteronomio Cap. VI v 4:

*Ouve, Israel, Jehovah nosso Deus  
é o unico Jehovah.*

Quanto ao *Decálogo*, de que trata o *Deuteronomio* no Cap. V, também Christo o seguia geralmente, excepto a *santificação do Sabbado*, como se vê em S. Lucas Cap. IV v 15, 16, e 31; e Cap. VI.

Os *Sacerdotes* e os *Pontifices*, para obterem a morte de Jesus, o accusaram de pregar uma doutrina contraria á Lei moysaica, e sua morte foi ordenada por Pilatos, como se vê nos 4 Evangelhos.

A ideia da *Resurreição*, annexa á do fim do mundo, era divulgada pelos philosophos e pelos Padres no começo do Christianismo; e d'ella se serviram mesmo para fazer allusão ás grandes desgraças, que se preparavam nos Imperios: Esta ideia se acha nas *Georgicas* de Virgilio, quando quer representar allegoricamente os combates de Roma entre Cezar e Pompeo.

A allegoria da *Resurreição* acha-se na Mythologia Grega, como existia no Egypto; e lendo-se a vida dos Santos, e correndo-se os Claustros dos *Cenobitas* de hoje, encontrar-se-ham *resurreições* dos mortos, operadas por S. Bento, S. Francisco, S. Pedro, S. Antonio, e S. Nicoláo. Os incredulos dizem que a introduccão d'estas *resurreições* só serve para destruir a de Jesus Christo; que estes milagres sam contos forjados por espiritos fracos, e em contradicção com a ordem da natureza; e que os homens, ha 20 seculos, eram tão feiticeiros como os de hoje. Os Corinthios ensinavam simplesmente que Jesus era o filho de Deus, porque Deus é pae de todos os homens; diziam mais que Jesus era o homem por excellencia, por-

que era nascido de Maria, que teve muitos filhos; mas não lhe admittiam divindade, porque não podia ser eterna como o mesmo Deus; e enfim elles não lhe admittiam nem os milagres, nem as resurreições, que se attribuíram aos Apostolos e seus Discipulos.

Os Romanos, tolerantes pelo que respeita á religião, trouxeram para Roma os cultos dos povos vencidos, e as divindades Egyptias alltiveram seus templos: pelo tempo de Tiberio se quiz impedir o exercicio de taes cultos, mas o de Isis, Osiris, e Anubis, lá se nacionalisaram; comtudo o Sacerdocio de Jerusalem estava em opposição com a authoridade civil, donde resultou a reforma prégada por Jesus Christo e por João: estes mesmos abusos se achavam tambem em Roma.

Os Imperadores Romanos, Julio Cezar, e Augusto, sentindo que a soberania estava em perigo, sempre que o povo estava subordinado a uma authoridade differente, julgaram tambem dever pôr-se á frente dos que prégavam a religião, e se diziam interpretes do Ceo: em consequencia não só se fizeram Pontifices, mas athe quizeram passar por santos. E' para admirar que os reis da Europa não tenham seguido este exemplo, sabendo que tantos reis teem sido derribados do seu throno, não pela religião de Jesus, mas pelo abuso do poder theocratico, arvorado contra o poder legitimo.

Seja porém como for, é certo que, passados tempos, os Romanos elevaram um templo a Jupiter em Jerusalem, contra o qual se levantaram os *Sacrificadores*, os *Levitas*, e o *Povo Judaico*: os Israelitas foram batidos, perdendo 585,000 homens; e os, que sobreviveram, foram deportados e athe vendidos como escravos: depois do Christianismo 70 annos Jerusalem foi novamente destruida por Vespaziano, e por teima de seus habitantes. Foi só pelo tempo de Adriano que Jerusalem foi restabelecida, to-

mando o nome de Hebraica, e depois disto não só ella é considerada como uma Cidade de pouca importancia, mas nem os Judeos poderam n'ella estabelecer-se mais (1): e eis como acabaram os mysterios estabelecidos por Moysés, e que os Pontifices e os Levitastinha praticado tão longo tempo na Judéa: Mas os Israelitas, espalhados por toda a Europa, e commerciado nas mais ricas Cidades d'ella, ainda hoje communicam oralmente a seus filhos os mysterios e a legenda de Jesus: Esta legenda foi differente em diversas Nações, conforme seguiam differentes Evangelhos; e authores ha, que dam d'estes o numero de 50. Mas foi somente depois do 3.º seculo que Santo Ireneu ensinou que não deviamos ter mais doque 4 Evangelistas; e, como n'estas épocas remotas todos os cultos se referiam ao Sol e aos elementos, Santo Ireneu considerou estes Evangelistas como seres allegoricos, filhos dos Myst. Egyptios, symbolos relativos aos ventos e ás estações. Eis como elle se explica: « Ha 4 Evangelistas, nem mais nem menos, porque ha 4 partes do mundo e 4 ventos principaes; e como a Igreja está espalhada por toda a terra é mysterio que ella tenha 4 columnas que a sustentem. Deos está assentado sobre um Cherubim, que tem a forma de 4 animaes differentes, e os 4 animaes sam a *figura* dos nossos 4 Evangelistas!! » (2) D'este texto se conclue não só que havia mais Evangelistas seguidos pelos Christãos, mas tambem que o dizer d'este Santo Padre é inteiramente allegorico, e tem uma grande relação com os Myst. Maç. de hoje; porque elle faz assentar Deos sobre 4 animaes, que não podia sêr sinão o Sol, representado pela constel-

(1) Jerusalem é hoje povoada por 30,000 Turcos e 2,000 Hebreos, Christãos, Gregos, Arménios etc. etc.

(2) Vej. R. de Schio pag. 240, tom. 1.º

lação do Cordeiro, que presidia aos 4 animais ou ás 4 estações.

Pelo tempo de Christo os direitos do Sacerdocio eram communs a todos os homens. Moysés, tinha estabelecido que só os filhos de Aarão fossem Sacrificadores, e que a Tribu de Levi fosse a unica guarda do Tabernaculo, com todos os privilegios e beneficios, de que em outra parte ja tratamos; os descendentes d'estas castas privilegiadas aborreciam todos os, que proclamavam doutrinas contrarias a seus interesses; e os Christãos principalmente eram detestados por causa da doutrina de S. João Evangelista, que dizia claramente *que Jesus Christo havia reivindicado todos estes direitos e privilegios, para todos aquelles, que seguissem a sua doutrina:*

*Elle que nos amou e lavou no seu sangue, e nos fez Reis e Sacrificadores (1).*

Foi por este principio, adoptado geralmente entre os primeiros Christãos, que os direitos do Sacerdocio passaram aos Imperadores Romanos, exercendo as funcções dos Soberanos-Pontifices: estas ideias prevaleceram ora na Grecia ora na Italia: em Syracusa o Sacerdocio obtinha-se por eleição do povo; e esta dignidade durava um anno: sabe-se tambem que; depois que Judas se perdeu, um Concilio composto de Apóstolos, e de 120 Discipulos de Jesus, elegeo um novo *Principe da Igreja*: N'este seguio-se o exemplo, que tinha dado Samuel, e a sorte foi quem decidio que Mathias substituisse Judas.

---

(1) Ap. Calypse Cap. I. v. 5 — 6.

Pelo que respeita ás Ord. e Ritos Maç.: o Sacerdocio e o Soberano-Pontificado dá-se indistinctamente ainda hoje a todos os II.: que sêguem os trabalhos das LL.: que sãz zelozos e esclãrecidos; e entre estes é a sorte, como entre os Judeos e os primeiros Christãos, que escolhe um só Gr.: Mest.:

---

## CAPITULO III.

### PURÁ DOUTRINA DO CHRISTIANISMO.

Ardua tarefa empheêndemos hoje. Ensinar que o Êvangellio repôusa no coração humano, e que a practica de sua doutrina pode dar-lhe a dignidade, exigia penna melhor aparada: não somos padre, nem theologo; somos raciocinador em um seculo que raciocina; mas queremos a dignidade humana, e este é o nosso unico titulo á indulgencia.

Para tempos e principios novos é mister crença nova: negar esta verdade é pretender viver sem respirar: a nossa religião dominante e actual não é mais, doque uma forma: é-se catholico Romano em nome; porem o seculo ja não crê na Curia Romana, que tanto tem abusado.

Na decomposição das antigas crenças é mister escolhermos uma, para curarmos do presente e ainda mais do futuro, porque é chegado o tempo, em que a Europa deve comêçar a obedecer á mesma civilização e ás mesmas instituições: mas qual será ella? Debaixo do imperio de Augustó o mundo não acreditava ja no polytheis-

mo: Romia, adoptando muitos Deoses, acabou por fazer  
 rir uns dos outros, e seu Pantheon não foi mais, do que  
 um compendio epigrammatico: um unico povo, no solo  
 da antiga Phenicia, obscuro, por muitos seculos, e funda-  
 do sobre a adoração de um só Deos, ousou proclamar  
 d'alto e bom som, e pela boca de seus Prophetas, o nas-  
 cimento d'um rei de toda a terra, um *Messias* um  
 Christo.

*Ecce homo*; calam-se os Prophetas, e apparece Chris-  
 to para estabelecer entre os homens a egualdade, a paz,  
 o amor ao proximo, e uma religião simples e universal;  
 pregou, desenvolveu e applicou a sua doutrina; do ho-  
 mens simples formou o seu Apostolado, que subjogou o  
 mundo; mas, perseguido pelo fanatismo da lei velha,  
 Christo enfim morreu martyr de sua doutrina, e por es-  
 ta terrivel prova a sua missão ficou legalisada.

Si este reformador do mundo não existio, nós admi-  
 ratnos a criação de tão sublime idea; mas se viveu, se  
 mesmo a narração de seus inimigos não é enganadora,  
 qual é esse *Ente* novo, que, simples como o homem, es-  
 magou tres mil annos de crenças e de heroes? Este  
 homem com a sua doutrina eu o adoro debaixo do nome  
 de *Christianismo*: é mister que athe os incredulos accei-  
 tem esta crença, como a mais bem feita para elevar o  
 coração humano, e para organizar a grande e nova civi-  
 lisação: esta crença é a unica idonea para fazer da exis-  
 tencia ordinaria um drama sublime. Eis a minha reli-  
 gião; e eis a, que é precisa para o mundo actual e fu-  
 turo: é verdade que ainda não estamos ao seu nivel; mas  
 temos necessidade de o tocar, e breve lá chegaremos. O  
 tempo dos Prophetas já passou; o seculo actual é gran-  
 de e livre; e por isso requer uma religião grande e livre  
 como elle: um seculo positivo carece d'uma religião tam-  
 bem positiva; mas não temos precisão de a inventar;

ella acha-se escripta e só nos falta desenvolvê-la e propaga-la. Para alcançar este fim é mister voltar-se o Christianismo ao seu nascimento: ha grandes obstaculos a vencer; mas d'um lado a raiva, e de outro o desmazelo d'outras crenças, aplanará os mais difficeis; e talvez que, melhor instruidas, venham todas ellas pôr-se á sombra do Christianismo para se salvarem do naufragio, que as espera.

Outra difficuldade é fazer crentes os, que não veem em Christo mais, doque um simples homem; mas estes não ousarão negar o facto historico de que elle foi o author d'uma revolução moral, que fez nascer entre os homens a *liberdade*, a *egualdade*, e o *amor ao proximo*. Este facto nos basta; por si só a religião se manifesta; e admirados não só se calarão, mas na ultima hora da sua agonia vós os vereis crentes na imagem, que athe alli só admiravam. . . .

Depois de Christo vieram seus discipulos, os *Evangelistas*, que contaram e commentaram a sua vida e doutrina; mas, não sendo esta a occasião de fazer a sua historia, limitar-nos-hemos a expor os *principaes preceitos* do Christianismo puro; e para o que de muito nos servirá a *Analyse da Moral Evangelica*, pelo medico, *Scipion Pincl.*

## 1.º

*Bemaventurados os pobres d'espírito, porque d'elles é o reino dos Ceos (1).*

As palavras d'este primeiro preceito parecem d'uma concisão tristissima, contra a qual se revolta o nosso entendimento! Começar por amaldiçoar a intelligencia, que

---

(1) S. Matheus Cap. V. x. 3.

o espiritalismo tinha collocado no seio da divindade, nos pareceu um insulto feito a Deos e ao homem: mas si analisarmos os desvarios da vaidade cerebral, e virmos que no coração do homem bate sempre uma *consciencia pura*, mui differente e menos perigosa, doque os desvarios da intelligencia cerebral, um clarão de luz desvanecerá o embaraço, que nos envergonha, e a verdade Evangelica subsistirá inteira e immaculada. A escola de Platão ja tinha previsto tamanha verdade; mas hoje a physiologia demonstra que o homem se compõe de duas vidas, interna e externa: assim esta primeira verdade, *felices os pobres de espirito!* exprimida por uma forma, que se subleva contra a vaidade ignorante, encerra um sentimento profundo; e nos adverte que não é a intelligencia, tanto mais incerta quanto é mais livre, que o Evangelho vai procurar a dignidade do homem; mas ao seu coração.

2.º

*Teu coração é o teu unico thesouro (1)*

Desta unica maxima vam dimanar todos os costumes Christãos, a moral do amor, e de seus actos brilhantes. Para medir a capacidade d'uma tal providencia seria mister chegar a ella, depois de ter atravessado as inconcebiveis miserias do entendimento humano. Estas desesperantes contradições confundiram tambem a *Pascal*, e fizeram com que este religioso genio duvidasse *si no homem havia dous homens!*

O Evangelho se deleita com tal verdade, e muitas vezes torna a ella, para fazer comprehender a sua importancia: Mas antes d'elle ja Salomão disse:

---

(1) - S. Matheus Cap. VI. v. 21.

## 3.º

*Sobre tudo o, que deves guardar é teu coração, porque d'elle procedem todos os principios da vida (1).*

Eis pois o coração com a posse dos destinos humanos!! E qual será o effeito d'esta primeira adopção? Qual vai sêr sua primeira necessidade, seu primeiro impulso? O Evangelho nos vai responder:

## 4.º

*Dá a quem te pede, e não voltes costas ao, que deseja que lhe emprêstes. (2)*

## 5.º

*Mas, para que a tua esmola fique escondida, não saiba a tua esquerda, o que faz a tua direita. (3)*

## 6.º

*Sobre tudo revisti-vos de caridade, que é o vinculo da perfeição. (4)*

---

(1) Proverbio de Salomão Cap. IV. v. 23.

(2) S. Matheus Cap. V. v. 42.

(3) S. Matheus Cap. VI. v. 3, 4.

(4) S. Paulo aos Colossensses Cap. III. v. 14.

## 7.º

*Amave-vos uns aos outros; nisto conhece-  
rão que sois meus discipulos. (1)*

Pelo que deixamos dito se vê qual é o privilegio do coração, cujos sentimentos, postos em acção, formam uma religião, chea de amor e generosidade: por esta consciencia de coração, a vida não pode sêr sinão uma continua moral, cuja primeira necessidade é a ventura dos outros: amor ao proximo, fraternidade dos homens, e egualdade de direitos; taes sam as consequencias d'este privilegio; taes seus titulos para fundar uma crença digna dos povos instruidos. Uma grande maxima vai resumir todos estes sentimentos, e guiar-nos em sua applicação:

## 8.º

*Tudo, o que vós quereis que vos façam os  
homens, fazei-o tambem vós a elles: por-  
que esta é a Lei e os Prophetas. (2)*

O destino humano encerra-se n'este preceito moral. Para sentir o, que se deve aos outros, basta sentir o, que elles nos devem: esta verdade está ao alcance de todas as intelligencias. Selvagem ou civilizado, ignorante ou instruido, feliz ou desgraçado, o homem saberá sempre o que deve fazer, em sentindo o, que quereria que lhe não fosse feito. E' uma verdade pratica e diaria: é uma guia infalivel, que revela o sentimento conservador, sem o qual o homem não saberá viver comsigo nem com os outros.

---

(1) S. João Cap. XIII. v. 34 — 35.

(2) S. Matheus Cap. VII. v. 12.

## 9.º

*Alegra-te, mancebo, em tua mocidade; contenta o teu coração nos teus primeiros annos; marcha como o teu coração te manda; porém lembra-te que por tudo isto apparecerás em juizo (1).*

## 10.º

*Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e fecha a porta, óra a teu Deus em secreto (2).*

## 11.º

*O Senhor fez o homem d'esde o principio e o deixou no poderio do seu conselho (3).*

A Escriptura não abandona inteiramente a intelligencia: ella nos ensina que a vontade é livre, e que pertence a esta dirigir a razão; mas tem pouca confiança em tal guia, nobre sim, mas muito incerta. É pela educação que a intelligencia se forma, se instrue, e se habitua ao bem. Conhece-se em toda esta providencia o profundo desenvolvimento dos principios já expostos, e que vam brevemente receber uma admiravel confirmação, quando virmos que a moral Evangelica consiste em seguir as inspi-

(1) Ecclesiasticos Cap. XI. v. 9.

(2) S. Matheus Cap. VI. v. 6.

(3) Ecclesiasticos 14.

rações do coração, em opposição d'uma vontade sempre docil ao capricho das paixões. Deixando o homem no imperio do seu conselho a divindade proclamou seu livre arbitrio: este arbitrio, tão cáro para alguns philosophos, lhes perturbou a cabeça; e, em logar d'uma razão modesta, foi a vaidade, que os perdeu. Receando dar a esta livre vontade o destino do mundo, o Evangelho recomenda os limites para os desvarios do espirito, dizendo:

## 12.º

*A vida e a morte. o bem e o mal está em presença dos homens (1).*

São taes os inevitaveis effeitos da ignorancia e da instrucção, que d'estas depende o bem e o mal; e, como a grande civilisação traz com os beneficios paixões e delirios novos, filhos da fraqueza da intelligencia, é mister cultivava-la por necessidade e por devêr; eis porque o Evangelho recomenda:

## 13.º

*Olha por ti e pela instrucção dos outros: presevera n'estas cousas (2).*

## 14.º

*O que rejeita a instrucção despreza sua alma (3).*

---

(1) Ecclesiasticos 32.

(2) S. Paulo a Timotheo Cap. IV. §. 16.

(3) Proverbios Cap. XV. §. 32.

O Evangelho está de tal modo em dúvida a respeito d'este entendimento orgulhoso, ainda mesmo cultivado; que elle o quer sobrio de juizos, maxime para com os nossos semelhantes; e diz:

15.º

*Não queirais julgar, para que não sejais julgados. Pois com o juizo, com que julgardes, sereis julgados: e com a medida, com que medirdes, vos medirão tambem a vós (1).*

16.º

*Levai as cargas uns dos outros, e d'esta maneira cumprireis a Lei de Christo (2).*

Estes dous preceitos d'indulgencia e de tolerancia sam tocantes e nobres; porque ensinam a benevolencia mutua, sem a qual não hã vida social: nas animosidades da vida, e tambem nas discussões politicas, elles desarmarão a coléra e os fúrores, e os argumentos de estupidéz e de injustiça.

17.º

*Se vés um homem entendido, procura-o desde pela manhã, e gusta com teus pés o lumiar da sua porta (3).*

---

(1) S. Matheus Cap. VII. §. 1—2.

(2) S. Paulo aos Galatas Cap. VI. §. 2.

(3) Ecclesiasticos 8, 30.

Alem do merito d'expressão, haverá melhor conselho doque o preceito, que envia a intelligencia a formar-se e a instruir-se perto dos homens entendidos? Estes homens sam raros; ordinariamente se retiram da multidão; e por isso é mister procura-los: a basofia, e a vaidade ignorante, é quem ousa mostrar-se: o homem entendido entra em si mesmo, observa, e não se mostra sinão áquella, que merece comprehende-lo,

## 18.º

*Então a paz de Deos, que vence toda a intelligencia, guardará vossos corpos e vossos espiritos (1).*

Quando vossa intelligencia se tornar modesta, tolerante, e instruida de sua humildade, então fiel ás inspirações do coração, ella fará de todas as vossas acções uma felicidade, que será como uma *paz de Deos*: vosso corpo mesmo, avezado ao nobre uso das funcções, e inhabil aos excessos, que o degradam, será rija cobertura d'uma alma forte e prestes a receber sem receio, as penas e as dores.

## 19.º

*Elle está entre nós: é por elle que temos a vida e o movimento (2).*

Sim, está comnosco e á roda de nós esta grande e immortal *Sabedoria*, que quiz que tudo fosse vida no Uni-

(1) S. Paulo aos Philipenses.

(2) Actos dos Apostolos 27.

verso! Sim, ella é tão inconcebível na mais pequena her-  
va, como o é na esplendida profusão dos astros, cujo gyro  
eterno e silencioso forma o hymno do Ceo! E nós sobre a  
terra, servindo de hymno ao Creador, a saberemos ad-  
mirar não só pela força, que agglomera as moleculas  
d'uma pedra, mas tambem na, que faz os mysterios do  
coração, e os sublimes impulsos do pensamento. Esta for-  
ça é tudo, e existe em toda a parte. E, si nos somos séres  
capazes de a proclamar e de a sentir, nossa voz a celé-  
bre, o silencio a admire, e nossas acções a hourem.

## 20.º

*Amae vossos inimigos, fazei bem aos,  
que vos teem odio; e orae pelos, que vos  
perseguem e calumniam (1).*

A antiguidade sabia honrar o heroismo humano, e a  
abnegação de si mesmo, quando alguma acção grande o  
manifestava: mas fazer uma facil e sublime moral, que  
todos podessem praticar nas varias occasiões da vida, era  
missão só reservada ao Christianismo.

E' só o impulso do coração, que pode responder á  
magnificencia d'estas palavras: estas servem de contraste  
ás vaidades da nossa intelligencia, sempre baixa e peque-  
na nos ciumes e nos odios. Fazer bem por bem não é  
mais, doque um dever, uma probidade moral, era a  
maior virtude das antigas religiões; mas fazer bem pelo  
mal, socorrer um inimigo, parece um desconcerto subli-  
me, cujo exemplo pertence aos, que só sabem aproximar-  
se da divindade.

---

(1) S. Matheus Cap. V. v. 44.

## 21.º

*Fazei bem e emprestae, sem d'ahi esperardes cousa alguma, e vossa recompensa será grande; e, si só amardes os, que, vos amam, que merecimento é o, que vós tereis? (1).*

Não ha dia algum, em que não seja mister lutar contra si e contra os outros; e o, que obedecer ao preceito Evangelico, será mais, doque homem nobre, e extremamente virtuoso. Fundando o reino do coração sobre o das extravagancias intellectuaes, a Escripura soube fazer a redempção do homem; e, revolvendo a dignidade, que o homem tinha dentro em si, soube resgatar por esta revolução toda a terra.

## 22.º

*Não ha para com Deos excepção de pessoas (2).*

Eis uma lição sobre a egualdade: os homens da natureza sam todos eguaes em direitos; o orgulho é só quem pode fazer crer que o não sam. Perante Deos e perante os homens não ha distincção alguma, sinão a, que se tem pela intelligencia e sentimentos. Ha perto de 2,000 annos que estas palavras de justiça e de liberdade se fizeram ouvir por toda a terra. Como durante tantos séculos as instituições sociaes não teem sido sinão um ultrage per-

---

(1) S. Lucas Cap. VI. §. 32 — 35.

(2) S. Paulo aos Romanos Cap. II. §. 11.

petuo a esta maxima? Como o genio infernal de dominação tem podido fazer d'uma palavra, egualdade, um poderio de privilegio e de escravidão? Conheçam todos que o Evangelho annunciou e anunciará a resurreição legal da justiça e da moral, que deve começar um mundo novo, instruindo não só os reis, mas também os povos:

## 23.º

*Devemos sêr humildes não só pelo receio da punição, mas também pela consciencia (1).*

Esta intelligente submissão ás leis exige-se tanto dos governos, como dos governados; e na falta d'intelligencia é ainda ao coração que a Escripura falla. Este sentimento de obrigações entre os cidadãos, esta consciencia de sua liberdade religiosa e politica, costuma sêr representada por constituições sabias; e é sobre ella que nossas instituições actuaes tomam sua força e duração:

## 24.º

*Bemaventurados os, que teem fome e sede de justiça; porque elles serão fartos (2).*

Eis outra lição para os Povos e para os Reis. Pode dizer-se que os povos da terra ainda hoje teem necessidade da ordem legal, que este preceito annuncia. Parece admiravel que depois de 18 seculos uma das bellas pala-

(1) S. Paulo aos Romanos.

(2) S. Matheus Cap. V. v. 6.

bras da nossa época, a justiça, seja o écho fiel d'uma palavra Evangelica !

25.º

*Bemaventurados os pacificos, porque elles serão chamados filhos de Deos (1).*

Si os homens fossem penetrados d'estas verdades ; principalmente aquelles, em cujas mãos a fortuna mette o poder , a terra não teria de chorar os desastres sanguinarios das discordias humanas, e os flagellos das guerras formidaveis, que esgotam Nações umas contra as outras. A maior desgraça não é o sangue espalhado ; porque o sangue só horrofiza ; mas sim a profunda escravidão, necessaria ao despotismo militar, que faz do homem uma bruta maquina, que causa indignação aos homens justos e liberaes.

26.º

*Não matarás ; porque aquelle, que matar será julgado (2)*

A morte é tambem proscripta pelo Evangelho : *tu não matarás* : só a ignorancia pode chamar a si o direito de matar um homem, como castigo : ainda sam restos da feudalidade, e d'uma justiça, que não conhece nem a sua dignidade, nem a sua missão. *Aquelle, que matar será julgado*. Si, ao pronunciar um aresto fatal, cada Juiz se lembrasse de taes palavras, e sonhasse que elle tinha de dar conta de sua decisão perante o Juiz dos Juizes, só o pa-

---

(1) S. Matheus Cap. V. v. 9.

(2) S. Matheus Cap. V. v. 21.

vor, na falta de Logica, o impedira de ser absurdo. A Igreja, horrorisa-se com o divorcio; mas toléra a morte! É outro ultrage feito ao Evangelho.

## 27.º

*O corpo volta á terra e a alma á immortalidade (1).*

Demoremo-nos um instante sobre esta grande verdade; porque, sendo esta a esperanza do homem contra a sua propria fragilidade, a philosophia mal a tem comprehendido. Affectando de confundir a alma com a intelligencia, o idealismo acreditou eternas tanto uma como outra: é uma blasfemia ignorante; porque a alma, principio animador, é a unica eterna: a immortalidade é tão inevitavel como o é a do Sol e a do Mar. Esta explicação chama a seu favor todas as sciencias phisicas; e, longe de as temer, se fortifica com ellas. Acaso poder-se-ha perder no Universo uma gota d'agua? Um grão d'arêa poder-se-ha anniquillar nos mundos? O, que a nossa fraqueza não pode explicar, menos o deve negar. A immortalidade da alma, *d'um não sei* que chamado vida, é tão phisica, como a indestructibilidade do Calorico e da Electricidade. Sua eternidade é forçada só porque não a podemos comprehender: tudo, que podemos comprehender, tem um fim, mas o, que não podemos comprehender, não o tem: aqui acaba a intelligencia humana; e onde esta acaba começam as sublimes e eternas grandezas.

---

(1) Ecclesiasticos 19.

## 28.º

*Falla com a terra, e ella to' ensinará:  
athe os peixes do' mar to' contarão (1).*

E com effeito a sciencia do globo, a Geologia, deve começar por interrogar as diversas partes, de que é formado este globo; mas, depois d'estes primeiros conhecimentos, veem as immensas questões. Como se introduziriam na profundidade da terra cadaveres fosseis, florestas immensas, que lá se encontram para advertir os seculos futuros? Outr'ora era alli a superficie da terra, viviam lá seres animados, e alli verdejava uma poderosa vegetação debaixo d'uma risonha primavera! Como se fizeram estas enormes mudanças? Seria por algum phenomeno terrivel e repentino? Ou antes a terra não teria, como tudo o que existe, sua vida, seus movimentos, e seus periodos de reforma? Visto que o mundo está entregue ás discussões da sciencia não haja receio de fazer fallar todas estas verdades; mas seja qual for a explicação dos homens, o pensamento ficará sempre abismado pelas inconcebiveis revoluções, que dormem no seio da terra.

*Athe os peixes do mar to' contarão:* Este appello á historia natural, este testemunho novo, pode tornar-se philosophia positiva; depois das descripções minuciosas dos animaes é preciso elevar-nos ás verdades geraes de sua conformação, das leis que presidem a seus movimentos, á sua vida, e ás gradações das differentes especies. Então reconheceremos uma providencia e uma profusão de criação, obra immensa d'uma immensa sabedoria.

---

(1) L. de Job. Cap. XII. v. 8.

*Si eu subo aos Ceos, tu ahí estás : Si eu me deito no sepulcro, la t'encontro (1).*

O mais bello hymno ao Creador é o *Tratado de Mecanica Celeste* : quanto mais esta sciencia é rigorosa em seus calculos, tanto mais ella humilha e desespera o nosso entendimento ! Contaram-se os mundos, de que se compõe o nosso systema planetario : annunciaram-se seus periodos, suas revoluções, e as leis de sua gravitação : mas, apezar do tudo isso, este systema dos mundos, tão temivel para o nosso pensamento, não é mais, que um ponta em uma immensidade mais temivel ainda. . . . E' mister cahirmos de miseria sobre nós, tocados d'um terror da divindade, como tem acontecido a todos os fortes genios, que teem querido explorar alguma das altas religiões. *Desça-se do Ceo á tumba* : a morte é a lição da vida : eis ahí um cadaver ! Tocae-o ! Não és tu ? A tua imagem ? Será o cadaver de teu pae ? Ou o de tua amante ? Mas elle está frio, e nos dá a idea do nada ! Do nada ? O nada só existe no teu orgulho ; no universo nada pode sêr *Nada*, porque tudo n'elle está cheio e contido : a morte mesmo é uma assombrosa maravilha : esse corpo inanimado é o fructo da vida ; tu o viste operar, pensar, e amar, e ei-lo ahí dormindo na eternidade ! Sua historia forma a historia da genero humano.

---

(1) Jeremias P.

## 30.º

*Quem pois fareis semelhante a Deos?  
Ou que semelhança lhe apropriareis? (1).*

A quem se assimilará a divindade, tão prodiga em maravilhas? O orgulho humano lhe tem dado olhos, orelhas, e rosto! isto tem sido um ultrage vergonhoso e culpavel! O homem miseravel nada tem podido achar de mais bello, do que a si mesmo, e ei-lo ahi fazendo Deos á sua medida, submettendo a immensa sabedoria ás suas proprias paixões, ás suas maldades, e aos seus odios!!!

## 31.º

*Não me des pobreza nem riqueza; mas  
mantém-me do pão de minha ordinaria  
porção (2).*

Tal era tambem o voto de Horacio: *aurea mediocritas*: Não me des sinão aquillo, que é preciso; porque no menos ou no mais começam a vergonha e o vicio. Afastae-vos pois vaidades da terra, a quem a miseria humana tudo sacrifica! Ide-vos tristes e miseraveis furores d'ambição, que devorais o melhor da vida! Fugi o mais que poderdes, mas por fim de tudo que restará de vós? O vazio, a miseria horrenda: no dia das provas vós não sereis mais, do que inuteis e amargos pezares!

(1) Esaias Cap. XL. v. 18.

(2) Proverbios Cap. XXX. v. 8.

## 32.º

*Recebe voluntario tudo o, que te acontecer; sé paciente na dôr e na desgraça. (1)*

## 33.º

*Invoca-me nos dias da angustia e eu te farei escapar (2).*

A desgraça é um grande mestre: a desgraça só por si faz o homem; e o, que não tem por ella passado não pode sêr julgado. Muitas vezes a adversidade tem feito d'um proscripto feal um rei legislador; e de um despota um imperador europêo. O homem, que sáhe victorioso da desgraça, respira uma atmosphera superior á, que respira o homem commum. Para as almas grandes em lugar d'uma bebida suave melhor lhes cabe uma amarga e desesperada; porque esta fortifica e ennobrece. Si se soubesse o, que ha de grande no fundo d'um desespero resignado; ninguem quercia mais a vida ordinaria.

## 34.º

*Examina-te e experimenta-te, a ti mesmo.*

---

(1) Ecclesiasticos 24.

(2) L. dos Psalmos Cap. L. v. 15.

## 35.º

*Não censure rudemente um velho ; exorta-o como pae, os mancebos como irmãos, as velhas como mães, e as moças como irmãs (1).*

Aquelle, que se examina, é religioso ; o, que se experimenta, é indulgente. Examinar-se é procurar conhecê-se ; e para o homem, que se conhece, cada momento, cada objecto é um aviso de sua impotencia e de sua miseria : a cada passo elle pergunta : que sou ? que quero ? para onde vou ? E' mister que a cada minuto elle se detenha, vendo de traz de si um passado, adiante um rapido presente, e alguns passos mais um medonho futuro, que é ainda obscura eternidade. Ei-lo ahí consumindo-se a conceber, considerando-se como um átmo percario, lançado, como por acaso, no meio d'eternas grandezas ! Então elle se dobra dolorosamente sobre si, e em um terror inquieto trata de procurar a consolação de se conhecer ! Interrogando-se começa a conhecer que este sentimento de miseria não é sinão o despeito do orgulho, cuja reflexão faz a esperança e a confiança : julgando-se fracção d'esta immensidade, que elle mesmo depois proclama, sua fraqueza torna-se força e dignidade : espera ; e ei-lo ahí consolado e religioso. Este sentimento religioso é profundo em todos os homens, ate n'aquelles mesmo que o negam. Observae-os, sós, no infortunio, e cada um dos seus suspiros servirá de homenagem a este sentimento. A intelligencia do homem pode-se medir pela religião de cada um ; e os povos mais civilizados sam tambem os mais religiosos.

---

(1) S. Paulo aos Corinthios.

## 36.º

*O marido deve amar sua mulher como seu proprio corpo. Aquelle, que ama sua mulher, ama-se a si mesmo (1).*

## 37.º

*O homem e a mulher não são mais, do que dous em uma só carne (2).*

Para fins divinos e humanos o homem e a mulher formam um ser completo: a necessaria distincção de dous seres differentes, mas similhantes, destinados a perpetuar tudo aquillo, que tem vida, é por si mesmo maravilhosa. No homem esta distincção torna-se por necessidade uma vida de sentimento e de paixões; que a verdadeira moral deve respeitar; dar a vida e conserva-la é para elle uma obrigação sagrada; e sua verdadeira honra é obedecer a uma providencia divina, que não tem direito de julgar: as crenças, e as instituições, que se debatem contra esta necessidade, renegam a Deus e mutilam o homem: e é n'isto, que tem errado o Catholicismo. A instituição do Celibato é celebre na historia dos Papas: athe ao seculo XI não foi observado, strictamente sinão por algumas comunidades religiosas; e só Gregorio VII fez d'elle uma lei obrigatoria. Este Pontifice foi habil em organizar o despotismo Romano; pois que por esta instituição elle estendeo sobre o universo um poder supremo, des-tacado dos laços de familia e de sociedade. Pelo Celibato

---

(1) S. Paulo aos Efesios Cap. V. v. 28 — 33.

(2) S. Matheus Cap. XIX, v. 5.

dos padres, pela confissão auricular, pelo estabelecimento das ordens mendicantes, pelas indulgencias, jubileos, purgatorio, e emfim pelo culto e reliquias dos Santos, a *Curia Romana* tirou ao espirito todo o direito d'examinar, e o mundo teve de curvar-lhe a cabeça. Uma tal religião está bem longe de sêr a bella religião de Christo, religião d'amor, d'egualdade e de liberdade; religião, que eleva o homem acima de si; e que o chama ao mais santo e ao maior desenvolvimento de suas faculdades. Todavia é mister reconhecer na dominação papal uma politica e uma perseverança admiravel: mas reconheça-se tambem que os tempos estão mudados, e que fallar hoje em nome de tacs ideias seria ultrajar a humanidade.

Por conclusão diremos que uma crença livre e grande deve ligar-se á civilisação nova, e levar á sua frente as verdades do Evangelho. Embora na Escripura muitas passagens pareçam recusar-se a uma explicação: profundadas estas descobrir-se-ham verdades moraes, que confundem o homem. A moral simples do Evangelho repousa sobre uma das grandes verdades phisicas, estabelecida sobre a distincção das funcções humanas, sem o que não ha a sciencia do homem. Alguns pensadores, confundindo de proposito o Catholicismo com a doutrina Christã, emprehenderam absolver uma por outra, e fundar sobre sua alliança a *liberdade religiosa*; mas seus esforços nada valeram, e sua voz ficou em um perfeito esquecimento.

Para rehabilitar nossa era de crença não ha sinão um meio, e é o *d'espalhar o Evangelho; fazel-o comprehender; e ensinar ao mundo as suas maravilhas*; mas esta crença precisa de novos Apostolos, que conheçam o coração humano e não do Sacerdocio, que o não entende, ou antes finge não entender. A *Curia Romana* e o Sa-

cerdocio violaram a tolerancia, que era a base essencial da doutrina de Christo: substituiram o fanatismo á rasão esclarecida; a escravidão á liberdade; o titulo de senhor absoluto ao de irmão; e finalmente substituiram as penas eternas a uma immortalidade promettida. . . . . Christo confiou ao Sacerdocio o *Cordeiro* sem mancha, como symbolo expressivo de sua pura doutrina; mas o Sacerdocio maculou a candura de sua lãa!! . . . . . Sinão fôra o abuso da *Curia Romana* certo estamos de que o Christianismo seria hoje a religião universal. . . . .

---

## SECÇÃO QUARTA.

---

SEITAS, QUE OCCASIONOU A MULTIPLICADA INTERPRETAÇÃO DA BIBLIA ENTRE OS PRIMEIROS CHRISTÃOS, E QUE SE REFEREM Á MAÇONARIA DE HOJE.

**A** HISTORIA nos ensina que, pelo tempo de Pythagoras, as sciencias e as artes foram levadas do Egypto para a Grecia; e que os Gregos, muitos seculos depois, tornados conquistadores debaixo d'Alexandre-o-Grande, introduziram suas doutrinas e suas disputas escolasticas por toda a parte, aonde as conquistas, o Commercio, e suas colonias os chamavam.

A cidade d'Alexandria, tendo sido reedificada, foi colonizada por muitos Judeos; de que resultou uma mistura de homens de diferentes nações, e religiões, que deram origem a muitas associações philosophicas e religiosas.

O *Platonicismo* era publicamente ensinado pelos Gregos em Alexandria; e os Judeos, que alli habitaram não só o aprenderam, mas tambem o communicaram a seus irmãos da Judéa e da Palestina, de que resultaram as diferentes seitas do *Logos* e do *Verbo*, que depois se applicaram ao *Christianismo*:

Mas note-se que todas as Seitas Judaicas, de que houvermos de tratar, chamaram *filhos de Deus* a todos os homens, que eram justos; e Jesus, sendo considerado por seus co-religionarios como o homem justo por excellencia, é natural que tambem lhê dessem os nomes de *Verbo*, *Logos*; e *Filho de Deus*. E com effeito o Evangelista S. João, que é perfeitamente platonico, misturou de tal maneira o *Verbo* e o *Logos* com Deus, que em toda a sua doutrina é confundido e tomado indistinctamente: pelo contrario S. Paulo, que prégou o Christianismo em paizes, onde este dogma não era ainda conhecido, nunca de taes nomes usou, como se pode vér nas suas Epistolas aos Thessalóniensés e aos Hebreos da Asia.

Seja como fór, é certo que, antes do começo do Christianismo, a Philosophia de Pithagoras e de Platon tinha lançado profundas raizes entre os Judeos no Egypto e na Judéa, o que produziu os dogmas *Essenios*, *Therapeutas*, *Sadusseos*, *Carpocracianos*, *Cabalistas*, *Gnosticos*, *Basilidianos*, *Manicheos* &c, que, tendo todos alguma parte da doutrina dos *Magos* e dos *Padres Egyptios*, se espalharam com o tempo por toda a Asia, Africa, e Europa.

Estas differentes Seitas Judaico-Christãs conservaram os *Myst.*: do Templo de Salomão com a allegoria do *Gr.*: *Arch.*: que era o seu *Missias*, ideia que os Judeos conservam ainda hoje: deste modo ellas chegaram de novo á Europa por meio dos Cavalleiros Cruzados, que trouxeram aos Christãos do Occidente os *Myst.*: do Templo com o culto da *unidade* de Deus, que tem por base a sua adoração, por mysterio, o estudo das suas obras, por communicação, os signaes e allegorias, e em resultado a benificencia. E assim os Cruzados nos transmittiram o cul-

to, os Myst., a Iniciação, e os emblemas, que se achavam na Palestina e no Egypto, e que se acham hoje entre os Maç.:

---

## CAPITULO I.

### ESSENIOS

Tudo nos conduz a crer que os Essenios datam do cativeiro de Babylonia ; porque se cita Zorobabel por um dos chefes d'esta sociedade religiosa, que existia no tempo de Christo, e a que se admittio Jozeph d'Armathea.

« Alguns Irsaelitas, diz Vassal, tendo habitado o Egypto, e voltando depois á Judéa, fundaram, aos 1550 annos antes da era vulgar, as tres seitas, *Ciniana, Re-cabites*, e *Essenia*. Mas de todas a ultima, que tambem « foi a fonte do Christianismo, é a, que mais relação têm « com a Iniciação. »

Os Iniciados a estes Myst. viviam como *Irmãos*; e a iniciação a seus myst. não era facilmente concedida :

Quando um Candidato se apresentava, elles o experimentavam *tres annos*; e antes d'admittido era preciso fazer o juramento de servir Deos, amar e proteger os homens bons, e finalmente guardar os segredos da Ord. com o perigo de vida. Os symbolos, as parabolos, e as allegorias eram para elles d'uso familiar: tal é a opinião de *Philon*, *Jozeph*, e *Plinio*.

*Dom Calmet* admira-se de que nenhum dos Evangelistas fallasse d'esta seita, tão celebre entre os Judeos, e que fazia tanta honra á sua religião: mas em resposta alguns Allemães affirmam que a doutrina de Christo é uma simples revelação da Iniciação Essenia, e que os *Cap. XIV* de *S. Lucas*, e *XVII* de *S. Matheus*, sam a completa manifestação dos seus segredos e experiencias, que Christo só ensinou a discipulos escolhidos: de modo que os primeiros Christãos, segundo estes authores, tinham sido todos Iniciados Essenios.

« Estes documentos historicos (diz o *Dr. Vassal*) não deixam duvida alguma sobre a existencia dos *Myst.*, Essenios, cuja instituição precedeu quatro seculos aos de *Salomão*, que, tendo passado por fundador, não foi realmente sinão o seu restaurador. »

A linguagem de Christo, dos Essenios, e dos Iniciados era a mesma:

*Pedi, e dar-se-vos-ha:*

*Buscae, e achareis:*

*Batei, e abrir-se-vos-ha* (1).

A crença dos Essenios era a *unidade* de Deos, a *immortalidade* da alma, e uma *vida futura*: da Grecia foi que elles tiraram esta opinião; porque os antigos Hebreos nunca duvidaram da immortalidade da alma, porém só cuidavam que a alma era a vitalidade do corpo, e residia no sangue; e é por esta razão que era prohibido entre

---

(1) *S. Matheus* *Cap. VII. v. 7.*

elles o comer carnes abafadas, pela persuasão em que estavam, de que a alma existia no corpo com o sangue.

O legislador dos Judeos não falla na immortalidade da alma, nem nas penas ou recompensas da vida futura: é verdade que alguns Psalmos parecem tratar d'esta materia em abstracto; mas todas estas passagens sam susceptiueis de duas interpretações; e o, que decide a questão, sam os trexos seguintes de Salomão:

19 = Porque o, que succede aos filhos dos homens, isso mesmo tambem succede ás bestas, e o mesmo succede a elles: *ambos*; como morre um, assim morre o outro, e todos a *mesma respiração* teem; e a vantagem dos homens sobre as bestas é nenhuma; porque todos sam *vaidade*.

20 = Todos vam a um logar: todos sam do pó, e todos se tornarão ao pó.

21 = Quem adverte que a *respiração* dos filhos dos homens para riba sobe, e que a *respiração* das bestas descende para debaixo da terra?

22 = Assim tenho visto, que não ha cousa melhor, doque alegrar-se o homem de suas obras, porque essa é sua parte: porque quem o levará a vêr o, que será depois d'elle? (1).

---

(1) Ecclesiasticos Cap. III. y. 19, 20, 21, e 22.  
20 \*

Dõnde se conclue que Salomão não admittia a resurreiçõ nem a immortalidade da alma.

A existencia porem do Gr.: Arch.: é demonstrada por suas obras, em cujo exame a fraca razão humana se perde. Noçõs sobre os meios, que elle empregou em suas maravilhas faltam á intelligencia humana. A natureza, ou ó symbolo do Deós Creador, era encoberta entre os Egypcios; e que theologo antigo ou moderno poderá definir e resolver plausivelmente as perguntas, que apresenta *Benjamin Constant*? Que sêres precederam á creação e á ordenação do universo? Como foram investidos da força creatriz? De que substancia sam elles? Donde lhes veio a vida? Sam um ou muitos? Dependentes ou independentes? Motores spontaneos ou agentes das leis necessarias?

A existencia da alma pode demonstrar-se pela vitalidade; mas o conhecimento della (revelação á parte) é pura hypothese sobre que é impossivel obter uma demonstração ou formar idea clara e positiva.

Muitos seculos antes da doutrina de Salomão, S. Paulo, que tinha admittido o dogma da resurreiçõ, diz:

*E' mister que o corpo corruptivel vista a incorrupção, e que este corpo mortal vista a immortalidade (1).*

E' por esta doutrina que se estabeleceu a futura re-

---

(1) S. Paulo aos Corinthios Epistola I. §. 53.

crença Christã, e a crença da immortalidade da alma; opinião que existia muitos seculos antes na Grecia, na Persia, na Syria, no Egypto, e athe mesmo em Roma. Cicero em o seu *Tractado das Leis* attribue á *Iniciação* a crença de uma vida futura.

Posto que os *Myst.*: Judaicos tivessem sido menos celebrados pela historia; doque o foram os dos Egyptios e Gregos; todavia os *Myst.*: Essenios sam para nós muito mais interessantes; porque não só sobreviveram aos de Memphis e Eleusis; mas tambem porque, segundo a opinião de muitos eruditos, elles servem de tronco á *Maç.*: moderna.

---

## CAPITULO II.

### THERAPEUTAS

Philon, que se julga contemporaneo de Jesus Christo, escreveu o tratado *de vita contemptu*, acerca dos Essenios Therapeutas, para reivindicar a opinião então estabelecida, de que elles só professavam a philosophia dos Gregos, pondo de parte as instituições moysaicas. Estes solitarios somente se occupavam na contemplação de Deus.

Os antigos Padres dizem que os Therapeutas do Egypto se collocavam do lado dos Christãos sem deixar sua

philosophia e seus Myst.:. Elles foram os instituidores da vida monastica, que era santificada pelo trabalho de dia e pela meditação de noite: mas pelo andar dos tempos, e pelas riquezas, que obtiveram, os Frades trocaram a vida santa e trabalhosa pelo ocio e pelo deboche, e acabaram por serem odiados pelos povos mais civilizados.

Philon porem diz que os primeiros Therapeutas, sahindo de seus collegios, *levavam a mão direita entre a barba e o peito, e a esquerda estendida ao longo do quadril*, para serem conhecidos uns dos outros. E em commemoração dos *pães de proposição* elles os punham sobre mezas para distribuirem aos pobres, nos dias de festa. Joseph e Eusebio, seduzidos pelas virtudes e caridade, que reinava entre os Pytagoricos e os Therapeutas, os confundiram juntamente dando-lhes encomios. Estas sociedades desprezavam com effeito os prazeres da vida, não os achando dignos de occuparem o homem: não se nutriam sinão d'hervas cruas ou cozidas, de pão, mel, leite, e não tinham outra bebida mais que a da agua: e apezar da depravação de costumes, que então havia no Egypto, elles eram considerados como *Santos*. Ignora-se si os Therapeutas do Egypto eram Judeos ou Christãos; mas esta duvida prova que elles eram tolerantes em materia de religião.

---

## CAPITULO III.

### SADUSSEOS E PHARISSEOS

As duas Seitas, que contavam mais partidarios em Jerusalem, pelo tempo de Jesus, eram as dos Sadusseos e Phariseos.

Os *Phariseos* admittiam a pluralidade das mulheres; seguiam uma parte da lei escripta; e tinham outra oral, que diziam vir de Moysés para transmittir dos paes aos filhos. Entendiam que Deos tinha confiado verbalmente a este legislador um grande numero de ritos e dogmas, que nunca tinham sido escriptos: não admittiam por livros da Biblia, o Ecclesiastico, o Cantico dos Canticos, nem os Proverbios; e julgavam que estes livros corrompiam a alma.

Os Sadusseos, pelo contrario, consideravam todos estes livros como canonicos: não admittiam a polygamia, referendo-se ao Cap. XVIII do Levitico v. 18:

*E não tomarás uma mulher com sua ir-  
mam, para affligi-la em sua vida.*

Donde se vê que os Sadusseos não admittiam a pluralidade das mulheres e estavam em opposição com os Phariseos, que defendiam a opinião contraria, baseada

na historia de seus antigos Patriarchas, e a exemplo de David e Salomão.

Jesus Christo censurou os Phariseos e as suas tradições, que enfraqueciam a lei, e animavam os ricos e orgulhosos: oppoz-lhes a doutrina de Pythagoras; a polygamia foi proscripta, e a opinião de Christo triumphou.

Os *Sadusseos* não admittiam a immortalidade da alma, nem o inferno, e ainda menos o paraizo; mas em compensação elles tinham bons costumes e queriam que os homens estivessem sujeitos a uma justiça mui rigorosa. Eram severos stoicos, que, seguindo a doutrina d'Epicuro, admittiam com tudo os escriptos de Moysés e Salomão. Os *Sadusseos*, iniciados nos mysterios da natureza, não viam n'esta mais, doque a *destruição* e a *reprodução* de todas as cousas. Em Athenas, Roma, e em Jerusalem, as doutrinas do materialismo eram então seguidas por homens mui probos; e, apesar de taes principios, muitos dos *Judeos*, que eram *Sadusseos*, foram elevados á dignidade de Grandes Padres ou Sacrificadores; e, posto que os Pontifices Romanos de hoje representem os Sacrificadores *Judeos*, todavia, si algum hoje professasse taes doutrinas em Roma, sem duvida seria perseguido, e correria risco de morrer na *Santa Inquisição*, embora Jesus nunca reprehendesse a doutrina dos *Sadusseos*. A sua Trindade era *Allat* (simulacro de pedra), *Allasa* (pedaço de pão) e *Mana* (uma pedra informe)

---

## CAPITULO IV.

### HERODIANOS.

Differentes poetas latinos nos fallam dos Herodianos : esta Seita considerava Herodes como seu Missias, o qual, alem das cidades que fez construir nas províncias, que os Romanos lhe deram a governar, edificou tambem um Templo magnifico sobre as ruinas do de Salomão, unico consagrado ao verdadeiro Deus.

O Templo de Salomão, que, depois de todos os desastres de Jerúsalem, foi restaurado pelos Musulmanos, está hoje convertido em uma simples mesquita : nenhum religionario d'um culto estrangeiro pode n'ella entrar : uma ordem real lhe concede a entrada ; mas para saber é mister que abrace primeiro a religião de Mahomet.

---

## CAPITULO V,

### CARPOCRACIANOS.

Ainda que o Judeismo e o Christianismo sejam duas religiões inimigas, das quaes uma trabalha para estabelecer-se em cima das ruinas da outra, todavia a differ

rença só consiste nas virtudes praticadas e prégadas pelo nosso Divino Mest.:—A theologia sobre Deos é a mesma; o Deos de Moysés é o Deos dos Christãos; porque o dogma da Trindade, que não é admittido nem seguido por todos os Christãos, não foi espalhado sinão muito depois da origem da religião Christã, e aha mesmo depois de S. João Evangelista o que se pôde ver em muitos authores, maxime em *Lenoir*.

Os Carpocracianos nasceram com o Christianismo; professavam a doutrina de Jesus; não admittiam sinão a *unidade* de Deos; e ensinavam a seus Iniciados que Jesus Christo tinha escolhido entre os seus 12 Apostolos alguns amigos fieis, a quem confiou todos os conhecimentos, que elle tinha adquirido no Templo de *Isis*, onde tinha estado a estudar 14 annos.

Os Carpocracianos exercitavam-se nos estudos das sciencias naturaes, principalmente na mineralogia, e chymica; e tinham por maxima — *que era mister occultar a verdade ao vulgo*; e como os remedios, os mais salutares, contem sempre uma dose de veneno, elles diziam que o grande medico, Jesus, em nome da humanidade, lhes tinha prohibido communicarem a sciencia do bem e do mal, excepto aos homens virtuosos. A sociedade Maç.: de Londres, em o seculo XVII, seguiu o mesmo systema do segredo nas descobertas, que fazia em physica e chymica.

Os Carpocracianos tinham tambem um signal para se reconhecerem, o que era indistinctamente commum a todos os Iniciados de Jesus: os Christãos adoptaram o signal da Cruz, que todavia differe do que usam os Gregos e Latinos.

Os antigos nos deixaram por escripto, diz R. de Schio, que as Sociedades secretas tinham segredos particulares; que todas tinham signaes e palavras próprias; e emfim que não admittiam indistinctamente toda e qualquer pessoa á Iniciação; o que se prova mesmo pelo que diz S. Lucas nos Cap. IV, e X: Parece que Jesus communicou a seus discipulos e Iniciados alguns signaes Carpocracios e Gnosticos, dos quaes se servio em Emmaús, e de que se servem hoje tambem os Mac.

## CAPITULO VI.

### CABALISTAS:

Todas as Seitas Judaico Christãs professavam uma parte da philosophia Platonica; e S. Agostinho declara nas suas *Confissões* L. VII que o começo do Evangelho de S. Joào era baseado nas doutrinas de Platão: e com effeito a palavra *Verbo*, depois de ter sido posta em tortura de mil maneiras, deu origem entre os Judeos á sociedade da *Cabala*, profanada hoje, mas outr'ora profundos sabios militaram debaixo da sua bandeira.

E' a *Simon Ben-Jochai*, que vivia alguns annos antes das ruinas de Jerusálem, que se attribue a instituição d'esta seita; e sobre a qual deixou um livro cheio d'allegorias e metaphoras, que se chama *Sockar* (Esplendor). Por taes meios a divindade era susceptivel de muitas interpretações, e carecia-se de muito tempo para

compreender plausivelmente sua producção; é porém mister confessar que suas allegorias são mais claras; do que as do apocalypse; e é curioso saber-se que estes dous escriptos serviram ao systema Maç.:

« *Ben-Jochai* representa Deus debaixo do emblema « d'um venerando velho, cuja cabeça está escondida em « um logar superior: põe-lhe n'esta mil milhões de mil-  
« lheiros; 7500 caracões de cabellos brancos; tendo cada  
« um d'elles 410 cabellos; o que corresponde ao numero;  
« que dá a palavra *Kadosch*: todas as partes do rosto en-  
« cerram cousas admiraveis: a barba é branca como a  
« neve e desce até ao umbigo; e há nella 13 partes que  
« encerram todos os grandes myst.;; mas só os iniciados  
« as comprehendem » (1):

*Simon* teve muitos sectarios. A opinião favoravel sobre a Biblia enfraquecia-se todos os dias, quando a dos Cabalistas augmentava. Estes sectarios sustentavam, como os Essenios, que as palavras da Biblia eram imagens de cousas occultas, e que era mister mudar os livros sagrados em allegorias, porque a Biblia, tomada litteralmente, não podia produzir sinão scismas.

A philosophia da Cabala propogou-se extraordinariamente na Syria, na Palestina, e particularmente no Egypto, onde o systema das allegorias estava em uso, e onde a Cabala era seguida pelos Padres. Esta se conservou no Egypto até ao tempo das Cruzadas; e veio depois figurar na Europa, em processo dos Templarios, no seculo XIII. Os Cabalistas acreditavam em um só Deus: ensina-

---

(1) R. de Schio Tom. 1.º pag. 283.

vam o dogma da sua unidade: e para se entrar em sua confraria eram mister experiencias antes da Iniciação. O vulgo os considerava como idolatras, porque tinham a imagem allegorica, que lhes servia de dar uma idea relativa ás obras e á existencia de Deos, pois entendiam que a criação é eternamente continua.

Os idolos correram o mundo. Os Christãos de Roma, que veneram pequenas figuras de páu e de metal, representando Santos, Virgens, e Espiritos; nam sam os unicos nem os primeiros, que adoptaram os simulacros. Houve povos antigos que traziam *Nóminas* ou *Talismans* sobre si, a que attribuiam propriedades miraculosas.

Antes dos Gnosticos e dos Cabalistas tambem os *Padres Egypcios* asseveravam que podiam communicar ás estatuas alguma cousa da natureza divina: os Gregos e os Romanos acreditavam que os Deoses se incorporavam nas estatuas por meio da consagração. «E finalmente uma imagem em Portugal, diz *Salverte*, achada em um buraco, servio para, em 1823, perseguirem homens, que não tinham outro crime; sinão o de haverem convidado o povo a deixar a escravidão, e o funatismo! E n'America, *Thaumaturgos* ha, que, abusando da maldade ou da crença d'aquelle, que os consulta, entregam á morte um negro, como complice do crime, real ou imaginario, de que o seu senhor procura os authores! E em fim a Inglaterra e a França; que se olham como o prototypo da civilisação Europêa, ainda conservam em seu seio uma *turba-multa* d'impostores eguaes!!!»

Os Cabalistas, sabendo que nossas ideas nos veem dos sentidos, e admittindo que Deus não era um sér corpório, pensaram que não se poderia ensinar o dogma d'uma

Deos sem lhe fixar a idea por signaes mais ou menos imperfeitos; e eis a razão, porque escolheram a imagem, do que fallámos, e a que se pode chamar a imagem da *palavra*.

Alem dos escriptos de *Ben-Jochai* os Cabalistas deixaram outros enigmaticos, cuja interpretação occupou já muitos sabios: é mina mui profunda e assás difficil de explorar, e da qual se tirou muito proveito no seculo XVII, e que tem grande relação com os *Myst.*, *Egypticos* e *Maç.*

---

## CAPITULO VII.

### GNOSTICOS.

Dos Cabalistas sahiram os Gnosticos, que, depois que o Christianismo se espalhou na Europa, desapareceram, como fundidos nas trevas; todavia pelos annos da Europa, e pelas obras polemicas, que appareceram atheo tempo das Cruzadas, sabe-se que a sua theologia assentava sobre a *eternidade* dos seculos; e sobre a *emanação* dos principios divinos. O nome Gnostico vem do gr. *gnônoskô* (conhecer) e servia d'inscripção ao Templo do Sol: seus padres chamavam-se *Padres do Sol*.

Estes diziam a seus Iniciados « que o, que adorava o *crucificado*, era o ser mais baixo na escala do seres; e pelo contrario aquelle, que, sendo dotado de bom senso para conhecer que um homem não podia ser Deus

«omnipotente e eterno, tinha chegado ao ponto mais elevado da escala, e que então, tornando-se Gnostico, «tinha adquirido toda a sciencia humana» (1). Os Cavalleiros Cruzados trouxeram para a Europa esta doutrina; e os Templarios foram accusados de tambem o professarem; e um Gnostico chegou a sustentar com uma reprehensivel ousadia que Jesus, adorado pelos Pontifices, não era sinão um *magico*.

Os Gnosticos diziam tambem que o edificio emblematico de sua sciencia era construido sobre um quadrado, cujos angulos tinham o nome de

*Sighe* (silencio)  
*Bathos* (profundidade)  
*Nois* (intelligencia)  
*Aléthe* (verdade).

O Templo mystico de Salomão conserva ainda estes attributos. Era de presumir que os Christãos Gregos, no tempo do Baixo-Imperio, que não conheciam a doutrina dos Gnosticos, em opposição da sua, encarassem esta sociedade secreta como heretica e antimoral; e por isso renovaram contra ella as calumnias, inventadas contra os Christãos da Italia no tempo de Nero: sacrificios humanos, abluções sanguinolentas, uniões contra a natureza, e emfim não houve crime, que lhes não fosse imputado em suas Iniciações e Myst.: Comtudo S. Clemente d'Alexandria lhes faz mais justiça, quando em suas *Miscellaneas* diz, que não ha differença do verdadeiro Gnostico ao

---

(1) R. de Schio Tom. 1.º pag. 286.

*perfeito Christão*, ainda que bem sabia que a principal doutrina d'esta sociedade era a negação absoluta da *divindade* de Jesus, e que esta era a unica moral Christã, que os Gnosticos praticavam.

Um dos preceitos oraes, que, ainda hoje se conservava em muitos Ritos Maç.: é o *nosce te ipsum*, que nos veio dos Gnosticos; e a letra *G.*, que se acha no gr. de Comp., e outras Ord., parece tirar sua origem de *Gnosis*. É a primeira letra da palavra, que os Maç.: conservam na *Estrella rutilante* (Vej. Est. 3.º N.º 4). Concordamos, segundo um instruido Maç., em que todas as sciencias sam pouco em relação á *Gnosis*; porque esta é a unica, que nos pode fazer adivinhar aquillo, que *somos, d'onde vimos, e para onde vamos.*

A Historia Ecclesiastica diz « que a appareição d'esta sociedade data da época, em que o Christianismo começou a propagar-se, e que era contemporanea, fructo, e tronco da mesma arvore. »

Pela destruição do Templo d'Elcuisis por Alarico o Visigodo, em 396, era vulgar, os padres, que poderam escapar á espada dos barbaros, se refugiaram no Egypto e associaram-se aos Gnosticos, o que lhes augmentou o numero e a sciencia. E no *Epiphania* diz-se que *os Gnosticos se conheciam entre si pela maneira de tomar as mãos.* Os signaes d'estes sabios e suas allegorias ainda hoje se conservam na Maç.: — O véo, de que se cobria *Achomet*, acha-se no Templo Maç.:; O *Baphomet* dos Gnosticos tornou-se no dos Templarios, que, semelhante á pelle do Leão, symbolisa o Sol. A Natureza era representada por symbolos, assim como a Astronomia o era por figuras. Os Gnosticos usaram dos signos do Sol, das Estrellas, e

do Zodiaco; e estes signaes passaram aos Maç.: do Occidente, como se acham nas pedras sepulcraes de nossos antepassados, e particularmente em muitos *talismans* do tempo de Dominiciano, como depois veremos.

## CAPITULO VIII.

### OPHITOS.

Os ophitos, do gr.: *Ophis* (serpente), modelaram seu systema pelo dogma dos Gnosticos: existiram tambem durante os primeiros seculos do Christianismo: e á imagem barbuda, e á semilhança dos Iniciados Egypcios, substituiram para emblema da divindade a *Serpente* de Serapis; de que resultou imaginarem Tertulliano e os Santos Padres que os Ophitos adoravam uma Serpente material. Os Ophitos, diz Tertulliano, « honravam a Serpente; consideravam-a como seu Christo e seu salvador, e « preferiam-a a Jesus; porque, diziam elles, ella tem a « sciencia do bem e do mal »: N'esta supposição os Ophitos seguiam a Biblia, que descreve a Serpente tentadora d'Eva como tendo toda a sciencia, ou se refferiam á Serpente de Moysés, que curou as molestias dos Israelitas no Monte Sinai; uma e outra não eram mais que a *Serpente* Egypciana de Serapis, que Moysés tinha achado nos emblemas do culto do Sol, e que devia ter estado em veneratione muito antes dos Ptolomeos.

Os Ophitos professavam um Deus Pae increado: fo-

ram desapiedadamente perseguidos pelos Christãos do Oriente, o que os levou a amaldiçoarem o Galiléu e seus padres, persuadidos de que as instituições d'estes os tinham tornado intolerantes. Um de seus emblemas era a *Cruz truncada*, o *Phallus*, que depois se tornou málhete Maç.:., e que representava o *pau* da vida, e a *chave* da sciencia: tinham tambem o *Calix* ou vaso Cosmogónico, symbolo commum aos Gnosticos, e que se acha na pátera dos Maç.:. — Estes emblemas sam tambem communs aos crentes de Mithe ou *Mythras*, que existem no Indostão.

Os Ophitos dirigiam suas supplicas perante a figura do *Pentagono*, que era um dos signos de sua instituição, como o foi o dos 7 sabios da Grecia. (Est. 3.º N.º 5 e 6.)

Estes emblemas e esta doutrina passaram á Europa; e foram adoptados pelos Cruzados, pelos Roz.: Cruz.:, pelos Templarios, e emfim pelos Maç.:.

A maior parte das seitas, que se reproduziram depois dos Essenios, Gnosticos, Cabalistas etc., honraram o Sol, como a mais bella imagem do Eterno: todas ellas admittiam a unidade de Deos; mas-não a divindade de Jesus Christo, maxime os Gnosticos, que se gabavam de o ter contado entre o numero de seus II.º

---

## CAPITULO IX.

### BASILIDIENSES.

Os Basilidienses parecem ter nascido da mistura dos Essenios e Gnosticos. *Basilidio* dizia a seus adeptos: *vós deveis conhecer tudo, e ninguém vos conhecerá.* Ainda hoje temos d'elles alguns monumentes nos *Abraxas*, que encerram signaes mysticos. O nome d'*Abraxas*, que se acha gravado em muitas pedras dos primeiros dous seculos do Christianismo, dá em letras gregas o valor de 365, o mesmo numero de graus do famoso circulo d'ouro do tumulo d'*Orcaudyas*, sempre relativo ao curso annual do Sol; o que prova que as religiões antigas devem sua origem á Astronomia.

Os Basilidienses tinham duas imagens em lugar d'uma, como os Gnosticos; uma tinha barba e outra não: estes simulacros eram allegoricamente honrados por elles. St.<sup>o</sup> *Ireneo* acreditou que estas imagens eram as de *Jupiter* e *Minerva*; e por isso os accusou de idolatras.

*Basilidio* obrigava seus Discipulos ao silencio durante 5 annos, como outr'ora os de *Pythagoras*; julgava-se este tempo necessario para a preparação da Iniciação, e para o conhecimento da sciencia humana (*Gnosis*): um só entre mil era admittido ao santuario, isto é, ao conhecimento da Divindade; e de dez mil Iniciados, dous sómente eram aggregados para participarem da revelação

inteira dos segredos da natureza: e estas seitas eram verdadeiras escolas de philosophia:

Mr. Ouvaroff crê que na Iniciação superior se limitavam a demonstrar a *unidade* de Deus e a *immortalidade* da alma, por argumentos philosophicos: e Clemente d'Alexandria, que passava por iniciado, fallando dos Grandes Myst.: diz: *aqui acaba todo o ensino, vê-se a natureza e as cousas*: mas ninguem duvida de que, pelo tempo das primeiras sociedades Judaico-Christãs, as noções de moral eram vulgares; e si estas só fizessem a essencia dos Myst., nunca poderiam ter merecido os magnificos elogios dos sabios da antiguidade: alem d'isso; estas sociedades teriam deixado de existir desde o momento, em que as verdades secretas tivessem sido ensinadas publicamente: Pindaro, Platon, Cicero e outros não teriam fallado d'ellas com tanta admiração: nunca o Hierophanto se occuparia em lhes ensinar com aparato e com segredo taes opiniões, quando todas poderiam ter-se aprendido em livros e escolas publicas: observe-se mais que n'este tempo a moral e a philosophia tinham chegado a uma tal elevação, que a respeito da primeira nada era desconhecido: consequentemente em taes sociedades dever-se-hiam achar grandes verdades moraes e philosophicas, occultas ao vulgo, e conservadas por tradições oraes, que remontavam á primeira idade do mundo. Estes conhecimentos, postos no meio do Polytheismo, formavam a essencia e a doutrina secreta de todos os Myst.:

Esta hypothese concilia as contradicções apparentes da relação dos antigos sobre a *materia* e a *alma*; e accorda-se perfeitamente com as tradições oraes dos Cruzados, e em particular dos Templarios, que se diz serem os instituidores dos Maç.;; advirta-se com tudo que a

maior parte dos philosophos Egypcios, Gregos, e Romanos, assim como os Santos-Padres, fizeram um systema de religião em separado, e que os sentimentos dos primeiros destruíram muitas vezes os sentimentos dos segundos.

---

## CAPITULO X.

### MAGOS

Uma religião muito espalhada no Oriente, e da qual muitas outras sahiram, foi a dos *Mythras*, cujos Inicia-dos se chamavam *Magos* (do Caucasio *Magh*, grandeza).

Muitos sabios pretenderam, talvez ligeiramente, que a legenda sagrada de Jesus era uma imitação da de *Mythras*, pela similitude dos *Myst.*: de seu nascimento, sua morte, e sua resurreição; e que estas duas religiões, não eram de facto sinão os diversos aspectos do Sol relativamente ao nosso globo.

Muitos ritos *Maç.*: conservam o *Gr.*: de Mago; e de aqui vem o julgarem muitos authores que os *Myst.*: *Maç.*: tiraram a sua origem dos Magos.

Os Magos, tendo Deus como incomprehensivel e infavel, o propunham á adoração dos povos, debaixo de dous emblemas: *Sol* e *Natureza*. O primeiro era considerado como o retrato do Creador, ou como o seu mais bello producto, e o segundo era olhado como a expres-

são de suas vontades, ou como código personalizado das leis, que regem o Universo (1).

O culto do Sol, muito antigo no Oriente, perde-se na antiguidade, todavia Vassal lhe dá 100,000 annos d'existencia antes da Era vulgar: ignora-se tambem si Zoroastro foi seu instituidor ou reformador; entretanto nós adoptaremos a existencia d'este homem, que estabeleceu o culto do Sol, e que escreveu o *Zend-Avesta*.

Zoroastro, como Moysés, para firmar seu poder por meio do culto, publicou que tinha recebido o *Zend-Avesta* de Deus em pessoa, o que foi imitado posteriormente por todos os chefes das religiões. Aceitado este código, foi depois fechado no Santuario do Templo, e não foi publicado nem a profanos nem a estrangeiros: outro tanto succedeu com a *Biblia* e a *Alchorão*.

O código de Zoroastro, ou o *Zend-Avesta*, é dividido em duas partes, como o Deuteronomio e o Levitico. A primeira trata do dever dos homens em geral, e em particular dos religiosos; e a segunda trata da liturgia, e das ceremonias do culto.

Os Magos, depois que a historia faz d'elles menção, fizeram uma casta separada do povo, como os Levitas de

---

(1) A allegoria do Sol e seu emblema, conservado em todos os Templos Magos, é tambem guardado pelo Sacerdocio e pelos Jesuitas: a medalha feita pelo Cap. de S. Thomáz d'Aquino em 1789, pela elevação de Carlos IV ao throno de Hespanha, e que consiste em um Sol radiante; como emblema de seu culto, é uma prova do, que avancamos.

Israel: como os antigos Patriarchas Judeos, os Magos se casavam com suas irmãs e filhas: a casta dos Magos, na sua origem, como a dos Levitas, era pobre e pouco numerosa; mas depois chegou a ter muitas Cidades, e a fazer tão grande numero, que inquietou os governos e os reis.

Antigamente a casta dos Magos era dividida em tres classes *Erbids*, padres aprendizes; *Mobids*, professores-Mestres; e *Destours-Mobids*, padres perfeitos: hoje porrem a sua casta se divide nas seguintes classes:

1.<sup>a</sup> — Os *Erbides*, que se iniciam pela purificação da agua e do fogo professam as ceremonias do seu culto, e lêem perante o publico o *Vendidal*, e o *Izechne*; que tratam do dever dos homens. Quando pelo exercicio d'estas funcções Sacerdotaes; e pelo estudo e zelo os acham instruidos, tornam-se

2.<sup>a</sup> — *Mobids*, que se occupam na interpretação dos outros livros do Zend-Avesta, escriptos por Zoroastro, na antiga linguagem persa, que se perdeu depois de Cyrus. Si, depois d'um certo tempo, o *Mobids* não chega a explicar, e a comprehender estes livros, entra na classé

3.<sup>a</sup> — *Destours*, que se limita ao estudo da lei do Zenda e do Pehlvi: é uma classe estacionaria; porem aquella *Mobids*, que os chega a explicar, e a entender, torna-se

4.<sup>a</sup> — *Destours-Mobids*; que sam considerados como chefes dos *Mobids*. D'esta quarta classe os mais sabios, e os mais antigos, tornam-se

5.<sup>a</sup> — *Destours de Destours*, que equivalem aos Pontífices Judeos e aos Bispos Christãos: decidem os pontos difficeis da lei divina, que, como em todas as religiões, é escripta obscuramente: e decidem emfim todos os casos de consciencia, pelo que os crentes lhe pagam dizimos.

Os preceitos do Zend-Avesta sam, como os dos Judeos e dos Christãos; muito simples: é o mesmo Deus, que falla: « Ha um eu; só Deus: ha dous principios, um bom e outro máo; luz e trevas. Não mudeis nem de culto e nem de forma d'orações; não vos assonherieis dos bens dos outros; não digais mentiras: não cobiceis cousas impuras; esquecei as injurias; purificae-vos pela ablucção; não vos aproximeis da mulher quando é impura, e nem no tempo das grandes festas; tende confiança na bondade de Deus; esperae o dia de minha manifestação: e estae sempre preparados (1). »

Donde se vê que o amor á verdade era entre os Magos o fim de seu systema religioso e philosophico; e que a pratica da virtude era o fim de seu systema legislativo; fim, a que se propozeram todos os legisladores religiosos. Uma vez que se adore Deus e se ame o proximo, pouco importa que se seja instruido nos seus deveres, por um Mago, por um Hierophanto, por um Patriarcha, ou por um Venerável-Mestre.

A philosophia religiosa do Zend-Avesta existe na Biblia: chegou á Judea e á Arabia depois do captiveiro dos Judeos em Babylonia; mas com ella tambem vieram as fabulas orientaes, despidas, pela natureza d'este povo, de

---

(1) *R. de Schio*, tom. 1.<sup>o</sup> pag. 301. etc.

toda a sciencia, e em particular da Astronomia, que não foi conservada sinão secretamente nos Myst. de Hiram, e na sua lei oral: desde então, este livro sagrado vio-se cheio de demonios, d'anjos, e de milagres, o que desfigurou inteiramente o antigo culto dos Magos,

A divindade apparente dos antigos Magos Persas era *Mythras*, ao qual se tinha ajuntado *Orosmade* e *Orimane* bom e máu principio de que *Mythras* era *um e triple*: é daqui que Platão tirou a sua Trindade, e donde, segundo os criticos, as differentes religiões tiraram a sua (1).

Em uma palavra os verdadeiros *Magos* eram ainda, no seculo XVI da nossa era, tão afamados, que o grande *Camões* faz d'elles assim fallar um Regedor de Malabar:

55.

- « Os Portuguezes vendo estas memorias,
- « Dizia o catual ao capitão:
- « Tempo cedo virá, que outras victorias,
- « Estas que agora olhais abaterão:
- « Aqui se escreverão novas historias
- « Por gentes estrangeiras que virão;
- « Que os nossos sabios Magos o alcançaram,
- « Quando o tempo futuro especularam.

---

(1) Mr. *Anquetil* de *Peron* foi de proposito habitar as Indias para conhecer a religião dos *Parsis*, nos quaes se foi refugiar a religião de *Mythras*: elle mesmo traduzia o *Zend-Avesta* e outras Obras attribuidas a *Zoroastro*.

« E diz-lhe mais a Magica sciencia,  
 « Que para se evitar força tamanha,  
 « Não valerá dos homens resistencia,  
 « Que contra o ceo não val da gente manha :  
 « Mas tambem diz, que a bellica excellencia  
 « Nas armas, e na paz, da gente estranha,  
 « Será tal, que será no mundo ouvido  
 « O vencedor por gloria do vencido. »

(*Camões, Canto 7.º*)

Mas, como a religião dos Magos existe ainda hoje, somos obrigados a expor algumas particularidades, mesmo porque muitos supõem que a Maç.: tirou d'ella sua origem. Pelo tempo de Jesus, na Persia, donde sahio o dogma dos Trinitarios, os Magos fiéis resolveram para restabelecer o dogma da unidade de Deus, que o povo ignorante havia desfigurado, publicar o código religioso trazido do Egypto por Zoroastro, do qual já tratamos, no *Cap. II. da Secção 1.ª*

A razão principal, que levou os Magos á publicação de seus estatutos era a depravação do Sacerdocio de todas as religiões n'aquelle tempo, depravação, que era propria mesmo para destruir as instituições dos Padres Egypcios, origem das da Persia. Esta corrupção Sacerdotal produziu grandes revoluções em Thebas e na Babilonia: Hêrodoto nos ensina que os padres d'estas Cidades tinham a infamia d'introduzir em sua casa todas as noites as mulheres mais bellas; e, quando d'ellas tinham

filhos, ousavam dizer ao povo que eram *filhos de suas divindades!* Um certo *Mundus*, pelo tempo de Tiberio-Claudio, causou um golpe aos *Myst.*: Egypcios, estabelecidos por então em Roma. Este libertino, querendo seduzir *Paulina*, mulher de Saturnino, Governador da Syria, e não podendo chegar a seus fins, se entendeu com os *Padres d'Isis*, que fizeram acreditar a *Paulina* que o Deus *Anubis* desejava entreter-se com ella de noite; a dama, mui devota e mui credula, a isso se prestou indo de noite ao Templo; *Mundus*, disfarçando-se, satisfiz a sua paixão; mas, tendo depois a indiscrição de se gabar do laço armado á sua victima, *Paulina*, offendida e deshonrada, descobriu toda a trama a seu marido, que depois tudo relatou ao Imperador. Este fez arrasar o Templo, arrastar os padres, e exilar *Mundus*, . . . . .

Donde se vê que os Magos Persas procuraram reprimir a corrupção do Sacerdocio; mas seus esforços foram baldados! Foi então, segundo a opinião do muitos eruditos, que o novo dogma Trinitario, unido á doutrina de Jesus, se espalhou mais que nunca na Asia por meio dos Judeos viajantes. Esta doutrina passou, segundo *Vassal*, dos Magos aos *Brachmanes*, d'estes aos *Padres do Egipto*, e finalmente d'estes aos *Myst.*: da Grecia: a Syria nunca a adoptou.

---

## CAPITULO XI.

### CRISTÃOS DA SYRIA.

Os Christãos da Syria, que sam ainda hoje assás numerosos, teem seus Bispos ha 1300 annos, os quaes sam nomeados pelo Patriarcha d'Antiochia, e teem uma exacta chronologia. Estes Christãos não differem dos de Roma, sinão em que não admittem como Sacramentos, o *Matrimonio*, a *Extrema-Unção*, nem a *Confirmação*: consideram como fabulosa a doutrina do *Purgatorio*; e a da *Transsubstanciação*, e o culto das imagens, como idolatra.

Pretendem que Jesus Christo fallasse o Syriaco, e, segundo elles, é n'esta linguagem que os Evangelistas escreveram a Escripura e os Evangelhos: a prova de que Jesus fallava a sua linguagem é tirada das palavras, que pronunciou nos ultimos instantes de sua vida, e que sam repetidas por S. Marcos:

E tomando a mão da menina, lhe disse:  
*Talitha cumi*, que quer dizer: *menina levanta-te* (1).

---

(1) S. Marcos Cap. V. §. 41.

E levantando os olhos ao Ceo, deu um suspiro, e disse-lhe: *Ephphetha*, que quer dizer: *abre-te* (1).

E á hora de Nôa deu Jesus um grande brado, dizendo: *Eloi, Eloi, lamma sabachani!*? que quer dizer: *Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste!*? (2).

Estes Christãos viviam tranquillos, quando Vasco da Gama, em 1503, se introduzio na Syria, e deu conta á Curia Romana, que se apressou a pô-los debaixo do seu dominio. Em 1599, em um Concilio feito em Diamper, e que foi presidido por Alexis de Mengis, se combatêu inutilmente sua doutrina; elles recusaram submeter-se aos Papas, que nunca tinham querido reconhecer por chefes de sua crença: estes procuraram convertê-los pela força, mas nunca obtiveram victoria, sinão durante alguns annos, e somente entre os Syriacos, que habitavam as praias. Os Christãos fieis levaram consigo para as altas montanhas os seus livros sagrados, que ainda conservam religiosamente; assim como suas orações antigas, que fazem ainda hoje na sua primitiva linguagem (3).

---

(1) Idem Cap. VII. y. 34.

(2) Idem Cap. XV. y. 34.

(3) Vej. o que escreveram Buchenam e Lavother, a respeito do Catholicismo em 1827.

---

## CAPITULO XII.

### BRACHMANES.

Os Myst.: da India sam d'uma antiguidade tão remota, que *Buret de Longchamps* a leva 50 seculos antes da era vulgar, para estabelecer a Historia Geral do mundo. O *Schasta*, primeiro livro indio escripto, ha hoje (5843) 4949 annos, parece ter sido o seu verdadeiro ritual (1).

Os Myst.: dos Brachmanes consistiam na Iniciação dos padres, que, sendo ao principio meritoria e electiva, se tornou depois em casta privilegiada.

A doutrina d'estes Myst.: era toda theogonica; e suas experiencias physicas, segundo o I.: Vassal, se approximavam das da Maçonaria.

O culto indiatico reconhece, como o nosso, um Ente supremo, eterno, e omnipotente, um espirito incompreheensivel, creador de tudo o, que existe, que é *Para-Brama*, associado com tres entes menos perfeitos, do que elle, que posto serem distinctos, formam uma só pessoa, ou a *Trindade* indiatica. *Brama*, *Visnú*, e *Siva*, que sam as tres divindades, que a compoem., ou os es-

---

(1) *Salverte*, e o *Cours complet de Maç.*., par le docteur Vassal.

piritos creador, conservador, e destruidor, que correspondem na linguagem methaphysica á *materia*, ao *espirito*, e ao *tempo*; e na da philosophia natural á *terra*, á *agua*, e ao *fogo*; de quem sam os regedores:

Os Brachmanes, sendo os unicos litteratos da India, tiveram tambem o conhecimento da Iniciação primitiva dos Magos; porque antes d'elles, diz Vassal, os Myst.: Indios eram exclusivamente religiosos.

Os Brachmanes, querendo dar uma idea sublime de sua doutrina, fizeram gravar no frontispicio do Templo da Natureza a inscripção seguinte: *Fui; sou, e serei; e nenhum mortal me descobrirá.*

É, sem duvida; d'estes ultimos Brachmanes que *Voltaire* diz terem sido os primeiros theologos, os primeiros philosophos, e os primeiros legisladores: Entre elles o sacerdocio não era sinão a magistratura, e sua religião á justiça: é d'estes que *Dumast* diz no seu Poema Maç.:

- « Qual nímphes, purissima entre os lodos,
- « Raro á beira do Ganges surgem sabios,
- « Ante um Deus dos mortaes pranteam erros,
- « E é seu altar o peito immaculado.
- « La se encontram alfim: da liga nova,
- « Do seu constante affan, nasceram diques,
- « Que os esforços da raiva, e longos exos
- « Nem siquer no alicerce inda minaram.

(*Holophernes.*: trad.)

E o nosso illustre *Camões*, que n'esta materia tem maior voto, doque o mesmo *Voltaire*, e o mesmo *Dumast*, no Canto 7.º do seu Poema, se exprime assim:

« *Brachmanes* sam os seus religiosos,  
 « Nome antigo, e de grande preeminencia;  
 « Observam os preceitos tão famosos  
 « De um, que primeiro pôz nome á sciencia:  
 « Não matam cousa viva, e temerosos,  
 « Das carnes teem grandissima abstinencia;  
 « Sómente no venero ajuntamento  
 « Tem mais licença, e menos regimento.

« Alli estam das Deidades as figurás  
 « Esculpidas em páo, e em pedra fria;  
 « Varios de gestos, varios de pinturas,  
 « A segundo o demonio lhes fingia:  
 « Veem-se as abominaveis esculturas;  
 « Qual a Chimera em membros se varia:  
 « Os Christãos olhos, a vêr Deus usados  
 « Em forma humana, estam maravilhados.

« Um, na cabeça cornos esculpidos;  
 « Qual Jupiter Hammon em Lybia estava;  
 « Outro em um corpo, rostos tinha unidos,  
 « Bem como o antigo Jano se pintava:  
 « Outro com muitos braços divididos,  
 « A Briareo parece que imitava:  
 « Outro fronte canina tem de fóra,  
 « Qual Anubis Memphitico se adora,» (1) . -

---

(1) Apresentamos o voto de Camões por ter viajado 16 annos pela India e Chioa onde militou, e foi empregado publico; pelo Reinado d'El-Rei D. Manoel em 1553; e pelo descobrimento da India por D. Vasco da Gama.

O principal dogma do brachmanismo entre os Indios é a perpetua transmigração das almas d'uns para outros corpos. Quanto mais culpada fôr a alma tanto mais vil será o animal, cujo corpo ha de tomar; de sorte que do corpo humano, pode, conforme o numero de seus peccados, passar a habitar no de uma vacca, ou de outro homem, que sam tidos pelos mais nobres, ou no de um cão, reputado como o mais vil de todos, e athe em pedras: mas é de crêr que os Brachmanes, que trocaram os conhecimentos scientificos com os *Magos* da *Persia* e os *Padres* do *Egypto*, não sigam nem ensinem aos seus Neophytos taes doutrinas.

*Budda*, reformador da religião indiatica, substituiu leis mais suaves aos preceitos do culto geralmente dominante no seu tempo; e conseguiu que athe os, que o reputam um embusteiro, deixassem aquellas nefandas practicas. Apesar d'isso ainda ha hoje muitos fanaticos, que teem por obra mui meritoria deixar-se esmagar debaixo das rodas dos pesados carros dos seus idolos, e rasgar as carnes com ganchos de ferro, sem fallar nas viuvas, que fazem timbre em morrer queimadas.

Não deixaremos porem em silencio, que na India, quando os abominosos sacrificios humanos estavam em voga, era vedado faze-los sem o consento do soberano, sob pena de cometer o sacrificador um peccado e um crime; entretanto que na Europa, em nome d'uma religião de paz, que desapprovava taes crueldades, alguns hypocritas, malvados, e ignorantes, lançavam em hediondas masmorras, martyrisavam com requintada barbaridade, e faziam morrer nas chammas, as pessoas mais conspicuas do seu tempo, sem que os mais poderosos principes da christandade ousassem valer ás desgraçadas victimas do

furor sacerdotal ! E mais d'uma vez se descarregaram golpes sobre homens, que esses mesmos principes haviam julgado dignos da sua amizade e priverança !!!

« Os ritos dos Brachmanes, diz Voltaire, provam que tudo é allegorico entre elles; ainda representam a virtude debaixo do emblema d'uma mulher, que tem dez braços, e que combate dez peccados mortaes figurados por monstros. Os nossos missionarios não teem deixado de tomar esta imagem da virtude pela do diabo, e de asseverar que este é adorado na India. Nós, os Europeos, nunca fomos a estes povos sinão para nos enriquecer e os calumniar. » (1)

---

## CAPITULO XIII.

### LAMMAS DA CHINA.

Tres são as seitas religiosas na China; e os livros canonicos de todas ellas provam que os chins teem idea d'um Ente Supremo, creador e conservador de todas as cousas; porem o geral do povo, á imitação dos idolatras antigos e modernos, reconhece um grande numero de deoses ou espiritos subalternos, que adora em templos especiaes.

A Nação chim divide as suas divindadas em tres clas-

---

(1) Dic. Phil. de Voltaire. Art. Brachmanes. °

ses: forma a primeira o Ente Supremo, como o nome de *Fo* ou *Foe*, que significa *salvador*; representam-o todo radiante, e com as mãos escondidas, para denotar que o seu poder obra tudo invisivelmente no mundo: á sua esquerda e á sua direita collocam os dous legisladores *Lanzú* e *Confucius*, ambos como restauradores da religião do imperio; e ambos com *Fo* formam a *Trindade* Chim. Sam deoses da segunda classe os filhos de *Ki-to* (deos da guerra).

*Bourchan* foi o fundador da religião dos *Lammas*: chamam-se assim os padres da seita de *Fo*, que fazem terríveis penitencias para merecerem a publica commiserção; mas por outro lado vivem ás vezes escandalosamente.

Na China não ha religião dominante, nem culto do Estado; contudo o Imperador reconhece a authoridade religiosa do *Dalai Lamma*, que é uma especie d'ídolo vivo, immortal, e tido por vigario do Deus *Fo*. Os sacerdotes educam sempre um *Lamma* novo, designado secretamente para succeder ao Pontifice, quando cessa de existir aquelle, que é reputado immortal. Este *Lamma* é sustentado, como embaixador, pelo Imperador no seu palacio de Pekim.

*Lanzú*, que viveu 50 annos antes de *Confucius*, introduziu uma seita, que affirmam possuir a virtude de afugentar os espiritos máos, predizer o futuro etc. etc.: os doutores d'esta seita, vendo quanto o povo a favorecia, multiplicaram-se infinitamente, enriqueceram-se, e grangearam o nome de *celestiaes*.

*Confucius*, chamado o principe dos philosophos 600

annos antes de Christo, tomou a tarefa de restaurar a religião dos chins, e purificar a sua moral. Para tal fim escreveu livros, que, como o seu nome, sam ainda reverenciados na China: no 1.º ensina o modo de cada um se governar; no 2.º prova que o homem deve obediencia á virtude, e dá conselhos magnificos a paes e filhos; no 3.º expende maximas moraes, e recommenda o perdão das injurias e a caridade universal; e no 4.º livro apresenta a idea d'um governo perfeito.

*Schérer*, author das *Investigações Historicas* sobre o Novo-Mundo; pretende que Confucius fosse inspirado, e que predissesse a vinda de Christo na pessoa de Bourchan. Os curiosos poderão consultar esta Obra para ajuizar de suas analogias:

A doutrina de Fo sahiu da India para a China, e com ella tambem a metempsychose ou a transmigração das almas. Os Discipulos de Confucius opposeram-se vivamente á introdução d'esta doutrina; mas foram baldados seus esforços: a religião espiritualista se corrômpceu de novo, e em seu lugar ficaram as praticas idolatras: hoje porem (em 1843), que a Inglaterra tem poderio e influencia na China, é provavel que o ramo d'*Acacia* lá seja levado, e que, tendo melhores agricultores, possa melhor alli medrar.

Ainda que as legendas de Confucius sejam consideradas pelos sabbios chins, como superiores ás dos Egypcios, Judeos, Gregos, e Romanos, todavia deverão preferir as do Genesis e do Apocalypse, que sam tambem as adoptadas pela Europa. E' então, e só então, que nós diremos da China o, que diz o nosso Camões no *Canto X*:

129.

« .....  
 « Aqui o soberbo Imperio, que affama  
 « Com terras, e riqueza não cuidada,  
 « Da China corre, e occupa o senhorio  
 « Desde o Tropico ardente ao cinto frio.»

130.

« Olha o muro, e edificio nunca crido,  
 « Que entre um Imperio, e outro se edifica;  
 « Certissimo signal, e conhecido,  
 « Da potencia Real, soberba, e rica.  
 « Estes, o Rei que tem, não foi nascido  
 « Principe; nem dos paes aos filhos fica;  
 « Mas elegend a quelle que é famoso  
 « Por Cavalleiro sabio, e virtuoso.

---

## CAPITULO XIV.

### GRECOS.

A Grecia parece ter sido o templo commum de todos os Myst.: d'antiguidade: entretanto os, que mais relação teem com a Ord.: Maç.: sam

1.º = Os Myst.: dos *Cabyres de Samothracia*. Foi, segundo Vassal, em 1950 antes da era vulgar que os

Myst.: Egypcios passaram á Grecia ; e os primeiros foram os dos *Cabyres* estabelecidos na ilha de Samothracia, hoje Samandraki, no Archipelago: n'estes Myst.: havia oito deoses *Cabyres*, quatro dos quaes eram *Oxierés*, *Axickersa*, *Axiokersos* e *Casmilos*.

Os Myst.: dos Cabyres, diz A. Boileau, levados á Phrighia por *Dardanus*, passaram depois á Italia, onde foram confiados ás Vestaes: o I.: Vassal pensa que os Pelasgios, que iastituiram estes Myst.:, não tinham sido iniciados siuão aos pequenos Myst.: Egypcios; pois que a principal sciencia de Samothracia foi a *strategia*; e entre os Athenienses os officiaes militares se chamavam *strategios*.

Voltaire, conhecendo mal os Myst.: Maç.:, deixou escapar, no seu Dicc. Phil., algumas blasfemias contra os Iniciados de Samothracia; entretanto, seguindo a opinião dos melhores authores, somos obrigados a confessar, que os Myst.: de Samothracia foram na realidade uma escola militar scientifica, d'onde sahiram os maiores capitães da Grecia (V. as Obras de M. Sainte-Croix) (1).

2.º = Os *Myst.: de Cères* ou d'*Eulisis*. Estes Myst.:, segundo uns, foram estabelecidos por *Triptolemo*, e segundo outros por *Erecteo*, primeiro rei de Athenas, 1373 annos antes da éra vulgar: os Myst.: de Cères foram, como os do Egypto, divididos em *pequenos* e *grandes* Myst.:, e seus Iniciados se chamavam *Eumolpides*, por ser a familia d'Eumolpo a, que conservou, durante 1200 annos, a dignidade d'Hiérophanto.

---

(1) Voltaire só em 1778 se fez Maç.:, tendo 84 annos de idade; e morreu 6 mczes depois, sem ter tempo de corrigir suas obras!

O Dr. Vassal, assim como Buret de Longchamps, sam da opinião, de que a sciencia dos Myst.: de Cères se reduzia unicamente á Mythologia, e ao charlatanismo: porque os seus Iniciados chegaram a persuadir-se, que não só na vida tudo lhes deveria succeder bem; mas que, depois da morte, elles sós occupariam os Campos-Elysios, ficando o Tartaro para os profanos. Esta assersão parece tanto mais fundada, que a maior parte dos philosophos esclarecidos da Grecia, pouco satisfeitos da instrucção, que offereciam então os Myst.: de Cères, foram procurar conhecimentos positivos aos Myst.: de Memphis e de Heliopolis: taes como *Orpheo, Pythagoras, Platão, Thales, Minos &c. &c.*

*Orpheo*, principe dos Sicyonios na Thracia, depois de ter adquirido os conhecimentos scientificos do collegio de Memphis, veio para a Grecia; e, 1330 antes da era vulgar, regularizou os Myst.: d'*Eleusis*, e destruiu os erros, que athe alli tinham servido de base aos Myst.: de Cères. *Orpheo*, querendo respeitar, d'algum modo, os prejuizos populares, estabeleceu sobre bases, menos supersticiosas, as mesmas festas, que os Gregos tinham já; mas que teve o cuidado de fazer verter em favor do espirito nacional, e da segurança do Estado. Todo o corpo de doutrina dos Myst.: d'*Orpheo* era dividido em dous graus: no 1.º se desenvolvia a Theogonia egypcia com seus emblemas, e a moral: no 2.º que era puramente scientifico, se expunham, não só o systema physico da Natureza, mas tambem todos os conhecimentos, que podiam influir directamente na civilisação dos povos.

*Orpheo* deu á primeira doutrina o nome d'*exoterica* (publica), e á segunda ode *esoterica* (particular aos Iniciados), imitando assim os seus mestres do Egypto: as

experiencias physicas, pelas quaes o Iniciado aos Myst.: de Orpheo tinha de passar, eram tanto mais rigorosas, que os mesmos Adeptos não podiam fallar entre si de seus Myst.:; porque tanto o, que fallava, como o, que tinha a fraqueza de os ouvir, era expulso do Templo, e athe da sociedade: « Foi nos Myst.: reformados por Orpheo, diz « Vassal, que todos os legisladores gregos aprenderam o « uso da *dupla doutrina*, de que fizeram a parte mais essencial de seus estabelecimentos politicos. »

Mas, antes de deixarmos a Grecia, fallemos d'uma instituição philosophica, que se liga muito de perto com a Franc-Maç.: : tal é a *Escola de Pythagoras* :

*Nihil mirabitur Eleusinja hæc Pythagoræ  
decretis fuisse adfinia, qui ex eodem fonte  
derivata meminierit :*

Para bem entender esta passagem, diz o sabio Rhoer, é preciso lembrarmo-nos de que *Pythagoras*, considerado por alguns authores como o instituidor da Franc-Maç.:, foi buscar os principios de sua doutrina philosophica á India, ao Egypto, e aos Myst.: Gregos.

Com effeito, *Pythagoras*, natural da ilha de Samos, e nascido nos fins do VI seculo antes de Christo, depois de ter sido iniciado aos Myst.:, acima refferidos, e depois de ter conhecido *Solon*, *Pittacus*, *Zoroastro* e outros, veio para a sua Patria: mas, não podendo viver debaixo das leis d'um tyranno e usurpador, *Pythagoras* deixou a Grecia, e veio fundar em *Crotone* a

çeleberrima escola Italiana, onde tantos homens se fizeram illustres.

*Pythagoras*, imitando tambem seus mestres, julgou dever encubrir o facho de sua philosophia com um véo mysterioso. Um cuidado escrupuloso o dirigia sempre na escolha de seus discipulos, e diversas experiencias asseguravam de sua vocação. Seus Myst.: eram divididos em tres classes: na primeira demorava-se o candidato tres annos: antes de sua admissão o neophyto devia pôr todos os seus bens nas mãos do thezoureiro: si estes primeiros tres annos d'experiencia correspondiam aos desejos do mestre, o discipulo passava á segunda classe. Durante cinco annos o neophyto era condemnado a um profundo silencio; e a voz de *Pythagoras* não chegava a seus ouvidos, sinão atravez do veo, que occultava a entrada do Santuario: finalmente o neophyto era admittido ao perfeito conhecimento da doutrina sagrada; e trabalhava com o mestre, para a instrucção dos novos iniciados.

« Os filhos d'esta grande familia, dizem *Jamblique* e *Barthelemy*, espalhados por muitos climas, e sem nunca se terem visto, se reconheciam por certos signaes, e se tratavam como si sempre se tivessem conhecido. »

Qual será em nossos dias o Maç.: instruido, que, lendo estas linhas, não veja pontos de contacto entre a Iniciação de *Pythagoras*, o o 2.º e 5.º Gr.: do Rit.: Maç.: Moderno?

Mas a celebridade dos philosophos da escola de *Pythagoras* devia armar contra si a ignorancia e a maldade! A calumnia apresentou estas reuniões sabias e virtuosas como tantos focos de conspiração; e o despotismo,

firme na cega multidão, lançou nas chammas quasi todos os discipulos de Pythagoras ! Entretanto os deploraveis restos de sua escola não acabaram de todo. . . . Eis como a tal respeito se exprime o Poema Maç. . . :

« Assim d'Arte Real os são preceitos  
 « A especie humana então melhor tornaram,  
 « Concorrendo ás lições d'oral sapiencia  
 « Sabios em Memphis na moral se exercem,  
 « De seus maiores émulos tornados,  
 « Em modernas nações vam propagal-a.  
 « Sim : do Egypto os segredos salutaes  
 « Com varios nomes deram luz aos Povos,  
 « O grão Legislador, que alli se adextra ;  
 « Reune o Povo Hebreo, deffende, e rege :  
 « Desce o Thracio dos cêrros, desce o Gelio  
 « D'Orpheo de Lino ao canto harmonioso :  
 « Triptólemo, entre os gregos concentrado,  
 « Neste sacro penhor os tem versado :  
 « De Tarento iuda existe no recinto  
 « Nas mudas artes, que ensinou Pythagoras.

(*Holophernes. : trad.*)

Do, que levamos ditto, se vê que a philosophia Grega parece ter sido estabelecida 1944 annos antes de Christo. A *Historia Geral* assevera que Saturno foi o seu fundador ; este a consignou na sua legislação em Thessalia : sua administração foi tão paternal, que se chamou ao seu seculo a *idade d'ouro* : a fabula, que o representa, devorando seus filhos ao nascerem, encerra uma verdade philosophica. Saturno representa o tempo, que tudo produz, e destroe tudo á medida de suas reproducções ; e esta al-

legoria justifica a idea de muitos philosophos, que sustentam que na Natureza tudo é *produção e destruição successivas*.

A religião dominante dos Gregos foi o Polytheismo, deificando homens singulares pelos serviços patrios; e esta doutrina devia produzir, como produziu, verdadeiros heroes; mas a crença religiosa dos Iniciados era mui diferente, era a mesma dos Magos, e dos Egypcios, e esta só se transmittia a homens escolhidos. O Catholicismo, que bebeu demasiadamente no Paganismo, também *deificou* homens notaveis pelas virtudes Christãs, e a prova d'isso acha-se no seu martyrologio; mas a cobiça do Sacerdocio, que nem sempre anda mascarada, abusou também de mais. . . . .



---

# SECÇÃO QUINTA.

---

## CAPITULO I:

---

### MISTURA DE CULTOS E DE HEROES.

**S**ANTO Ireneo, St.° Epiphanio, e S. Jeronimo escreveram que os Gnosticos, os Basilidienses, e os Valencianos confundiram o symbolo da serpente *Sérapis*, ou a divindade do Sol, com Jesus Christo, e com as divindades Egypcias e Gregas: com effeito os primeiros Christãos misturaram a sua theologia com a das religiões existentes: e os sabios, que pretenderam explicar os emblemas das antigas religiões Christã, Judaica, e Egypcia, não acharam sinão traços do antigo culto do Sol: alem d'isto os gabinetes da Europa possuem um numero infinito de pedras gravadas, ou *Abraxas*, com os nomes do Deus dos Judeos; *Joa*, *Jehovah*, *Sabaoth* etc. A palavra *Abraxas* dá, em letras gregas, o valor de 365, isto é o numero de dias,

que o Sol emprega em o seu cyclo annual, do seguinte modo:

A.....	1
B.....	2
R.....	100
A.....	1
X.....	60
A.....	1
S.....	200

---

365

Algumas pedras ha, que contem inscrições inintelligiveis com figuras chimericas; outras emfim teem nomes Cabalistas unidos aos symbolos de Isis, d'Osiris, d'Harpocratas etc.

Os Santos Padres, que não eram iniciados aos Myst.: Egyptios, julgaram que as differentes seitas, que tinham estes Abraxas, eram idolatras, quando em todas, o sacerdocio foi d'acordo na adoração d'um Deus unico, da baixo dos emblemas do Sol, que servia de indicar o Sér Supremo por excellencia: uma carta de Adriano Augusto, scripta ao seu Consul, prova tambem que o vulgo acreditava que todas estas seitas confundiam suas Divindades (1): este documento historico prova que os sectarios de Sérapis, de Moysés, e de Christo, honravam o symbolo de Sérapis como emblema de Deus, do qual era mister servir-se por vezes o Patriarcha em differentes Ritos.

A mistura do culto de Sérapis com o de Jesus era tão notavel no começo do Christianismo, que ninguém

---

(1) Vêj. R. de Schio tom. 1.º pag. 315, onde esta carta vem na integra.

d'ella duvidava : pelas medalhas dos differentes gabinetes se demonstra que os Imperadores professavam indistinctamente muitos cultos, como é a do Imperador Julião, e a de Constantino Grande, nas quaes se veem gravadas Divindades pagãs : observe-se mais que a palavra Sérapis não só é composta de 7 letras, numero relativo á Astrologia, mas tambem que o symbolo de Sérapis, unido á Cruz, tem servido de allegoria a muitas religiões, e é conservado ainda hoje em muitas Ord. Maç., e Cabalistas (Est. 3.<sup>a</sup> N.º 7). *Sérapis* presidia á saude; como Escolapio; ambos traziam uma medida sobre a cabeça : *Sérapis* chamava-se *Sérapis-Jupiter* : algumas vezes substituia-se a *Plutão*; e assim representava tres pessoas distinctas, que não eram sinão o Sol, emblema do Gr. Arch. do Univ.

Alem das significações, dadas á Cruz, pelos *Padres Egypcios*, era tambem o symbolo da *immortalidade*; e eis porque a maior parte dos seus Deoses se pintam de cruz na mão : este symbolo causou uma discussão mui curiosa, que se elevou entre os Christãos e os Pagãos do *Egypto*, e que prova a mistura d'estes dous-cultos : *Socrates* diz na sua *Historia* liv. 9.<sup>o</sup> que pelo saque do Templo de Sérapis se acharam letras sagradas, que serviam para uso da linguagem sacerdotal, em figura de Cruz : os Christãos sustentam que esta Cruz pertencia a Jesus Christo; e os Pagãos que ella era commum a Jesus e Sérapis : note-se mais que o culto de Sérapis, segundo *Clemente d'Alexandria*, precedeu muito tempo o de Jesus Christo.

*Cicero* dizia tambem que do todas as allegorias, a mais celebre, a mais antiga, e a mais espalhada, era a do Sol, no solsticio d'inverno : n'estes tempos o genero humano receava ver morrer o Sol em chegando ao mais baixo logar do seu curso; o seu apparecimento era considerado

como o triunfo, que o bom principio ganhava contra o máo; triunfo, que o vulgo não conhecia sêr devido ás leis eternas da Natureza: esta idea causou os mysterios da morte e da resurreição d'Osiris, d'Anubis, de Mythras, e de todas as Divindades, que se succederam, e deram nascimento a differentes religiões e cultos.

E' mister que se persuadam que, si nos demoramos com a historia de todas as seitas Christãs, não é para nos entretermos com as disputas theologicas, hoje esquecidas; mas simplesmente para demonstrar que todas estas sociedades Christãs tinham suas instituições e dogmas particulares, e que todas se teem confundido com o dogma e Iniciação Egypcia, que em todas ha traços da Iniciação Maç.: de hoje, e enfim que as antigas seitas Christãs seguiam todas o culto emblematico de Sol (1).

As cabeças dos 4 animaes, que symbolisam as 4 estações do anno entre os Egypcios, cobrem tambem a cabeça dos nossos 4 Evangelistas, como já dissemos: tambem vimos que os padres Egypcios, na occasião da Iniciação, ornavam suas cabeças com um casco, que representava a cabeça d'um cão, d'um leão, d'um boi etc. conforme era o emblema de suas divindades: donde se tira que os padres christãos, apesar de seu odio á idolatria, foram obrigados a usar d'algumas ceremonias pagãs: (Est. 4.ª N.º 1, 2, 3, 4).

Concluiremos esta materia por uma consideração relativa á Maç.: afirma-se que a festa de *S. João* seja a festa de *Janus*, porque ella se faz pelo soliticio vernal;

(1) Vej. o *Poema da Maç.* por *Dumast*. cujas notas sam d'uma erudição particular, e onde se vê o systema fabuloso das divindades antigas.

é que a palavra *Jooncs*, tendo alguma relação com *Janua* (porta) fez crer que, nas épocas obscuras, se quiz occultar aos Iniciados de Roma, por esta substituição, os *Myst.*, que professavam, e que não eram sinão os de Janus ou do Sol: sem seguir a opinião dos, que se entregaram a estas investigações, nós as damos para esclarecer as allegorias *Christãs*, e *Maç.*: a confusão dogmática das religiões, Egypcia, Judaica, e *Christã*, tira-se também dos *decretos* do Senado Romano, que consideravam todos estes cultos semelhantes, como se vê em Tacito, *Ann. L. II. Cap. 85*; e *Suetonio in Tiberio*.

St.<sup>o</sup> Ireneo sustenta que os *Basilidienses* tinham estabelecido 365 Ceos, que eram presididos por outras tantas divindades, e que este numero era o resultado da palavra *Abraxas*, como já se vio: dizia mais que o mesmo resultado numerico se achava nas letras, que compunham o nome de *Mythras*, respeitado pelos Magos, quando este nome era escrito *Meitras*, como se acha em muitos *Abraxas*. E com effeito as 7 letras de *Meitras*, em grego, dam o resultado numerico do curso do Sol, do seguinte modo:

M . . . . .	40
E . . . . .	5
I . . . . .	10
Θ . . . . .	9
P . . . . .	100
A . . . . .	1
Σ . . . . .	200

---

365

Donde se vê que os *Myst.* de *Mythras* se confundem totalmente com os *Myst.* *Christãos*.

A mesma confusão se acha na *Cêa* de Mythras com a de Jesus: os primeiros Christãos davam ao pão da communhão uma forma humana, hoje substituida pela impressão de Christo sobre a hostia immaculada, o que fez dizer aos detractores do Christianismo que se nutriam realmente de carne e sangue d'um menino: nas *cartas Americanas* de Pedro Martyr acha-se que a communhão está tambem em uso no Mexico: os *pães* de proposição dos Hebreos eram cozidos particularmente pelos Levitas: os padres do Sol tambem formavam uma grande estatua com a massa de milho, que depois coziam: esta grande estatua era, no fim d'uma processão, feita em pedaços e distribuida pelo Pontifice ao povo, que a comia e se julgava santificado por isso, como outr'ora se praticava na communhão de Mythras e Baccho. Esta cerimonia achase descripta por S. Justino; e não ousamos crêr que ella n'America fosse d'instituição Christã; Christo era desconhecido aos Americanos; é provavel que ella tirasse sua origem da cerimonia moysaica, como se pode ver no Exodo Cap. XXIX,

Sentimos que uma tal cerimonia tenha sido causa de tantas desordens e matanças da parte dos Christãos. Esta cerimonia tambem é commemorada no Gr.º de Ros.º Cr.º que não tem inconveniente algum, nem tem relações com os myst.º da Christandade, como alguém pretende poder vindo directamente dos Myst.º de Mythras; porque a morte astronomica do Sol é sempre a, que alli se chora; e tambem se chora a destruição do Templo e a degradação do Universo: a cerimonia da *Cêa* mystica é moi antiga, e usou-se sempre que se conferia o Gr.º de Perfeição na Persia e em Eleusis: na sua apothecose tambem Jupiter e Hercules receberam a communhão da mão de Nêbe.

No meio de taes praticas, que eram communs aos Magos, Cabalistas, Gnosticos, etc., o dogma para todos era que Deos era *incomprehensivel*, e seu nome *ineffavel*, *in-nominavel*; e estabeleceram a adoração metaphorica na sua mais bella obra, no Sol, que rege o Universo visivel por leis destruidoras e conservadoras, que reproduzem, por um contraste perpetuo, a continuação dos seres. Todos estes padres philosophos deram, na imagem do Sol, o retrato do Creator, que por suas leis fixas, era a expressão de suas vontades. Esta sciencia pura tornou-se o principio dos erros do Paganismo; e por isso se deificou Mythras, Mira, Osiris, Sérapis, Baccho, Adonis, e outros heroes. Os combates da Natureza, representados pelos symbolos do Sol, foram applicados, em consequencia de taes erros, as segundas Divindades ficticias, como o combate do dragão pelos Santos do Christianismo, e o povo n'elles tomou a ideia de sua morte e de sua resurreição. Os Iniciados foram os unicos, que se não enganaram na sua applicação, o que fez dizer a Cicero na sua *Natura Deorum* liv. 2.º « que um sentido « physico interessante estava encerrado nas fabulas apparentemente impias. »

Consequentemente é em vão que a Curia Romana pretende fazer crer que os Iniciados Egypticos adoravam as imagens, e que eram idolatras: n'aquelles tempos, como hoje, todos sabem que as antigas Divindades eram emblemas, e que *Isis* de sete mamas, cercada por uma *leão*, por um *golfinho*, por uma *aguia*, e por uma *salamandra*, não é aos olhos, dos que sabem comprehender emblemas, sinão a Natureza mysteriosa, geradora, ligada aos planetas. Também todos sabem que *Isis* representa a Natureza, Divindade, cujos milagres, operados diariamente, sam cobertos d'um denso véo para os mortaes: as

mamas são a imagem da *fertilidade*, e os quatro ani-  
maes representam a *terra* pela leão; a *agua* pelo golfinho;  
o *ár* pela aguia; e o *fogo* pela salamandra (Est. 3.<sup>a</sup>, N.º 8).

A *Táboa Islaca*, na qual se julga que todos os Myst.  
Egypcios estavam consignados, offerece uma rica mina aos  
archeólogos, que, na reunião dos symbolos, pertendem  
achar a idolatria do povo, assim como a astrolatria ap-  
parente do Sacerdocio (1): A origem do systema hiero-  
glyphico cobre-se com as trevas d'antiguidade; mas é cer-  
to que elle precedeu toda a especie de escripta: esta ar-  
te, pelo que diz a Biblia, parece ser desconhecida ainda  
no tempo de Moysés; porque suas leis e as de Solon, que  
viveo 4 seculos depois de Homero, foram gravadas sobre  
*materias difficeis de mover*.

A primeira escripta, com os emblemas relativos á  
historia e á agricultura, foi a religião astronomica e me-  
taphysica do Sacerdocio: este factó causou differentes al-  
legorias, que foram veneradas pelo povo, e encaixadas  
pelo Sacerdocio sobre o mesmo emblema. A Piramide de  
Psamminete, e outros monumentos, offerecem emblemas  
que alludem ás guerras dos antigos povos: Osiris mesmo  
em sua origem foi considerado como um homem illustre,  
associado posteriormente á Divindade pela ignorancia da  
povo: Diodoro, e particularmente Synesius não viram

---

(1) Não apresentaremos esta estampa por ser mui  
grande, mas os curiosos a poderão vêr no tom. 3.º de  
R: de Schio; e tambem bom será lerem-se as Obras de  
Mr. Denon, Belsoni, e o *systema hieroglyphico de Mr.  
Campollion*, onde se acham explicações, que por falta  
d'espaco, não podemos produzir.

n'estes emblemas mais, doque uma historia fabulosa, e pensaram que Isis foi uma rainha, que Osiris foi um rei derribado do throno por Typhon, e enfim que Osiris resuscitou para trazer a edade d'ouro.

Os mesmos hieroglyphos se referem á astronomia e á agricultura: duas vezes no anno os Egyptios julgavam perder-se pelos calores da primavera e pelas inundações do Nilo no outono: esta guerra, destructiva dos seres pelos elementos, era representada pelo curso, que Isis devia fazer duas vezes no anno, indo em procura dos órgãos genitacs, que o cruel Typhon tinha tirado a Osiris seu esposo. Estas allegorias eram com effeito obscuras, mas referiam-se todavia aos Myst.: da Natureza, e sentimos que a historia d'Abole e d'Abolibe por *Ezechiel Cap. XXIII*, não seja susceptivel d'eguaes allegorias!!! O *Lotus*, arvore fractifera do Egypto, symbolisava o Sol e o Universo; era tambem o symbolo da reproducção dos seres e da immortalidade: o *Arnoglossa* e a *Palmeira*, symbolisavam os 7 Planetas, e o apparecimento da Lua: a *Cetola*, feitiço metido a ridiculo pelos Santos Padres, foi um dos mais celebres emblemas do Sacerdocio antigo; porque suas pelliculas offereciam outras tantas spheras, encerradas umas nas outras, como a imagem vegetativa do Universo, sempre differente, sempre o mesmo, e da qual cada envolvero representava ao todo a *unidade Divina*; o *Escravelho* se tornou imagem Divina, porque passava 6 mezes debaixo da terra; e considerou-se tambem como emblema do Sol, por sêr nascido sem soccorro de mãe; mas o povo, que não entendia a linguagem sagrada, tomou o *Escravelho* por um idolo, e lhe attribuiu virtudes taes, que por ellas os devotos o traziam ao pescoço como um talisman preservativo: o *Gavião*, que se achava sobre o frontispicio de seus Templos, não era só

o symbolo da Natureza Divina, mas tambem o do Sol: *Ibis*, especie de cegonha, que devora os animaes nocivos, ara tambem o symbolo de Hermes e da Lua (1): *Phenix*, ave, que se dizia viver muitos seculos, e depois de morta renascer das suas cinzas, era emblema solar allegorico, que designava a renovação do cyclo ou periodo sothiaco de 1461 annos, de 365 dias: a *Gazella* quadrupede carnigero similhante á corça, que, antes da chã do Nilo, foge para o deserto, era considerada como um animal *prophetic*o, tornado victima pela mystagogia Etypica, e que deu seus cornos a Hermes-Anubis: o *Musarinho*, especie de Tompeira, que mata as aranhas, e que o povo suppunha cego por causa de seus pequenos olhos, era designado pelo Sacerdocio como a *incomprehensibilidade* do primeiro principio: *Osiris* é representado pelo Grande-Todo em Diodoro: *Isis* em Apuleo: *Neith* em Procopio; e *Sérapis*, cujos pés eram a terra, o corpo o mar, as orelhas o ar, os olhos a luz eccleste, a cabeça o firmamento, tambem é considerado como o Grande-Todo por Diodoro: o *Nilo* tambem se chama o Pai de todas as Divindades, e era figurado por uma *serpente* circular: *Athir* era a *noite elemental*, que gerou os primeiros deoses, *Cneph*, *Phias*, *Neith*, os quaes tendo entrado de novo no ventre da mãe, lá por um incesto, geraram muitas outras Divindades. Donde se vê que todos estes emblemas, que de seu principio não designavam mais, do que as forças destructivas da materia, serviram ao Sacerdocio para explicar as hypotheses metaphysicas sobre a

---

(1) Os Muulmanos ainda hoje não ousam matar um Ibis; os Portuguezes tambem respeitam a cegonha; mas nem uns nem outros a adoram, só a consideram como um animal bemfazejo por tirar os vermes dos campos.

origem das cousas, e para edificar um pantheismo, que depois se tornou um puro theismo, suppondo que o Ente Supremo se havia gerado a si mesmo. Eis porque se tinha em devoção o *Escravelho*, que, sendo ao mesmo tempo pae, esposo, e filho, figurava a *unidade*, e a *Trindade Egypcia*.

Alem dos *Abraxas* ja designados, as Seitas Philosophico-christãs tinham outros, que geralmente veneravam, e que não eram mais, do que o emblema do Sol. Apresentaremos mais não só porque alguns Ritos ainda d'elles usam, mas tambem para facilitar a intelligencia da nossa historia, e para provar a affinidade da Maç.: com as sociedades philosophicas, de que temos tratado.

Vandelin pensa que a palavra *Abraxas* é composta de 7 palavras, 4 hebraicas e 3 gregas, cuja traducção é

*Padre, Filho, Santo Espirito, salvação pelo lenho.*

*Abraxas* ha que tem o nome de Moysés ou outros legisladores; o de Mr. Spon tem a inscripção *Jaou, Salomon, Sabao*, e que se refere aos numeros Cabalisticos 3, 7, 5, como se vê na *Est. 5.ª N.º 1*: o *Abraxas*, da collecção de S. E. Capello de Veneza, dá logar a muitas conjecturas, onde se vê Jesus na figura de *Phebo*, dando a luz Maç.: a um Neophyto, como se vê na *Est. 5.ª N.º 2*. Montfaucon, em o tom. 2.º, nos fornece uma prova evidente de que os Myst.: da Maç.: Judaica eram enxertados sobre a Egypcia; o seu *Abraxas*, pelos emblemas d'uma e outra, indica sêr gravado pelo tempo do Christianismo; e

com effeito (*Est. 5.ª N.º 3*) n'uma face veem-se emblemas relativos á construcção do Templo de Salomão, que, unidos com os dos Magos e dos Padres do Egypto, designam o culto da Astronomia; na segunda veem-se as ideias mysticas de Platão sobre a divindade: na primeira está gravado o Grande-Obreiro da Eternidade, o Grande Architecto, o Pae dos Gnosticos, o Creador, com uma longa cabelleira para representar as graças da Creação; e com a barba para indicar a força geradora; está collocado em uma caixa de Hermes, sobre a qual se acham numerosos mysticos: a posição de seus braços em sign.º de *Bom Pastor*; indica que a obra da Creação não é trabalho de suas mãos, mas sim de sua unica vontade: uma estola encruzada sobre o peito, signal sacerdotal dos Judeos, e dos Egyptios, e sobre a qual os Persas e os Egyptios bordavam os 12 signos do Zodiaco, lembra o imperio do Gr. Arch., sobre as Estações: uma coroa de cinco pontas, symbolo do Sol e do Deus mystico Ihe cobre a cabeça; estes cinco raios tambem se applicaram á Estrella rutilante, como emblema da Divindade: as quatro estrellas ao redor da cabeça indicam ou as quatro qualidades por excellencia attribuidas ao Gr. Arch., ou os quatro elementos, de que muito se falla nas Iniciações antigas e modernas; e o resto do seu corpo está cercado de signaes e emblemas myst., usados na antiga Maçonaria, Judaica, e Sacerdotal. Sobre a segunda face veem-se 9 Estrellas symbolicas; por baixo do que occupa o vertice, achase o quadrado do Mest.º Perf.º que encerra o Pentagono de Pythagoras: por baixo d'elle ha 3 estrellas, symbolo das tres antigas Ordens da Iniciação: á sua direita vê-se o Pentagono livre, que representa sempre o Creador: á sua esquerda o Compasso e a Esquadria, symbolos da Maç.º Judaica e moderna: á direita uma estrellita encerrada em um triangulo, symbolo do Delta e da

*Trindade Persa, Judaica, e Egypcia, da qual emana um raio de luz: no centro uma esfera indicando que por meio da Astronomia é que se pôde demonstrar o poder e a immensidade do Padre Eterno: por baixo d'ella está a pedra cubica, tendo uma estrella sobre cada uma das cinco faces vesiveis: as outras 7 estrellas, collocadas symmetricamente, representam os 7 planetas. O Phenix, de que os Egypcios fizeram uma Divindade, acha-se gravado em um Abraxas na *Antiquité dévoilée* tom. 2.<sup>o</sup> e tem a inscripção *H. M. A. O.*, que corresponde á palavra hebraica *Héna* (Sol) ou ás 3 gregas *Hélios, Méné, Tetagrammaton* (Sol, Lua, e por excellencia o nome de Deus em 4 estrellas): este emblema pertence tambem aos Ros.: Cruzes, e aos Cav.: do Sol do Rit.: Escocoz.*

Agora vejamos si as representações, que a Biblia e o Apocalypse nos dá do Ente Supremo, sam preferiveis ás antecedentes:

## 9.

*Subio fumo de seu nariz, e de sua boca fogo, que consumia: carvões se accenderam d'elle (1).*

## 4.

*E houve resplendor como o da luz, tinha cornos em sua mão: e alli sua força estava escondida.*

---

(1) Psal. de David Cap. *XVIII.* v. 9.

5.

*A peste ia diante de seu rosto, e a brasa de fogo passava perante seus pés (1).*

13.

*E no meio dos 7 castiçoes um semelhante ao filho do homem, vestido athe aos pés d'um vestido comprido, e pelos peitos cingido com um cinto de ouro.*

14.

*E sua cabeça e seus cabellos eram brancos como a lã branca, como a neve; e seus olhos como flamma de fogo:*

15.

*E seus pés semelhantes a latão reluzente, e ardentes como em fornalha; e sua voz como voz de muitas aguas.*

16.

*E em sua mão direita tinha sete estrellas; e de sua boca sahia uma espada aguda de dous fios; e seu rosto era como o Sol, quando em sua força resplandece.*

---

(1) Prof. do Propheta Habacuc. Cap. III. f. 4-5.

## 17.

*E quando eu o vi, eahi a seus pés como morto: e elle pôz sobre mim sua mão direita, dizendo-me. « não temas. Eu sou « o primeiro e o derradeiro » (1).*

Comparando estas narrações com os symbolos dos Abraxas descriptos, achar-se-ha que a representação do Ente Supremo por estes, é muito mais nobre, que a dos Hebreos e primeiros Christãos, que o representam como um Ente destruidor.

O Abraxas, que nós demos na Est. 2.<sup>a</sup> N.º 1. que tambem é de Montfaucon, tem d'um lado a figura do Eterno, Pae dos Gnosticos, com 8 estrellas: e no outro lado o mesmo Eterno Creador, que está coroado de 5 pontas relativas ao Pentagono, tendo duas estrellas ao lado para explicar os dous principios: ha no fundo uma esfera armillar, sobre a qual se apoiam quatro figuras, que representam os quatro elementos, das quaes duas, tendo azas, representam o *ar* e o *fogo*: e as outras, que não as teem, representam a *terra* e a *agua*: á direita vê-se a *pedra cubica* e á esquerda a *esquadria*.

Outros Abraxas ha, que, para representarem ou as quatro virtudes por excellencia ou os quatro elementos, se gravaram com a figura dos 4 anjos, que cercavam o throno da divindade e eram: *Miguel, Gabriel, Uriel, e Ra-*

---

(1) Apocalyp. Cap. I. v. 13 — 17.

*phael*, aos quaes se attribuiam tambem virtudes especiaes: de modo que as abstracções Judaicas andavam sempre unidas á philosophia de Platão. Todos estes monumentos curiosos servem para levantar o véo, que a historia d'aquelles tempos não tinha podido rasgar, e nos mostram o engano, em que estavam os authores antigos, que, athe ao seculo XVII, consideravam estes signaes como se fossem signaes da *Magia negra*.

A *Esquadria* sempre se achou em monumentos sagrados do Egypto: a primeira das duas pedras de Mr. Spor (Est. 5.<sup>a</sup> N.<sup>o</sup> 4 e 5) representa um *Osiris-Apis* sobre a flor do *Lotus*, tendo a cabeça de leão: e o sol na constellação de *Taurø*: em uma das mãos sustenta a Lua e na outra a *Esquadria*; e os passaros, que o cercam, são o emblema do *ar*: a segunda representa *Harpocrates*, que está sentado sobre o pescoço d'um burro, que tem a cabeça para baixo; e tem na direita uma *Esquadria*.

Um Abraxas perfeitamente Maç.: é o da Collecção de *Capello* (Est. 5.<sup>a</sup> N.<sup>o</sup> 6) que apresenta um busto de homem; tem a cabeça de gallo, symbolo do Sol, e author de toda a vitalidade: as serpentes, em logar, de pernas, symbolisam o bom e o máo principio; na sua direita tem um azurrague, como Phebo quando guia seus cavallos: na esquerda um escudo, cercado por uma coroa de loureiro, arvore consagrada a Jupiter, e no centro do qual se lê *Jto*, que corresponde ao Jehovah dos Hebreos. Mas o que surprehenderá os Il.: do 3.<sup>o</sup> Gr.: é a sua inscripção, que se refere ao Myst.: Maç.: da Palav.: *Perd.:*, que diz: *Dai-me a graça e a victoria, porque eu pronuncio vosso nome occulto e ineffavel*. Eis a Maçonaria pura, que se pratica na 17 ou 18 seculos.

A figura, (Est. 5.<sup>a</sup> N.<sup>o</sup> 7) tirada da Montfaucon, apresenta-nos um Abraxas muito interessante: dos ramos, que, pelas folhas, parecem ser da Acacia, se acham pendentes 3 cabeças com a mesma legenda *Jao*. Este Abraxas prova que os Iniciados antigos tinham outros assassínios a vingar, e que não eram os dos Templarios.

Outro Abraxas, que merece a consideração dos nossos criticos, e que Montfaucon diz ter-lhe sido enviado da Italia, é o da Est. 5.<sup>a</sup> N.<sup>o</sup> 8: representa d'um lado a cabeça d'Alexandre, coberta por uma pelle de leão e com a inscripção, parte latina e parte grega, *d'Alexandre*: no inverso vê-se uma burra e um jumentinho, que mama: por cima d'ella um escorpião, signo do Zodiaco: ao redor lê-se a inscripção *Dominus noster Jesus Christus Dei filius*: mas que pensaremos d'este monumento? Seria para negar a divindade de Jesus, e para o designar como o máo principio? A historia d'Oechus, Rei da Persia, nos diz que este Rei dominára o Egypto, e que, sabendo que o povo lhe chamava *burro*, lhe destruiu o seu Deus Apis, e ordenou que venerassem em seu lugar o *burro*, considerado como emblema do máo principio: *Bagoas*, seu Eunucho, e Padre Egyptio, indignado pela injuria que Oechus fez á sua Nação, o matou, deitando sua carne aos gatos, a fim de que um animal, consagrado a Isis, vingasse a injuria feita á mesma Divindade.

Alem d'isto muitos outros Abraxas provam a opinião pouco favoravel, que muitas seitas tinham da divindade do Jesus. O *Escorpião* achava-se em differentes monumentos, e os antigos Mythologos o consideram sempre como um symbolo de morte e de destruição: na primeira Estampa da Obra de Mr. Lenoir, sobre a *Mag.*: acha-se um quadro, que representa Mythras, imagem do Deus Sol, em

habito sacerdotal sacrificando um touro, e durante este sacrificio o *Escorpião* está prestes a devorar as partes genitales do touro, o que representa a allegoria da má estacão, que destruiu todo o germen de geração: no Egypto, na Persia, e na India as partes da geração eram sagradas e como taes veneradas; donde se segue que o Escorpião assim como o Typhon deviam ser tractados com despreso.

Note-se mais que S. Jeronimo, em uma carta a Theodoro, diz que um sectario de Basilidio se dava á Magia para seduzir os fracos, debaixo do pretexto de os fazer entrar no conhecimento dos Myst.: os mais profundos da sua doutrina; e que esta curiosidade tinha sido d'um grande attractivo na França e Hespanha. O *tumulo do Childerico, Rei dos Francos, morto em 464 e descoberto em 1653,* serve a corroborar a opinião de S. Jeronimo, de que os Iniciados de Basilidio se tinham espalhado na Europa, e que os Myst.: dos primeiros Christãos, unidos aos Egypcios (que nós chamamos Maç.:) alli acharam adeptos na alta classe da Galia, onde os Padres Druidas procuravam perpetuar a ignorancia e conservar o poder sobre seus sectarios. Vial Castel diz ter achado n'este tumulo um *anel*, uma *cabeça de boi*, uma *espada*, uma *penna*, e pequenas figuras que pareciam *abelhas*, uma *fiavel*, e duas medalhas ovales representando o *escravelho*, e a *rã*. A *cabeça de boi* podia ter sido o emblema do Deus Apis, e ter servido na Iniciação d'este Rei, como outr'ora usavam os Padres Egypcios, Persas, e athe os Evangelistas: a espada podia ter sido a do sacrificador: a fiavel devia ter servido para apertar a cinta arrendada aos Iniciados dos altos graus: o escravelho e a rã deviam ser os emblemas da Divindade e da Agua, como dous principios da fecundação universal: as cruzes que estavam sobre as faces lateraes, achavam-se

tambem nos monumentos de 800 annos antes da era Christã, e designavam a *immortalidade* (1).

Por estes emblemas, que se acharam no tumulo de Childerico se pode concluir que elle tinha sido iniciado aos Myst.: e doutrinas Judaico-Christãs, e que o culto Egyptico foi introduzido na França em tempos mui remotos. Em uma escavação perto d'uma ribeira de França acharam-se, em 1827, dous idolos Egypticos com as cabeças de *Aries* e cornos d'*Ammon*, como publicou o *Courrier des Pays Bas* em 16 e 17 d'Agosto do mesmo anno.

---

## CAPITULO II,

### MISTURA D'ALGUNS EMBLEMAS CHRISTÃOS E MAÇONICOS.

Os primeiros Christãos, que se achavam confundidos com os Gregos e Romanos, tinham adoptado, para signal de reconhecimento, e para sello de sua correspondencia, ora anneis, em que estava gravado o monogramma de Jesus, *J. N. R. J.*, ora alguns dos symbolos, *Cordeiro*, *Pomba*, *Pelicano*, *Phenix*, *Peixe*, *Ancora*, *Lyra*, *Serpente* com cruz ou sem ella, *Cruz* de 3 braços, *Cruz* com *Rosa*, *Barqui-nha*, ou enfim duas *Chaves* em *cruz*: mas como estes emblemas, que se acham em diferentes Rit.: Maç.:,

---

(1) A *Rda* vê-se na mão de muitas divindades da China, e provavelmente d'aqui passou para o Egypto. Tambem a *cinta arrendada* parece ter passado do Egypto para a Judéa, como se vê no *Exodo* Cap. XXIX v. 9.

teem sido sabiamente explicados por muitos aucthores, nós só lhes acrescentaremos algumas explicações.

A *Serpente* entre os Egypcios, além do, que já dissemos a seu respeito, symbolisava a *revolução* do tempo; quando tinha a sua cauda entre os dentes: tambem era o symbolo do *anno*; porque todos os annos despia a pelle; e finalmente era o symbolo da *saude*, porque a decoção da cobra e principalmente a da *vibora*, era considerada como muito útil para curar as inflammções tuberculosas da pelle, molestias então mui frequentes no Egypto e na Palistina. (1).

A *Cruz*, que causou tanta disputa entre os Pagãos e Christãos, e que embaraçou muito os antiquarios, não é outra cousa, segundo R. de Schio, sinão o *priepi phal* (medida d'elevação), palavras Egypcias, das quaes depois se fez *Phallus* e *Priapo*: os Egypcios tinham observado em Memphis que, si a elevação das aguas do Nilo chegava a 16 *cubitos* (medida desde o cotovelo athe á ponta do dedo medio) a colheita dos fructos era mui abundante; que, si ella subia a 14, a colheita era menor; e quando subia á 18, então havia escacez de fructos: e, para que o povo soubesse taes resultados, fixou-se perpendicularmente em muitos sitios do Nilo, uma *barra* de ferro, marcada por outras *barras* mais pequenas, formando angulos rectos com a primeira, que designavam as tres divisões mencionadas, e em forma de *Cruz*, sendo todavia a do centro a maior; e assim se chamava *phal*, *dephal*, *triphall* conforme a *Cruz* tinha um, dous, ou

---

(1) A *Theriaca*, composição pharmaceutica e monstruosa, em que entra a carne da *vibora*, aiada hoje é usada em muitos povos da Europa!!!

tres braços : este mesmo emblema ainda hoje se encontra em muitas Igrejas dos Christãos : mas sabe-se geralmente que *Phallus* é a imagem obscena de *Priapo*, em honra de quem os antigos fizeram festas e processões ; e que athe mesmo em Roma se representou *Phallus* com cabeça humana , tendo cornos e orelhas de bóde , para designar a *fecundidade* ; e assim uma barra , e uma cerimonia , que no seu principio era util e decente , se tornou , pelo andar dos tempos e pela ignorancia dos povos , um idolo escandaloso.

A *Cruz*, que hoje faz parte dos mysterios Christãos, foi tambem entre os Egypcios o hieroglypho, que representava a *immortalidade*, o que é provado por Cedrenus, Socrates, e Sozomeno : algumas vezes designava tambem o signal da paixão para chegar á immortalidade , e por isso Osiris era figurado sobre uma immensa cruz, formada pela intersecção do meridiano e do equador. Esta Divindade nos Myst. da Phrigia era suspendida a uma *arvore cruciforme*, que depois se partia, e se distribuia, como um talisman, que era equivalente á *salvação pelo lenho*, que nós já achamos anteriormente em um dos Abra-xas : e *Jovet* conta uma tradição , pela qual a *Acacia* era considerada , entre os Cruzados , como a arvore , de que a Cruz de Christo havia sido feita. Esta Cruz, tão venerada pelos Egypcios e os primeiros Christãos, tambem se acha frequentemente em monumentos antigos , na *Taboa Isiaca*, nas Pyramides , e em muitos obeliscos.

O emblema da Cruz figura tambem em muitos Ritos Maçonicos, e serve de decoro ás suas mais eminentes Ordens ; mas algumas vezes se lhe ajunta uma *Rosa* : Gheber, Raymond, Bacon, e muitos outros, sam d'opinião que a *Rosa* é o emblema do *Segredo* : ora si a *Rosa* é

com effeito o emblema do segredo , a ninguem podem surprehender as quatro Rosas que se acham nas quatro facies da *Taboa Isiaca* : os Hierophantos Egypcios quizeram com ellas fazer entender a seus Iniciados que tudo aquillo, que n'ella se achava escripto figurativamente , era divino , mysterioso , e secreto : e de taes documentos tambem resulta que , quando se vê *uma Rosa em cima d'uma Cruz* , estes dous symbolos unidos darão d'um modo mui simples o resultado escripto *Segredo da immortalidade* ; porque a idea de uma vida futura , nascida nos santuarios de Thebas e Eleusis , se conservou no seio dos Myst. , e o Pontifice nunca a communicava sinão aos Adeptos , que eram dignos : e era preciso um juizo superior , não ao alcance dos ignorantes. para sentir que a morte não pode , nem deve nunca apagar o *merito* , o *genio* , e a *virtude* (1).

Tambem com a Cruz costumam andar juntos o Pelicano , e a Aguia : *Pelicano* é uma ave aquatica e maior que o Cysne , a qual , segundo os antigos , alimentava os filhos com o sangue , que tirava do peito , ferindo-se : e eis porque entre os primeiros Christãos e os Maç. de hoje , o Pelicano é o emblema da *Caridade* e da *beneficencia* : a *Aguia* , é uma ave de rapina , e nome d'uma constellação consagrada a Jupiter , que servio d'insignia aos antigos Romanos na guerra , e nos estandartes d'algumas Nações modernas , que , pela sua perspicacia , é o emblema da *Sabedoria* : estas duas decorações trazem

---

(1) Os AA. que pretendem fazer acreditar que a Ord. dos Ros. Cruz. é recente , se acharão contrariados com as observações expendidas : athe ha adagios que provam *que a Rosa é o emblema do segredo* (Est. 6.<sup>a</sup> , N.º 1).

é lembrança que o fim da instituição Maçonica é a Sabedoria junta á mais perfeita Caridade. (Est. 6.ª, N.º 2 e 3).

A Est. 6.ª, N.º 4 é um diploma, que ainda hoje se dá aos Iniciados em uma das Igrejas de Bruxellas, pela occasião da primeira communhão: estes mesmos symbolos são os, que se acham tambem nos diplomas Maç.: e Carbonarios, pertencentes aos altos Gr.:., e onde se recommendam as tres virtudes do nosso Divino Mestre — Fé, Esperança, e Caridade. Donde resulta que os emblemas Christãos se conservam tambem nas differentes Ordens Maçonicas; e que a sua reunião prova evidentemente a liga da antiga lei com a moderna, ou a do Antigo e Novo testamento.

Quanto á doutrina da Resurreição parece haver a mesma mistura: um dos principaes dogmas, de que se serviram os Judeos-Christãos, os Carpocracianos, os Cabalistas etc. depois da destruição de Jerusalem, foi o d'Adonis com o mysterio da resurreição, que nós já vimos estabelecido pelo tempo d'Eljsec: os Hierophantos Egypticos, Phenicios, e Gregos, tomaram sempre as allegorias da resurreição pela renovação do vigor do Sol no equinoxio da primavera: os Phenicios, depois de terem chorado e soffrido jejuns e macerações pela morte do deus Adonis, enchiam-se de extraordinaria alegria pelas festas que se seguiam á sua resurreição: estas festas eram celebradas no terceiro dia depois da Lua chã de Março: os primeiros Christãos adoptaram esta festa em lugar da antiga Paschoa Judaica, que era celebrada no dia 14 do mesmo mez; e não foi sinão dous seculos depois do estabelecimento do Christianismo que a Paschoa Christã se passou para o domingo seguinte.

Estas festas e estes mysterios tinham por fim, na sua origem, lembrar as tres verdades Egypcias, ensinadas aos neophytos na historia de *Osiris*, que *resuscita e triunfa das trevas e do máo principio*: isto mesmo se repetiu na Persia pela morte e resurreição de *Mythra*; na Phenicia e na Grecia, pela morte e resurreição d'*Admis*; e posteriormente nas provincias limitrophes da Judéa, pelos Judeos, e em particular por S. Paulo na morte e *resurreição de Jesus*, triunfante das *trevas*, de *Satanaz*, do *máo principio*, e da *morte*, trazendo ao mundo a *luz* (Actos dos Apost. Cap. XXVI).

Os Egypcios, que se oppunham ao dogma do Deus mortal, representavam Deus immortal por uma *Serpente*, a que chamavam *Cneph*, que deitava pela boca um ovo, symbolo do mundo que elle tinha produzido: mas o dogma dos dous principios e de Deus, conforme ao de Zoroastro, estava já espalhado na Italia no tempo dos Romanos: a *Est. 6.<sup>a</sup>, N.<sup>o</sup> 5* mostra um ovo no meio de duas serpentes, uma das quaes o quer tirar á outra: o ovo representa o Deus immortal, e as duas serpentes, que o disputam, representam o bom e o máo principio, a luz e as trevas: tal é a opicião de Montfaucon, tom. 2.<sup>o</sup>

Os criticos pretendem que os Trinitarios, que vieram depois, fundaram a dita doutrina Egipcia nas seguintes palavras: « *Acreditamos na resurreição da carne* »; o que, segundo elles, quer dizer: *acreditamos na destruição e regeneração dos séres, na causa primeira, e nos dous principios luz e trevas, ou bem e mal physico*. D'onde concluem que as religiões apresentam todas o mesmo systema, reduzindo-se ao culto da natureza.

Enquanto os Judeos, que tinham aprendido o dogma

da Trindade entre os Gregos, Persas, Romanos, e Egypcios, se occupavam em propagar a sua doutrina, as revoluções politicas prepararam tambem a quèda dos Imperios, e lançaram a Europa nas guerras civis e no despotismo: n'esta desordem geral, o novo culto Trinitario tornou-se dominante em toda a Europa: mas tres seculos depois da sua origem, na epoca da Barbaria, e na Persia mesmo, d'onde tinham sahido tantos dogmas, appareceu um philosopho, *Manés* (e não *Ménés*) que pretendeu chamar o espirito humano desordenado ao culto do Deus unico, reunindo a religião de *Zoroastro* á pura doutrina de *Jesus Christo*.

E com effeito, *Hesman*, discipulo de *Manés*, propagou seu dogma no *Egypto*, onde os *Padres Coptos* e os outros *Christãos* o seguiram: e parece que depois d'esse tempo os *Christãos* indistinctamente, conservando seus antigos *myst.*: estabeleceram com elle alguns hieroglyphos, a que ligaram allegorias mysticas, taes foram.

A *Estrella*, que indica os *Reis Magos*, ou os primeiros sabios, que publicaram a doutrina de *Jesus*, tendo sido guiados pela luz da razão em busca da *verdade* (Est. 3.<sup>a</sup> N.<sup>o</sup> 4).

A *Acacia*, arvore commum na *Paolestina*, e que figura no *Gr.*: de *Mest.*: *Perf.*:, lembra a *Cruz*, em que o *Divino Mest.*: acabou a vida: este ramo symbolico (repetimos) é o *Lothus* dos *Myst.*: *Egyptios*, o *Myrtho* d'*Eleusis*, o *Gui* dos *Druidas*, o *Ramo d'Ouro* de *Virgilio*, e a *Can-na d'Ouro* do *Apocalypse* (1).

---

(1) Os Estandartes da antiga armada *Luzitana* apresentavam tambem este mesmo emblema, como se pode ver em *Camões* liv. 7.<sup>o</sup> Estancia 77 e 78; e no liv. 8.<sup>o</sup> Est. 1.<sup>a</sup>,—5.<sup>a</sup>

*O Triple Triângulo*, (Est. 4.ª N.º 5) lembra a gloriã do Eterno, e é composto de tres unidaes eguaes, que formam a Trindade, base dos Myst.: Egypcios, geraçã, destruiçã, e regeneraçã, que para o povo ignorante se representam nas tres pessoas Isis, Osiris, e Orus, e no Padre, Filho, e Espirito Santo de alguns Christãos, afim de terem uma idea allegorica das tres verdades e do Grande Jehovah:

*A Esquadria e o Compasso unidos*, tornando os homens eguaes por seus preceitos, trazem á lembrança a liga da Lei de Moysés com a de Jesus:

*O Altar dos Sacrificios*, que estes Christãos ajuntaram aos altares dos pães e dos perfumes, lembra o fim tragico de Jesus.

*O Mar de Bronze*, alem da representaçã dos 12 Patriarchas, designa pelos seus 12 Novilhos, os 12 Apostolos de Jesus, que triunfaram dos obstaculos, que encontraram as suas maximas liberaes.

*O Livro da Verdadeira Luz*, alem da Lei dos Prophetas, ficou representando o Evangelho e o Apocalypse, escriptos mysteriosos, que se pretende terem a doutrina completa dos Maçons, e que os antigos Hierophantos não deixavam ler sinão aos Iniciados das altas Ord.:., o que era designado pelos 7 sellos, que se refferem ás sciencias, aos 7 Gr.:. theosophicos, e aos 7 sacramentos dos Christãos (Est. 2.ª, N.º 2) (1).

---

(1) O Novo Rito Francez, adoptando somente 7 Gr.:., parece querer conformar-se com a mesma allegoria.

A *Arte Maçônica*, representada pela *Est. 6.ª N.º 6*, além da allegoria do Templo de Salomão, serve para indicar a necessidade do trabalho, imposto aos Iniciados, na construção do templo da Sabedoria e da Amizade. Mas todos estes emblemas Maç.: multiplicados fizeram quasi esquecer o ensino da Iniciação Egypcia e Christã, que athe perdeu, por assim dizer, seu nome: *Dumast*, no seu *Poema Maç.:*, julga que estas mudanças aconteceram do sexto athe ao decimo seculo.

*As Columnas quebradas do Templo etc.* Em uma Ordem elevada, e em diferentes Rit.: Maç.:, durante a recepção, os signaes symbolicos sam: *columnas quebradas um véo roto; a pedra cubica lançada por terra e coberta de manchas de Sangue; os acolitos teem na mão uma Canna*, e depois da *Cêa mystica* queimam as 4 letras *J.: N.: R.: J.:* que fazem a base dos myst.: d'este mesmo Gr.:.

*J.: N.: R.: J.:* Estas 4 letras, das quaes as primeiras designam *Cidades*, e as ultimas nomes de *homens*, teem dado logar a muitas interpretações: os Christãos formaram d'estas letras o seguinte aphorismo:

*Jesus Nazarenus Rex Judæorum.*

Os Philosophos Hermeticos, e os antigos Ros.: Cruz.:, fizeram tres:

*Igne natura regenerando integrat.  
Igne natura renovatur integra.  
Igne nitrum roris invenitur.*

Outros, empregando os signaes hebraicos dizem;

*Iammim* (maria) *Nur* (ignis) *Ruahh* (ventus)  
*Iabeschek* (terra)

Os Philosophos modernos dizem o seguinte :

*Indefesso Nisi Repellamus Ignorantiam.*

E finalmente os Jesuitas que tambem dividem a sua seita em *pequenos* e *grandes myst.*. explicam-as do seguinte modo :

*Justum necare reges impios :*

E entendem por *impios* todos os reis , que não sam Catholicos !!!

O Abbade Baruel e outros inimigos da Maç.: julgam vêr no ceremonial d'este Gr.: a allegoria de *Manés*, e affirmam que os instituidores d'esta Ord.: quizeram mostrar que os perseguidores de *Manés* tinham espalhado as *trevas*, a *ignorancia*, e a *desordem* sobre a terra , e que haviam feito queimar e desaparecer a santa doutrina de Jesus , que *Manés* tinha unido á de Zoroastro. E com effeito muitos historiadores contam os esforços que , depois da morte de *Manés*, os novos Trinitarios Christãos fizeram pelo tempo e depois de Constantino-o-Grande , para destruir o dogma de Zoroastro, reformado por *Manés*, sobre a unidade de Deus e seus dous principios , que é a *Religião dos Filhos da Viuva*.

---

## CAPITULO III,

### MANÉS E OS MANICHEOS.

Quando a barbarie era geral na Europa e a religião dominante era o culto Trinitario, appareceu na Persia um homem celebre, e reformador, chamado *Manés*; (que se não deve confundir como *Ménés*) e como os Abbades Lucagni, Barruel, e outros o consideram Pae da Maç.: Moderna, traçaremos em resumo a sua historia.

*Manés* viveu pelo tempo de Sophores, rei da Persia, e pretendeu fazer reviver em toda a sua pureza os Myst.: de Zoroastro, unidos á doutrina de Jesus Christo. A doutrina de *Manés* era com effeito liberal quando reinava na Europa a superstição e o despotismo; e então facil é de crêr que os, que professavam principios demagogicos, ou uma religião despida de fantasmas, deviam sêr perseguidos; e na realidade assim succedeu porque os Manicheos, seus discipulos, foram perseguidos sem piedade por todos os despotas e pelos padres de Roma, depois do 4.º seculo, e depois da sua apparição (1). S. Agostinho o Africano, educado nos Myst.: de Zoroastro, adaptados á doutrina

---

(1) Note se que os signaes Gnosticos, usados por todos os antigos liberes, foram os dos Manicheos, como depois o foram tambem pelos independentes da Inglaterra no tempo de Cromwel, dos Americanos, e ultimamente dos Francezes.

ne de Jesus, foi um dos mais encarniçados inimigos da doutrina de Manés, conhecida pelo nome de *Religião dos Filhos da Viuva*; e dá-se por causa d'este odio contra Manés, e do zelo de S. Agostinho pela religião Trinitaria Christã, o sentimento que este experimentou de não ter sido admittido nos Myst.: de Manés sinão ao 1.º Gr.: e á Ord.: de crente. Os Magos, que lhe tinham reconhecido um espirito ambicioso e inquieto, lhe haviam recusado os Gr.: superiores, apesar de ter tido nove annos de postulado. Estes factos sam confirmados por Fleury, Baronius, e mesmo por S. Agostinho nas suas *Confissões*; no seu *Sermão 98* e na *Epistola 157*.

Manés não teve outra herança de seu pae, sinão a honra d'admissão aos Myst.: de *Mythras*. A Viuva de Syctien (que tinha sido tambem Mago) mulher devota e sem filhos, possuindo uma grande fortuna, e conhecendo os talentos e as boas disposições de Manés, lhe propoz adopta-lo por filho. Primeiramente Manés recusou suas ofertas; mas incitado por seus amigos as aceitou depois. Foi em consequencia d'esta adopção que elle quiz lhe chamassem *Filho da Viuva*; e como os que seguiam suas doutrinas, pelo segando artigo dos Estatutos de Zoroastro, eram todos irmãos, tambem os discipulos de Manés se chamavam *Filhos da Viuva*.

A moral da reforma religiosa de Zoroastro adaptada á doutrina de Jesus por Manés, lhe trouxe um grande numero de discipulos; mas os de mais nomeada foram *Addas*, *Hesman*, e *Thomas*, que obtiveram d'elle a permissão de levar por toda a parte sua moral e doutrina. *Addas* foi para a Judéa, e reduzio á sua doutrina os poucos Judeos, que alli se achavam depois da destruição de Jerusalem, e que seguiam as doutrinas de Moysés refor-

mandas por Jesus: *Hesman* foi para o Egypto, onde os Padres Coptos, que tinham adoptado a doutrina dos Judeos Christãos estabelecidos na Alexandria, receberam os principios de Manés; que não eram sinão os dos Egyptios, adoptados por Moysés; e ordenados por Jesus: e *Thomaz* finalmente foi para a Babylonia; e reduzio á santa doutrina os *Padres de Balaham*, que, segundo Herodoto, eram de depravados costumes. Todos tres coroaram seu apostolado com o mais brilhante resultado:

O numero dos discipulos de Manés augmentava todos os dias, e por toda a parte, mas principalmente na Persia; e na Mesopotamia; onde Manés tinha estabelecido residencia e o seu professorado. Mas a sua sciencia, sua virtude, e sua nomeada, lhe trouxeram muitos inimigos; a inveja, o odio, e o fanatismo aguçaram a espada; que o devia ferir; os Magos dissidentes; ignorando a arte liberal; que Manés ensinava, o consideraram como um intruso; e, invejosos do seu credito, juraram e causaram a sua perda. Um accidente desgraçado os fez triunfar, o qual foi: estando mui doente o unico filho de Sophores, os Magos dissidentes persuadiram elrei de que Manés era o unico capaz de curar seu filho, apesar de que mui bem conheciam que a cura era impossivel. A Medicina era então professada pelo Sacerdocio, e entre os Israelitas os padres eram tambem medicos, como se pode vêr no *Lévítico* Cap. XIII.; em *S. Lucas* Cap. XVII.; em *Plinio Historia Natural* XVI, e XXIV; em *Herodoto* II; e em *Diedoro* I. (1):

---

(1) E eis a razão, porque os seus representantes, os pastores da Igreja Romana, se chamaram *Curas*, do latim *curare*: oxalá os Curas de hoje em vez de lembrarem o inferno e o diabo aos moribundos; antes seguissem o exemplo dos seus antecessores. . . .

Segundo este antigo uso, Sophoris fez chamar Manés, que, tendo examinado o Príncipe, descobriu que sua constituição estava deteriorada pelos remedios, que lhe haviam dado; todavia, por não fazer mal aos, que o tinham tratado; disse a elrei que o unico meio de curar seu filho, e que não asseverava, era de lhe não dar mais remedios, porque a natureza, na idade infantil, tinha mais poder que os soccorros da Arte: Elrei seguiu seu conselho e encarregou Manés de vigiar pela preciosa vida do Príncipe, mas a natureza do mal era tal, que, apesar de seus cuidados, o Príncipe expirou em seus braços.

Depois d'esta desgraça, Manés, decaído do favor real, deixou a corte e tornou para Mesopotamia; mas seus inimigos, tramando na sua ausencia, fizeram um relatorio ao rei, em que denunciavam Manés como assassino de seu filho; persuadiram-lhe que este se teria curado, si Manés não afastasse os outros Magos; e que elle tinha deixado morrer o filho com a esperanza de subir ao throno depois da morte do paç etc. etc.

Elrei acreditou todas estas calumnias; fez instaurar secretamente um processo contra Manés; e depois o condemnou á morte pelo crime de contumacia. Manés humilhou-se por alguns tempos athe que foi preso e morto por maneira nova e cruel. Elrei ordenou que Manés fosse esfolado vivo com palhetas de caunas; que sua pelle, chea de palha, fosse suspendida na porta mais frequentada da cidade; e enfim que a sua carne fosse lançada em um monturo para sêr davorada pelos cães! Tal foi o fim d'um homem sabio e justo!!!

Esta desgraça, tendo-se tornado publica, 12 de seus discipulos formaram um apostolado; e, espalhados por

toda a terra, levaram seu dogma, seus Myst., e sua doutrina por todo o Universo: a sua Luz se espalhou como um raio pela Asia, Africa, e pela Europa, como se vê em *Baronius, Fleury, e Bayle.*

---

## CAPITULO IV.

### CONSTANTINO E A PRIMITIVA IGREJA.

É um facto, notado por Mr. Lenoir, que Constantino, cheio de crimes e perjuros, se apresentára aos *Padres Pagãos* para ser absolvido; e que estes lhe responderam que não havia expiação sufficiente para seus crimes, e que nenhuma religião tinha socorros assás fortes para desarmar a justiça dos Ceos, que tanto havia ultrajado: mas um lisongeiro do palacio, testemunhando o pezar de Constantino, lhe declarou que os Christãos, partidarios de seu pae e zelosos vassallos, tinham purificações mais poderosas, que os Pagãos, e que seu mal entre elles ainda tinha remedio: assim tudo succedeu; Constantino foi absolvido; e se tornou protector da seita Christã: é assim que de pequenas causas nascem grandes effeitos; e eis porque Bysancio se tornou séde do imperio Romano, e que Roma e Italia cahiram nas mãos do Sacerdocio. Constantino fez-se baptisar por *Eusebio*, Bispo de Nicomedia; e reassumio o titulo de *Grande-Pontifex* dos Romanos.

Os primeiros Christãos, que haviam chegado pobres á Judéa e á França, tornaram-se, com o commercio que então exerciam, assás ricos para emprestarem dinheiros

a Constantino-o-Pallido, que se diz pae de Constantino-o-Grande, com que subio ao throno dos Cezares e aplanou o caminho para seu filho: mas é erro acreditar que elle fosse addido aos Christãos orthodoxos; porque desaprovou sempre as disputas que estes tinham com os Gregos sobre a *substancia do Verbo*. Estas disputas foram as, que occasionaram o Concilio de Nicea, que foi presidido por Constantino, no qual umas vezes tomou o partido d'Ario, outras o d'Athanásio, elle por fim desterrou ambos:

A grande questão d'este celebre Concilio ainda hoje parece não terminada; porque os Christãos ainda se acham divididos a respeito da divindade de Jesus Christo. Os Arianos, que figuraram 300 annos depois da era Christã, appoiaram-se no Evangelho de S. João, que se pretende ter estabelecido a divindade de Jesus; para a negarem: seus argumentos eram baseados no Cap. XVII. v. 3; Cap. XX. v. 17; e Cap. XIV. v. 28. Alem d'isso alguns authores negam que o Evangelho de S. João fosse escripto por elle; porque no Cap.: XXI. v. 24, diz-se:

*Este é aquelle discipulo João, que dá testemunho d'estas cousas, e que as escreveu: e nós sabemos que é verdadeiro o seu testemunho.*

D'este versiculo os incredulos tiram que este Evangelho não era mais, doque uma tradição que appareceu depois de S. João, e que o berço da primitiva Igreja é cercado de trevas que se não podem dissipar. Todas estas contradicções deviam extinguir-se no Concilio de Nicea, que estabeleceu os 4 Evangelhos Canonicos do seguinte

modo (1): « Os Santos Padres do Concilio, illuminados pelo *Espirito Santo*, collocaram promiscuamente sobre um altar, todos os Evangelhos então conhecidos: supplicaram ardentemente ao Senhor Deus para que se dignasse de fazer-lhe vêr quaes eram os Evangelhos inspirados pelo *Espirito Santo*: depois da supplica, de repente succede um milagre; os Evangelhos, que Jelasia devia fazer queimar cahem abaixo do throno, ficando 4 em cima, que se declararam canonicos, e que sam seguidos hoje pela generalidade dos Christãos. Este Concilio devia terminar-se por outro milagre ainda maior: havia-se convencionado que, para a validade do Concilio, todos os Santos Padres assignassem seus actos: mas, tendo morrido, durante o Concilio dous Bispos, *Musa-nius*, e *Chrissantes*, sem que podessem ter assignado os referidos actos, estes foram collocados sobre seus tumulos, e na madrugada seguinte appareceram assignados pelos dous mortos, tendo os outros collegas passada a noite em oração (2). »

O Christianismo, d'esde o seu principio athe ao 6.º seculo, diz R. de Schio, não foi assignalado, sinão por disputas theologicas, em opposição umas com outras, apesar da simplicidade de seus dogmas, que se encontram nos *Actos dos Apostolos*; *S. Paulo* aos *Colossenses*, *Cap.*

(1) Note-se que os Santos Padres, que escreveram antes d'este Concilio nunca se referiram aos 4 Evangelhos Canonicos, mas sim a todos aquelles, que o mesmo Concilio declarou apocryphos, e que eram anteriores aos 4 Canonicos.

(2) Esta historia que é geralmente pouco conhecida, acha-se em R. de Schio tom. 1.º pag. 384.

II. ̄. 4-8; e *Thimotheo Cap. I. e II.* Jesus nada escreveu, ignora-se a razão. Sua moral acha-se no *Novo Testamento*, que se diz escripto por seus discipulos. Todas estas incertezas desgraçadamente fizeram collocar a religião Christã na mesma ordem que as seitas philosophicas em vigor; e estas disputas, ácerca dos dogmas, lhes pareciam como theses escolasticas, onde não se occupavam sinão nos preccitos de Jesus, na adoração de Deus, no amor ao proximo, e na pratica da Caridade.

A grande nomeada que Constantino adquiria com a tempo, pois que foi collocado entre os bemaventurados, não proveio da honra de presidir ao Concilio de Nicca; mas sim da famosa doação de Roma e do imperio do Occidente, que os Apostolos dizem elle fizera a *Silvestre Grande Pontifice dos Christãos*, o qua os Papas de hoje não ousarão sustentar: e com effeito esta doação é de um estilo tão miseravel, que demonstra a inepcia de seus aucthores, que ignoravam a historia dos seculos precedentes, e é: « Ordenamos que esta doação fique firme athe ao fim do mundo; e, si alguem desobedecer a nosso decreto, queremos que seja eternamente condemnado, e que os Apostolos Pedro, e Paulo, lhe sejam contrarios n'esta vida, e na outra, e que seja mergulhado no abysmo do inferno com o diabo. Dado no Consulado de Constantino e de Gallienus, » (1)

N'estas épocas, sempre obscuras na historia, tres dogmas se estabeleceram entre os Christãos: 1.º *o das imagens*; 2.º *o das reliquias*; 3.º *o das orações pelos mortos*.

Os Christãos, no tempo dos Apostolos, não conheciam

---

(1) R. de Schio tom. 1.º pag. 387.

nem Templos nem simulacros, e consideravam como uma loucura o culto e as orações, que os Pagãos endereçavam ás cousas inanimadas; mas posteriormente os Christãos, tendo corrompido sua primeira doutrina, adoptaram o furor das reliquias e das indulgencias, ate mesmo depois da morte!

Leão, o Isaurio, considerava as imagens como objectos d'idolatria, e em 716 promulgou um decreto contra os seus adoradores. Os Iconoclastas triunfavam no Oriente. Gregorio II, Papa de Roma, subdito do Imperador, recusou-se ás decretaes, e aproveitou-se d'esta occasião para ordenar aos Romanos, *que de futuro não reconhecessem o Imperador Grego por Soberano; nem lhe dessem os tributos ordinarios*; de que resultou morrer em supplicio a maior parte dos que adoravam as imagens. Os Papas ávidos do poder, principalmente depois que se emanciparam do imperio grego, procuraram usurpar o reino dos Lombardos, para o que recorreram alternadamente aos Imperadores Gregos, contra os quaes elles se tinham revoltado; mas os Imperadores, occupados em desastres particulares, não podiam annuir ás suas supplicas. Então, o Papa Estevão II recorreu a Pepino, que fundou a legitimidade papal á custa dos Imperadores do Oriente.

Leão III, para consolidar seu poder, elevou á mais alta dignidade que então se conhecia Carlos-Magno, que da sua parte tambem favoreceu o supremo poder do Pontifice de Roma: isto fez com que os reis Francos conservassem uma certa authoridade perto da Santa Sé. Assim pelas intrigas dos Pontifices de Roma, não só a sua authoridade profana se consolidou sobre as ruinas do throno dos Imperadores do Oriente; mas tambem os Padres de Roma, imbuidos nas doutrinas, que se encontram em al-

guns sitios da Biblia, quizeram persuadir que os Papas, que representam os Grandes Sacrificadores Judaicos, não deviam só reinar sobre seus crentes, mas tambem deviam dispôr arbitrariamente dos bens e dos reinos de toda a terra.

Gregorio VII, apoiando-se em maximas, subversivas da sociedade e da authoridade civil e politica, tinha arrogado a si o direito de dispôr de todas as corôas dos Principes Christãos, e de destituir os Soberanos a seu bello prazer. Eis a excommunhão, que elle publicou contra o Imperador Henrique II: « Eu prohibo Henrique, filho do Imperador Henrique, de governar o reino Teutonico e a Italia; e absolvo todos os seus subditos do juramento de fidelidade. Prohibo a todos de o servirem como Rei, e ordeno o anathema de Henrique. »

Henrique, para livrar de rebelião e guerra civil os seus Estados, vio-se obrigado a submitter-se ao Papa!!

Depois d'este Papa, eis como se explica o Concilio de Florença de 1436: « O papa está acima dos Concilios e dos Reis; tem o poder de destituir estes ultimos, que estão na obrigação de beijar-lhe os pés. O Papa é juiz em ultima instancia de todo o mundo, e ninguem o pode julgar. É infallivelmente santo pelas virtudes de S. Pedro. »

Um escriptor, assalariado pela Curia Romana, ainda ha pouco disse: « O uso de beijar os pés aos Papas é uma consequencia natural da sua exaltação sobre todo o poder. Constantino beijou os pés de Silvestre; Justino I. os do Papa Constantino; Carlos V. os de Clemente e de Paulo III; elrei de Napoles os de Bento XIV; e uma

«infinidade de monarchas teem feito o mesmo em todos «os seculos» (1):

O Imperador Heraclius, vendo o seu imperio lacerado pelas seitas Christãs, que havia 6 seculos disputavam sobre Jesus, ordenou que se não fallasse mais em seus Estados nem das suas duas naturezas, nem das suas duas vontades.

Na Historia Ecclesiastica ha exemplos de sobejo que provam o abuso dos Papas e de seu Clero, que está sempre em luta com a authoridade legitima dos Soberanos e que divulga que *Deus dispõe dos bens e das corôas da terra, e que os Papas sam seus unicos administradores.*

Donde se tira que os schismas das Igrejas grega e latina, suas ideas fluctuantes sobre a divindade e as duas naturezas de Jesus, as disputas de grande interresse sobre a submissão, que o clero romano reclamava dos Christãos, foram quem fez nascer todas as seitas audaces, que conservaram, em suas doutrinas, o dogma dos Essenios, dos Gnosticos e dos Manicheos. N'estas circumstancias, as theses sobre o mysterio da Trindade inflammaram os sectarios das duas Igrejas, d'esde o IV athe XIII seculo, e deram em resultado a doutrina da *unidade* de Deus: mas tendo prevalecido o poder papal e o monachismo, os unitarios foram perseguidos, seus bens confiscados, e emfim queimados em honra da Trindade e edificação dos fieis!!!

---

(1) Estes quatro documentos podem vêr-se em R. de Schio tom. 1.º pag. 390-



---

## SECÇÃO SEXTA.

---

### CAPITULO II

---

#### SARRACENOS, PADRES COPTOS E ORIGEM DA CAVALLERIA.

**Q**UANDO Mahomet appareceu no horizonte d'Arabia achava-se cercado d'Idoltras, de Judeos, de Christãos, e de Sabeos. Os Idoltras não tinham systema theologico determinado: os Judeos, em um paiz miseravel, estavam divididos entre si: os Chistãos estavam separados em Jacobistas e Orthodoxos: os Sabeos, sem estarem divididos eram idifferentes para todos os outros cultos. Mahomet soube aproveitar-se d'esta circumstancia para chamar todos os Arabes á sua religião. A estes era a ignorancia então commum e as poucas luzes, que havia no paiz se enfraqueceram por meio das armas, e desapareceram de todo por meio da voluptuosidade. As livrarias d'Alexan-

dria haviam sido queimadas, á excepção do Alcorão : Amerron, tenente de Califa Omar, julgou por este acto d'intolerancia e de fanatismo, render homenagem á sublimidade do Alcorão (1).

Em quanto Mahomet e seus crentes demoravam os progressos da civilisação e da sciencia na Africa e na Asia, tambem por outro lado o christianismo fazia progressos rapidos; mas desgraçadamente quanto mais se estendeu, mais os christãos e o clero se tornaram ignorantes e fanaticos!! Depois do nascimento do Christianismo o gosto das allegorias tinha começado a tornar-se menos geral na Asia, e athe mesmo pela Europa. Em 314, pelo tempo de Silvestre 1.º, um Concilio reprovou a adoração das imagens afim d'impedir que nas paredes se pintasse o Ente, que se devia adorar: em 700, o sétimo Concilio de Constantinopla não só prohibio a adoração das imagens, mas mandou que se supprimissem em todas as Igrejas: em 754 o Concilio de Byzancio, composto de 338 padres da Igreja, apoiados sobre os Concilios de Constantinopla, d'Epheso de Nicea, e de Calcedonia, decidio por unanimidade que as imagens nas Igrejas eram abominações e que deviam ser eliminadas.

No meio da anarchia revolucionaria, em que se achava o mundo, então conhecido, os Sarracenos poderam estabelecer ricas bibliothecas e academias sabias n'Asia; n'Africa e na Hespanha; e ainda que o Mahometismo foi

---

(1) Conta-se que durante 6 mezes os banhos publicos d'Alexandria foram aquecidos com os preciosos manuscritos de suas bibliothecas: tambem se diz que o Alcorão não fôra feito por Mahomet, que não sabia lêr nem escrever.

prégado e sustentado com as armas na mão, todavia ha provas de que as Iniciações se conservaram entre os Sarrasenos. Nos fins do seculo XI *Haken* fundou no Cairo (segundo o testemunho de *Macrizie*) a *Casa de Sabedoria*, que se julgou sempre sêr um *Templo Maç.*: ensinava-se alli a philosophia e as mathematicas; a doutrina era oral e secreta; os Iniciados passavam por muitos graus, e nos ultimos eram iniciados ao conhecimento da *Natureza* (1). A historia Arabe de *Habid* e de *Dorathelguse*, que se acha no *Poema da Maç.*, é uma prova de que a Iniciação não era estranha aos Sarrasenos: n'ella se descobrem, debaixo de formas originaes, os tres systemas mysticos da Persia, do Egypto e da idade media da Europa.

Na mesma epoca, em que os Sarrasenos estendiam suas conquistas e sciencias, os padres gregos tinham adoptado as maximas da córte de Roma, e tornaram-se intolerantes: estes padres destruíram os templos, onde se tinham adorado suas antigas divindades tutelares, e fizeram com que se esquecessem seus antigos heroes, que tinham dado exemplos memoraveis d'amor á patria; occuparam-se em questões mysticas; exterminaram todos aquelles que não eram de sua opinião; e por ultimo abandonaram seus thronos, suas provincias, e seus templos, aos Musulmanos, que, favorecidos por estas ridiculas disputas religiosas entre os *Principes* e os *Padres*, plantaram o estandarte Turco sobre as muralhas de Constantinopla, e o fizeram fluctuar sobre as torres de Santa Sophia: as-

---

(1) Esta casa foi desacreditada pelos padres de Roma dizendo, que n'este Templo só se aprendia a *cucredulidade*.

sim pelas perseguições dos theologos a grandeza grega, transplantada pelos Romanos do Tibre no Bosphoro, desapareceu!!

Apezar das mudanças religiosas e politicas, devidas ás conquistas dos Sarrasenos n'Asia, n'África e na Europa, e apezar das perseguições, que se seguiram o dogma da *Unidade de Deus* pôde, com o segredo e os *Myst.*, conservar-se na Palistina, na Syria, no Egypto, e particularmente na Thebaida, por meio dos Christãos e dos padres *Coptos*, successores dos antigos padres Egypcios, que, nos tempos barbaros, souberam conservar a verdadeira doutrina, ensinada por *Hesman*, discipulo de *Manés*, e que pelo andar dos tempos foi transportada para a Europa (1).

Em *Arnobes* lê-se que os padres *Coptos* viviam exemplarmente, separados dos profanos e entregues aos estudos da *physica*, da *mathematica*, e de seus antigos *Myst.*; e foi por sua exemplar vida que no tempo dos Califas obtiveram grande consideração entre os poderosos Arabes e Musulmanos, que encarregavam a estes padres a educação de seus filhos. O *I. Belzoni*, vivendo muito tempo na Thebaida, assevera que ainda hoje os padres *Coptos* não só couservam seus antigos habitos, mas tambem que possuem o *Codex*, que se eleva a mais de 24 seculos, escripto na sua primeira linguagem figurada. Ainda em 1822 se vio em Londres uma mumia de braços cruzados, como

---

(1) *Marc Lucas* affirma que muitas familias *Coptas*, vivendo em *commum*, existiram nos subterraneos das Pyramides athe ao fim do seculo *XXII*.

em signal de bom pastor, que se dizia pertencer a um dos padres Coptos.

Foi pela intervenção dos padres Coptos, e dos Christãos do Oriente, que os Myst.: dos *Filhos da Viuva*, e o culto do Gr.: Arch.: chegaram athenós, em seguimentos d'extraordinarios acontecimentos, e que adquiriram uma grande consistencia pelos *Cavalleiros Cruzados*.

Pelo tempo de Carlos Magno (que havia ajudado a estabelecer o poder da Curia Romana) tudo em materia de dogma e religião, era uma perfeita desordem: porque a maior parte do clero apenas sabia ler; mas ao mesmo tempo ia crescendo em poder por suas intrigas, favorecendo ora um; ora outro partido: tambem muitos Bispos, Abbades, e Frades, foram então não só soldados, mas até conquistadores; e é d'estes serviços e da recompensa delles, que nasceram as riquezas do cleró em França e nas outras partes: Apesar d'isso Carlos Magno pretendeu reformar os costumes dos Bispos, e lhes prohibio, sob pena de perderem o episcopado, o derramarem mais sangue dos homens; fossem pagãos ou christãos, de terem muitas mulheres, e de frequentarem astabernas (vej. *Baluzii, Dulaure, Vidal e Hist. Eccl. do Abbade Fleury*).

No meio de todas estas desordens, os homens, que sabiam raciocinar, viam que a verdadeira religião de Jesus não era seguida: Os principios Gnosticos e Manicheos se espalharam de dia em dia, ainda que combatidos pelos padres do seu tempo: Os principios Gnosticos, com formas d'escola aristotelica, foram espalhados na França principalmente em Pariz:

*Abeilard*, conhecido mais por suas desgraças amorosas

e pela desastrosa mutilação, que soffreu, tinha introduzido por meio de seus escriptos e lições oraes algumas opiniões christãs e liberaes. Accusado de ter feito um juizo errado sobre a Trindade, foi perseguido sem piedade; todavia 3000 discipulos o seguiram, entre os quaes havia muitos Bispos, Arcebispos, 20 Cardeaes, e um Papa (1).

Os estudos se propagaram, e a cidade de Pariz, no seculo 12, chamava-se *Cariaty Spher*, nom. s hebreo, que significam *cidade das letras*. Os conhecimentos, que se adquiriam pelas cruzadas, fizeram com que as sciencias progredissem; e, em 1210, alli existia uma Seita numerosa, estabelecida por um ecclesiastico, *Amory*: esta seita negava a existencia real de tudo, julgava mutil a maior parte des ceremonias da Igreja, e tratava de ridiculo o culto dedicado ás imagens, e ás reliquias; mas, em Outubro do mesmo anno, 14 d'estes religionarios foram condemnados a sêr queimados vivos, o que com effeito succedeu. Pelo que deixamos dito é evidente que os homens esclarecidos eram obrigados a concentrarem-se nas associações, cujo fim devia sêr a conservação das sciencias, os Myst.: Egypcios, Judaicos, Christãos, e a liberdade civil, invadida pela ambição feroz dos grandes e do clero.

---

(1) Foi S. *Bernardo*, que se tornou o mais ardente perseguidor d'*Abellard*, excitou a raiva dos Cruzados em beneficio do poder papal, e condemnou todos os mortos, que não deixaram bens á Igreja!!!

E' a este estado de cousas que se deve a apparição de todas as corporações secretas, que n'aquelle tempo se podiam reduzir a tres especies *Cavalleirescas*, que só tinham relação com o systema politico; *Religiosas*, que se occupavam na conservação dos dogmas; e *Mecanicas*, que occultavam as artes e profissões respectivas.

Todas estas sociedades tinham ceremonias, usadas pelos *Eleitos* de Thebas, e de Memphis, e d'Eleusis; e, ainda que se não saiba a via, por onde estes ritos mudaram de logares e objecto; todavia se conhece facilmente a conformidade, que existe entre as differentes Iniciações, que nos tem sido transmittidas d'esde a mais alta antiguidade,

A anarchia feudal reinava na Europa depois do reinado de Carlos Magno. A Ordem da Cavalleria nasceu d'esta desordem, e foi introduzida para sustentar a authoridade civil, então dependente de Roma: o fim apparente d'estas Instituições era soccorrer os *desgraçados*. No estado de perturbação, em que a Europa se achava, a fundação da *Cavalleria* devia produzir heroes, e campeões movidos pela humanidade e pelas grandes façanhas, que n'ella se propunham: começou por adoptar as praticas da Iniciação Eleusiana, Egypcia, e Christã: o noviço se preparava por jejuns, e se purificava por abluções symbolicas: para imitar os obstaculos da Iniciação devia passar a noite das armas chamada *noite branca*, porque era coberto de vestidos brancos, á maneira dos antigos Myst.:. o que hoje se conserva ainda em certos Gr.:. e Ritos Maç.:.: na sua recepção havia ceremonias e palavras, que ainda se acham na Maç.:. de hoje. Em seu formulario nomeava-se um anjo e um santo, *Miguel* e *Jorge*. *Miguel* é o primeiro dos anjos judaicos, Basilienses, e Gnosticos;

e *Jorge* é o, que livra a *Virgem do Dragão* (1): assim como o *Iniciado* á doutrina de *Christo*, que, vestindo-se d'ornamentos para fazer o *santo sacrificio*, recitava uma *jaculatoria*; assim, a cada peça d'armas, que se dava ao *recipiendario Cavalleiro*, tambem correspondia um sentido secreto, que depois lh'explicavam: e assim como os *II. Maç.:* que, conforme as antigas instituições e *Myst.:* conservam em seus symbolos os emblemas d'*Aguia*, da *Fenix*, do *Pelicano*, e da *Cruz*; assim tambem as *Ordens Cavalleirescas* apropriaram a si eguaes divysas, que sam communs aos *Gnosticos*, *Cabalistas* etc. Donde se tira que os *fundadores* d'estas *Ordens* imitaram, o mais que puderam, as antigas praticas, estabelecendo a *Ord.:* da *Aguia*, a do *Pelicano*, a da *Cruz*, a do *Leão* etc.: os *Maç.:* d'*America* fazem subir as *Ord.:* *Cavalleirescas* a uma época muito mais antiga; e, apoiando-se na *Biblia*, estabeleceram a sua origem no *Egypto*: e com effeito *Joseph* foi feito *Cavalleiro* por *Pharaó*, como se vê no *Genesis Cap. XLI* v. 42: *Mardocheu* foi feito *Cavalleiro* por *Ahassuerus*, *Rei da Persia*, por meio d'um vestido azul e branco, como se vê no *Liv. d'Esther Cap. VIII.* v. 15. O mesmo *Deus* é *cavalleiro*, tendo um longo vestido apertado por um cinto d'ouro, como se acha no *Apocalypse Cap. I.* v. 13.

« Todos os *fundadores* das *Ord.:* de *Cavalleria*, diz « *G.:* *Dumast*, imitaram, quanto puderam, a *Ord.:* « *Maç.:*; porque a *aguia negra*, a *aguia de duas cabeças*,

---

(1) A estas ideas romanescas é que se devem alguns *Poemas classicos Francezes*: os *Italianos* em particular se distinguiram em cantar os *Paladinos* francezes, celebres por seus trabalhos e façanhas.

« a *phenix*, etc., que se acham na Cavallaria, sam em-  
« blemas Maç.: e proprios do Magismo Oriental.»

Eis como um Cavalleiro se exprimio, escrevendo á  
sua Dama :

« De Glycera em poder fique este emblema  
« Qu' é da candura o symbolo:  
« Seja ao profano olhar vedado sempre,  
« E a meus desejos servidos  
« Seja, uma vez siquer, propicio um dia!  
« Bella Glycera, é dadiva  
« Qual o teu coração, candida e pura?  
« Eis a verdade rígida  
« Que a sublime sciencia attesta, affirma:  
« Glycera eu juro extatico  
« Pelo teu avental; e horror terrivel  
« Ao desata-lo cúvido,  
« Si um dia eu t' esquecer, me creste a vida!  
« Ignora o povo estólido  
« Qual o valor das luvas, que te offerto,  
« Penhor sagrado e fulgido,  
« Que á belleza, á virtude, que te adornam  
« Com fê robusta e válida  
« Eu dedico, e sem ti corrêra riscos  
« Em por mais tempo ainda conserva-lo.  
*Holophernes.: trad.*

É verdade que Ch.: Dupontés, comparando as leis,  
formas, e fim da Ord.: Maç.: e da Cavallaria, foi le-  
vado a concluir « que a Maç.: era um ramo da Cavalla-  
« ria, ou antes que a Maç.: era a mesma Cavallaria aper-  
« feçoada e pulida.» Mas si Dupontés, na sua *Encyclo-  
« pedia Maç.:*, não tivesse tomado o effeito pela causa, te-

ria com mais razão concluido *que a Cavallaria era jun-*  
*ramo da Maç.:*

Portugal tambem teve distinctos *Caralleiros*. Os *Do-*  
*ze d'Inglaterra*, que viveram pelo reinado de D. João I,  
em 1390, ácerca dos quaes o nosso abalizado *Camões* nos  
offerece um bello Episodio, no *Canto 6.º* do seu famosa  
Poema, sam dignos de memoria e gratidão eterna na *Ca-*  
*valleria Lusitana*. Ei-lo:

## 42.

« Consentem n'isto todos, e encommendam  
« A Velloso, que conte isto que approva,  
« Contarei, disse, sem que me reprimam  
« De contar cousa fabulosa, ou nova;  
« E porque os, que me ouvirem, daqui aprendam  
« Á fazer feitos grandes d'alta prova,  
« Dos nascidos direi na nossa terra;  
« E estes sejam os doze d'Inglaterra.

## 43.

« No tempo que do Reino a rédea leve  
« João, filho de Pedro, moderava;  
« Depois que socegado e livre o teve  
« Do vizinho poder, que o molestava;  
« Lá na grande Inglaterra, que da neve  
« Boreal sempre abunda, semcava  
« A fera Erionys dura e má cizania,  
« Que lustre fosse á nossa Lusitania.

## 44.

- « Entre as Damas gentis da Córte Inglesa ;
- « E nobres Cortezãos , acaso um dia
- « Se levantou discordia em ira accesa ;
- « Ou foi opinião ; ou foi porfia.
- « Os Cortezãos , a quem tão pouco peza
- « Soltar palavras graves de ousadia ;
- « Dizem : Que provarão , que honras , e famas ;
- « Em taes Damas não ha para ser Damas :

## 45.

- « E que si houver alguém com lança e espada ;
- « Que queirá sustentar a parte sua ,
- « Que elles em campo razo , ou estaca ,
- « Lhe darão sêa infâmia , ou morte crua :
- « A fiminil fraqueza pouco usada ,
- « Ou nunca , a opprobrios taes , vendo-se núa
- « De forças naturaes , convenientes ,
- « Soccorro pede a amigos , e parentes :

## 46.

- « Mas como fossem grandes , e possantes ;
- « No Reino os inimigos , não se atrevem
- « Nem parentes , nem fervidos amantes ,
- « A sustentar as Damas , como devem.
- « Com lagrimas formosas , e bastantes
- « A fazer que em soccorro os Deoses levem
- « De todo o Ceo , por rostos d'alabastro ,
- « Se iam todas ao Duque d'Alencastro.

## 47.

« Era este Inglez potente, e militára  
 « Co' os Portuguezes já contra Castellá,  
 « Onde as forças magnanimas provára  
 « Dos companheiros, e benigna estrella:  
 « Não menos n'esta terra experimentára  
 « Namorados affectos, quando n'ella  
 « A filha vio, que tanto o peito doma  
 « Do forté Rei, que por mulher a toma.

## 48.

« Este, que soccorrer-lhes não quèria,  
 « Por não causar discordias intestinas,  
 « Lhes diz: Quando o direito pertendia  
 « Do Reino lá das terras Iberinas,  
 « Nos Lusitanos vi tanta ousadia,  
 « Tanto primor, e partes tão divinas,  
 « Que elles sós poderiam, senão erro,  
 « Sustentar vossa parte a fogo, e ferro.

## 49.

« E si; aggravadas Damas, sois servidas:  
 « Por vós lhes mandarei Embaixadores,  
 « Que por cartas discretas, e pulidas,  
 « Do vosso aggravado os façam sabedores.  
 « Também por vossa parte encarecidas  
 « Com palavras de affagos, e de amores;  
 « Lhes sejam vossas lagrimas, que eu creio,  
 « Que alli tereis soccorro, e forte esteio.

## 50.

« D'esta arte as aconselha o Duque experto  
 « E logo lhes nomeia doze fortes :  
 « E porque cada Dama um tenha certo ;  
 « Lhes manda que sobre elles lancem sortes :  
 « Que ellas só doze sam : e descoberto  
 « Qual a qual tem cahido das consortes ,  
 « Cada uma escreve ao seu por varios modos ,  
 « E todas a seu Rei , e o Duque a todos.

## 51.

« Já chegá a Portugal o mensageiro ,  
 « Toda a Côrte alvoroça a novidade :  
 « Quizera o Rei sublime ser primeiro .  
 « Mas não lho soffre a Régia Magestade.  
 « Qualquer dos Cortezãos aventureiro  
 « Dezeja ser , com servida vontade ;  
 « E só fica por bemaventurado ,  
 « Quem já vem pelo Duque nomeado:

## 52.

« Lá na leal Cidade , d'onde teve  
 « Origem (como é fama) o nome eterno  
 « De Portugal, armar madeiro leve  
 « Manda o , que tem o leme do governo.  
 « Apercebem-se os doze em tempo breve  
 « D'armas , e roupas d'uso mais moderno ,  
 « De elmos , cimeiras , letras , e primores ,  
 « Cavallos , e concertos de mil côres.

## 53.

« Já do seu Rei tomado tem licença  
 « Para partir do Douro celebrado,  
 « Aquelles, que escolhidos por sentença  
 « Foram do Duque Inglez experimentado.  
 « Não ha na companhia differença  
 « De Cavalleiro destro, ou esforçado;  
 « Mas um só, que Magriço se dizia,  
 « D'esta arte falla á forte companhia :

## 54.

« Fortissimos consocios, eu desejo  
 « Ha muito já de andar terras estranhas,  
 « Por ver mais aguas, que as do Douro, e Tejo;  
 « Varias gentes, e leis, e varias manhas.  
 « Agora, que apparelho certo vejo,  
 « (Pois que do mundo as cousas sam tamanhas)  
 « Quero, se me deixais, ir só por terra,  
 « Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

## 55.

« E quando caso for, que eu impedido  
 « Por quem das cousas é ultima linha;  
 « Não for comvosco ao prazo instituido,  
 « Pouca falta vos faz a falta minha.  
 « Todos por mi fareis o que é devido;  
 « Mas si a verdade o espirito me advinha;  
 « Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,  
 « Não farão que eu comvosco lá não seja.

## 56.

« Assi diz ; e abraçados os amigos ,  
 « E tomada licença , em fim se parte :  
 « Passa Leão , Castella , vendo antigos  
 « Logares , que ganhára o patrio Marte :  
 « Navarra , co'os altissimos perigos  
 « Do Pyrenéo , que Hespanha , e Gallia parte :  
 « Vistas , emfim , de França as cousas grandes ,  
 « No grande Emporio foi parar de Frandes .

## 57.

« Alli chegado , ou fosse caso , ou manha ,  
 « Sem passar se deteve muitos dias .  
 « Mas das onze a illustrissima companhia ,  
 « Corta do mar do Norte as ondas frias .  
 « Chegados da Inglaterra á costa estranha ,  
 « Para Londres já fazem todos vias :  
 « Do Duque sam com festa agasalhados ,  
 « E das Damas servidos e animados .

## 58.

« Chega-se o prazo , e dia assignalado  
 « D'entrar em campo já co'os doze Inglezes ,  
 « Que pelo Rei já tinham segurado :  
 « Armam-se de elmos , grevas , e de arnezes :  
 « Já as Damas teem por si fulgente , e armado ,  
 « O Mavorte feroz dos Portuguezes :  
 « Vestem-se ellas de côres , e de sedas  
 « De ouro , e de joias mil , ricas , e ledas .

## 59.

« Mas aquella , a quem fôra em sorte dado  
 « Magriço , que não vinha , com tristeza  
 « Se veste , por não ter quem nomeado  
 « Seja seu Cavalleiro n'esta émpreza :  
 « Bem que os onze apregoam , que acabado  
 « Será o negocio assi na Côrte Ingleza ,  
 « Que as Damas vencedoras se conheçam ,  
 « Posto que dous e tres dos seus falleçam .

## 60.

« Já n'um sublime e publico theatro  
 « Se assenta o Rei Inglez com toda a Côrte :  
 « Estavam tres e tres , e quatro e quatro ,  
 « Bem como a cada qual coubera em sorte.  
 « Não sam vistos do Sol , do Tejo ao Batro ,  
 « De força , esforço , e de animo mais forte ,  
 « Outros doze sahir como os Inglezes  
 « No campo contra os onze Portuguezes .

## 61.

« Mastigam os cavallos , escumando ;  
 « Os aureos freos com feroz semblante :  
 « Estava o Sol nas armas rutilando  
 « Como em crystal , ou rígido diamante.  
 « Mas enxerga-se n'um e n'outro bando ,  
 « Partido desigual , e dissonante ,  
 « Dos onze contra os doze , quando a gente  
 « Começa a alvoroçar-se geralmente .

## 62.

« Viram todos o rosto aonde havia  
 « A causa principal do reboiço :  
 « Eis entra um Cavalleiro, que trazia  
 « Armas, cavallo, ao bellico serviço :  
 « Ao Rei e ás Damas falla, e logo se ia  
 « Para os onze, que este era o grão Magriço :  
 « Abraça os companheiros como amigos,  
 « A quem não falta certo nos perigos.

## 63.

« A Dama como ouviu que este era aquelle,  
 « Que vinha a defender seu nome, e fama,  
 « Se alegre, e veste alli do animal de Helle,  
 « Que a gente bruta mais que virtude ama.  
 « Já dá signal, e o som da tuba impelle  
 « Os bellicosos animos que inflamma :  
 « Picam de esporas, largam rédeas logo,  
 « Abaixam lanças, fere a terra fogo.

## 64.

« Dos cavallos o estrepito parece  
 « Que faz que o chão debaixo todo treme :  
 « O coração no peito, que estremece,  
 « De quem os olha, se alvoroça e teme :  
 « Qual do cavallo vòa, que não dece ;  
 « Qual co' o cavallo em terra dando geme ;  
 « Qual vermelhas as armas faz de brancas ;  
 « Qual c'os penachos do elmo açouta as ancas.

## 65.

- « Alguns de alli tomou perpetuo sono,
- « E fez da vida ao fim breve intervallo:
- « Correndo algum cavallo vai sem dono,
- « E n'outra parte o dono sem cavallo:
- « Cahe a soberba Ingleza de seu throno,
- « Que dous, ou tres, ja fóra vam do vallo:
- « Os, que de espada vem fazer batalha;
- « Mais acham já que arnez, escudo, e malha.

## 66.

- « Gastar palavras em contar extremos
- « De golpes feros, cruas estocadas,
- « E' d'esses gastadores, que sabemos,
- « Máos do tempo, com fabulas sonhadas:
- « Basta por fim do caso, que entendemos
- « Que com finezas altas, e affamadas,
- « C'os nossos fica a palma da victoria,
- « E as Damas vencedoras, e com gloria.

## 67.

- « Recolhe o Duque os doze vencedores
- « Nos seus Paços com festas, e alegria:
- « Cozinheiros occupa, e caçadores,
- « Das Damas a formosa companhia;
- « Que querem dar aos seus libertadores
- « Banquetes mil cada hora, e cada dia,
- « Em quanto se detém em Inglaterra,
- « Athe tornar á doce e cara terra.

## 68.

« Mas dizem que contudo o grão Magriço  
 « Desejoso de ver as cousas grandes,  
 « Lá se deixou ficar, onde um serviço  
 « Notavel á Condessa fez de Frandes :  
 « E como quem não era já noviço  
 « Em todo trance, onde tu, Marte, mandes,  
 « Um Francez mata em campo, que o destino  
 « Já teve de Torquato, e de Corvino.

## 69.

« Outro tambem dos doze em Alemanha,  
 « Se lança, e teve um fero desafio  
 « C' um Germano enganoso, que com manha  
 « Não devida o quiz pôr no extremo fio:  
 « Contando assi vellosos, já a companhia  
 « Lhe pede, que não faça tal desvio  
 « Do caso de Magriço e vencimento,  
 « Nem deixe o de Alemanha em 'squecimento.

(Camões Canto 6.º)

## CAPITULO II:

### MYSTERIOS FRANCOIS.

A maior parte dos Escriptores Francezes concorda em que os antigos Gallos foram os primeiros povos da Europa, que tiveram dogmas Maç.: Os mais notaveis foram os Myst.: dos *Druidas*; os dos *Cavalleiros*; e os dos *Templarios*:

1.º Os *Druidas*, padres dos antigos Gallos, habitaram; 600 antes de Christo, os bosques glaciaes do Norte; e pelas relações intimas que tiveram com os padres do Egypto, elles se tornaram, como estes ultimos, os senhores e legisladores de quasi todos os povos do Occidente.

Os *Druidas* eram divididos em tres classes, debaixo d'um chefe commum: os *Vacies*, depositarios dos dogmas e da philosophia, exerciam as funcções de padres e juizes: os *Bardos* cantavam hymnos religiosos, e celebravam as acções dos grandes homens: os *Eubages* eram os aruspices:

Os *Druidas*, perseguidos pelos Romanos, e obrigados a refugiar-se na Albion, foram cultivar a sua doutrina nos brancos rochedos da *Ilha Mona*. « Esta celebre ilha; » diz A. Boilleau, conservou, durante um seculo, em suas « florestas impenetraveis, o altar triangular, o cofre mystico, e a espada de *Belinus*. » E Leonardo Gallois affir-

ma que os Druidas não só tinham recebido dos Persas o deus *Mythras*, emblema do Sol; mas que o Egypto também lhes tinha feito conhecer *Isis*, que, como *Céres*, coberta de mammas, representava a *fecundidade*.

Mas de que servio que os Druidas conhecessem *Mithras*, *Isis*, e o *Gui*, si, barbaros como eram, conservaram os horrórosos sacrificios humanos; e não entenderam da Iniciação sinão alguns factos uteis á sua preponderancia, prototypo do egoismo sacerdotal?

Mais dignos de louvor qué os Druidas, dizem G.: Dumast e Vassal, e mais amigos da tolerancia, os *Padres* de *Herta*, nos primeiros séculos do christianismo, conservaram fielmente na Dinamarca, Suecia, e Norwega a Iniciação primitiva, que, vinda em direcção do Oriente, sem passar por Eleusis, nem Samothracia, era a primeira destinada a florescer na Europa ainda barbara. (1)

« Com effeito a glória dos myst., diz Court-de-Gebelin, nunca teve maior brilho, sinão quando os Romanos subjugaram Nações, e se viram elles mesmos vís es-  
 « cravos de monarchas insensatos: é nos Myst.: que a  
 « sua liberdade expirante veio procurar um asylo: e é por  
 « elles que a Ord.:, bannida de toda a parte, procurou  
 « sustentar-se e restabelecer-se. Embalados com esta dô-  
 « ce esparança, e penetrados das vantagens da Iniciação,  
 « muitos Iniciados, tomando o apostolado, deixaram a  
 « Grecia moderna, e foram refugiar-se na *Scandinavia*. »  
 Foi d'esde esta época que os Iniciados ou Adeptos guardaram para si as Pal.: e os Sign.: de fraternidade, que,

---

(1) Vej. Vassal pag. 296.

tendo vindo do Nilo ao Euxino, passaram do Euxino ao Baltico. Eis como o Poema Maçon., descreve esta valerosa emigração :

« Quando, de Attila aos golpes accurvado,  
 « Já Romano esplendor se despedaça,  
 « Quando a Terra de Marte jaz sem força,  
 « Quando a purpura pisam Bysantina  
 « Vencedores, que, em tumulos sentados,  
 « D'esse imperio os fragmentos se disputam,  
 « Lá se vê dos Maçons o eterno laço,  
 « Contra as furias da sorte, e dos tyrannos,  
 « Congregar os mortaes esclarecidos,  
 « Que as leis, e as linguas separado haviam !  
 « Qual o annoso carvalho se dilata,  
 « Dando ás aves do céu mimoso abrigo,  
 « Na propecta mansão firme e seguro  
 « Das iras zomba do agressor potente :  
 « Co'as raizes, que em torno a si distende  
 « Tecido salutar protege, e ampara.  
 « Os dispersos irmãos transpoem barreiras,  
 « De polo a polo o juramento implantam,  
 « É é seu motto o sublime das virtudes;  
 « Ou na barbarie derramando as luzes  
 « Rajar as fazem nos confins do mundo :  
 « Transluz o culto seu nas longes Terras,  
 « Onde os filhos d'Oσίας, onde a lyra  
 « Disse aos rochedos, e ás florestas disse  
 « D'Inistore, e de Morva tantas vezes  
 « Seus echos pela voz reanimados,  
 « Que esplendor tinha Selma em seus festejos.

*Holophernes. : trad.*

---

## CAPITULO III.

### CRUZADA E CAVALLEIROS CRUZADOS.

O Eremita *Pedro* em 1093, voltando á França da Palistina, aonde a devoção o tinha conduzido, queixou-se amargamente das violencias, que os Musulmanos exerciam contra os Christãos, que hiam visitar os *logares santos*. O clero, que então era omnipotente na Europa, arrastado por taes declamações, reunio um primeiro Concilio em Plaisance, e logo depois o segundo em Clermont, para serem tomadas em consideração: nesta ultima assemblea os santos Padres decidiram que a christandade devia fazer a conquista dos logares venerados, que os Sarracenos occupavam,

Os Principes Francezes, á excepção do seu Rei, Philippe I, guiados pela devoção e pelo enthusiasmo, deram o signal de guerra pelas palavras *Dieu le veut*, as quaes fizeram echo em todos os templos e logares; e como Christo, filho de Deus, tinha sido morto ignominiosamente sobre uma Cruz, tambem este emblema lhes servio para arvorarem os seus estandartes, debaixo dos quaes se allistaram aquelles, que o enthusiasmo e o fanatismo chamavam a esta guerra, que teve o nome de *Cruzada*.

Os padres e frades persuadiram aos Christãos que elles teriam a *remissão dos peccados*, e ganhariam a *gloria*

*eterna* e o *paraiso*, si triumphassem de *satanaz*, adorada n'estas terras santas, que deviam sêr tiradas aos Musulmanos. Os ecclesiasticos e os frades, que aspiravam não só ao poder civil, mas tambem aos bens da terra, deram o exemplo, vestindo todos a couraça. O Eremita Pedro, que, antes de sêr padre, foi soldado, havia alucinado os Francezes por uma apparencia de piedade Christã, e foi seguido por muitos povos com a esperanza de conquistar a Terra Santa (1) E' assim que á frente d'um corpo indisciplinado elle atravessou a Allemanha, e chegando a Hungria fez um tratado com elrei Caloman, pelo qual se obrigava a seguir certo caminho, a pagar os viveres, e a fazer guardar a disciplina á sua tropa; mas succedeu o que devia esperar-se d'um chefe tal; e de taes soldados roubavam todos os logares, por onde passavam de tal modo, que revoltaram contra si os Hungaros, que acabaram por lhe matar sem compaixão todos os soldados em debandada.

Ainda que os Christãos e os Sarracenos chamavam *santa* a esta guerra da Cruzada, comtudo ella não produziu sinão assassinios, latrocinios, e outros crimes: e com effeito, o Grande Soltão do Egypto foi atacado em seus Estados; e, querendo repellir uma aggressão vergonhosa, não deu quartel aos vencidos, e fez matar todos os prisioneiros que tinham cahido em seu poder. Mais tarde a furor da guerra se acalmou, e a estima reciproca dos dous partidos abafou o furor religioso, todavia, como a guerra tinha por motivos as cousas de religião, succedeu que duran-

---

(1) Era tal a devoção d'estes povos para com o seu chefe que todos d'elle queriam reliquias, e alguns h'ave que athe arrancaram o pello da sua mula!!...

te a residencia dos Cruzados entre os Musulmanos, houvesse muitas vezes questões theologicas; de que resultou fortificar-se mais e mais a crença dos Cruzados para com o Gr.: Arch.: do Univ.: e a Unidade de Deos.

Os Sarracenos consideravam como absurda a opinião d'um Deus Pae igual a seu Filho, e d'um Deus Filho igual a seu Pae em idade e sem principio, como o Deus Pae, e d'um Deus Espirito Santo igual aos dous,

Elles diziam aos Cruzados: Si vós honraes na vossa Trindade outra cousa mais, doque os tres principios sahidos do Eterno, não sois sinão idolatras: nós adoramos o verdadeiro Deus, o unico Deus, o Pae da Natureza. Diziam-lhes mais: Porque não seguireis antes a religião natural, cuja moral é tão sublime como simples, que a Divindade inspirou a todos os homens, que é universal como a natureza, e que a razão comprehende facilmente, porque suas maximas se acham no coração de todos, onde os prejuizos não teem substituido a innocencia? E' possivel que vós possais admittir, contra o bom senso, e contra a justiça, que o Gr.: Arch.:, que creou milhares de corpos brilhantes e opácos; que nada fez sem causa e sem fim; que deu a todos esses corpos movimentos tão differentes e regulares, afim de que se não chocassem; que, pela sua omnipotencia e intelligencia, creou tantas maravilhas, em comparação das quaes a terra, que habitamos, é menos que um grão d'area? E' possivel que o Sêr incomprehensivel, que por sua unica vontade creou tudo, e cuja forma tem sempre sido occulta á investigação humana, tenha sido por vós metamorphoseado em homem, sem utilidade nem razão? Como poderemos admittir que Christo se haja sujeitado a terminar ignominiosamente a sua carreira e a sêr fustigado pelos homens

para abrir as portas do Paraiso, fechadas até então aos mortos; e que, apesar de seus soffrimentos, a maior parte dos homens ha de sêr ainda condemnada ás penas eternas do Inferno? Como podeis vós conciliar a idea da sua omnipotencia com a da inutilidade da sua paixão e da sua morte? Si os homens sam hoje o mesmo, que eram outr'ora, é forçoso convir que taes absurdos destróem a idea da grandeza e da potencia do Gr.: Arch.: do Univ.:... Humilhae-vos perante o Ento immenso, e incomprehen-sivel; adorac-o nas suas obras; rasgae o véo do erro, e não acrediteis jamais que este Sêr, todo ordem, todo potencia, tenha sido inconsequente (1). Debalde o Cavalheiro respondia: *Ensinaram-mo desde a infancia que, para me salvar, era mister crer o, que a Igreja Romana cria.* Isto não é resposta bastante para convencer ou refutar um Sarraceno.

Os Cruzados, instruidos como a generalidade dos Europeus de hoje, homens de bom senso, e bons guerreiros, deixavam-se facilmente persuadir de que não era preciso adorar muitos deoses: os Musulmanos os convenciam de que os *Papas* e os *Padres* tinham arinado a Europa sómente pelo seu proprio interesse: a facilidade, que todos tinham de communicar suas opiniões religiosas, foi a maior causa, que desenvolveu a doutrina da Unidade de Deus na Europa, onde a fé christã de Roma, seus mysterios, e seus ritos, estavam muito enfraquecidos pelos vicios de Clero: entretanto que a religião de Mahomet adquiria todos os dias mais proselitos. O clero servio-se da religião para chegar a seus fins mundano e politico: todavia, pelo receio de que os Sarracenos invadissem a

---

(1) Vej. R. de Schio Cap. XXI tom. 1.º

Europa, elle se privou d'uma parte do seu poder em favor das Ord. Cavalleirescas, que se elevaram para combater os Sarracenos, submettendo-os ao mesmo tempo á sua influencia, e por meio das bullas papaes de sua creação.

N'esta epoca os Principes e os grandes da Europa estabeleceram as Ord. da Cavallaria para fornecerem numerosas recrutas durante as guerras contra os Sarracenos: os Cavalleiros Cruzados poderam penetrar, e estabelecer-se n'estes logares longiquos; mas, sempre cercados de perigos, procuraram e acharam um apoio fraternal entre os Carpocracianos, Gnosticos, Coptos, e Christãos do Oriente, que estavam acabrunhados debaixo do despotismo dos Musulmanos, que os governavam como um povo conquistado.

Bossuet, *Hist. Liv. 9*, diz que na edade media as seitas Christãs, e particularmente os Manicheos e Gnosticos, se tinham occultado o mais possivel na Igreja latina; e Montfaucon, fallando da religião dos Egyptios, diz que a doutrina do bom e máo principio, sustentada pelos Manicheos, tinha feito em diversos tempos muitos estragos na Igreja: em consequencia a doutrina dos *Filhos da Viuva* existia no tempo dos Cruzados, que ficaram surprehendidos d'acharem a religião primitiva e a fraternidade nos Christ. do Oriente.

Os Cruzados, tendo-se feito iniciar nos Myst. dos correligionarios do Oriente, aprenderam seus signaes, symbolos, e allegorias, e formaram o projecto de trabalharem, voltando ao paiz, na reconstrucção do Templo de Salomão, Templo o mais digno do Eterno, que devia sêr provado por todos os homens livres e virtuosos.

Um facto, que se não pode contestar é que a antiga e moderna Maç.: conservam, em suas Iniciações todas as formas dos antigos Egyptios com emblemas Judaicos; que esta religião é baseada sobre a Biblia, os Evangelhos, e o Apocalypse; e finalmente que n'ella se emprega a linguagem hebraica, que abrange a instrucção oral dos Christãos do Oriente: é tambem certo que, apesar de que os Sarracenos eram senhores do Egypto, d'uma parte d'Africa, e d'Asia Occidental, os Christãos, que alli seguiam a doutrina dos Essenios, Cabalistas, Manicheos etc. praticavam seus Myst.: em segredo; e, apesar das perseguições do Mahometismo, conservavam alguma parte da Biblia e do Novo Testamento com suas antigas Iniciações e o Codex: admittiam por dogma um Creador da luz e das trevas; occupavam-se symbolicamente na reedificação do Templo de Salomão, na morte de Hiram, na Palavra Perdida, no Captiveiro de Babylonia, e na liberdade dos Judeos por Zorobabel; admittiam egualmente com as antigas doutrinas Egyptica e Judaica a doutrina liberal do nosso Divino Mestre Jesus, a communitade de bens, e a beneficencia geral; e finalmente lembravam em seus Myst.: a paixão, e a morte de Jesus, que, como diz o Apocalypse, *nos fez a todos padres, e sacrificadores, com um equal direito á Iniciação*

Os Cavalleiros Cruzados, iniciados aos Myst.: dos *Filhos da Viuva*, e na volta a seus diversos paizes, os communicaram a muitos adeptos da Europa, que convencidos pela sua parte da verdade e santidade de taes doutrinas, se dedicaram a ellas inteiramente; mas seja-nos licito observar que os Cavalleiros Cruzados, chegados á Europa, fizeram uma reforma d'estes Ritos e Myst.: adaptando-os á época e aos lugares, em que elles viviam; porque todos os Ritos actuaes, mesmo os mais antigos, tem o ca-

tracter da novidade; e n'isto seguiram o exemplo do Papa Gregorio, que no VI. seculo, reformou tambem as orações da Missa;

---

## CAPITULO IV.

### TEMPLARIOS.

Em 1118, *Hugues de Paganis* estabeleceu uma Ordem debaixo do nome de *Cavalleiros Hospitaleiros*, que, segundo o uso d'esse tempo e depois de sua instituição, enviou muitos d'estes á conquista da terra santa. *Baudouin*, que era rei de Jerusalem, deu áquelles Cavalleiros uma casa n'esta mesma Cidade, perto d'uma igreja, que se julgava sêr o sitio do antigo Templo de Salomão: esta Ord.: tinha ao mesmo tempo Cavalleiros na Syria e no Egypto, onde com os outros Cruzados se uniram aos Coptos. O Papa Eugénio II não só lhes deu a confirmação dos privilegios de sua Ord.: , mas tambem o tit'lo de *Cavalleiros do Templo*, *Cavalleiros Santos*, qu em hebreo *Kadosch* (Sanctus). Pascoal II: confirmou a instituição d'esta Ord.: religiosa e militar; Honorio II. lhe concedeu o habito branco; e Eugenio III. lhe permittio trazerem a Cruz vermelha.

Na instrucção dos *Cavalleiros do Oriente*, onde se celebra a instituição dos Templarios, lê-se que « 81 Maç.: « (Cavalleiros Cruzados, iniciados aos Myst.: dos *Filhos*

« da Viuva) conduzidos por Garimont, Patriarcha de Je-  
 «rusalem, passaram á Europa em 1150, iniciaram o  
 « Bispo d'Upsal, que os tinha amigavelmente recebido, e  
 « lhes confiaram o deposito sagrado da doutrina, ritos e  
 « myst.:. Coptos. Nove d'estes Maç.:., entre os quaes se  
 « achava Hugues de Paganis, fundaram n'Europa a Ord.:.  
 « dos Templarios, e mais tarde receberam do Bispo  
 « d'Upsal o deposito, que lhe haviam confiado.» É por  
 este facto que os Templarios na Europa se tornaram de-  
 pois conservadores e depositarios dos Myst.:. trazidos do  
 Oriente pelos Maç.:., ou Levitas da verdadeira luz:

A' imitação dos Christãos do Oriente e dos Padres  
 Coptos, estes Cavalleiros conservaram entre si a Lei Oral  
 de seu dogma, que nunca se escreveu; e que nunca se  
 conferio aos Iniciados dos Gr.:. inferiores: tudo isto se con-  
 serva ainda no Rito Philosophico, posto que se não julgue  
 derivado dos Templarios. Estas circumstancias enfraque-  
 ceram a religião de Roma e o numero de seus crentes,  
 em particular os Cruzados, que se demoraram na Syria,  
 na Palistina e no Egypto, onde as differentes religiões  
 dos primeiros Christãos eram toleradas pelos Sarracenos.

Os Christãos do Oriente consideravam o dogma da  
*Unidade* de Deus como um mysterio e uma revelação di-  
 vina; não communicavam os seus conhecimentos sinão pela  
 Iniciação secreta; praticavam a moral prégada pelo Filho  
 de Maria, mas não admittiam a sua divindade; porque  
 os, que seguiam as tradiçções Gnosticas e Cabalistas, o  
 consideravam como um de seus antigos Il.:. — Os Caval-  
 leiros Cruzados admittidos a taes Myst.:., na volta á Eu-  
 ropa deviam ter esta Iniciação tanto mais secreta, quanto  
 a unica suspeita de tal crença poderia ter levado os novos  
 religionarios ás torturas e ás fogueiras.

Os Templarios, tendo-se unido á Cruzada de Godofroy de Bouillon, se distinguiram nos combates contra os Sarracenos; sua nomeada, seus espolios, e suas virtudes lhes produziram riquezas immensas, e uma consideração, que balançava o poder dos principes na Europa. A sua Ord.: tinha então 40,000 Cavallieros e 9,000 senhorios. As *luzes* que tinham trazido do Oriente inspiraram ciúme aos fanaticos e receio aos despotas. Philippe-o-Bello e Clemente V, o primeiro Rei de França, e o segundo Papa, (1) vendo que a Ord.: do Templo tinha um poder extenso e que augmentava todos os dias, lhe supposeram doutrinas e ritos, que atrahiam grande numero d'adeptos, fazendo-lhes conhecer seus direitos civis e religiosos contra a Curia Romana; e d'esde então conceberam o plano de destruir a Ord.: Templaria, com os fins de se assenhorear de suas riquezas, de perpetuar o fanatismo, e de consolidar o despotismo. . . .

Os Templarios estiveram sempre em opposição com a Côte de Roma; n'esta época os papas tinham feito adoptar em differentes paizes a *confissão auricular*, como necessaria para entrar no Paraizo; por este meio se constituiram medianeiros entre Deus e o homem. Esta medida, util a seus projectos, punha a Curia Romana ao alcance de todos os segredos das familias; e, sorte com tão potente alçada, podia dispor da intriga a seu bel prazer contra todos, que não eram doces a seus desejos. Os Templarios seguiam a doutrina de S. Tiago *Cap. V. §. 16*, que diz:

---

(1) Affirma-se que *Bertrand de Goth* não pôde obter a mitra papal sinão com a condição de consentir na destruição dos Templarios.

*Confessae pois os vossos peccados uns aos outros, e orae uns pelos outros, para serdes salvos: porque a oração do justo, sendo fervorosa, pôde muito.*

Donde se tira que os Templarios sabiam que o Bispo de Toulouse havia sido o primeiro, que em 1128 e 1129 estabeleceu dous Concilios, pelos quaes obrigou os seculares de sua diocese a submeter-se á confissão auricular e sacramental; existia então, como ainda hoje, uma multidão d'estatutos particulares para as differentes dioceses, que exortavam os Christãos a confessar-se no principio da quaresma; e sabe-se que foi sómente no 4.º Concilio de Latran, em 1215, que se ordenou a todos os fieis, d'um e outro sexo, se confessassem ao menos uma vez por anno: é d'esde então que a confissão se tornou um dever para todos os Christãos; anteriormente ella era imposta só aos frades e clerigos: os Abbades confessavam os frades; as Abbadeças as religiosas etc. etc.

Em 1306 dous Templarios *Nessodei* e *Florian*, por crimes que a Ord.: condemnou, perderam suas commendas: supplicaram depois ao Gr.: Mest.: Provincial, *Charles du Mont-Carmel*, lhes dösse outras novas, o que lhes foi recusado. Nessodei e Florian se introduzern em uma casa de campo do dito Gr.: Mest.: , que habitava perto de Milão, e o assassinam escondendo o seu corpo n'um bosque: depois d'este horrivel assassinato os dous miseraveis se refugiaram em Pariz, e de combinação com o Rei de França, e outro *desconhecido*, arranjaram a denuncia seguinte:

«1.º— Que a Ord.: dos Templarios era inimiga dos

« reis e da authoridade soberana ; que communicava se-  
 « gredos aos Iniciados debaixo de juramentos barriveis,  
 « com a condição comminatoria de pena de morte si os  
 « descobrissem ; e que as praticas secretas de sua Iniciação  
 « eram o resultado da irreligião, do atheismo, e da rebelião.

« 2.º — Que a Ord.: tinha trahido a religião de Chris-  
 « to tendo dado conhecimento ao Suldão de Babylonia de  
 « todos os planos e operações do Imperador Frederico II,  
 « com o que haviam dissipado os designios dos Cruzados  
 « para recuperarem a terra santa.

« 3.º — Que a Ord.:, na recepção d'um Cavalleiro,  
 « prostituia os myst.: mais venerados pelos Christãos, fa-  
 « zendo calcar aos pés a cruz, signal de redempção, e  
 « fazendo abjurar a religião de Christo pela declaração,  
 « que se mandava fazer ao Neophyto, de que o *verdadei-*  
 « *ro Deus não tinha sido morto, nem morreria*; que os  
 « Cavalleiros adoravam um idolo chamado *Baffomet*, que  
 « o Neophyto na Iniciação era obrigado a beijar na gar-  
 « ganta, e *in fine spine dorsi, et in virga virili* d'aquelle  
 « que lh'a offerencia (1).

---

(1) *Baffomet* é uma palavra composta de duas gregas *Baphe Me-on* que significam *Baptismo da Sabedoria*. A palavra *Baphe* tem muitas significações, mas na phrase presente é synonymo de purificação, fecundação ou vida; de modo que *Baffomet* quer dizer *Deus é a unica vida de Sabedoria*, o que os Templarios não podiam confessar publicamente por causa da religião trinitaria, que perseguia os unitarios. Tambem os *Mopses*, que existiram em Vienna, depois do anno de 1738, debaixo de cujo nome se occultaram os Maç.: Allemães e Belgas, em consequencia da bulla de Clemente XII, obrigavam o candidato a beijar o anus d'um dogue, de cauda levantada, e que era feito de pão ou de papelão.

« 4.º—Que a Ord.: obrigava o Neophyto por um  
« juramento a uma inteira e cega obediencia ao Gr.:  
« Mest.: da Ord.:; o que era uma prova de rebelião ao  
« poder legitimo.

« 5.º—Que o dia da grande orgia era a Sexta-feira  
« Santa.

« 6.º—Que os recipiendarios abandonavam seus  
« apos aos outros Cavalleiros, para a pratica vergonhosa da  
« Sodomia.

« 7.º—Que, quando os Cavalleiros tinham filhos  
« suas concubinas, os queimavam para destruir os vestí-  
« gios do seu deboche. »

Taes foram as calumnias, que serviram de pretexto  
aos inimigos dos Templarios, e que só eram dignas da  
ignorancia e da ferocidade de tempos barbaros! Os ho-  
mens mais justos sempre poderão sêr calunniados trans-  
tornando a virtude em vicios. Pelo começo do Christia-  
nismo tambem os Judeos e os Pagãos proclamaram mil  
infamias contra Jesus Christo e seus crentes!

Philippe-o-Bello e Clemente V, cada um pelo seu in-  
teresse, fizeram publicar esta denuncia: *Jacques Molay*,  
Gr.: Mest.: dos Templarios, achava-se então em Chy-  
pre, cabeça do Grande Generalado: por solicitações do  
Papa deixou a Ilha e chegou a Pariz, onde foi preso e  
encerrado na *Bastilha* por ordem de Philippe-o-Bello,  
que, em um só dia, fez prender todos os Cavalleiros  
Templarios de França, em 3 d'Outubro de 1307.

O Papa, seguindo as convenções secretas, se encole-

risou contra Philippe escrevendo-lhe cartas picantes, como si ignorasse a origem da denuncia, nas quaes lhe dizia entre outras cousas, « que a Ord. do Templo era «innocente e emanada da authoridade papal; que era uma «Ord. religiosa e militar; e que por taes razões a «instrucção do seu processo pertencia á authoridade papal e ecclesiastica. »

Depois d'estas contestações simuladas, Philippe obedeceu, e o Papa publicou uma bulla para desculpar as primeiras tentativas do Rei: ei-la:

*Nosso muito caro filho (Philippe-o-Bello)  
não fez prender os Templarios por um  
motivo d'avareza, mas por um verda-  
deiro zelo pela religião; elle está mui-  
to longe de querer usurpar a mais  
pequena parte de seus bens (1):*

Nó começo do processo dos Templarios, Jacques Molay, com 3 dignitarios da Ord., foi conduzido a Poitiers perante o Papa: o Santo Padre tinha confiado a instrucção do processo a dous Cardeaes e outros Prelados. Perguntou-se a Molay si tinha alguma cousa a escrever em defeza de seus religiosos, ao que responden « que elle «o emprenderia de bom grado, e teria a satisfação de

---

(1) R. de Schio, tom. 1.º Cap. XXII. Note-se mais que a litteratura em França era nenhuma, e que só o clero sabia lêr e escrever em taes tempos.

«fazer conhecer ao Universo a innocencia da Ord.», mas  
 «que elle era um Cavalleiro não letrado, que não sa-  
 bia ler nem escrever; e que pedia um advogado ou um  
 «escrevente para o fazer.» (1):

Mas como tudo se fazia em segredo e se tinha esta-  
 belecido que a Ord.: era accusada de heresia, não se  
 lhe concedeu escrevente nem advogado afim de se sacri-  
 ficar a Ordem sem obstaculo: as extorções e as violen-  
 cias, que se praticaram n'este negocio sam hoje conhe-  
 cidas de todo o mundo.

Logo que cessaram as contestações simuladas do po-  
 der; o Santo Padre fez ajuntar um Concilio geral em Vien-  
 na, que foi composto de 300 Prelados: n'este se opi-  
 nou sobre a proposição de *supprimir a Ord.: dos Tem-  
 plarios*, motivada pelo Papa; pois que seria injusto não  
 ouvir a sua defeza; e compará-la com a sua accusação:  
 mas o Papa, que presidia ao Concilio, e não esperava  
 uma tal opposição, gritou mesmo n'assemblea, que, *si  
 se não queria, por qualquer falta de formalidade, pro-  
 nunciar juridicamente contra a Ord.: dos Templarios,  
 a plenitude de sua potencia pontifical suppriria tudo,  
 e que elle a condemnaria por via d'expediente.* E com  
 effeito, contrariado pelo Concilio o Santo Padre, pouco  
 tempo depois, reunio um Consistorio secreto, composto  
 de Cardeaes e Bispos, que havia preparado d'ante-mão,  
 e por meio d'elle cassou e annullou a Ord.: dos Templa-

---

(1) Este facto figura em um alto Gr.: philosophi-  
 co onde as perguntas e as respostas se referem ao ca-  
 valleiro não letrado.

rios. A Sentença faz menção de que os Templários, não tendo podido sêr condemnados segundo as formas do direito publico, o Papa os condemnava por provisão e por authoridade apostolica; bem entendido que alem de suas pessoas elle reservava para si a disposição de seus bens!!!! Bom será tambem notar que antes d'este já tinha havido outro Papa, que deu exemplos d'um poder arbitrario e da influencia, que taes authoridades—podiam ter nos seus Concilios: no fim do seculo IX, diz R. de Schio, o Papa Estevão VI reuniu nm Concilio e fez comparecer em juizo um morto, o *Papa Formose*, seu segundo predecessor: Estevão fez abrir o seu tumulo, pôr o cadaver no meio do Concilio, e lá, por sua authoridade privada, condemnou o morto a serem-lhe cortados 3 dedos da mão direita, e a cabeça degolada pelo carrasco; a sentença foi executada, e o corpo mutilado foi lançado ao Tibre: a causa de tamanho odio havia sido a concorrência de Formose ao Episcopado de Roma! Estevão havia estudado o liv. 2.º dos Reis Cap. XXIII.!!!

Pelo espaço de 4 annos, que durou este processo sacrilego, depois de se haver feito experimentar a muitos Templários todos os tormentos, que a maldade tem podido inventar, para extorquir falsas confissões, a maior parte d'elles persistio na protestaçoão de innocencia; mas alguns com promessas de lhes salvarem a vida, e enfraquecidos pelos castigos e torturas, convieram em tudo, que lhes imputavam e estes mesmos, proximos da morte, ou emigrados, repáraram a sua fraqueza por publicas retractaçoões.

Apezar da unanimidade de sua constancia, prova luminosa da innocencia de tal Ord.: e da falsidade das accusaçoões, Philippe-o-Bello, e Clemente V, confirma-

ram a destruição dos Templários, que tinha sido decretada pelo Consistorio: condemnaram ás chammas o Gr.: Mest.: Jacques Molay e 6000 Cavalleiros, que muitos historiadores dizem terem sido executados no mesmo dia; e tambem lhes confiscaram os bens. Conta-se que Jacques Molay, proximo de se lançar á fogueira, proclamára ao povo e predisséra o dia e a morte de Philippe e do Papa, citando seus denunciantes e Juizes para comparecerem no Tribunal de Deus, e darem conta de seu julgamento em *um anno e um dia*. E com effeito, a execução dos Templários teve logar em 11 de Março de 1313, e Philippe e Clemente morreram antes do fim d'Abri! de 1314: parece que o dedo do Eterno, como em tempo da impia Babylonia, quiz verificar o appello do Gr.: Mest.: dos Templários: na madrugada do dia seguinte á morte de Molay, o Cavalleiro d'Aumont e 7 Templários ajuntaram e guardaram as cinzas da fogueira: *Neffodei* foi estrangulado secretamente em um Capitulo dos Templários, em Montfaucon; e é para lembrar este facto, que certo rito recebe o candidato de *corda ao pescoço*: Quinze dias depois Sequin de Florian foi assassinado; o Papa o fez enterrar em Avignon e o beatificou; mas os Templários tiraram do tumulo seu corpo, e em seu logar depositaram as cinzas de Molay.

Digamos tambem alguma cousa em honra de Portugal:

Entre as 7 *Ordens Militares*, alem d'outras condecorações que tem Portugal, figura em primeiro logar a *Ord.: de Malta*, instituida no XI seculo por uns Negociantes d'Almafi, confirmada por Pascoal II, a qual tinha duas Villas e 24 Commendas no Reino, e usava de sita preta.

O Septimo Rei de Portugal, *D. Diniz*, não só separou a *Ord. de S. Tiago* da obediencia do *Gr. Mest. de Hespanha*, que *D. Affonso Henriques* tiuha admittido; mas, extincta geralmente a *Ord. dos Templarios* pela crueldade do Papa Clemente V, e pela ambição de *Philippe-o-Bello*, tambem Elrei *D. Diniz* a extinguiu, mas *apparentemente*: o monarcha Portuguez não perseguio nem fez morrer Cavalleiro algum como succedeu nas outras Nações; pelo contrario, em vez de seguir os reis contemporaneos, elle instituiu a *Ord. de Christo* com as rendas dos Templarios, e *n'ella acolheu a maior parte de seus membros* (1). Isto succedeu em 1319.

Nenhum dos Templarios, apesar de tantos tormentos descobrio os *Myst.* e o dogma, que elles tinham trazido do Egypto e do Oriente, deixando-nos assim o exemplo heroico de sua firmeza e de sua honradez. *Bocace*, Bispo de Lodeve, *Vertot*, *Dupuis* e muitos *AA.* contemporaneos e posteriores, nos tem deixado os maiores elogios das virtudes dos Templarios, todos martyres da verdade e da innocencia.

Conta-se que *Jacques Molay*, antes de morrer, havia

(1) Quantos Cavalleiros de Christo ha hoje em Portugal, que, ignorando o, que foi, e é a Ordem, a que pertencem, se ham revoltado contra a pura doutrina de seus Instituidores!!! Os chefes do Estado, ainda quando não tenham querido imitar os beneficios patrios d'Elrei *D. Diniz*, pelo menos não deveram ter prodigalizado com tanta sem cerimonia tamanha honra, e tamanho titulo!!!

creado 4 Grandes Chefes da Ord.: na Europa, ao Norte, Sul, Este, e Oeste; ou em Stockholmo, Pariz, Napoles, e Edimbourgo. (1)

Muitos Cavalleiros Templarios deixaram clandestinamente a França e conservaram assim seu dogma e suas doutrinas: em Allemanha ainda se sustentaram algum tempo publicamente, mas depois foram cruelmente perseguidos: a maior parte d'elles foi refugiar-se na Escocia e Inglaterra, onde poderam incorporar-se aos Maç.: muitos se conservaram occultos em França tendo reuniões secretas, e guardaram a mesma forma, costumes, e archivos: este ramo, sempre ignorado, appareceu depois nos fins do seculo XVIII; e mostra uma Carta de transmissão por Larminius, assignada por Grandes Most.: successivos, cujas p̄rsonagens sam as mais illustres de suas respectivas épocas.

Nos fins do seculo XVII achou-se n'Allemanha, no tumulto d'um Templario, morto antes da perseguição da Ord., uma especie de talisman, que tinha, alem de muitos outros signaes proprios da sua Ord., os seguintes: o *compasso*, a *esquadria*, a *esphera*; o *pentagono* de Pythagoras; e o *octaédro* Gnostico, que symbolisa os 8 Cabyres de Samothracia, os 8 principios Egepcios e Phe-

---

(1) Muitos Ritos ha e muitos Gr.: onde se conserva a commemoração allegorica dos Templarios, taes sam: todos os Eleitos, Cavalleiros do Sol, Grandes Esc., o Real Secreto, Cavalleiro Illustre, Templario Subline, Cavalleiro Kadosch, Grande-Inquisidor, Grande Comendador etc. etc.

nicios ; os 8 deoses de Xenocrates, e os 8 angulos da *pedra cubica*.

De mais, os Templarios recebiam, como marca de sua Cavalleria secreta, uma cinta, ulteriormente mudada em charpa, da qual se derivaram todos os cordões modernos, e as insignias, que hoje se usam em toda a parte. Tal é a opinião de G. Dumast, e outros.

« Consequentemente, a Ord.: do Templo, ácerca de quem tão diversamente se tem fallado, não era, diz « Vassal, sinão um annel de grande cadeia da Iniciação « mystica, collocada entre os tempos antigos e os modernos. »

Com effeito, Hugues de Paganis, principal fundador da Ord.: do Templo, quiz reunir n'ella todas as vantagens, obtidas athe então por meio da Iniciação e da Cavalleria: elle pretendia que a milicia fosse util á Patria pelo braço, e que os chefes o fossem pela liberdade de suas ideas. Os preceitos fundamentaes d'associação eram a *Beneficencia* e a *Tolerancia*. A primeira se mostra pelas abundantes esmolas, que, tres vezes por semana, eram distribuidas á porta de seus numerosos mosteiros, e a segunda se deixa vêr pelo amor, com que tratavam os prisioneiros nas guerras da Pa.ã.tina.

A denominação de *Cavalleiros do Templo* não se refere, como muitos julgam, á igreja do Santo-Sepulcro ou ao Templo de Salomão; « porque os chefes da Ord.: tinham em vista, diz G. Dumast, outro Templo, mais « digno da divindade, o *mundo inteiro povoado de homens « livres e virtuosos.* » Era na construcção d'este ultimo Templo, continúa o mesmo author, que a Ord.: traba-

lhava, e o de Salomão não lhe servia sinão de symbolo; e supposto o nome de *Templarios* ter prevalecido, todavia nunca perderam o d' *Iniciados* ou de *Maçons*.

Quando no seculo XIV, teve logar a perseguição d'esta illustre Ord.:, a maior parte de seus membros entrou de novo na grande familia Maç.:, a que, ha muito, pertenciam: mas é principalmente depois d'esta agglomeração que Barruel, Gassicourt, e outros calumniadores da Iniciação, começaram a persuadir aos Soberanos medrosos, que os Maç.: não eram, sinão os proprios vingadores de *Jacques Molay* e de seus companheiros: podem o author do *Mysterium Baphometi revelatum* prova que os Maç.: Européos sam muito anteriores aos Templarios,

« Taes do Jordão heroicos defensores  
 « Que em Cozaréa o Saladino admira;  
 « Do Templo os Cavalleiros formidaveis,  
 « (Que exemplo deixa ao mundo a queda sua!)  
 « Seu dinheiro os mantem, seu braço os guarda!  
 « Povos occidentaes vilmente ingratos  
 « Negra impostura desmentir não ousam:  
 « Seus crimes só tem prova na tortura,  
 « Modestos sabios ardem nas fogueiras,  
 « E o pranto arrancam, que occultar se intenta,  
 « Vella a suspeita, e, filho da ignorancia,  
 « Poem jugo á França o fanatismo cego.

(*Holophernes.: trad.*)

Taes sam os sentimentos do *Poema Maç.:* a respeito

dos Antigos Templarios, que se não devem confundir com os *Templarios Modernos*, ou

#### JOANISTAS.

*Templarios Modernos, ou Joanistas.* Em 1804, um Medico, *Bernard Raimond Fabrè-Paluprat*, julgando dever aproveitar-se da illustre memoria dos antigos Templarios, conseguiu, entre alguns amigos, organizar uma nova seita Templaria, a qual se dissesse sêr uma *successão veritadeira* da primeira Ord.: do Templo. Os novos Templarios, temendo encontrar algumas difficuldades em tão alto projecto, encobriram suas primeiras reuniões com a capa da Maç.: — Com effeito esta nova Ord.:, em 1805, obteve do Gr.: Or.: de França as Constituições para formar a L.: dos *Chevaliers de la Croix*, que mais tarde deu tambem origem a um Cap. de R.: C.: — Mas foi só em 1806 que a Ord.: revelou a sua existencia Templaria: Pela occasião do casamento de Napoleão com Maria Luiza, em 1810, esta Ord.: deu na capital, uma festa brilhante, que foi terminada por uma grande distribuição d'esmolos a pobres. Mas o Gr.: Or.: de França, ignorando ainda as pretensões da nova Or.:, e receando que esta viesse a sêr uma authoridade rival, conviou, em 1811, tres de seus membros a dar conta de suas doutrinas perante o *Consistorio* dos Ritos Maç.:.

A doutrina dos novos Templarios consiste, segundo a *Revue Maç.:* n.º 6, no *Evangelho de S. João Baptista, sem os milagres*. A respeito de Christo, não tem o Joanismo ideas fixas sobre sua natureza: umas vezes é considerado como um homem superior, que vai buscar a Iniciação ao Egypto, para a transmittir aos profanos; outras vezes é o filho de Deus, parte essencial da suprema Intelligencia.

O Gr.: Or.: de França, plenamente satisfeito com as vistas puramente *religiosas* da nova Ord.: Templaria, não lhe disputou mais a sua independencia; e d'esde então ella ficou fazendo corpo á parte da Maç.: — Seja porém como for, é certo que a nova Ordem Templaria, em 13 de Janeiro de 1833, inaugurou a sua igreja, por um acto de culto publico em Pariz; e supposto que alguns homens respeitaveis pertençam a esta nova Sociedade, que se affasta muito da doutrina dos antigos Templarios, todavia seja-nos licito relatar um facto historico. Um dos chefes da nova Ord.: , recrutando para membros quantos homens encontrava, e sendo reprehendido pela sua má escolha, respondeu :

*Qu'il fallait de la tapisserie, et qu'il  
faisait des hommes avec de la boue....*

(Ch. Dupontés.)

Nas antigas e modernas assembleas Maç.: conservam-se ainda os mesmos habitos dos Cruzados e dos Templarios. O Ven.: representa o antigo *Magister Cathedralis*; e colloca-se no throno do Oriente, d'onde vieram o dogma e as doutrinas: os dous vigilantes sam os antigos *Procuratores*, collocados na extremidade das columnas, como era nos antigos Capitulos: os II.: , alinhados nas columnas, substituem os *Equites*, e os II.: ecclesiasticos: o juramento de recipiendario Maç.: é um *fac simile* do, que faziam os Cavalleiros Cruzados, os Templarios, e outras Corporações na occasião dos seus votos: o logar das assembleas chama-se como antigamente *Loge, Templo*; mas a Maç.: , tendo prosperado como todas as instituições de paz e beneficencia, vio-se obrigada a estabelecer Grandes LL.: que se chamam *Orientes*, e cada Principado na Europa e n'America tem pelo menos um.

O capitão *Jorge Smits*, inspector da escola militar de *Wolvich*, em qualidade de *Real-Arca* (ultimo Gr.: de seu Rito), dá um esqueleto da Maç.:, estabelece que os II.: Maç.: são uma continuação da Ord.: dos Temp.:, e applica toda a Iniciação da Maç.: symbolica ao desenvolvimento de sua opinião; explica que a representação da morte de *Hiram* e de seus assassinos não é outra cousa mais, do que a historia Templaria de *Charles de Mont-Carmel*, cujo assassinio foi o primeiro golpe, que soffreu a Ord.: Temp.:; que a mesma morte de *Hiram*, em outro sitio, representa o assassinio de *Jacques Molay*, estas duas comparações são muito engenhosas, e muito apropriadas; tem um certo grau de probabilidade, e tanto mais que se acha em *Hiram* um anagramma curioso:

*Hugo Igne Raptus Atrocissimo  
Molay.*

Muitos Ritos Maç.: não admittem estas hypotheses, e creem que a Maç.: é inteiramente d'origem Egypcia, entretanto que outros a fazem Judaica ou Christã: cada Rito tem fortes e plausiveis razões para se conservar em sua opinião; mas enfim todos se persuadirão de que a Maç.: é o resultado dos Myst.: e doutrinas Egypcia, Judaica, e Christã.

Pensamos, com R. de Schio, que toda a sciencia Maç.: se pode considerar encerrada nas 4 classes seguintes:

1.<sup>a</sup>—Maçonaria, que comprehende o estudo dos corpos e das leis da Natureza, conduzindo á demonstração do Gr.: Arch.: do Un.:, á crença da immortalidade d'alma, e ás sciencias superiores, que os Padres do Egypto oralmente manifestavam aos iniciados aos grandes myst.:,

e que teem relação com a *Divindade*, *Verdade*, e *Materia*.

2.<sup>o</sup> — Maç.: que segue as instituições moysaicas, o contheudo da Biblia, a instrucção dos Myst.: Israelitas, e a historia dos Hebreos.

3.<sup>o</sup> — Maç., que se occupa em doutrinas evangelicas, moral do nosso Divino Mestre Jesus, sua vida, sua morte, e seus Discipulos, que se uniram aos Gnosticos e aos Cruzados,

4.<sup>o</sup> — Maç.: que segue em toda a sua pureza a instituição da Ord.: dos Templarios, sua destruição, e a lembrança do ultimo Gr.: Mest.: Jacques Molay.

Si outras doutrinas differentes das, que acabamos de classificar, sam admittidas em certos Ritos estrangeiros, nunca ellas foram nem estam no sentido de nossas instituições, mas sam producto das paixões humanas, e dos ennovadores, que geralmente teem feito mal á nossa Santa religião pelas disputas, que se teem elevado em espirito de partido, e que não teem servido sinão para denegrir a Ordem Maç.: — Em consequencia não é sinão por meio da historia, e das sciencias, que os H.: e os Prof.: poderão apanhar o *espirito mysterioso* do nosso dogma; e convencer de que todos os Gr.: Maç.: sam tirados dos Myst.: Egypcios, da Historia dos Israelitas, de Moysés, de Jesus, dos primeiros Christãos do Oriente, dos Cavalheiros Cruzados, e emfim dos Templarios.

---

## CAPITULO V.

### MAÇONNARIA EM FRANÇA.

Antes do século XVII não havia em França sino Maç.: exulados; mas em 1725, alguns Inglezes, entre os quaes se contam os Lords *Derwent-Water*, e *Harnwester*, foram os primeiros, que em Pariz, estabeleceram algumas LL.: nacionaes. Tres Gr.: (Apr.:, Comp.:, e Mist.:), compunham toda a Maç.:, quando foi introduzida em França; mas, em 1728, um Escocoz, o Dr. *Ramsay*, imaginando que a Maç.: tinha tido origem nos campos das Cruzadas, lhe acrescentou mais tres Gr.: de *Cavalleria*, com a denominação geral d'*Escocismo*. Esta fatal ennovação fez nascer muitas outras; e a Escocia, Inglaterra, Allemanha, etc. tiveram tambem seus Gr.: d'*Escocismo*: a França tambem possuiu um rito de 25 gr.:, que mais tarde foi elevado a 33!!!

Em 1786, o Gr.: Or.: de França, querendo simplificar os 33 gr.: do Escocismo, organisou quatro *ordens*, (El.: Secr.:, El.: Esc.: Cav.: do Or.:; e R.: Cruz) que, juntas aos tres primeiros Gr.:, formam o Rito *Moderno Francez*. E' depois d'esta época que uma luta vergonhosa se declarou entre os dous Ritos; e os damnos que uma preeminencia, mal entendida, tem causado á Maç.:

Franceza sam incalculaveis! Entretanto que os seus encarniçados inimigos, (Apostolicos, Jesuitas, e Féo-tas) (1) marcham a passos lentos e tranquillos, para o dominio universal!!!

Seja-nos permittido fazer uma observação, que o amor á Patria e á Ord.: exige.

Portugal e Brasil não conheceram tambem no principio sinão os tres primeiros Gr.: da Maç.: Symb.:; mas alguns Maçons pertendem estabelecer e *Escocismo* em ambos os Paizes: entretanto esperamos que tal projecto não se realize; porque o systema do Escocismo foi um aborto arbitrario, e não o fructo d'um pacto unanime entre todos os povos, como foi o da Maç.: Symb.: — Aos tres primeiros Gr.: da Maç.: Symbolica todo o mundo é admittido, nacionaes ou estrangeiros; e é a isto que realmente consiste a fraternidade universal; mas pelo que respeita aos altos Gr.: ou *Mysterias*, cada nação quer, pode, e deve ter os seus em particular; pois que só devem ser fundados sobre a historia, costumes, e necessidades de cada um dos paizes: sirvam d'exemplo a Inglaterra, Prussia, Allemanha, e ultimamente a Belgica. Mas querer adotar um Rito estrangeiro, que, alem d'estar vulgarizado, tem produzido a discordia e a zizania entre os II.: do mesmo reino, si não for especulação, tambem de certo não é pensar de coração *nobre e independente*. . . . Todos

---

(1) A'lerta Maçons Francezes! deixai vossos Ritos, e reuni vossas columnas. . . . Olhae que o hediondo monstro se desenfêra; e vossos gloriosos dias de Julho não lho fizeram recuar sinão um pepueno passo!! . . .

ompcionem a Maç.: reformada; mas para isso não precisamos d' *esmola estrangeira*.

### MAÇONARIA D'ADOÇÃO.

A França é, sem duvida, o berço da Maç.: d' *Adopção* ou das *Damas*. Foi em 1774 que o Gr.: Or.: de França tomou debaixo do seu patronato algumas LL.: d' *Adopção*, que d' antes existiam, com a condição expressa de que seus trabalhos seriam presididos por um Ven.: Maç.:. Depois d' esta época a Maç.: d' *Adopção* se espalhou rapidamente na *Allemanha*, na *Italia*, na *Hollanda*, e na *Russia*; mas não em *Inglaterra*.

Em 1775 a duqueza de *Bourbon* foi eleita Gr.: Mest.: de todas as LL.: *Francezas*; e em 1777 ella mesmo presidio á L.: *Candeur*, que se distinguio sempre por muitos actos de *philantropia*. Foi em 1779 que a L.: *Candeur* estabeleceu um premio em favor d' aquella memoria, que tratasse melhor a questão seguinte: *Qual será a maneira, mais economica, mais sã, e mais util á Sociedade para educar os enjeitados, d' esde o nascimento athe á idade de 7 annos?*

Mas foi principalmente depois de 1805 athe 1827 que o numero das LL.: d' *Adopção* s' augmentou consideravelmente na França; e todas as suas festas da Ord.: foram notaveis por abundantes *esmolas*; feitas já em favor dos *desgraçados*, já em favor dos *Gregos opprimidos*. . . . .

*Prisioneiros libertos*; familias *indigentes consoladas*; bellas *acções recompensadas*; festas *augustas*; e os prin-

cipios Maç.<sup>3.</sup> em triumpho; taes teém sido em França os admiraveis resultados do concurso d'ambos os sexos, de baixo do estandarte sagrado da Maç.....

Por que razão as Portuguezas, onde se encontra o germe da innocencia e da virtude, permanecerão por mais tempo indifferentes ao beneficio de taes associações?

---

# SECÇÃO SETIMA.

---

## CAPITULO I.

---

### JESUITAS E FEÓTAS.

**S**ERIA um nunca acabar si escrevessemos tudo, que respeita a estas duas orgulhosas e perigosas Seitas: mas só resumiremos (1).

Os Jesuitas, unidos pelo segredo, e por signaes, procuraram dominar o Universo; e, apesar de prohibidas as suas reuniões, esta Ord., supprimida ha 70 annos, e banida da Europa por suas intrigas politicas, se tem perpetuado, multiplicado, e introduzido de novo em todos os Estados, e com diversos nomes: o espirito de corpora-

---

(1) A sociedade dos Jesuitas, instituida em Pariz por Ignacio de Loyola, tambem s'estabeleceu em Portugal em 1541, e foi expulsa por El-Rei D. José I. A Ordem foi abolida geralmente pelo Papa em 1773, e rehabilitada em 1816.

ção lhe tem fornecido os meios de chegar a um ponto d'união, tão poderoso, que a tranquillidade de muitas Nações se acha hoje compromettida.

Os Escriptos apostolicos, que d'ordinario deprimem a honra da Fraternidade Maçonica, se erigem em panegyristas dos Jesuitas, e queixam se dos Governos que os desterraram: mas hoje todos sabem que os membros de tal Ord.: não são mais, do que vampiros religiosos e politicos, que procuram entrar clandestinamente entre nós, armados do facho da discordia, e cobertos da mascara da hypocrisia, occultando seus nefandos projectos debaixo da capa da religião: a prova d'isto existe em muitos processos intentados contra os Jesuitas por differentes Principes da Europa, que certificam o espirito de rebellião, que os anima; e na Historia, que por toda a parte representa estes falsos Apostolos com o desejo da dominação universal, confessando os reis, aconselhando-os, e, quando é preciso, assassinando-os. . . . . (1)

Depois dos desastres de Napoleão e da retirada do exercito Francez formou-se na Italia uma sociedade anti-Maçonica, que arremeda os Maç.:, de quem ella adoptou os Ritos. Seus membros tem sign.: e pal.: para se reconhecerem; e seu nome tem sido tambem variavel: ora se chama *sociedade della santa Fede ou dell'Anella*, ora *Congreganistas*, *Féotas*, e em fim *Sociedade de Brutus*.

« Os Féotas, pura invenção Jesuitica e pelos Jesuitas governada, disse ha pouco um Portuguez, se propozeram

---

(1) Veja-se *Le Tombeau de Jacques Molay: os Crimes dos Jesuitas*, e do *Gov. Inglex: e Reg. de Schio*, tom. 2.º pag. 418 — 476.

avassallar o mundo inteiro mediante as formulas hypocritas do *purissimo* zelo da propagação da fé evangelica. Esta sociedade (seja ditto de passagem) é a mais perigosa de todas as sociedades secretas athe hoje conhecidas, por que é a, que se serve de meios mais proprios para illudir, e utilisar-se dos serviços das pessoas mais respeitaveis por sua posição social e religiosa. Cumpre ao Governo Portuguez vigia-la de perto, lembrando-se de quão amargas horas cauzarão os *zellosos* ao Governo de Luiz XIV: e lembre-se mais o Governo de que o Féotismo, já influente em todas as Cortes *absolutistas*, procura ganhar egual preponderancia nos paizes *constitucionaes* e o vai conseguindo. »

Um author moderno, João de Wit, que se diz iniciado aos Gr.: mais elevados da Maç.: e do Carbonarismo publicou ha pouco uma obra a respeito dos *Féotas* da qual vamos fazer alguns extractos.

« Existe na Italia (diz elle) na Hespanha, na França, na Suissa, n'Allemanha e (dizemos nós) em Portugal, uma Sociedade *secreta*, quasi indissolvel, que s'eleva contra o espirito regenerador do seculo. contra os progressos das sciencias, e contra a Fraternidade Maç.:; que tomou formas, iniciações, e gr.: Maç.:; e que teve por cabeça o Papa Pio VII, que excømmungou os Maç.: e as sociedades secretas. Pela pratica de sua instituição pode fazer-se reconhecer por um ramo Maç.:; por suas astucias secretas pode surprehender e enganar alguns Maç.:, mas hoje todos se acham esclarecidos a tal respeito. Ella adoptou a Iniciação introduzida por Folkes na Italia, e conhecida pelo nome de Rito de *Misraim*; segue os 3 gr.: symb.:, o que fez enganar os Maç.: e Carbonarios; e affecta seguir principios liberaes, que nunca teve. »

« Os membros *della santa Fede* fazem muitos juramentos, e entre outros o de contarem ao seu chefe tudo o, que ouvem e veem: por este meio formam a policia secreta, ou a alta policia do Estado, que não existe sinão para executar as ordens dos Féotas: por seu systema espiador esta sociedade chegou a organizar no seio do Estado um segundo Governo, cujo fim é de mudar a ordem das cousas, de derribar todas as instituições, que lhe desagradam, e mais d'uma vez ella se tem tornado culpavel d'alta traição. Os fins principaes de sua instituição foram fazer recuar a civilisação, apagar as luzes e a liberdade pela falta d'instrucção e da imprensa, fazer cahir o mundo debaixo do jugo da superstição pelo restabelecimento dos conventos, e em fim estender o dominio papal, por uma nova divisão da Italia, que, segundo o plano d'estes santos conspiradores, deve dividir-se em 3 partes a saber: *Italia superior, inferior, e central* (1). Por este pla-

---

(1) Todas as Ordens monasticas, por toda parte onde existem, dependem directamente dos Papas e não dos prelados ordinarios; por este meio Roma tem vassallos nos Estados dos outros soberanos; e eis a razão, porque ella intriga pelo restabelecimento dos conventos onde foram supprimidos. Ainda ha pouco o Internuncio do Papa em Portugal, M<sup>g</sup>. *Capaccini*, exigio do Governo Portuguez a restituição dos Bispos illegitimos (os de D. Miguel) e a dos Bispos legitimos que tinham sido expulsos de Portugal por fautores da usurpação: a restituição d'alguns conventos das extinctas ordens religiosas: a restituição a Roma das dispensas matrimoniaes: as annatas dos beneficios ecclesiasticos: a desapprovação de tudo, quanto se praticára na Repartição Ecclesiastica: a indicação e nomeação dos Bispos etc. etc. !!!! (Papel Politico — *Amanhã* — pag, 182.)

no os Papas calcam aos pés o preceito do nosso Divino Mest.: Jesus :

*Os Principes das Nações dominam ; entre vós não será assim : o, que quizer ser o primeiro, será o ultimo. »*

A seita dos Féotas, como acabamos de ver, trabalha pelo engrandecimento da authoridade papal, e para fazer triunfar todas as superstições, espalhadas pela maior parte do clero. « outro tanto fazem os Jesuitas, que, segundo Wit, não são mais, que os Fedistas, seita que envenena a Europa, e na qual se conta o Principe de Hohendobhe, Schillings, e Fürst, que é pago por esta sociedade, cuja avareza não recusa sacrificar dinheiro para mergulhar a Europa na anarchia theocratica e na mais profunda ignorancia. A prova d'isto tira-se do seguinte facto, que deve pôr em cautela todos os Soberanos e povos da Europa :

O Governo Piemontez, dirigido pelos Féotas, tratou de restringir a instrucção, e por assim dizer torna-la aristocratica : fez um decreto pelo qual não eram admittidos aos estudos, sinão os nobres ; para receber a instrucção era mister pagar uma grande somma ; de modo que a educação publica, nas escolas primarias e nas Universidades, era quasi nenhuma. Um professor de Physica da Universidade de Vercelli, querendo remediar tantos males, se apresentou ao Conde de la *Motte de St. Martin*, inspector-geral das escolas (mas zeloso agente dos Féotas) para que se representasse a El-Rei os máos effeitos de semelhante decreto, que prohibia a instrucção nacional e

universal; pois que as Universidades se achavam desertas e o povo mergulhado nas trevas. A este patriótico queixume gritou contente o Conde: *Tanto melhor, eis-nos no nosso caminho: sam as luzes e as Universidades que provocaram a revolução na França e no Piemonte: nosso Rei não quer mais revoluções, não precisa de sábios, nem os quer!!!* » (1).

Eis o, que se propoem, na Italia, na França, n'Al-  
 lemanha, na Belgica, e em Portugal, os Féotas, e os  
 Jesuitas, porque ignorando-se si sam sociedades distin-  
 ctas ou a mesma debaixo de diferentes denominações;  
 nós comprehendemos em ambas todos os homens, que  
 marcham no mesmo trilho para chegarem a seu fim com-  
 mum, qual é o *d'assentar a tirannia papal sobre os thro-  
 nor dos Reis; o de se assenhoriar, em nome do Ceo,  
 dos bens da Terra, e o de perpetuar sua dominação pe-  
 la ignorancia dos povos.*

Depois da queda de Napoleão todos os Principes Ita-  
 lianos, que entraram nos seus antigos dominios, se liga-  
 ram, por insinuação dos Féotas, para destruir a Frater-  
 nidade Maç.:, como si os seus revezes e a perda de seus  
 Estados fossem devidos a esta instituição. Todos conhe-  
 cera esta historia e só acrescentaremos, que os Principes  
 Italianos presistem ainda hoje nas mesmas perseguições,  
 ainda que a Fraternidade não existe na Italia; mas quan-  
 do mesmo existisse ella teria um fim conhecido e pura-  
 mente theosophico. A Maç.: não encara sinão o amor ao  
 proximo; é uma instituição de pura caridade, que nunca deu  
 a mão ás convulções politicas, que tiveram logar na Italia.

---

: (1) R. de Schio, tom. 3.º pag. 102.

Os Papas legaram a seus successores tambem um odio mortal contra os Maç.: — Para encobrir as astucias e enganços dos Féotas e dos Jesuitas, Leão XII lançou tambem uma bulla d'excommunição contra todos os Maç.: e os seus protectores: Esta bulla termina por um texto de S. Paulo, *Epistola aos Romanos Cap. I. v. 32.*

*Os quades tendo conhecido a justiça de Deus, não comprehenderam que os, que fazem simillhantes cousas, sam dignos de morte: e não somente os, que estas cousas fazem, sinão tambem os, que consentem os, que as fazem.*

Por está sentença do Santo Padre a maior parte dos magistrados dos Estados Unidos d'America e da Europa, o Imperador do Brasil, os Reis d'Inglaterra, de Suecia, dos Paizes Baixos, e um grande numero de Principes d'Allemanha e da França eram designados (porque todos eram e sam Maç.:) aos punhaes dos Féotas e da Córte de Roma (1).

Era facil refutarmos victoriosamente á bulla papal, producção digna só de tempos barbaros; mas não faremos mais doque demorar-mo-nos um instante em examinar quem sam aquelles, que S. Paulo condemnou á pena de

---

(1) Note-se que a dita bulla era assignada pelos Cardeaes *Barthelemi Pucca*, *Albani Capacini*, e pelo *Dr. Testa* em 13 de Março de 1825, época correspondente ao dia da Morte de Jacques Molay, para inculcar que a Córte de Roma considera os Maç.: como substitutos da Ord. dos Templarios.

morte, e quanto foi impudente a Curia Romana em confundir os Maç.: com os primeiros Christãos de Roma.

Para bem s'explicar o sentido do texto de S. Paulo aos Romanos é mister lêrem-se os §§. anteriores, que sam :

23 = *E mudaram a gloria do Deus incorruptivel em similitude de figura de homem corruptivel, e d'aves, e de quadrupedes; e de serpentes.*

24 = *Pelo que os entregou Deus aos desejos dos seus corações, á immundicie: de modo que deshonraram os seus corpos em si mesmos.*

25 = *Os quaes mudaram a verdade de Deus em mentira: e adoraram, e serviram á creatura antes que ao Creator, que é bendito por todos os seculos. Amen.*

26 = *Por isso os entregou Deus a paixões d'ignominia. Porque as suas mulheres mudaram o natural uso, em outro uso, que é contra a natureza.*

27 = *E assim mesmo tambem os homens, deixando o natural uso das mulheres, arderam nos seus desejos mutuamente, commettendo homens com homens a torpeza, e recebendo em si mesmos a paga que era devida ao seu peccado.*

29 = *Cheios de toda a iniquidade, de malicia, de fornição, d'avareza, de maldade, cheios d'inveja, d'homicidios, de contendas d'engano, de malignidade, mezeriqueiros (1).*

---

(1) Epist. de S. Paulo aos Romanos Cap. I.

Eis aqui os homens, que S. Paulo entregou ao anathema: sam os Christãos de Roma, que então eram accusados d'eguaes torpezas em suas reuniões nocturnas e não os Maç.: — Parece impossivel que no seculo das luzes os Féotas queiram abusar assim da Sagrada Escripura, fazendo d'ella tão improprias applicações. . . . E na realidade que similhaça haverá entre os Maç.: e os homens corrompidos de que falla S. Paulo? Foram os Maç.: que mudaram a similhaça de Deus incorruptivel na imagem do homem corruptivel? A Curia Romana bem sabe que a Fraternidade honra só o culto do Gr.: Arch.: do Univ.:, e que não foi ella que lh'ajuntou o *Pae* ou *Filho*, culto novo, a que S. Paulo parece querer alludir. A Maç.: rende só homenagens a *Jehovah*, unico, que foi, que é, e que será. *Amen*. Serão os Maç.: que s'entregam ás afeições infames e contra a natureza? A Curia Romana e o mundo inteiro sabem que os homens sem bons costumes sam excluidos sempre da Fraternidade, e que os Maç.: consideram o Celibato como um escandalo feito á humanidade: é nos claustros e nos conventos que tiveram origem os vicios infames, que a Curia Romana quer pôr sobre os hombros dos Maç.: . . . mas debalde trabalhará ella.

Guardamo-nos de dar mais amplas explicações sobre tal materia: o respeito, que devemos aos costumes e religião Christã no-lo prohimem, e nós pedimos desculpa aos II.: das indecencias, que acabamos de transcrever: ellas acham-se na Epistola aos Romanos, que a Côte de Roma admittio em seus livros canonicos; cuja leitura é recommendada aos seus Levitas para os tornar mais dignos do Sacerdocio e da Sociedade Féota.

Fallando de Portugal concluiremos com o, que disse

ha pouco o Portuguez já annuciado: « Os agentes *Péotas* e *Capaccinicos* não socegam em Portugal, e um verdadeiro *schisma* pode ter logar si o Governo não resolver acabar com as contemporisações de Roma. Por via de sua gente (em que s'encontram alguns fidalgos) *Cappacini* governa e dispõe a seu sabor das consciencias da totalidade da Nação! Medite-se n'isto e conhecer-se-hão os perigos politicos e religiosos da situação presente. Ninguem mais doque eu respeita a religião que professa: sou catholico-apostolico-romano; e d'isso me glorio, porque o sou de convicção: porem sou Portuguez, e conciliando, como tão perfeitamente se conciliam, estas duas qualidades, abomino as usurpações de Roma. *Sincero Christão*, escandaliso-me com o anti-religioso procedimento da ambição romana, e desprezo pretensões contrarias á sã doutrina da igreja universal. *Verdadeiro Portuguez* guerrearei quem não guerrear os, que attentarem contra o decoro do meu paiz. » (1)

O Governo, diz outro Portuguez, dê o, que poder dar, á curia romana; mas, quando ella pedir mais, doque deve, abra a historia de Portugal, veja como se conduziram os nossos paes, e conduza-se como elles, que por certo não foram menos *catholicos apostolicos romanos*, que nós: tudo canonicamente: a qualquer exigencia, que passe alem, não deve o governo annuir; e, si se agastarem, pergunta-se-lhes

*Sanctissime pater, quid rides?*

e elles responderão:

*Rideo quia papa sum.* (2)

---

(1) Papel Politico *Amanhã*, pag. 179 a 194.

(2) Pap. Pol. *Amanhã*, visto pelo direito, pag. 185.

Faz dó vêr que nem o Governo, nem os ultimos Congressos, teem dado ouvidos aos conselhos de tantos Portuguezes, que, posto pertençam a partidos politicos diferentes, todavia sam verdadeiros patriotas, que, curando do interesse e da independencia Nacional, tratam de reprimir a audacia e a impostura da Curia Romana. A Camara Legislativa de 1843, em sessão de 16 de Maio, legislando sobre a *instrucção* do Clero, fez mais favores a *Capaccini*, e á Curia Romana, do que lhes hão feito todos os reis e Congressos de Portugal juntos!!! Mas, si os Governos e as Camaras escurnecem dos povos, e não cortam o mal pela raiz, porque o não farão os Inic.:? Deixem-se Schismas e os Rit.:; sacrificuem-se caprichos e alguns interesses; e reunam-se em phalange todos os Inic.: Portug.:; para fazer retrogradar os Féotas: os trab. Maç.: hoje em Portug.:, não deveriam ter outro fim; aliás teremos em poucos annos o restabelecimento dos Frades, e da S. Inquisição!!!

---

## CAPITULO II,

### MYSTERIOS BRITANNOS,

A Escocia e Inglaterra sam os paizes, na Europa, que nos fornecem mais tradições ácerca da antiguidade da Maç.: — Os *Druidas* e os *Padres de Herta*, havendo tido, nos primeiros seculos do Christianismo, communicações intimas com os povos da antiga Albion, poderam semear a Iniciação nas Ilhas Britannicas.

Já em 297, *Caurasius*, reconhecido imperador, animou as artes, e promoveu particularmente a Instituição Maçonica: mas foi principalmente d'esde 880 até 900, durante os reinados d'Alfredo, o grande, d'Eduardo, e de Athlestan, que a *Corporação dos Maçons Architectos* tomou formas regulares. O Príncipe *Edwin* foi eleito Grande Mestre d'esta Corporação em 926: esta Ord., singular se dividia em reuniões parciaes, que se chamavam *Loges*; e todas eram dependentes d'um corpo central, ou Grande Logo, especie de Dieta, que teve seu local em *Yorck*: o objecto d'esta associação era a *construcção em commum d'edificios publicos*; e todas as antigas cathedraes do paiz lhe devem ser attribuidas.

*Laurie* pretende que a Maç. (tal qual existe hoje) começou na Escocia na anno de 1150, e que ella se estabeleceu em *Kilwinning*, onde se fixou e teve origem o Rito Escocoz. Em 1151 o Marquez *Pembroke* foi eleito Gr.: Mest.: e debaixo d'este patrono seus membros edificaram a abbadia de *Kilwinnieg*: mas muitos AA., e particularmente as *Acta Esomorum t. 1.º*, dizem que em 1155 a Maç.: fôra protegida pelo G.: Mest.: dos Templarios; e que por estes fôra administrada em Inglaterra até á morte de Ricardo Coração-de-Leão. Sendo as *Confrarias* ou *Confraternidades*, dos Maç., muito numerosas no seculo XIV, época da destruição apparente dos Templarios, estes Cavalleiros se refugiaram n'ellas, e se cobriram com seu véo para poderem praticar e ensinar seus *Myst.*: e doutrinas; e assim o Rito primitivo da Gr.: L.: d'Escocia parece ter sido refundido pelos Templarios; e para apoiar esta idea alguns authores pretendem que *Bruce*, Rei d'Escocia, fosse o fundador d'esta Ord.: Maç.: em 1314, instituindo a *Ord.: de St. André do Cardo*, em memoria dos Escocozes, que s'immortalisaram na batalha de

Bannockborn, aonde com 3:000 Escocozes bateu 100:000 Inglezes. *Bruce* unio á sua Ord.: a de *Heredom*, conservando para si, e seus herdeiros, o titulo de Gr.: Mest.: da respeitavel L.: de *Heredom*, que foi presidida por diferentes reis d'Escocia, e que por ultimo foi transferida para Edimbãrg. E' d'esta fusão que nasceram os Gr.: Cavalleirescos, em que hoje se professam doutrinas, que estam bem longe de serem as dos antigos Cruzados. Estas Ord.: não só foram conferidas pela Gr.: L.: d'Escocia, mas ainda hoje o sam pelos Commendadores do Templo, que as espalharam na Europa e n'America: tal é a origem da *Maç.: Escocaza Templaria*.

Na Inglaterra, depois do reinado de Henrique II, os Bispos e os Grandes Senhores foram os Gr.: Mest.: da *Maç.:* *Henrique VI*, em 1442, depois de ter sido instruido nos *Myst.:* da Confraternidade, se fez iniciar e applicou ao estudo da *arte real da Maç.:*: seu exemplo foi seguido por todos os Senhores da Corte, e seu Conselho approvou as *Cartas* antigas e os privilegios dos *Maç.:*.

*Daubesson*, em 1485, foi eleito Gr.: Mest.: da *Maç.:*, sendo ao mesmo tempo Gr.: Mest.: dos Cavalleiros de S. João de Malta: n'esta occasião os Cavalleiros de Malta rivalisaram em zelo para com a Ord.: dos *Maç.:* com os antigos Cavalleiros do Templo, e é tambem verosimil que pela mesma occasião acabaram de todo os odios dos Templarios contra os Cavalleiros de Malta, o que occasionou tambem a introducção da Cavallaria de Malta na *Maç.:*

*Henrique VII*, em 1502, presidio, como Gr.: Mest.:; uma Gr.: L.: de *Maç.:* que se reunio em seu Palacio. O Cardeal de *Wolsey* foi eleito Gr.: Mest.: em 1509. Os homens illustres da Inglaterra continuaram a ser os

Gr.: Mest.: athe 1561. N'este mesmo anno a Rainhã *Elizabeth*, d'um caracter desconfiado, pretendeu perseguir a Ord.: Maç.:; mas, mais bem instruida dos objectos de taes reuniões, tornou-se por fim sua protectora. Em 1603 *Jacques I* se declarou protector da Ord.:; e *Igno Jones*, architecto celebre, foi nomeado seu Gr.: Mest.:. — N'esta occasião a Maç.: Ingleza recebeu um novo lustre; porque muitos *gentis-homens* se fizeram admittir na Confraternidade, cujas reuniões tinham por fim conhecer os homens de mérito em diferentes condições, para os ligar entre si, propagar as sciencias, e reprimir o despotismo papal, e os horrores das guerras civis, que assolavam a Europa.

O gosto das sciencias occultas e da theosophia dos RR.: CC.: se achava espalhado em muitos livros Altruões, que tinham feito estrondo, principalmente na Inglaterra: estes livros eram *Lcs Noces Chimiques de Rosen-Cruc*, e a *Reformation Universelle du monde*, por Valentin Andrea: Nicolai, pag. 18 diz que em 1622 existia uma sociedade em Haya que se chamava. Os RR.: CC.:, que se occupavam na Alchimia; e nos ensina que seu fundador foi *Christiano Rosa*, e que estes mesmos RR.: CC.: tinham assembléas em Amsterdam, Nuremberg, Hambourg, Dantzick, Mantua, Veneza, e Erfurt. Em Inglaterra os RR.: CC.: appareceram, e *Robert Fludd* escreveu uma Obra em sua defeza: *Fludd* era Iniciado; e teve um grande numero de discipulos: applicava á physica os principios dos Gnosticos, e por meio do seu systema operou na Inglaterra a grande revolução das sciencias.

Em 1646 *Elias Ashmole*, celebre antiquario, se fez iniciar Maç.:. Nesta mesma época muitos sabios Ingle-

res, conhecendo a necessidade das experiências physicas, escolheram uma circumstancia favoravel para formarem uma sociedade, que tivesse por fim a propagação das sciencias, a que chamaram *Sociedade de Rosa-Cruz*; e convieram entre si escrever mais claramente, doque o tinham feito os RR.: CC.: Allemães; todavia os membros d'esta sociedade não communicaram sinão aos H.: as suas descobertas, com o receio de serem perseguidos.

Mas o mais digno de notar-se, a respeito d'esta Ordem celebre, vem a ser a exposição do Sabio Inglez: « Que, desde 1641, a Corporação Maçonnica aggregou a si, como membros externos, as pessoas estranhas á arte de construir, das quaes ella esperava tirar alguma utilidade ou realce, e a quem ella deu o titulo de *Freem accepted Masons* (Maçons livres e accites) para os distinguir dos Maç.: de pratica: » (1).

Os membros d'esta nova sociedade faziam todos parte da Confraternidade dos Maç.: de Londres, cujos nomes mais celebres eram: *Elias Ashmole*, *Guilherme Lully*, *Wharton*, *Smiltz*, *Preston*, *Warren*, os reverendos *João Pearson*, e *João Hewit* etc. etc.

*Ashmole* rectificou as formulas da recepção dos RR.: CC.:, que foram baseadas sobre os antigos Myst.: Egyptos e Gregos, e que se teem conservado athe hoje: As formalidades d'uma Iniciação Maç.:, que teve lugar em 2 de Março de 1682, foram descriptas por elle, o que prova quanto s'enganam os authores, que querem que

---

(1) *Diario d' Elias Ashmole.*

esta instituição seja moderna: as ennoações introduzidas depois foram uma das causas da separação dos Maç.: Inglezes, e do Schisma que durou ate 1813.

Os sabios que compunham a sociedade estabelecida por *Ashmole*, adoptando a allegoria da *Casa de Salomão*, conservaram os sign.: os emblemas, e as outras allegorias dos Maç.: estabeleceram 7 Gr.: em memoria dos 7 dias da creação, o que deu logar ás 7 Ord.: para chegar á *Gnose*. Esta sociedade vio-se obrigada a guardar mysticamente suas descobertas, porque o mundo em geral, enganado pela Curia Romana, considerava a sciencia experimental como opposta ás religiões e aos governos.

Nesta mesma epoca organisou-se outra nova sociedade, que parecia estar em opposição com a dos RR.: CC.:, e pretendia que as experiencias e o ensino das sciencias deviam ser publicas. Um de seus membros, o grande *Bacon*, escreveu de maneira, que o podessem comprehender, e, posto que seus escriptos sejam d'um estilo mystico, todavia sam mais claros que os de *Rosen-Cruz* e de *Valentin Andrea*: associou a seu projecto *João Wall's*, *João Wilkins*, *Goddard*, *Foster*, *Glisson* e outros sabios, que se propozeram a seguir ás idéas de *Bacon*, expostas na *Atlantida*, e relativas ao estudo e segredos da natureza: n'esta Obra, que produzio tão uteis resultados, alludia-se aos *Cruzados*, aos *Eleitos Christãos* da primeira idade e aos RR.: CC.:

Estas duas sociedades, formadas em Londres, tiveram, por assim dizer, o mesmo berço; ambas trabalhavam nas sciencias experimentaes; uma communicando os seus resultados unicamente a seus adeptos; e a outra tornando-os uteis ao genero humano pela sua publicação.

Ambas compostas de homens illustres e sabios, trabalharam no mesmo sentido, mas com principios oppostos; um era *exotérico*; e o outro *ésotérico*. Os membros do ultimo methodo secreto, homens illustres e arrastados pela revolução Inglesa, se uniram ao partido do rei; a defeza de sua causa lhes fez experimentar grandes perdas em sua fortuna; e, tornando-se suspeitos ao partido, que triumphou, usaram então da maior circunspecção em suas reuniões; foi então que a sociedade, instituida por *Ashmole*, julgou necessaria apertar cada vez mais o seu *Comité*, e adoptar Gr.: e allegorias, relativas aos Escocozes, que tinham dado provas de fidelidade ao rei e á Patria; todavia é constante que o fim d'esta associação foi sempre a construcção da *Casa de Salomão*, allegoria favorita dos Maç.: de que ella fazia parte: D'onde se tira que a Confraternidade dos Maç.: d'estas epocas se compunha de sabios e de nobres que todos eram Iniciados RR.: CC.:.

Na Obra de *Ernest e Falk*, pag. 53, se diz que *Christovão Wren*, que em 1663 era Vig.: da Confraternidade dos Maç.: em Londres, tornando-se Gr.: Mest.: em 1698, tinha tirado da sociedade Templaria, que então se conservava na mesma Cidade, a idea fundamental d'uma nova sociedade Maç.:, de que elle foi julgado o restaurador: diz mais que os Maç.: Templarios eram então em grande numero, e que *Wren* não fez mais doque modificar suas instituições. A Inglaterra tambem tinha estado em uma grande fermentação pela tendencia de Jacques II.: para o despotismo e papismo. *Wren*, desejando moderar e fazer desaparecer os odios religiosos e a vaidade das Ord.:, procurou por uma reforma estabelecer uma concordata fraternal entre as altas personagens, que compunham a sociedade dos Franc-Maç.: e queria por uma

uniformidade de Gr.: e de honras reconciliar os homens, e propagar os principios da *tolerancia*, da *benevolencia* e da *caridade*.

Pelo tempo d' *Wren*, differentes Confraternidades Maç.: existiam na Inglaterra, e todas seguiam diversos Ritos: Mas em 1703, a admissão á Iniciação se relaxou, e grande numero de cidadãos foi iniciado sem exame nem escolha: julgou-se que por este meio a Maç.: adqueriria esplendor e força; mas succedeu o contrario: pois que a falta d'escolha em seus membros não só pôz em negligencia as sessões ordinarias, mas tambem as festas annuaes da Ord.: foram esquecidas: este misero estado durou até Fevereiro do 1717 (1). Então as 4 LL.: que existiam em Londres (das quaes a mais notavel era a L.: *Antiguidade*), e que tinham recebido suas constituições da Gr.: L.: d'Yorck, se reuniram em chefe d'Ordem para restaurarem a Maç.: Inglesa, tomando o nome de Gr.: L.: d'Inglaterra, e de que foi Gr.: Mest.: Antonio, *Sayer*.

A Gr.: L.: d'Inglaterra, no solsticio de S. João Baptista em 1717, descutio e approvou Estatutos geraes; renunciou totalmente ao objecto material d'antiga Confraternidade; modificou as suas ceremonias; estabeleceu o *Rito Moderno Inglez*; e adoptou o regulamento seguinte:

---

(1) Esta mesma decadencia, filha da mesma causa, s'espera na Maç.: Lusitana! Os Portuguezes deviam ser mais, do que outro qualquer povo, escrupulosos n'admissão dos profanos; e ai d'elles si os chefes dos differentes sehismas se não reuinem para restaurar a Maç.: como se faz em paizes mais civilizados!!!

« O privilegio d'associação como Maç.: que ath'gora  
 « era illimitado, será restringido a certas LL.: de Maç.:  
 « convocadas em logares fixos; e cada L.: de hoje em  
 « diante será convocada, e legalmente authorisada a tra-  
 « balhos por um Diploma do Gr.: Mest.:, por tal tem-  
 « po concedido a certos H.: por petição, e consequente-  
 « mente por approvação da Gr.: L.: em communicação;  
 « sem este Diploma nenhuma L.: de futuro será reconhe-  
 « cida como regular e constitucional. »

E' depois d'esta época nutavel que a Ord.: Maç.:  
 foi florescente em Inglaterra: e é depois d'ella tambem  
 que a Maç.: Reformada estendeu seus braços paternaes  
 pelas 5 partes do mundo; de maneira que, no curto es-  
 paço de 127 annos, a *Acacia* foi plantada em 79 esta-  
 dos do globo, debaixo do titulo explicito de *Franc-Maç.:*,  
 como se verá na *Taboa Chronologica* da Maç.:, Cap. III.

Quando a Gr.: L.: d'Inglaterra s'occupava n'estas re-  
 formas, tambem a Gr.: L.: d'Yorck, que tinha dado  
 constituições á maior parte das LL.: Inglezas, vendo que  
 as 4 LL.: de Londres se tinham emancipado e erigido  
 em Gr.: L.: d'Inglaterra *pro tempore*, sem aviso preli-  
 minar, se inquietou com tal medida, e para conservar  
 seu direito de antiguidade tomou tambem, em 1719, o  
 titulo de Gr.: L.: de toda a Inglaterra.

A Gr.: L.: d'Inglaterra invadio cada vez mais a Gr.:  
 L.: d'Yorck, formando mesmo em seu districto estabe-  
 lecimentos Maç.:. Este procedimento affectou vivamente  
 a L.: d'Yorck; excitou rivalidades e odios; os Maç.:  
 d'Yorck separaram-se inteiramente dos interesses dos d'In-  
 glaterra; e accusaram-os de haver introduzido ennova-  
 ções, e alterado as ceremonias antigas. As Gr.: LL.:

d'Escocia e d'Irlanda, receando eguaes desordens em seus Orientes, recusaram então toda a correspondencia com a Gr.: L.: do Rito Moderno Inglez, e se uniram aos Maç.: antigos d'Yorck.

A par d'estas desordens por causa da supremacia Maç.: tinha cada um a pretensão de constituir LL.: e de conferir Gr.: Cavalleirescos: muitos ennovadores de Ritos appareceram então na Inglaterra, dos quaes o mais distincto foi o Cavalleiro Escoc.: *Ramsay*, que, em 1728, creou sobre os 3 gr.: symb.:, as quatro Ord.: — 1.<sup>a</sup> *Escocez*; 2.<sup>a</sup> *Noviço*; 3.<sup>a</sup> *Cavalleiro do Templo*; 4.<sup>a</sup> *Real-Arca*: *Ramsay* affirmava que a sua instituição tinha vindo do Oriente pelo tempo das Cruzadas, e escreveu muitas obras a tal respeito: em 1768 elle a transportou para França. Em 1767 tambem Bénédict Clastanier depois de ter recebido instrucções do reformador Suédois *Swedemborg*, estabeleceu a sociedade secreta *Theosophica Christã*, que professou publicamente suas doutrinas. O Italiano, *Cagliostro*, tambem na Inglaterra fez um grande papel com o seu Rito *Egyptio* para o qual chamou muitos II.: que, reconhecendo o seu engano, tornaram de novo a voltar para as suas antigas bandeiras. A Inglaterra não adoptou a reforma do *Carbonarismo*, nem o Rito *Misraim*. Hoje os Maç.: Inglezes não curam mais d'ennovações; a maior parte d'elles conservam seus antigos Ritos e ceremonias.

Mas em 1813, quando S. A. R. o Duqué de *Sussex* foi eleito Gr.: Mest.: da Maç.:, os Maç.: zelosos, desejando ver cessar o schisma da Gr.: L.: d'Inglaterra com a Gr.: L.: d'Yorck, obtiveram que os Ritos em opposição elegessem representantes para terminar a questão. Os II.: representantes e delegados assignaram um

accordão, pelo qual se convencionou que não devia existir sinão uma *Gr.: L.: Nacional* para todos os Ritos d'Inglaterra (1).

S. A. R. o Duque de *Kent*, e S. A. R. o Duque de *Sussex*, em qualidade de GG.: MM.: dos Maç.: e Comendadores do Templo, obtiveram o maior merito n'esta reconciliação, reconciliação que fará para sempre suas memorias caras aos Maç.: Inglezes (2).

D'um lado figurou n'esta reconciliação o Duque de *Kent*, presidindo a uma reunião de 58 LL.: d'antiga *Confraternidade* em 15 de Dezembro de 1813; do outro lado figurou o Duque de *Sussex*, presidindo a uma reunião d'outras 58 LL.: da *Maç.: Moderna*, que teve logar na festa de S. João de 2 de Dezembro do mesmo anno: e foi n'esta celebre sessão que S. A. R. o Duque de *Sussex* foi eleito por unanimidade *Gr.: Mest.: da Maç.: do Imperio Britanico* (3).

(1) As LL.: do Rito Moderno n'Europa, e nas outras partes, que vivem em discordia com as dos Ritos antigos, deveriam seguir este nobre exemplo e pronunciar se em favor da Maç.: antiga.

(2) Os artigos da união entre as duas GG.: LL.: dos Maç.: Inglezes acham-se exarados em R. de Schio tom. 2.º pag. 141 — 160; e tom. 3.º pag. 332 — 343.

(3) Note-se que só os empregados das LL.: que assistiram a esta convenção não podiam ser menos de 1,624 II.:.

No momento, em que escrevemos estas linhas, consta que o Duque de *Sussex* morrerá! e que ao prestito funebre, que acompanhou seus restos mortaes, concorreram mais de 400 Maç.:...

**CAPITULO III.**

**TABOA CHRONOLOGICA DA MAÇ.-.**

OU

**INTRODUÇÃO DA FRANÇ-MAÇ.. NOS DIVERSOS  
ESTADOS DO GLOBO, DESDE A SUA ULTIMA  
REFORMA ATHE 1830.**

**EUROPA.**

Inglaterra . . . . .	}	1703
Escocia . . . . .		
Irlanda . . . . .		
França . . . . .		1725
Hespanha . . . . .		1728
Suecia . . . . .		1730
Napoles. . . . .		1731
Hollanda . . . . .		1731
Russia . . . . .		1731
Toscana. . . . .		1733
Portugal . . . . .		1733
Hamburgo . . . . .		1736
Suissa . . . . .		1736
Sardenha . . . . .		1737
Saxonia . . . . .		1737

Baviera . . . . .	1737
Prussia . . . . .	1738
Austria . . . . .	1738
Turquia . . . . .	1738
Polonia . . . . .	1739
Malta . . . . .	1740
Dinamarca . . . . .	1742
Bohemia . . . . .	1744
Hungria . . . . .	1744
Noruega . . . . .	1747
Guernesey . . . . .	1753
Jersey . . . . .	1753
Hanover . . . . .	1754

## ASIA.

Bengala . . . . .	1728
Turquia (Egypto) . . . . .	1738
Madrasta . . . . .	1752
Ceilão . . . . .	1771
Surate . . . . .	1776
Ilha do Principe de Galles . . . . .	1780
Persia . . . . .	1812
Pondicheri . . . . .	1820
Bombain . . . . .	1820

## AFRICA.

Cabo Costa . . . . .	1736
Ilha Bourbon . . . . .	1774
Ilha de França . . . . .	1778
Cabo de Boa Esperança . . . . .	1781
S. Helena . . . . .	1798
Serra-Leôa . . . . .	1819

Senegal . . . . .	1822
Ilhas Canarias . . . . .	1823

## AMERICA.

Canadá . . . . .	1721
Massachusett . . . . .	1733
Georgia . . . . .	1735
Carolina do Sul . . . . .	1739
New-Yorck . . . . .	1737
S. Christovão . . . . .	1738
Martinica . . . . .	1733
Antigoa . . . . .	1712
Jamaica . . . . .	1713
Ilha Real . . . . .	1745
S. Domingos . . . . .	1749
Pensilvania . . . . .	1753
Barbada . . . . .	1754
Guadelupe . . . . .	1754
S. Eustachio . . . . .	1754
Nova Escocia . . . . .	1762
Grenada . . . . .	1764
Virginia . . . . .	1765
Terra Nova . . . . .	1765
Guiana Hollandeza . . . . .	1771
Bermudas . . . . .	1774
Lusiana . . . . .	1784
S. Thomaz . . . . .	1818
Honduras . . . . .	1819
S. Vicente . . . . .	1819
Cuba . . . . .	1821
Dominica . . . . .	1823
Brazil . . . . .	1823
Columbia . . . . .	1824

Mexico . . . . .	1824
Guiana Franceza . . . . .	1827

## OCEANIA.

Java . . . . .	1769
Sunatra . . . . .	1772
Nova Galles do Sul . . . . .	1828 (1)

---

**CAPITULO IV.**
**CONCLUSÃO GERAL**

ou

**INFLUÊNCIA QUE A INICIAÇÃO TEM EXERCÍCIO  
SOBRE A CIVILIZAÇÃO DOS POVOS.**

Em quanto o Maç.: vulgar, satisfeito com uma apparencia mystica, se contenta de saber pronunciar algumas palavras, de que ignora o verdadeiro sentido, o Maç.: philosopho se lança aos seculos passados, e lá vê as causas primeiras e os fins reaes da Instituição Maç.:....

Fracos restos da antiga Asia e da antiga Africa, onde

---

(1) Extracto da *Revue Maç.:* N.º 1 — 1820.

em outros tempos a Virtude desenrolava a sua bandeira triunfante, são os que se-offerecem em L.'. ao Maç.'. ins-truido. . . *Para imprudente*. lhe diz o Phenix, *contem-pla de longe estas ruínas respeitaveis, mas não toques es-ses marmores quebrados. . . As columnas que vés, estão hoje privadas dos ornamentos, que outr'ora eram admira-dos; e as suas doces inscripções, que fizeram a felicidade do mundo primitivo, tem sido desfiguradas pela fria mão do tempo, e pelo ferro da barbaria!! Medita; mas não toques. . .*

Mas seja qual for a opinião que se queira adoptar ácerca dos primeiros Sabios d'Antiguidade, é indubitavel que os primeiros conhecimentos scientificos estiveram en-cerrados nos Templos dos Myst.'. do Oriente.

Ora se a civilização primitiva consistio na instrucção mais ou menos completa d'alguns individuos que, reuni-dos, sentiram a necessidade d'estabelecer regras para conter a força brutal dos primeiros homens, garantir a li-berdade individual, propogar a instrucção com discerni-mento, recompensar a virtude e punir o vicio, forçoso é convir que a *Iniciação primitiva* foi a causa mediata, e immediata da civilização de todos os povos.

E' certo que a incommensuravel questão de que vamos tratar, estaria muito acima de nossas forças, se fosse pre-ciso expor todos os commentos relativos ás artes, ás leis e ás religiões de todos os povos do Oriente; mas a natureza de nosso escripto nos violenta a generalidades, que só podem offerecer uma exposição summaria ácerca dos povos, que gozaram dos Myst.'. Maç.'.; e como a Persia, a India e o Egypto serviram de berço á Iniciação, será tambem de lá que nós partiremos.

Alguns homens instruidos, Persas, Chaldeos, Hebreos, e Sidonios, formaram em tempos remotos uma associação sábia, que teve o nome de *Magos*. Estes crearam a navegação, a astronomia, o culto do fogo, e as primeiras leis sociaes: de modo que os Magos são os que devem sêr considerados como os primeiros fundadores da civilisação: esta origem, posto que incerta, nos parece a mais provavel, ainda que outros pertendam encontra-la nos Brachmanes da India, cuja sciencia parece só ter consistido em uma theogonia conjectural, impropria para o desenvolvimento da civilisação. Alguns escriptores attribuem aos Indios muitas descobertas astronomicas; mas deviam lembrar-se que todas ellas foram posteriores ás dos Magos primeiros homens do Oriente, que tiveram conhecimentos positivos. E se é verdade, como diz Vassal, que os Magos foram encarregados da instrucção dos grandes, que occupavam os empregos importantes do Estado, não se poderá negar a influencia que a sua Iniciação devia ter produzido sobre a Civilisação primitiva dos povos da Asia oriental, que deviam ser mais bem governados, doque os povos da India, que tiveram por chefes os Padres que, não obstante serem Iniciados, eram contudo homens exclusivos e absolutos.

O Egypto foi uma das regides, que possuiu primeiro as artes da lavoura, da architectura, da navegação e da astronomia; os monumentos colossaes do Egypto, e as observações, que Calistene enviou a Aristotles, são provas de sbejo. Foi nos Myst.: Egypcios que os reis aprendiam os conhecimentos necessarios para reger os povos.

*Ménés*, (philospho, padre e legislador) fez leis, com que os Egypcios se governaram; e para que as luzes fossem proporcionadas elle empregou todos os meios. Os Scy-

thas, os Chinas, os Babylonios, e os Assyrios foram tambem regidos por leis que sahiram dos Myst.: d'Isis. O primeiro Zoroastro introduzio a mesma legislação entre os Bactrianos. D'onde se tira, que estes diversos povos gozaram da civilisação, cuja fonte era a Iniciação e os Myst.: : é verdade que se compararmos a sua philosophia (que era toda misturada de theogonia) com a sua industria, artes, e sciencias, poder-se-ha crer que a sua civilisação estava pouco avançada; mas se reflectirmos que nos Myst.: de Isis a philosophia era o ultimo Gr.:., que mui poucos Iniciados recebiam, e que esta lhes conferia o direito do ensino publico, ninguem duvidará de que a civilisação deveria fazer progressos, lentos é verdade, mas solidos e regulares: e a maior prova é que depois de Menés as descobertas se succederam. (1)

Mas quando e como passaram os Myst.: da Asia e do Egypto para a Grecia e para a Europa? Os Mys.: passaram: 1.º pela communicação habitual dos Gregos com os successores dos Magos, que depois da morte de Smerdis se tinham espalhado na Asia: 2.º pela decadencia do Egypto, depois da conquista dos Romanos, a qual chamou a Roma alguns Padres de grãos inferiores, que degenerados traficaram alli a pratica secreta dos Templos; mas foi principalmente nos principios do Christianismo, que os restos da sciencia secreta se concentra am, parte nas escolas dos philosophos Theurgistas, e parte nas

---

(1) Os Chinas estabelceram pontes: cunharam moeda: inventaram a bussola: e fundaram hospitaes, escolas e academias. A rainha *Nicatoris* fez elevar a 1.ª pyramide. Fez-se um canal para receber as agoas do Nilo; e principiou-se o labyrintho, que foi obra de doze reis do Egypto, &c. &c.

da mais baixa classe dos Padres do Egypto. « Ora pode-se, sem inverosimilhança (diz Salverte), assignar por successores aos primeiros as sociedades secretas da Europa; e aos segundos os feiticeiros modernos ou Thaumaturgos. »

Os Myst.: dos Cabyres da ilha de Samothracia, não sendo senão uma translação dos do Egypto, deveriam também exercer uma grande influencia sobre a civilização da Grecia: a strategia, e o amor dos Iniciados de Samothracia para com a causa da patria, attestam o grão da sua civilização.

Os Myst.: d'Eleusis, consagrados primeiramente ao culto de Ceres, longe de exercerem alguma influencia sobre a civilização, crearam o fanatismo, e a supstição, que enriqueceu os Padres: mas, meio seculo depois de sua instituição, Orpheo os reorganistò, e a sua influencia não só se mostrou em todas as classes da sociedade, mas preparou a brilhante época da Grecia, que foi o prototypo da civilização perfeita.

Os Romanos, diz Vassal, deveram á Iniciação dos Myst.: a maior parte de sua civilização: elles foram um povo livre, porque eram um povo d'Iniciados; e no tempo de sua escravidão não se indemnizaram da perda de sua liberdade; se não no seio dos Myst.:

A Grecia, que possuiu mais Myst.: do que outra qualquer região, não desdenhou de n'elles fazer entrar também as mulheres. Sacerdotizas foram aggregadas aos Templos de *Dianna d'Epheso*, e de *Ceres Eleusina*; e suas Iniciadas foram inspiradas de tanto patriotismo, que, para sustentar a independencia da Grecia, não só sacrificam

rám seus bens e seus enfeites; mas inspiraram a seus maridos tanto amor pela gloria, que todos se tornaram heróes famosos. Os Myst. da *Boa Deosa* em Roma, aonde só entravam as mulheres, tambem produziram resultados semelhantes.

Mas se os Myst. Gregos e os *Mysterios Romanos* inflairam tão poderosamente na civilisação respectiva dos dous povos, é porque, (conclue Vassal) os seus Myst. foram estabelecidos com as vistas da utilidade geral, em que o amor da patria era uma das principaes bases.

Entre os Gallos, muito antes dos Gregos e dos Romanos, os Druidas foram os unicos que gosaram das vantagens da Iniciação. A' imitação dos Brachmanes da India, os Druidas não instruiram senão os homens que se destinavam ao Sacerdocio.

O estabelecimento dos Druidas na Gallia deve ter sido o resultado dos missionarios, que os Sacerdotes da antiguidade mandavam pelas diversas partes do mundo, para submeter o Universo ao seu egoismo insaciavel. Os Druidas, pelo que respeita ás sciencias, parecem ter sido os primeiros philosophos do Occidente, assim como os Magos foram os primeiros philosophos do Oriente; mas, elevados no egoismo sacerdotal, a sua doutrina ficou sepultada nos seus bosques sagrados, e o Occidente, privado d'instrucção, não teve aquellas vantagens que a Iniciação poderia offerecer a povos ainda barbaros.

Os Myst. Essenios, posto que exclusivamente religiosos e moraes, exerceram contudo uma poderosa influencia na civilisação dos Israelitas; porque, alem d'estabelecerem a philantropia, que tende a reunir, e amar

todos os homens, os Iniciados Essênios estabeleceram a *tolerancia*, virtude essencialmente necessaria a um povo egoista e exclusivo. A suave legislação de Salomão foi aprendida nos Myst.: de Orpheo; e a civilização das tribus d'Israel não foi senão um effeito immediato da Iniciação.

Os Myst.: do Christianismo primitivo eram destinados a exercer uma grande influencia na Civilização do globo: quando porem Constantino illustrou estes Myst.:, já a doutrina primitiva de Christo estava alterada pelo Sacerdocio, que a tinha dividido em *publica* e *secreta*. Foi pela Iniciação secreta que o Sacerdocio apropriou para si só a doutrina admiravel de Christo, a qual, segundo Vassal, encerrava o *republicanismo puro e virginal*, pois que a igualdade e a liberdade eram as suas verdadeiras bases.

Por esta transformação dos Myst.: do Christianismo o despotismo Sacerdotal corroborou a ignorancia e a superstição: estes dous monstros alimentaram as guerras religiosas, que levaram ao supplicio milhares de victimas innocentes; e graças ao sacerdocio, a civilização recuou em vez d'avançar!!!

O Catholicismo, diz Vassal, não se contentou com o invadir a Grecia, e a soberba Roma, que tinha sido a senhora do mundo inteiro; mas tambem perseguio a Iniciação que, longe de esmorecer, redobrou de coragem na adversidade, e foi refugiar-se na Scandinavia.

D'esde então a influencia e os progressos da Iniciação foram tão grandes entre as tribus errantes do Norte (cuja lei tinha sido até então a força brutal) que as guerras intestinas diminuíram, e os povos inimigos vie-

ram submeter-se ás leis da Iniciação, cujos órgãos eram os Padres da Deosa *Herta*.

Tendo levado as suas conquistas mais longe do que os Romanos levaram o seu imperio, o Christianismo, de seis seculos de existencia, parecia nada ter á recear, a não serem as dissensões frequentes entre os seus proprios Adeptos: quando, Mahomet, estranho nas sciencias occultas da Iniciação, appareceu no mundo, e teve o animo de fundar o Islamismo, e de fazer crer uma revelação sua, a civilisação da Persia, da Syria, e do Egypto foi destruida pelo fanatismo dos seus conquistadores, e um golpe fatal cahio sobre os Magos, então quasi os unicos depositarios da Iniciação primitiva.

No seculo VIII surgiu a util instituição da Cavalleria, a qual, em soccorrendo os opprimidos, pertendeo enfrear o despotismo da horrorosa feudalidade. Ora não se pode duvidar, diz Vassal, de que esta instituição não deixasse de ser a obra de qualquer Iniciado; porque as suas recepções eram uma imitação das Iniciações militares dos Myst.: de Samothracia; e posto serem secretas e mysteriosas, comtudo ellas fizeram apparecer no Occidente os primeiros germes da civilisação.

No seculo XI quando os Musulmanos eram já um pouco civilizados, as relações dos Europeos com os Arabes e com os Mouros, tornaram-se mais faceis e frequentes; e as sciencias, ainda que infectas de superstições magicas, começaram a ser ensinadas nas escolas de Toledo, de Sevilha, e de Salamáncia: «mas foram as *Sociedades occultas* da Europa (diz Salverte) que tomaram a parte mais essencial n'estas communicações; e é pelos Iniciados, de que ellas se compunham, que nós tivemos o co-

«nhecimento das descobertas phisicas e chymicas dos Arabes.»

No começo do seculo XII Huguo de Paganis, em reunindo as vantagens da primeira Cavalleria, instituiu a Ord. do Templo; e a participação dos Templarios ás Cruzadas produziu homens profundamente instruidos, que juntaram ao saber uma independencia a mais esclarecida. «Da Syria, da Arabia, da Persia, e do Egypto, os Templarios trouxeram para a Europa (diz Reghelini de Schio) «o espirito de tolerancia religiosa, com as sensatas doutrinas da lei natural, que é a moral sublime e simples, que a Divindade inspirou no coração de todos os homens.» A Ord. dos Templarios propagou-se quasi por todo o globo; e a sua doutrina preparou a civilisação dos Europeos, que então não tardaria a mostrar-se, se o poder sacerdotal de Roma não tivesse forçado a cobrir a Iniciação com o manto da religião dominante.

Foi no seculo XVIII que alguns Inglezes distinctos planaram a Iniciação reformada na França, aonde o gosto das lettras tinha já supplantado uma parte da influencia sacerdotal.

Quantos litteratos (exclama Vassal), quantos sabios, e quantas familias illustres correram então para se submeterem ao estandarte da Iniciação! Nobres, sabios, Sacerdotes, e proprietarios, arrançados debaixo do nivel Maç.: concorreram todos juntamente para expulsar da França o fanatismo e a superstição. . . . O Marte dos tempos modernos, *Napoleão*, depois de ter consultado as pyramides do Egypto, deu novo esplendor ao oriflamma da Iniciação: mas o despotismo, invejoso da prosperidade humana, e receando o gosto da liberdade, que a Iniciação ia pirava aos

diversos povos, formou a liga geral; suas phalanges lançaram por terra o grande homem; comtudo a civilisação marchou.

Finalmente a Maç.:, cujo centro era, ha muitos annos, na Inglaterra, depois de ter triunfado dos terrores frivolos de Elizabeth e do Parlamento, e de ter obtido a protecção d'Eduardo III, e de Henrique VI, propagou as artes e as sciencias debaixo d'uma forma symbolica, e a Europa recebeu o vigoroso impulso do seculo XVI: é da *Confraternidade dos RR.:CC.:*, que sahiram todos os primeiros livros de chymica: é da *Reunião dos Masons-House* que dimanou a Sociedade real de Londres: é finalmente da Maç.: Ingleza, que sahiram os modelos de todos os estabelecimentos de beneficencia e d'utilidade publica.

Com effeito, foi na Inglaterra, e no principio do seculo XVIII, que a Maç.: recebeu a ultima reforma; e de lá a Maç.: estendeu o seu dominio pelas cinco partes do mundo.

D'esde 1703 athe 1830 o ramo da *Acacia* e o *Pelicano* foram introduzidos em 79 Estados do globo; e se é licito ajuizar do futuro pelo passado, os Iniciados não devem desesperar, porque cedo ou tarde a *Acacia* juncará a terra, e tomando a força do carvalho, os seus ramos poderão dar um asilo seguro aos povos opprimidos.

Tal é em summa a historia da Maç.: tal é em geral a influencia que teve na civilisação dos differentes povos:

Mas não se diga que a Maç.: tem terminado a sua

carreira, só porque certos povos gosam de mais ou menos instrucção, e de mais ou menos liberdade, ganhada á força de sangue!

Não imitemos a antiga Grécia, nem a orgulhosa Roma, que embaladas na liberdade e fartas d'ella, deixaram perder a Iniciação, e tomaram em troco ferros vergonhosos, que ainda duram! O Jesuitismo no seculo XVI, e a Santa-Alliança no seculo XIX, arvoraram o estandar-te da rebellião *para fazer retrogradar os povos*; é preciso não nos escondermos *para os fazer avançar*.

Soccorrer os miseraveis: recompensar a virtude e o amor da patria: espalhar a instrucção em todas as classes da sociedade: e manter as instituições nacionaes: tal é a nobre e grande missão que a Maç.: e seus Iniciados teem a preencher:

Tempo virá em que os homens, formando um *só corpo de Cosmopolitas*, elevarão no centro do mundo *um Templo universal, donde possa partir a direcção ao Progresso*:

« O Templo de Salomão (diz um velho Maç.:) só se-  
« rá difinitivamente acabado quando a *Verdade* for a So-  
« berana de todos os povos da terra. »

**FIM.**

# INDICE.

Proemio . . . . .	Pag. 5
-------------------	--------

## SECCÃO I.

Definição da Maç.: . . . . .	9
Estat.: Geraes da Maç.: . . . . .	14
Ritos Maç.: mais uzados . . . . .	20
Objecto dos diversos Myst.: em geral . . . . .	26
Preeminencia dos Egypcios sobre os Hebreos. . . . .	32
Origem da Maç.: . . . . .	36
Maç.: entre os Egypcios . . . . .	41
Ritual dos Myst. \ Egypcios e Gregos. . . . .	50

## SECCÃO II.

Maç.: entre os Hebreos . . . . .	65
Templo material de Salomão . . . . .	82
Templo mystico de Salomão . . . . .	88

## SECCÃO III. 24 MA 65

Apocalypse como base da Maç.: . . . . .	107
Jesus Christo, e sua doutrina . . . . .	116
Pura Doutrina do Christianismo . . . . .	130

## SECCÃO IV.

Seitas, que se referem á Maç.: . . . . .	153
<i>Essenios</i> . . . . .	155
<i>Therapeutas</i> . . . . .	159

<i>Sadusseos e Phariseos</i> . . . . .	161
<i>Herodianos</i> . . . . .	163
<i>Carpocracianos</i> . . . . .	***
<i>Cabalistas</i> . . . . .	165
<i>Gnósticos</i> . . . . .	169
<i>Ophitos</i> . . . . .	171
<i>Basilidienses</i> . . . . .	173
<i>Magos</i> . . . . .	175
<i>Christãos da Syria</i> . . . . .	182
<i>Brachmanes</i> . . . . .	184
<i>Lammas da China</i> . . . . .	188
<i>Gregos</i> . . . . .	191

## SECÇÃO V.

<i>Mistura de Cultos e de Heroes</i> . . . . .	199
<i>Mistura de Emblemas Christãos e Maç.</i> . . . .	217
<i>Manés e os Manicheos</i> . . . . .	227
<i>Constantino e a primitiva Igreja</i> . . . . .	231

## SECÇÃO VI.

<i>Sarrasenos, Coptos, e Cavalleria</i> . . . . .	239
<i>Mysterios Francos</i> . . . . .	258
<i>Cruzada e seus Cavalleiros</i> . . . . .	261
<i>Templarios (e Joanistas)</i> . . . . .	267
<i>Maç. em França (e Adopção)</i> . . . . .	285

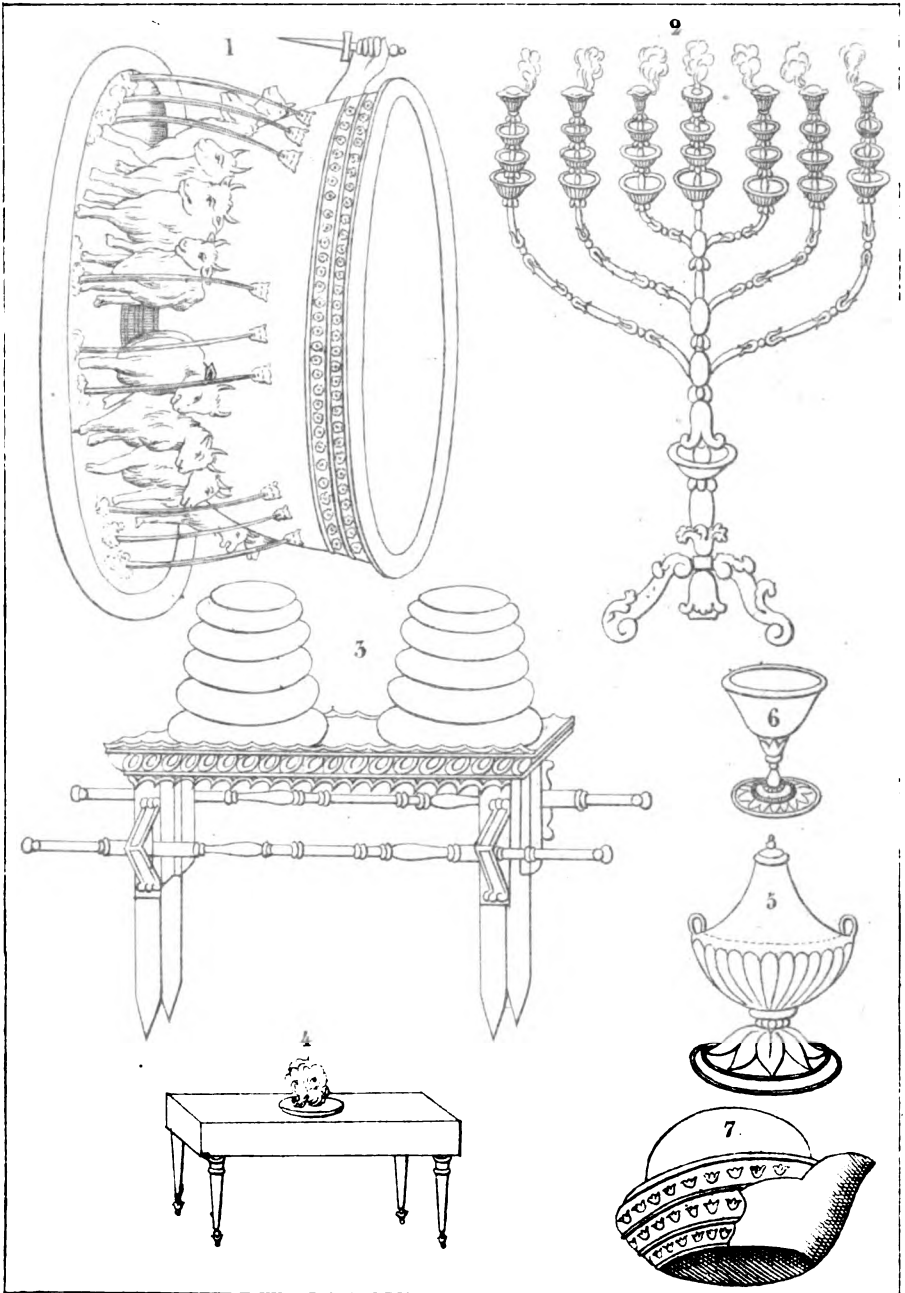
## SECÇÃO VII.

<i>Jesuitas e Féotas</i> . . . . .	289
<i>Myst.: Britannos</i> . . . . .	299
<i>Taboa Chronologica da Maç.</i> . . . . .	310
<i>Conclusão Geral</i> . . . . .	313

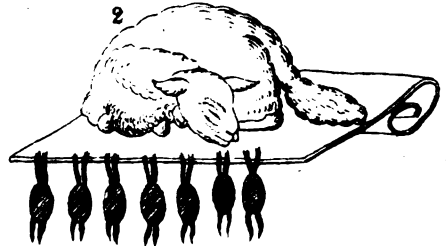
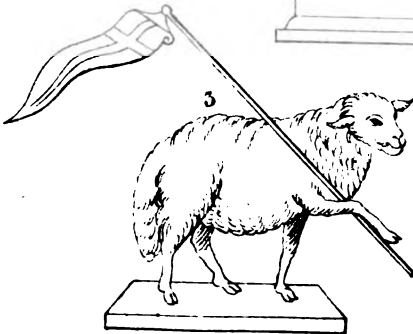
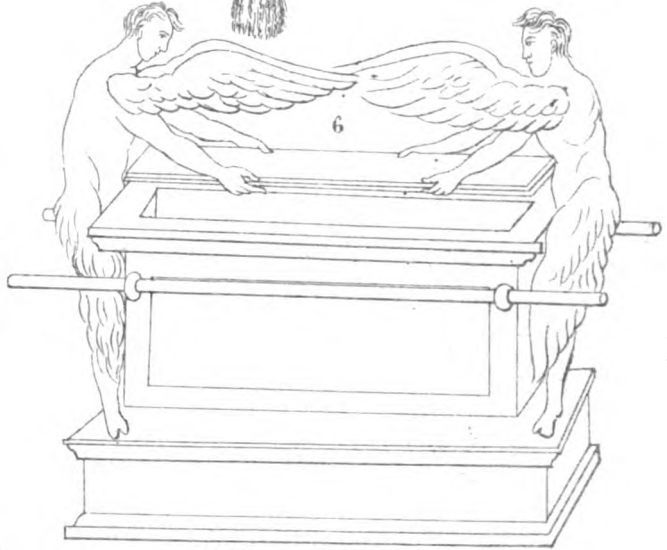
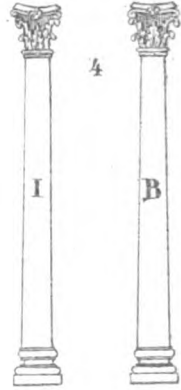
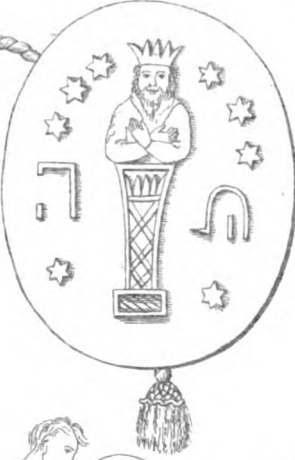
# ERRATAS

## MAIS NOTAVEIS.

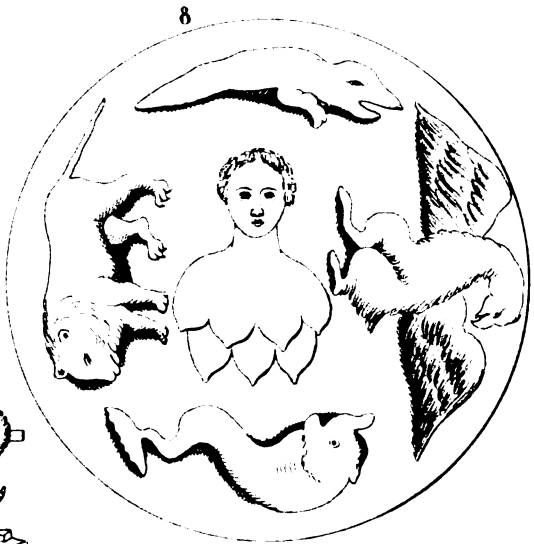
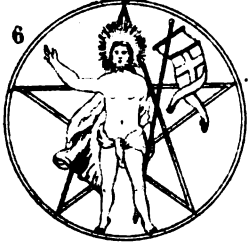
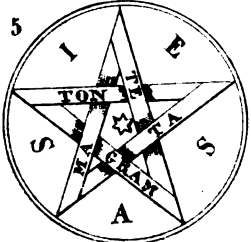
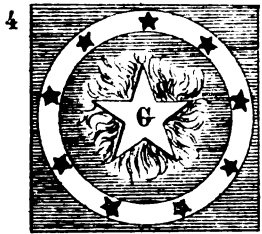
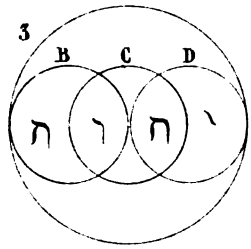
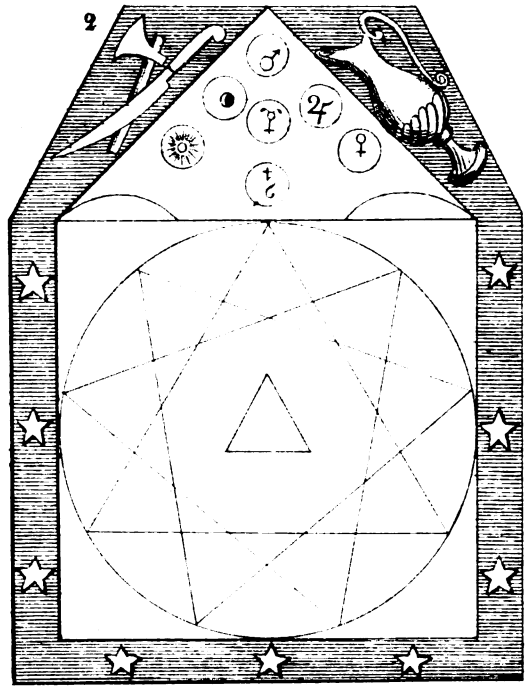
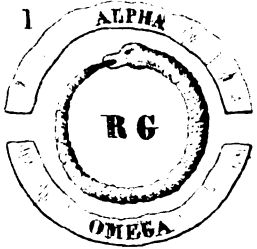
PAG.	LINH.	ERROS	EMENDAS
11	34	entende	entendem
13	18	O Gr.: de Comp.:	2. <sup>o</sup> O Gr.: de Comp.:
27	7	de lançar	á lançar
	8	de prevenir	á prevenir
28	33	Myst.: dos Francos	Myst.: Francos
30	12	aos Magistrados	os Magistrados
«	30	prohibio sociedades	prohibio as sociedades
38	33	da qual fallaremos	das quaes fallaremos.
46	8	instituidos	instruidos
48	12	è o seu sabio	e o sabio.
51	14	de grãos	de degrãos
52	32	não, foi	, não foi
75			(devia sêr pag. 72)
76	5	abraçar	abrasar.
78		not. 2	(mudai a 2. <sup>a</sup> col. para 4. <sup>a</sup> , e esta para 2. <sup>a</sup> )
85	1	chega	chegasse.
95	21	<i>œdificant putrido</i>	<i>œdificantis putrido</i> .
146	15	altas religioes	altas regiões.
179	26	traduzia	traduzio
210	27	do que	da que
221	27	de Março	de <i>Thischri</i>
231	10	havia	havia
257	14	velloso	Velloso
284	23	convencer	convencerem-se
290	24	<i>Anella</i>	<i>Anello</i>















IOHANNES

MARCUS

LUCAS

MACTEVS



5









